

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Marina Marques Tavares

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS:
Mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo

Belo Horizonte
2023

Marina Marques Tavares

**TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS:
Mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Linha de pesquisa: Sociologia das desigualdades e da estratificação

Orientadora: Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos

Belo Horizonte
2023

301 Tavares, Marina Marques.
T231t Trajetórias de vida de mulheres negras [manuscrito] :
2023 mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo
crespo / Marina Marques Tavares. - 2023.
195 f. : il.
Orientadora: Yumi Garcia dos Santos.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1.Sociologia – Teses. 2. Racismo - Teses. 3.Negras -
Teses. 4. Feminismo – Teses. 5. Mobilidade social - Teses.
I. Santos, Yumi Garcia dos. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS
GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E
CIÊNCIAS HUMANAS CURSO DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Aos 23 (vinte e três) dias do mês de fevereiro de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado da discente **Marina Marques Tavares**, intitulada: "**TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS: Mobilidade social e significados do corponegro e do cabelo crespo.**" A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as): **Yumi Garcia dos Santos** - Orientadora (DSO/UFMG), **Yurij Castelfranchi** (DSO/UFMG), **Jacqueline da Silva Costa** (UNILAB), **Maria Nilza da Silva** (UEL) e **Janaina Damaceno Gomes** (FEBF/UERJ). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (X)

Reprovação da Defesa ()

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Yumi Garcia dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 13:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juri Castelfranchi, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaina Damaceno Gomes, Usuária Externa**, em 24/02/2023, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jacqueline da Silva Costa, Usuária Externa**, em 27/02/2023, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Nilza da Silva, Usuária Externa**, em 27/02/2023, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2090418** e o código CRC **5D366E38**.

AGRADECIMENTOS

À professora Yumi Garcia dos Santos, agradeço pela orientação cuidadosa e sensível. E ainda pelos muitos aprendizados que me proporcionou e pelo exemplo de respeito e educação.

Às professoras Denise Ferreira da Costa Cruz e Natalia Cabanillas e professor Yuriy Castelfranchi, pelas valiosíssimas contribuições e sugestões na banca de qualificação.

Às professoras Jacqueline da Silva Costa, Janaína Damaceno Gomes e Maria Nilza da Silva e professor Yuriy Castelfranchi por, gentilmente, aceitarem participar da banca de defesa.

A toda a comunidade da UFMG, em especial aos profissionais da biblioteca, limpeza, cantinas e segurança, por garantirem todas as condições necessárias para o pleno aproveitamento do curso.

À minha família.

À rede fraterna de pessoas me acompanharam no percurso, com leituras, apontamentos e conversas.

Às mulheres que se disponibilizaram a contar suas histórias e com isso tornaram esta pesquisa possível.

RESUMO

Esta pesquisa teve como tema as trajetórias de vida de onze mulheres negras. O ponto de partida inicial foi a procura por compreender as relações dessas mulheres com seus corpos, mais especificamente com seus cabelos, na medida em que eles atuam como símbolos identitários. Para além da relação com os cabelos, explorou-se suas trajetórias de vida em suas múltiplas facetas. Buscou-se articular as sequências de posições objetivas e institucionais, ocupadas durante a vida e os sentidos das ações das participantes. Utilizou-se como técnica de pesquisa o relato de vida, que guiou a escolha da coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e a não separação temporal das etapas da pesquisa, que fez com que coleta de dados, análise e revisão bibliográfica fossem executadas simultaneamente. Adotou-se uma postura de busca por objetivação e não objetividade, visando transparência com relação aos limites e possibilidades da produção de conhecimento científico. Identificou-se, com a análise dos dados, que as participantes, todas de origem pobre, compartilham trajetórias de mobilidade social ascendente, produzidas pelo uso combinado de estratégias familiares para elaboração de capital cultural escolar, uso de recursos institucionais públicos e adoção de performances corporais disciplinadas. Elas compartilham ainda infâncias difíceis em que vivenciaram sofrimentos e desamparo e precisaram amadurecer precocemente. Quando adultas, apresentam performances de mulheres fortes e independentes, o que lhes auxilia a avançar nos projetos de mobilidade. Em decorrência do deslocamento de classe, passam a ocupar posições híbridas, em que conservam alguns elementos da classe de origem e aderem a alguns da classe de chegada. O deslocamento de classe é envolto em conflitos. A disciplina do corpo, expressa, entre outras formas, nas manipulações dos cabelos, serviu como suporte para movimentos representacionais nos quais ações institucionais e significados sociais se entrecruzam.

Palavras-chave: Mulher negra. Relações raciais. Feminismo negro. Negritude. Cabelo crespo.

ABSTRACT

This research has as theme the life courses of eleven black women. The analysis of the multiple sides of these courses of life aims to relate the objective and institutionalized positions occupied by said women, and the meaning of their actions throughout life. Semi structured interviews were the basis for collecting data. The choice for life history as research method provided grounds for simultaneously carrying out several stages of the research, namely data collecting, data analysis and literature review. Claims to objectivity were dismissed in favor of transparency as to the limits and possibilities of knowledge production in Social Sciences. Data analysis indicates similarities in the life courses of participants in the research, all black women of impoverished background. They share a trajectory of rising social status due to their families' concerns in developing cultural capital through education, the use of institutionalized public resources, and the adoption of a disciplined corporeal performance. The women also have in common difficult childhoods, with pronounced sufferings and vulnerabilities, upon which they build their social facade - that of the independent strong woman. As bodily experiences were mainly guided by the fact of having bodies socially read as black, they were of great importance in how the disciplines of the body were manifested - especially through the manipulation of hair. Collective representations associated with afro-textured hair have permeated the constitution of identity performance. The disciplines of the body have been the place where institutional action and social meaning intercross and where representation movements come to be.

Keywords: Black woman. Racism. Race relations. Black feminism. Blackness. Afro-textured hair. Black body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Redenção de Cam	18
Figura 2 - Pente quente	20
Figura 3 - Movimento Black Rio.....	22
Figura 4 – Modelos de desenhos de tranças	135
Figura 5 – Vênus de Hotentote	152
Figura 6 – Máscara de Flandres.....	156
Figura 7 - Argelinas no ano de 1956	167

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre as entrevistadas	46
Quadro 2 - Auto e heteroclassificação das entrevistadas	47
Quadro 3 - Modalidades de ascensão das entrevistadas.....	87
Quadro 4 – Características raciais das participantes	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNH	-	Banco Nacional da Habitação
CEFET	-	Centro Federal de Educação Tecnológica
CRJ	-	Centro de Referência das Juventudes
CTPMMG	-	Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais
CVV	-	Centro de Valorização da Vida
DER	-	Departamento de Estradas e Rodagens
EMEI	-	Escola Municipal de Educação Infantil
ESPII	-	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
EUA	-	Estados Unidos da América
FAFICH	-	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FLN	-	Frente de Libertação Nacional
FNDE	-	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INSS	-	Instituto Nacional do Seguro Social
JK	-	Juscelino Kubitschek
MEC	-	Ministério da Educação
MNU	-	Movimento Negro Unificado
OMS	-	Organização Mundial da Saúde
PIB	-	Produto Interno Bruto
PNAD	-	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROUNI	-	Programa Universidade para Todos
REUNI	-	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SDF	-	Síndrome da Degeneração Folicular
SECAD	-	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SENAI	-	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Senarc	-	Secretaria Nacional de Renda de Cidadania
SESI	-	Serviço Social da Indústria
SFH	-	Sistema Financeiro da Habitação
TEN	-	Teatro Experimental do Negro
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSCAR	-	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1.1	Primeira aproximação do tema	15
1.2	Aprofundamento no tema	16
1.3	Mulheres Negras	17
1.4	Raça como performance	20
1.5	Sentidos sociais do corpo	22
2	DISCUSSÃO METODOLÓGICA.....	33
2.1	Abordagens biográficas	33
2.2	Produção de conhecimento científico.....	36
2.3	Pessoas negras pesquisando pessoas negras	38
2.4	Percurso da pesquisa.....	42
2.5	Algumas reflexões sobre o processo	47
2.6	Forma textual.....	50
3	TRAJETÓRIAS.....	51
3.1	Perfis das entrevistadas.....	51
3.2	Relatos de vida das participantes.....	54
3.3	Infâncias	71
3.4	Vida adulta.....	77
4	PERFORMANCES CORPORAIS: MANIPULAÇÕES DOS CABELOS AOLONGO DAS TRAJETÓRIAS.....	133
4.1	Perfis.....	133
4.2	Invasão ao corpo.....	133
4.3	Manipulações dos cabelos na construção das performances corporais	134
4.4	Aprendizados comunitários	138
4.5	A figura da mulata e a hipersexualização da mulher negras	146
4.6	A influência dos movimentos negros	149
4.7	Representações de classe	151
5	REGULAÇÃO CORPORAL: TRÂNSITOS ENTRE MORALIDADE E MOBILIDADE	156
5.1	Disciplina e mobilidade.....	156
5.2	Regulação	157
5.3	Regulação e racialidade.....	160

5.4	Construção de sentidos das trajetórias	174
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
	APÊNDICE A	197

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como tema o racismo brasileiro, capturado por meio da análise das trajetórias de vida de onze mulheres negras. Busquei articular suas sequências de posições objetivas e institucionais, ocupadas durante a vida, a suas identificações subjetivas e aos sentidos das ações. As trajetórias foram analisadas em uma perspectiva sócio-histórica, localizando as ações das participantes em seus contextos.

A pesquisa nasceu como continuidade do trabalho iniciado no Mestrado (MARINA TAVARES, 2018), em que também foram tematizadas as mulheres negras, tendo como foco a atuação dos seus cabelos crespos como símbolos identitários. A vontade de estudar os significados dos cabelos crespos nasceu em 2011, fruto de uma experiência pessoal. Esse foi o ano em que parei de alisar meus cabelos, depois fazê-lo por muitos anos. Minha decisão não foi voluntária, mas resultado de um processo de queda e quebra dos cabelos devido ao uso de produtos químicos.

Como muitas outras mulheres ao meu redor, comecei os alisamentos nos cabelos ainda na infância e continuei até a juventude. Nunca havia refletido sobre os motivos que me levavam a alisar, e ter que passar alguns meses sem alisamento me obrigou a fazê-lo. Quando vi, após muitos anos, meus cabelos sem alisamento, quis mantê-los assim. Porém, não sabia como cuidar deles e procurei informações no meio virtual. No ano em que este texto é escrito (2022), há muita informação sobre o assunto disponível na rede, mas na época ainda não havia, a internet começava a se popularizar e o assunto ainda não era muito difundido no Brasil. Encontrei poucas informações, algumas vindas de mulheres brasileiras que moravam em outros países, principalmente Europa e Estados Unidos da América (EUA), sobre técnicas de cuidados capilares que poderiam ser feitas utilizando produtos caseiros, como abacate, banana, mel e aveia.

Ainda não havia no mercado nacional produtos industrializados para cuidados dos cabelos sem alisamentos, os produtos disponíveis se concentravam no próprio alisamento ou nos tratamentos para cabelos alisados. Decidi entender mais sobre cabelos e iniciei um curso técnico de cabeleireira. Nele, percebi o quanto os salões são espaços de aprendizagem e disseminação de sentidos sobre os cabelos e sobre negritude. Simultaneamente ao curso, atuava como bolsista de graduação no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes¹,

¹ O Programa foi desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), junto a Instituições Públicas de Ensino Superior, em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Tinha como objetivo assegurar a

vinculado ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse espaço, tive contato pela primeira vez com o debate acadêmico sobre as relações raciais e pude pensar as questões que experimentava com relação ao cabelo desde um ponto de vista sociológico.

No curso de cabeleireira, lidei com pessoas que faziam o movimento inverso ao meu: enquanto eu parava de alisar, elas começavam. Chamou-me a atenção, especialmente, uma criança que teve seus cabelos alisados pela primeira vez. Levada ao salão pela mãe, ela recusava o alisamento, chorando e se debatendo. Enquanto isso, sua mãe e a cabeleireira tentavam convencê-la de que alisar seria bom. A mãe se mostrava desesperada, afirmando que o cabelo precisava ser alisado, porque ela não conseguia penteá-lo. No fim do processo, os cabelos foram alisados e escovados e as pessoas ao redor elogiaram e estimularam a criança a balançá-los, mostrando que a transformação foi positiva. A criança se foi, ainda confusa com o ocorrido. Pensei pela primeira vez no alisamento dos cabelos com uma prática ritual², com a intenção de alterar não só a estrutura dos fios, mas também de ensinar sobre significados sociais.

O que mais me marcou nesse episódio foi a violência, presente tanto na forma como as pessoas falavam sobre os cabelos da criança, atribuindo-lhe várias características negativas, quanto em como os cabeleireiros o desembaraçaram, com força e utilizando pentes finos, que causavam dor. Correntes da Antropologia descrevem o estranhamento como uma postura mental com relação àquilo que se é estudado e que leva quem pesquisa a não comprometer sua produção de conhecimento com seus próprios preconceitos ou com seu etnocentrismo. O estranhamento que vivenciei foi o contrário desse, me fez deslocar algo que me era familiar, tão familiar que nunca havia sido alvo de uma contemplação mais curiosa ou distante³.

Durante muitos anos, frequentei salões de beleza semanalmente para escovar⁴ os cabelos. Vi muitas pessoas, tanto adultas quanto crianças, terem seus cabelos alisados e/ou passarem por procedimentos dolorosos, entretanto, aquele episódio tão comum envolvendo a criança me gerou estranhamento de uma forma inesperada. A partir dessa sensação, teve início minha curiosidade com relação a como o cabelo e seus significados são manipulados pela sociedade e o tema se tornou meu objeto de estudo.

permanência de estudantes de origem popular na universidade. Se enquadrou dentro de uma série de iniciativas governamentais de democratização das universidades, implementadas no fim dos anos 1990 e início dos 2000.

² O antropólogo Edmund Leach, na época desconhecido por mim, já havia estudado as relações entre as transformações capilares e cerimônias rituais em ensaio escrito em 1958 (LEACH, 1983).

³ A antropologia também refletiu sobre o estranhamento do familiar, desde o surgimento da Antropologia urbana. É um clássico dessa Escola o texto “Estranhando o familiar”, escrito por Gilberto Velho em 1978.

⁴ “Escovar” significa fazer modelagem dos cabelos para 9lope-los lisos, feita com ar quente e escova de cabelo.

1.1 Primeira aproximação do tema

Em 2016, ingressei no mestrado e, na pesquisa desenvolvida, analisei vídeos do YouTube contendo depoimentos de mulheres que passaram pelo processo de parar de alisar os cabelos⁵. Desde o início dos anos 2000, houve um aumento vertiginoso na quantidade de mulheres que resolviam passar pela transição capilar. Esse fenômeno ganhou espaço na internet, por meio de comunidades virtuais em que elas se reuniam para compartilhar informações e reflexões sobre os usos dos cabelos. Tratava-se, em sua maioria, de mulheres jovens, que possuíam cabelos crespos ou cacheados. Goffman (1988) apontou que o compartilhamento de um estigma social gera uma carreira moral⁶ semelhante, o que de fato ocorria entre as mulheres que possuíam cabelos crespos. Ainda não havia muitas pessoas escrevendo sobre a transição capilar na academia, felizmente este cenário vem se alterando, como será visto adiante. Nessa pesquisa percebi, como Nilma Gomes (2008) já havia adiantado, que o cabelo é um importante símbolo identitário para as mulheres negras e que por meio de suas representações circulam sentidos que formam a visão destas mulheres sobre si mesmas.

Notei ainda, que durante a transição capilar ocorria uma ressignificação do estigma do cabelo por meio da adesão a um grupo de iguais (GOFFMAN, 1988): a comunidade da internet. Esse processo, com características de um processo ritual (LEACH, 1983), expurga as representações negativas associadas ao cabelo e propicia a saída do estigma social. As interlocutoras compreenderam as transformações pelas quais passavam como um reencontro com a essência de seu corpo, uma volta àquilo que lhes é natural, e começavam a avaliar o alisamento como uma forma de negação de sua verdade intrínseca.

Havia uma ligação entre a onda de valorização do cabelo, que à primeira vista parecia somente um ato estético, e transformações sociais que ocorriam no país. Os anos 2000 foram marcados por uma série de mudanças políticas, as questões raciais passaram a ocupar parte importante da agenda de discussões públicas, foram implementadas ações afirmativas e um modelo econômico baseado no consumo, que gerou altos índices de crescimento do país. Como resultado, parte da população negra começou a ter acesso à tecnologia, às universidades e a novos discursos sobre corpo e raça.

A onda de valorização dos cabelos crespos e cacheados iniciada nos anos 2000 se apresentava como uma pista para a compreensão de questões basilares da sociedade, que

⁵ Nos anos 2000, o processo de parar de alisar os cabelos ficou conhecido como Transição Capilar.

⁶ Goffman (1996) define como carreira moral, a sequência de movimentos que produzem efeitos na identidade e no esquema de imagens da pessoa para julgar a si e às demais pessoas.

naquele momento ganhavam força no debate público. Por isso, o ritual de transição capilar gerava diversas transformações no eu. O uso dos cabelos no estilo natural refletia uma necessidade de algumas mulheres negras de se sentirem partes da sociedade de forma efetiva. Aprendendo sobre seus próprios cabelos elas aprendiam sobre o lugar que desejavam ocupar no mundo social. As transformações corporais eram um indicativo da necessidade de transformar algo profundo no campo simbólico.

1.2 Aprofundamento no tema

Os aprendizados do Mestrado trouxeram as conclusões acima mencionadas, mas apresentaram insuficiências na compreensão das performances identitárias. As interlocutoras eram jovens e haviam parado de alisar os cabelos no contexto da onda contemporânea de valorização do cabelo no estilo natural. Suas percepções traziam as impressões das experiências vividas dentro deste contexto específico. Havia a necessidade de ampliar a diversidade de perfis e inserir marcadores como: faixa etária, classe, sexualidade, entre outros, para compreender seu impacto nas percepções e trajetórias sociais e descobrir convergências ou divergências. Além disso, a partir da compreensão de que o cabelo atua como metáfora, surgiu a necessidade de compreender melhor seus significados, manifestações simbólicas e relação com a reprodução do racismo.

Além disso, no movimento de Transição Capilar, circula um discurso bastante homogêneo sobre o fato de parar de alisar significar a quebra com a não aceitação da negritude. Esse discurso é muito coerente, a partir dele, houve também a necessidade de entender os movimentos de aceitação e negação da negritude (GOMES, 2008) em suas formas não coerentes e estáveis, mas fluídas, inacabadas e até contraditórias. Assim, o pontapé inicial da pesquisa de doutorado foi, novamente, os significados do cabelo crespo. Porém, há uma ampliação não só na diversidade de perfis de pessoas entrevistadas, mas também nos aspectos de suas trajetórias que são enfatizados. Na pesquisa de doutorado, houve aprofundamento e complexificação sobre as representações que são manipuladas por meio das ações das interlocutoras.

Desde que o movimento de transição capilar se expandiu, despertou interesse de algumas pesquisadoras. A maior parte dos trabalhos produzidos até o momento foca nos aspectos específicos das vidas das mulheres que se relacionam diretamente com os cabelos. Voltei-me para as carreiras biográficas (YUMI SANTOS, 2020) como um todo, para além dos

aspectos que poderiam ser, à primeira vista, conectados com os cabelos. O resultado foi positivo, pois percebi conexões que não teria percebido de outra forma.

Buscando ampliar essa compreensão, nesta pesquisa, foram analisadas as trajetórias das mulheres de maneira mais expandida, para, a partir delas, entender em que medida as representações raciais se relacionam com as ações, tanto em termos de performances corporais quanto dos demais âmbitos da vida, como as escolhas profissionais.

Ainda que os significados dos cabelos tenham sido o ponto de partida, a pesquisa tomou forma própria e outras partes das carreiras biográficas ganharam peso na análise. O que mais se destacou nas vivências foram as experiências ligadas ao fato de as interlocutoras serem mulheres negras. Mulher negra é uma categoria social amplamente estudada, principalmente pelas diversas correntes do Pensamento Feminista Negro, devido à posição social que essa categoria ocupa.

1.3 Mulheres Negras

A interposição de marcadores de desigualdade faz com que as mulheres negras ocupem as piores posições nos indicadores sociais brasileiros, quando comparadas com mulheres brancas, homens brancos e homens negros. Em 2010, eram 57% das empregadas domésticas, e a maior parte (62,3%), não tinha Carteira de Trabalho assinada (IBGE, 2014). Com relação ao acesso à saúde, em 2003, 46,27% nunca havia passado por um exame clínico de mama, em contraste com 28,73% das mulheres brancas (LUANA PINHEIRO; VERA SOARES, [2003]). As desigualdades continuam quando se trata de acesso à educação, vitimização pela violência, representação política e acesso à educação (IBGE, 2014).

A situação de desigualdade desenhou-se desde o pós-abolicionismo quando, assim como os homens negros, foram preteridas pelo mercado de trabalho (FERNANDES, 1965) e, quando empregadas, atuavam majoritariamente no setor de serviços (MÁRCIA TOKITA, 2013), tendo uma integração precária no mundo capitalista. Lelia Gonzalez e Hasenbalg (1982) apontaram que, no período do Milagre Econômico, ocorrido entre os anos de 1968 e 1973, houve melhoria na condição de vida das mulheres em geral, com relação ao acesso à universidade e ao trabalho, entretanto, as mulheres negras foram sub-representadas, apresentando índices mais baixos que as demais. “As trabalhadoras negras encontram-se alocadas em ocupações manuais rurais (da agropecuária e do extrativismo vegetal) e urbanas (prestação de serviços), tanto como assalariadas quanto como autônomas e não remuneradas” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 75).

A situação desse grupo não foi muito diferente nos EUA, onde, na década de 1980, começou a se desenvolver de forma acadêmica o pensamento feminista negro, com o intuito de produzir um olhar específico para as experiências de mulheres negras (ANGELA HARRIS, 2018). Na mesma década, esse pensamento teve importantes reflexos no Brasil.

Antes do pensamento feminista negro, o feminismo que se apresentava como universal, era composto por mulheres brancas, oriundas da classe média dos EUA (ANGELA DAVIS, 2016) e propunha, em seus primórdios, pautas como o direito ao voto e ao trabalho remunerado e fora do ambiente doméstico. No Brasil, o feminismo considerado universal nasceu encabeçado por mulheres oriundas da resistência política à Ditadura Militar, tendo sido a primeira participação política que as levou a refletir sobre as questões políticas do ser mulher (LUIZA BAIROS, 1995). Pautavam questões como direito ao trabalho fora de casa e ao aborto, o que, no caso das mulheres negras, precisava ser pensado como uma questão de saúde pública e não somente de direitos individuais.

Davis (2016) asseverou que a luta pelo direito a trabalhar fora fazia sentido para as mulheres brancas, mas não para as negras, que se inseriam de forma completamente diferente na divisão social do trabalho. Lélia Gonzalez (1988) mostrou que, no Brasil, durante o escravismo, as mulheres ocupavam posições de trabalho equivalentes às dos homens, realizando serviços físicos de alta intensidade, durante jornadas longas, com alimentação escassa e pouco descanso e ainda participavam de forma ativa dos movimentos de resistência, planejando e executando fugas e sofrendo os mesmos castigos físicos que os homens, acrescentando-se, o estupro à punição feminina.

Bairros (1995) defendeu que o mito da democracia racial⁷ atuava na experiência do feminismo branco, impedindo que as mulheres negras fossem pensadas em suas especificidades. Gonzales (1984, p. 1) atribuiu o “esquecimento” da questão racial dentro feminismo branco a um “racismo por omissão”, resultado de “[...] uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista”. Bairros (1995) mostrou que as mulheres negras tinham dificuldades de se inserir também nos movimentos negros, pois os homens negros se sentiam ameaçados quando elas tentavam acessar posições de destaque.

⁷ Mito da democracia racial é uma fórmula política utilizada como contraponto à noção de “democracia racial”, que ganhou corpo na década de 1930 e postulava a não existência de conflitos ou desigualdades raciais. A democracia racial foi questionada por estudos da Escola de Sociologia Paulista na década de 1950, se destacando as reflexões de Florestan Fernandes. Além do questionamento sobre a igualdade entre as diferentes raças, também foi questionada a defesa de um suposto caráter harmônico delas que seria comprovado pelas altas taxas de miscigenação. De acordo com Carone (2017, p. 14), “[...] o cruzamento racial não foi um processo natural, e sim determinado pela violência e exploração [...]”, e não poderia ser utilizado como argumento para a defesa da teoria da democracia racial.

As questões que concernem às mulheres negras foram abordadas no clássico discurso de Sojourner Truth⁸, proferido na Women's Rights Convention⁹ em 1851, transcrito em parte abaixo:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 2014)¹⁰

Patricia Collins (2017) explicou que, antes mesmo do surgimento do feminismo negro de forma sistemática, o ativismo político das mulheres negras já comportava a imbricação entre os marcadores de raça e gênero e, por sua influência marxista, também o marcador de classe. Ilustra essa imbricação o Coletivo Combahee River, organização negra feminista surgida nos EUA em 1974, que incluía muitas mulheres lésbicas, cuja abordagem se voltava para a “simultaneidade de opressões”. Essa interlocução entre categorias foi sistematizada por meio do termo interseccionalidade, cunhado em 1989, pela advogada e ativista Kimberlé Crenshaw (1989), que tinha como objetivo levar a experiência de ser mulher a ser localizada em sua diversidade. A autora explicou que gênero e raça não devem ser tratados como categorias mutuamente exclusivas e que por meio da interseccionalidade é possível alcançar a multidimensionalidade das experiências das mulheres negras.

Outro conceito que se propôs a integrar as múltiplas faces da experiência de gênero foi proposto pela socióloga francesa Danièle Kergoat: a consubstancialidade. Kergoat (2010) teceu algumas críticas à interseccionalidade e propôs outra organização explicativa, que possa:

[...] compreender de maneira não mecânica as práticas sociais de homens e mulheres frente à divisão social do trabalho em sua tripla dimensão: de classe, de gênero e origem (Norte/Sul). Tais práticas não se deixam apreender por noções geométricas como imbricação, adição, intersecção e multiposicionalidade - elas são móveis, ambíguas e ambivalentes (KERGOAT, 2010, p. 1).

De acordo com Helena Hirata (2014), Kergoat considerou que a interseccionalidade não define de forma clara e precisa o que são e quais as relações sociais estruturais que estuda, dessa

⁸ Sojourner Truth foi uma abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-estadunidense.

⁹ A Convenção dos Direitos das Mulheres ocorreu em Ohio/EUA.

¹⁰ Esse discurso foi proferido como resposta às falas de pastores presentes na reunião, que diziam que mulheres seriam frágeis e intelectualmente débeis. Nessas falas, as experiências das mulheres brancas de classe média e os preconceitos com relação a elas se apresentavam como visões universais do feminino.

forma, muitas categorias, como religião e nação, podem ser colocadas lado a lado a raça, classe e gênero. Kergoat (2010) apontou, ainda, que há um caráter dinâmico nas relações sociais em que os engendramentos entre categorias se inserem de maneira fluida, sendo que uma categoria interfere ou se ajusta à outra, passando por reformulações constantes, não sendo por isso possível capturar efetivamente a dimensão em que cada marcador afeta e cria experiências. Por sua plasticidade, o conceito de interseccionalidade consegue captar as diferenças nas formas como os marcadores se entrelaçam nas experiências não hegemônicas das mulheres.

Mais do que um qualificador, “mulher negra” é uma categoria social que, devido à sua localização imbricada, permite diferentes reflexões e contribui para a iluminação de aspectos importantes das relações. Nesta pesquisa, o termo “mulher negra” é entendido como uma categoria social, que existe enquanto campo de estudo – e não como um grupo homogêneo – em que é possível separar as vivências de classe, raça e gênero. A raça é uma das variantes explicativas, que na maior parte do tempo foi isolada para efeito analítico, o que não significa que ela seja a única categoria explicativa atuando, ainda que, no contexto brasileiro, tenha poder explicativo basilar, por seu papel na constituição das relações sociais.

1.4 Raça como performance

O conceito de raça é utilizado em sua dimensão sociológica, considerando-se que a ideia de raças biológicas já foi abandonada pela ciência (PAULA, 2010). Segundo Hall (2003, p. 69),

[...] raça é uma construção política e social. E a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse "efeito de naturalização" parece transformar a diferença racial em um "fato" fixo e científico.

Munanga (1996) defendeu que o conceito social de raça ainda é ideologicamente significativo, atuando como um orientador para a distribuição de recursos sociais. A necessidade de desbiologizar conteúdos culturais levou autoras e autores (CARVALHO, 2008; GOMES; 2008, LEACH, 1983) a refletirem sobre a diferença entre corpos biológico e cultural. O segundo é investido de cultura e a partir dela ganha legibilidade. O que prevalece é o corpo cultural, que muitas vezes é essencializado e tratado como dado da natureza.

Paula (2010) utilizou o conceito de performance¹¹, introduzido por Judith Butler (1990), para pensar o essencialismo ligado ao conceito de raça. Butler (1990), inicialmente, utilizou o conceito para trabalhar os marcadores de gênero e de sexualidade como elaborações discursivas naturalizadas por meio de práticas repetitivas (PAULA, 2010). A performance

[...] desestabiliza a noção de que os indivíduos são sujeitos de uma determinada identidade. Ou seja, a noção que se tem do que seja ser mulher em uma sociedade é criada com base no que a cultura local naturalizou, por meio de uma gama de atos repetidos que substanciam a noção social de mulher. Assim, construir uma identidade feminina nada mais é do que repetir os atos que foram social e culturalmente legitimados em um dado contexto como sendo atos do gênero feminino (PAULA, 2010, p. 58-59).

Segundo a autora, a performance é a matriz de inteligibilidade de gênero, por meio da qual se criam as identidades. Os enunciados são privilegiados na análise de Butler (1990), pois são eles que prescrevem legibilidade aos corpos; não apenas descrevem a realidade, mas constroem-na, e aquilo que não se encaixa na matriz não consegue ser cognitivamente decodificado, ocupando o lugar de anormalidade, a partir da qual se estabelecem alguns corpos como abjetos, inclassificáveis. Os discursos de gênero praticados pelos corpos são chamados de “performances”, para evidenciar seu caráter de representação. Butler (1990), questionou as identidades culturais por serem normativas, criadas para prescrever trajetórias aos corpos.

Refletindo sobre o potencial desestabilizador da noção de performances, Paula (2010) o utilizou para pensar as identidades raciais, que são apresentadas pela autora como discursos, portanto não preexistentes aos significados que lhes são imputados. A noção de performance permite problematizar o caráter contingencial das classificações ao desnaturalizá-las e evidencia a normatividade que atua nelas. Também demonstra os limites da agência nas interações, já que os sujeitos são constrangidos, em suas elaborações/reelaborações de significados, pelos limites do que a linguagem torna legível (BUTLER, 1990). Para Grada Kilomba (2019, p. 130), “[...] o racismo não é biológico, mas discursivo”.

Nesta pesquisa, a raça e as demais identificações das participantes, como gênero, são analisadas enquanto performances. As formas como as interlocutoras se apresentam não são expressões de interioridades ou de características *a priori*, mas formas de elaboração que lhes permitem alcançar objetivos determinados, mas que, às vezes, são vistas por elas mesmas de forma reificada. Enquanto performances, as formas como as participantes se apresentam são

¹¹ De acordo com Paula (2010), a noção de performances foi uma apropriação, feita por Butler, de noções construídas pelo Linguista John Langshaw Austin, que elaborou também a Teoria dos Atos de Fala, segundo a qual a sociedade funciona através de normas inseridas na linguagem.

contingentes. As elaborações de suas performances são perpassadas por suas carreiras biográficas e pelo contexto sócio-histórico em que vivem. A noção de performance serve para desestabilizar as ideias essencialistas sobre negritude, mostrando que esta não é um dado do corpo e que a diferença é criada pela classificação.

1.5 Sentidos sociais do corpo

Os usos dados às teorias racialistas a partir do século XIX¹² colocaram o corpo como balizador da distribuição de identidades, de forma que as técnicas corporais (Mauss, 2009) ganharam contornos específicos no desenvolvimento das relações raciais e na construção dos significados sociais. Dentre os inúmeros atributos corporais utilizados para distinção racial (como cor da pele, formatos e tamanhos de olhos, nariz, boca, pés, cabeça, torso, seios, nádegas, pernas, entre outros), destaca-se o formato dos cabelos, haja vista que esse elemento foi e é um dos mais efetivos no estabelecimento da diferença.

Com relação a isso, Gomes (2008) descreveu uma prática que ocorria nos portos brasileiros, durante o escravismo, quando do desembarque das pessoas capturadas: elas tinham seus cabelos completamente raspados, uma transformação física que servia para consolidar a transformação social, em que deveriam deixar de se ver como parte de seu grupo de origem, no qual ocupavam papéis sociais diversificados, para se igualarem no papel de pessoas escravizadas. O corte dos cabelos balizava o apagamento das demarcações e da história pregressa.

Diante da alta miscigenação ocorrida no período escravista, resultado de endêmica violência sexual contra as mulheres, os novos formatos de cabelos que surgiam, juntamente com outros atributos, eram utilizados para o estabelecimento de diferenciação e hierarquização entre a população escravizada.

Na escravidão o tipo de cabelo e a tonalidade da pele serviam de critérios de classificação do escravo e da escrava no interior do sistema escravista, ajudando a definir sua distribuição dos trabalhos do eito, nos afazeres domésticos no interior da casa-grande e nas atividades de ganho (Gomes, 2008, p. 138).

¹² O termo raça foi encontrado em uso pela primeira vez em 1180, mas somente no século XIX passou a denotar o estabelecimento da diferença de forma ampla e amparada pelo conhecimento científico. Nesse mesmo século se estabeleceu a taxonomia racial informada por uma suposta diversidade biológica (IBGE, 2013).

Ao longo da história, as interpretações acerca do papel da miscigenação no tecido social foram alvo de disputas por diversas correntes, essas disputas se intensificaram no período de transição pós-independência, quando, de acordo com Lilia Schwarcz (1999), o país passava por um período de incertezas e buscava a elaboração de uma identidade que o afastasse do passado colonial e o projetasse como país independente frente ao mercado econômico internacional. A busca por uma identidade nacional se consolidou com o acolhimento, na década de 1930, da ideia da miscigenação como algo positivo, sintetizada no trabalho de Freyre (1963).

Simultaneamente ao elogio da miscigenação e à formação da ideia de democracia racial, circulavam os pensamentos eugenistas, que viam a miscigenação como sinal de degeneração e pregavam a pureza racial. O movimento eugenista estimulava as misturas raciais, e acreditava que elas resultariam no branqueamento físico da população (IRAY CARONE, 2009a). A obra “A Redenção de Cam”, de 1895, de Modesto Brocos, representa essa crença (ver Figura 1). Nele, se apresentam membros de distintas gerações de uma família, com diferentes características físicas. Os membros mais antigos têm a pele mais escura e o membro mais novo (o bebê), tem a pele clara. O quadro foi utilizado como símbolo do processo de branqueamento pelo qual se esperava que o Brasil passasse.

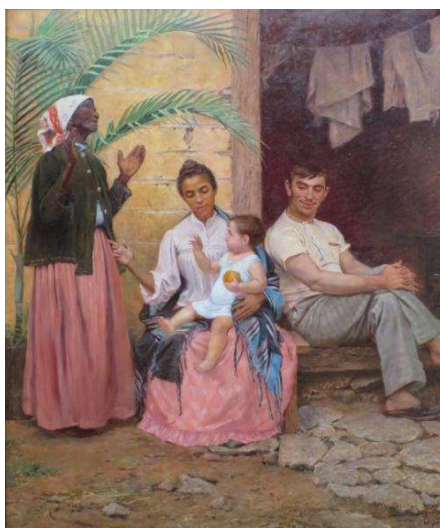


Figura 1 - A Redenção de Cam.
Fonte: BROCOS, 1895.

O movimento eugenista no Brasil se difundiu a partir da primeira década do século XIX e foi composto por médicos, engenheiros, jornalistas e muitos nomes considerados a elite intelectual da época. Se baseava na biogenética e defendia que somente os brancos de descendência europeia deveriam fazer parte do que entendiam como “nação do futuro”. Mesmo a população negra acreditava que o branqueamento físico da população era um fato

(DOMINGUES, 2007). Com isso, procurou se adequar às demandas por branqueamento físico, por exemplo, procurando se casar com pessoas mais claras (BICUDO, 2010).

Conforme Carone (2009a) e Domingues (2002) demonstraram, o branqueamento se tornou política de Estado que previa que a população se tornaria majoritariamente branca com a expansão da miscigenação, e para acelerar este processo foram tomadas medidas como: políticas de incentivo à imigração de populações europeias¹³ e o estabelecimento de leis que dificultavam a vivência plena da cidadania pela população negra¹⁴. Carone (2009a) considerou a ideologia do branqueamento como um tipo de darwinismo social.

Com o tempo, o branqueamento físico adquiriu seu sentido estético, se tornando um branqueamento social que se baseava na adoção de valores morais e culturais europeus e na identificação fenotípica com a população branca, não só por meio do branqueamento geracional, mas também por meio de técnicas corporais como uso de produtos branqueadores da pele e adoção de práticas de modificação corporal. O branqueamento da população parecia caminhar junto com o projeto de modernidade, pois o apresentava como uma maneira de fortalecer uma identificação com os países de maior prestígio no mercado global.

Ele garantiria que o Brasil deixasse para trás as marcas de atraso e a herança cultural africana, ligada ao pré-capitalismo, colocando o país no caminho para se tornar uma sociedade capitalista bem sucedida. Gomes (2008) considerou que a prática do branqueamento era utilizada pelas pessoas negras como forma de alcançar ascensão social, por acreditar-se que trazia vantagens competitivas.

Maria Aparecida Bento (2009) apontou que há uma grande referência à aculturação nos estudos sobre ascensão negra. A autora mostrou que Freyre (1977), Pierson (1971) e Azevedo (1996) associaram a mobilidade às higienizações comportamentais, que podem ser observadas no incentivo à educação formal, conforme Bicudo (2010, p. 140):

A instrução, na opinião geral, é o primeiro dos grandes remédios; é preciso a todo custo fugir do analfabetismo. A economia o segundo a enfileirar. A fórmula única de salvação seria a união premente de todo elemento nacional. Todos estão cientes que chegariam à vitória somente pela Unidade Espiritual, pela reunião de qualidades morais e intelectuais.

¹³ A capital do estado de São Paulo foi um grande expoente desta política. Até o ano de 1920, 1.078.437 de imigrantes deram entrada nesse estado.

¹⁴ A Lei da Vadiagem (Código Penal – Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890) tornava passível de cadeia o ato de perambular pelas ruas, praticar capoeira ou frequentar rodas de samba; a Lei de Terras (Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850) impedia negras e negros de terem propriedade de terras; a Lei da Educação (Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837) impedia que negras e negros, ainda que em usufruto de liberdade, frequentassem escolas públicas.

Com isso, houve uma diferenciação entre os grupos que buscavam a ascensão (via branqueamento físico e moral) e os que se conformavam com a “vida de negro” (BICUDO, 2010, p. 23). Segundo Gomes (2008, p. 23), as poucas pessoas negras que conseguiam ascender eram as que se enquadravam na “moral do branco”: “A história da ascensão social do negro brasileiro, é assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações raciais”.

As práticas de alisamento dos cabelos surgiram em meio ao projeto de branqueamento, como parte das exigências para integração social. Em estudo sobre a ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo entre 1915 e 1930, Domingues (2002) mostrou que o branqueamento estético ganhou força por meio das propagandas de produtos alisadores (pastas, cremes e pente quente). Os cabelos alisados eram apresentados nas propagandas como “[...] a porta de entrada ao mundo *moderno* de pessoas *elegantes*.” (Domingues, 2002, p. 578, grifo do autor). A figura 2 mostra um pente quente, que foi muito utilizado para alisamento na época. Ele era aquecido no fogo e passado sobre mechas dos cabelos secos.



Figura 2 - Pente quente.
Fonte: LEBSACK, 2016.

Domingues (2002), reproduziu o texto da propaganda de um produto famoso na época, o Cabelisador:

"O cabelisador". Alisa o cabelo o mais crespo sem dôr.
Uma causa que até agora parecia impossível e que constituia o sonho dourado de milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutavel.
Quem teria jamais imaginado que seria possivel alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso?
Graças á maravilhosa invenção do nosso "CABELISADOR", consegue-se, em conjunto com duas "Pastas Mágicas", alisar todo e qualquer cabelo, por muito crespo que seja.
Com o uso deste maravilhoso instrumento, os cabellos não só ficam infallivelmente lisos, mas tambem mais compridos.
Quem não prefere ter uma cabelleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabellos curtos e crespos? Qual a pessoa que não quer ser elegante e moderna?
Pois o nosso "Cabelisador" alisa o cabelo o mais crespo sem dôr (*O Clarim D'Alvorada*, São Paulo, 9/6/1929:1) (Domingues, 2002, p. 578).

O alisamento tornou-se uma prática comum, principalmente devido ao aumento de produtos e salões especializados ao longo dos anos, e com isso se naturalizou cada vez mais. Dailza Lopes e Ângela Figueiredo (2018) mostraram, entre os anos 1920 e 1940, um movimento dentro da imprensa negra de propagandas que incentivavam as transformações da cor da pele e do formato dos cabelos.

Até a década de 1970, os alisamentos eram realizados, predominantemente, com pente quente ou com pasta produzida em casa. Apesar da onda de industrialização que tomava conta do país¹⁵, não foram desenvolvidos produtos alisantes industrializados orientados para este público. De acordo com Mayra Carvalho (2019), os cosméticos surgiram e se tornaram parte da sociedade no século XIX, com a descoberta dos organismos patogênicos que associaram limpeza e saúde. Entretanto, tinham como público prioritário as pessoas brancas e que viviam no contexto urbano, para quem se voltava também a publicidade desses produtos.

Em contraste com a tendência à higienização do corpo, surgiram grupos políticos e culturais, com um forte apelo anticapitalista, influenciados pelos movimentos pelos direitos civis nos EUA e pelas lutas de descolonização do Continente Africano, em parte fruto de uma decepção com as promessas do capitalismo (LOPES; FIGUEIREDO, 2018). Nesses movimentos, o uso de alisamentos nos cabelos passou a ser associado a uma identificação – negativa – com as pessoas brancas e a negação da negritude. Um símbolo desse momento é o episódio citado por Antonia Laborde (2020), que aparece na biografia do ativista Malcolm X¹⁶:

Malcolm X, o lendário ativista dos direitos dos afro-americanos, relata em um capítulo de sua autobiografia, publicada nos anos 1960, a primeira vez em que fez um *conk*, termo pelo qual é conhecido o produto químico usado para alisar o cabelo masculino. “Foi meu primeiro grande passo para a autodegradação: quando suportei toda essa dor[ao jogar cloro no couro cabeludo], literalmente queimei minha pele para que meu cabelo se parecesse ao de um homem branco”. Por isso, o diretor de cinema Spike Lee decidiu que em *Malcolm X* (1992), o filme sobre a vida do ativista, o primeiro ato de rebeldia em sua conversão fosse voltar a exibir seu cabelo natural (Laborde, 2020).

No Brasil, alguns dos expoentes do movimento Black Power foram os bailes *black* em grandes capitais do país e artistas como Toni Tornado, Wilson Simonal e Gerson King Combo. Todos adotavam a estética Black Power, nas roupas e no estilo dos cabelos, utilizados sem alisamento e com cortes geométricos (ver Figura 3).

¹⁵ O Brasil começou a se industrializar na década de 1930, quando a indústria se concentrava na Região Sudeste, tendo ido para as demais regiões na década de 1970 em diante.

¹⁶ Malcolm X foi um conhecido ativista dos direitos da comunidade negra. Acreditava que a questão da desigualdade da população negra tinha relação com a estrutura do capitalismo. Fundou a Organização para a Unidade Afro-Americana, que foi muito influente nas ações do movimento negro da década de 1960. Foi assassinado no dia 21 de fevereiro de 1965, recebendo dezesseis tiros no peito na sede de sua própria organização.



Figura 3 - Movimento Black Rio
Fonte: PINHEIRO, 2021¹⁷.

Esse período, de ampliação das discussões raciais no Brasil foi interrompido pelo golpe militar ocorrido em 1964. Ainda que durante a Ditadura houvesse grupos políticos atuantes, o seu fim marcou um período de grande reflorescimento desses grupos. Ângela Figueiredo (2016) citou como expoente do renascimento dos movimentos negros a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, que surgiu com algumas diferenças com relação aos movimentos dos períodos anteriores, adotando uma postura mais radicalizada.

De acordo com Domingues (2007), nessa fase passou-se a criticar de forma sistemática o Mito da Democracia Racial e adotou-se a postura de valorização dos símbolos associados à cultura negra. Figueiredo (2016) mostrou que, na mesma época, surgiram músicas dos artistas Caetano Veloso e Gilberto Gil¹⁸ que versavam sobre a estética do cabelo no estilo natural. Até então, os cabelos só eram utilizados dessa forma no Carnaval (FIGUEIREDO, 2016).

Em estudo realizado nos anos 1990, Figueiredo (2016) percebeu que a estética Black Power era mais utilizada por pessoas ligadas a movimentos políticos. A autora notou que havia uma diferença entre os discursos das pessoas associadas às militâncias políticas e às demais pessoas da comunidade.

¹⁷ Foto originalmente publicada em reportagem do Jornal do Brasil e reproduzida no livro “1976 — Movimento Black Rio”. Foto: Divulgação / Editora José Olympio (PINHEIRO, 2021).

¹⁸ Por exemplo, a música “Sará Miolo”, gravada por Gilberto Gil em 1977; e a música “Beleza Pura”, gravada do Caetano Veloso em 1979.

Em 2000, Santos (2000) analisou o surgimento e crescimentos dos chamados salões étnicos¹⁹, influenciados pelo movimento Black Power. Os salões adotavam o discurso político da naturalidade para valorizar o cabelo sem alisamentos e atuavam como agentes na formação da consciência racial de quem os frequentava. A autora percebeu, ainda, o surgimento de uma nova estética de cabelo natural, considerada mais moderna do que o estilo Black Power, que pode ser observada em imagens da revista Raça Brasil²⁰, que mostram cortes de cabelos geométricos e com uso de adereços coloridos. Percebe-se que a estética Black Power tinha ficado historicamente marcada e muito associada a grupos políticos. Identifica-se que havia movimentações à procura de novas estéticas, que não fossem nem o alisamento, nem o Black Power tradicional²¹.

De acordo com Gomes (2008), a imagem política se desgastou principalmente no início dos anos 1990, quando uma parte da população negra começou a ser acionada como consumidora e ter à sua disponibilidade produtos e salões para cuidar dos seus cabelos²². Algumas dessas pessoas começam a buscar uma estética contemporânea. Segundo a autora, houve a passagem do cabelo de um estilo político para um estilo de vida, como reflexo da intensificação da individualização e do processo de recriação de práticas culturais, o que é comum em locais onde ocorrem encontros de culturas diferentes.

Os produtos voltados para o público negro ficaram conhecidos como produtos étnicos e eram destinados principalmente aos cuidados do corpo e da estética, segundo Ângela Figueiredo (2002). A autora afirmou que existe uma crença do mercado sobre a propensão maior de consumo por pessoas negras de produtos ligados a cuidados pessoais. Ela encontrou ter ocorrido “[...] aumento significativo de 60% na venda de produtos e cosméticos para pessoas negras em comparação a 11% da indústria e cosmético tradicional” (FIGUEIREDO, 2002, p. 13) e relaciona esse crescimento à migração de consumidores de produtos não específicos para os específicos quando estes surgiram, e não ao aumento do poder aquisitivo ou da fatia de consumidoras/es.

¹⁹ Gomes (2008) explicou que nos salões étnicos a maior parte da clientela e/ou equipe profissional era composta por pessoas negras e eram oferecidos serviços para cabelos crespos/cacheados que não fossem somente o alisamento, como tranças africanas e cortes.

²⁰ A revista Raça Brasil foi lançada no ano de 1996, voltada para o público negro de classe média. Ccontempla temas relacionados ao mercado de trabalho, moda e comportamento, caracterizando-se como uma revista de variedades.

²¹ Paula (2010) também identificou, entre jovens negras de bairros pobres, a percepção de que a estética do cabelo Black Power ficou muito associada a grupos políticos e constatou o afastamento dessas jovens em decorrência disso, para elas, o alisamento representava a modernidade.

²² Esse movimento levou ao surgimento de produtos alisadores industrializados, o que refletiu na saúde física da população, pois os produtos caseiros eram mais agressivos, e, também, nas formas de sociabilidade, o que será visto adiante.

Nos anos 2000, o alisamento se consolidou como prática padrão de penteado para as mulheres que possuíam cabelos crespos ou cacheados, ainda que permanecesse viva a disputa por seus sentidos encabeçada pelos movimentos civis organizados. De acordo com Sabrina Giampá (2016), uma pesquisa realizada no ano de 2012 pelo Instituto L’Oreal mostrou que menos de 20% das mulheres brasileiras tinham o cabelo liso, 42% alisavam no momento da pesquisa, e 63% gostariam de ter o cabelo liso.

As performances corporais das pessoas negras voltaram à cena pública em meio a uma intensificação das discussões sobre a questão racial, que teve início no final dos anos 1990²³. No início dos anos 2000 surgiu, nos EUA, uma nova onda de valorização do cabelo no estilo natural, que ficou conhecida como *Natural Hair Movement* (Ana Flavia Rezende, 2017). Ela se baseava, como o movimento dos anos 1960, na ressignificação do estigma negativo do cabelo e estímulo ao não uso de alisamentos, porém, trazia como diferencial não estar diretamente ligada aos movimentos políticos tradicionais. Nascia pela difusão na internet de técnicas para manipulação dos cabelos no estilo natural²⁴.

Tavares (2018) apontou que essa onda se expandiu no Brasil em contexto de transformações sociopolíticas. O aumento do acesso à tecnologia permitiu que o material produzido nos EUA e outros países europeus se difundisse e fosse consumido no Brasil, o que contribuiu para que houvesse uma grande difusão dessa nova onda de estímulo ao uso do cabelo no estilo natural (ibid).

O mercado de cosméticos assimilou essa nova onda criando produtos específicos para esse nicho. Houve uma mudança no perfil dos produtos, aproximadamente a partir de 2010, quando começaram a circular produtos específicos para cabelos no estilo natural. As comunidades da internet se tornaram um lugar de pesquisa de mercado, pois nelas ocorria o compartilhamento de informações entre as consumidoras sobre os produtos que buscavam. Segundo Carvalho (2008), mais recentemente o consumo se transformou em uma forma de expressar cidadania. Várias empresas utilizaram essa máxima no consumo engajado, se vinculando aos discursos de valorização do cabelo sem alisamentos.

²³ Nesse momento político o então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, adotou uma postura de mitigação das desigualdades raciais, com o incentivo à aplicação de cotas raciais para ingresso nas universidades públicas e a adoção de outras ações afirmativas, orientadas pelo documento final da Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, ocorrida em Durban (África do Sul) no ano de 2001.

²⁴ Em 2001, foi lançado o livro que se tornou referência sobre como manipular os cabelos no estilo natural, chamado: “Curly Girl: The Handbook” ou, “O Manual da Garota Cacheada” (Editora Bestseller, 2015), de Lorraine Massey. Nele, uma inglesa apresentou técnicas de cuidados desenvolvidas por ela mesma, baseadas na adequação dos produtos, cortes e penteados às necessidades dos cabelos crespos e cacheados. Após a popularização dessas técnicas, outras surgiram, criadas pelas próprias mulheres que paravam de alisar os cabelos, a partir de suas experimentações caseiras.

Houve, paralelamente, aumento na quantidade de pesquisas acadêmicas sobre o sentido social do cabelo crespo. Em um levantamento dos trabalhos publicados sobre o assunto entre 2000 e 2018, Carvalho (2019) encontrou cinquenta e dois estudos. Nessas publicações, o principal foco das investigações passou a ser as redes sociais, sites e blogues da internet, o que demonstra o forte papel deste meio na difusão de discursos com alto poder de absorção. Os temas privilegiados pelas pesquisas trazem a visão da transição capilar como uma tomada de consciência racial, a dimensão política das escolhas capilares, e o papel do cabelo na formação da identidade (CARVALHO, 2019).

Ambas as ondas de valorização dos cabelos no estilo natural (das décadas de 1960 e 2000) se assemelham pela produção de contradiscursos sociais, mas se diferenciam em alguns pontos. Nos anos 1960, a motivação para o fim do alisamento era eminentemente política, no sentido de partir da percepção das desigualdades raciais e identificar como solução a união da população negra e o abandono das ações de branqueamento. O fim da ação estética era a conquista de direitos.

Quando a onda de valorização dos cabelos surgiu nos anos 2000, foi orientada pelo individualismo crescente, centrado na formação de performances identitárias a partir do consumo. Se apresenta nesse meio um discurso de identidade de forma, por vezes, genérica ou ampla, e não mais a identidade racial exclusivamente (TAVARES, 2018), com a afirmação da necessidade de busca pela própria identidade. Esta, por sua vez, pode não estar ancorada na luta por direitos sociais, ainda que parte das pessoas que param de alisar nesse momento se identifique com esta causa. O movimento tem a característica de reunir pessoas por interesses diversos, não somente políticos.

Esse novo momento nasceu dentro da pós-modernidade e da fragmentação identitária que ela provoca. Nesse contexto, as nomeações identitárias são menos aderentes, menos estáveis, diferentemente do que ocorria nos anos 1960 a 1980, quando havia uma identidade racial muito clara e consistente. Por isso, o cabelo crespo pôde ser visto fora do sistema racial. A generalização das motivações para adesão ao estilo natural permite que pessoas com perfis muito diferentes se identifiquem com ele. As ações podem ter um caráter individualista e/ou instrumental. A onda de valorização se assenta em um discurso de busca por identidade (TAVARES, 2018), porém o que seria essa identidade se torna algo difícil de capturar, por isso ele pode se adaptar a diferentes pessoas.

Por exemplo, é possível que pessoas com orientações políticas divergentes se identifiquem com o uso do cabelo no estilo natural e com mesma a comunidade da internet. Jovens evangélicas e de postura tradicionalista também aderem ao movimento e se tornam

influenciadoras digitais²⁵. Nesse caso, elas acionam a ideia de identidade para afirmar o valor daquilo que é “natural” e feito pelo deus de sua religião. Por conseguir, por vezes, não evocar diretamente temas raciais, esse movimento consegue se expandir também entre pessoas que não se auto declaram negras, mas possuem os cabelos crespos ou cacheados, o que o discurso político desestimularia. O movimento contemporâneo tem a característica de ser um aglutinador de demandas diversas. Nesse sentido, o estudo de sua configuração auxilia na compreensão dos caminhos que os sentidos sociais do corpo vêm tomando atualmente.

Percebe-se, pelas formas que os discursos sobre o corpo tomam, que este é um elemento importante para se compreender a construção do racismo, na medida em que existem significados sociais sendo manipulados por meio das diferentes performances que adota. Para Lélia Gonzalez (1983), a compreensão do racismo brasileiro passa por desvendar elementos da constituição da sociedade brasileira que ficaram ocultos. O cabelo pode ser uma ponte para compreender “[...] a cultura brasileira em suas manifestações conscientes mais ou menos conscientes” (GONZALEZ, 1983, p. 226).

O cabelo serve como representação de uma outra coisa, como um símbolo. A criação de símbolos sociais precisa dialogar com os conteúdos que fazem sentido dentro dessa sociedade.

[...] nem tão arbitrário é o movimento de elaboração de símbolos. Ou seja, a primeira condição é a utilização de símbolos inteligíveis e disponíveis sem os quais se torna vazia e inócua sua própria vigência (Schwarcz, 1999, p. 298).

Esta pesquisa buscou falar sobre como se comportam os símbolos que dividem pessoas entre humanas e não humanas ou civilizadas e não civilizadas. O conteúdo central não são as mulheres estudadas em si, mas um fenômeno sociológico que as ultrapassa: o racismo, que é desvendado em sua aparição simbólica por meio de seus usos no imaginário compartilhado. Neste trabalho a estética é trabalhada em sua dimensão política, como parte da construção de sentidos e de encobrimentos dos conteúdos racializados.

A tese é dividida em quatro capítulos além desta Introdução e das Considerações Finais. No Capítulo 2, é apresentada a discussão metodológica, a técnica utilizada na pesquisa, os

²⁵ Nos últimos anos muitas pessoas se especializaram na atividade de influenciadoras digitais, fazendo propagandas para empresas e algumas se tornaram milionárias com isso.

limites e possibilidades da produção de conhecimento científico e o caminho por meio do qual a pesquisa foi construída. No terceiro capítulo são apresentadas as trajetórias das interlocutoras, em termos das posições materiais que ocupam e como interpretam suas ações e escolhas. No Capítulo 4, são apresentadas as histórias dos cabelos articuladas às ações. No quinto capítulo, é trabalhado o conteúdo representacional do corpo negro e sua associação com a agressividade e sexualidade, com o intuito de entrecruzar o corpo e as trajetórias materiais.

2 DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Mais do que uma decisão técnica, a escolha do método representa tipos específicos de alinhamento frente às discussões epistemológicas. Essa escolha abarca uma reflexão sobre, primeiramente, o que significa produzir conhecimento e, posteriormente, sobre as técnicas que melhor se adequam conhecimento a ser produzido. Segundo Bertaux (1989), a escolha do método “[...] compromete a pessoa que fará a investigação a uma determinada relação de campos, a certas práticas existenciais; contém em detalhe certas formas de pensamento e exclui outras”²⁶ (BERTAUX, 1989, p. 1, tradução minha). Diante disso, neste capítulo se discutem as decisões epistemológicas e a condução técnica da pesquisa.

2.1 Abordagens biográficas

Considerando-se o objetivo da pesquisa, que é conhecer as trajetórias de mulheres negras permeadas pela relação com as representações raciais e a ligação das ações individuais com o fenômeno do racismo, utilizou-se uma ferramenta que permite conhecer os percursos sociais em nível microssociológico: o relato de vida (BERTAUX, 1989).

Esta ferramenta se enquadra no ramo das abordagens biográficas, um campo multidisciplinar que compreende, entre outras técnicas: “[...] análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etno-biografias (*sic*), etnografias e memórias populares” (GALVÃO, 2005, p. 329).

Um dos precursores de seu uso nas Ciências Sociais foi Max Weber, com sua Sociologia Interpretativa. De acordo com Meihy (2005), um uso mais sistemático da abordagem se deu a partir de 1918, na Escola de Chicago. Foi utilizado também por autores como Florestan Fernandes²⁷ e Norbert Elias²⁸.

Santos, Patrícia Oliveira e Priscila Susin (2014), perceberam o aumento do uso dos relatos a partir da década de 1970, e o aumento de sua valorização quando da publicação do livro “*Memória e sociedade: lembranças de velhos*” por Eclea Bósi²⁹, em 1994, na Psicologia Social. Contemporaneamente, no Brasil, destaca-se o uso da pesquisa social reconstrutiva,

²⁶ Original em espanhol.

²⁷ No artigo “Tiago Marques Aipobureu: Um bororo marginal”, publicado em 2007.

²⁸ No livro “Mozart: Sociologia de um gênio”, publicado em 1991.

²⁹ Eclea Bósi foi uma psicóloga, professora e escritora brasileira.

utilizada no Brasil pela socióloga Wivian Weller, com base na “entrevista narrativa” desenvolvida por Fritz Schütze³⁰.

As diversas abordagens biográficas se diferenciam em termos de métodos de aplicação e análise, mas possuem em comum a interpretação do sujeito como agente social e não somente receptor e reproduzidor de normas e significados. Como decodificador, parte de sua ação precisa ser interpretada, e, “[é] precisamente a interpretação subjetiva da realidade ou do contexto social que poderia oferecer boas perspectivas para o desenvolvimento da pesquisa com narrativas biográficas na sociologia brasileira” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 377).

2.1.1 *Relatos de vida*

As escolas francesa e alemã de sociologia, representadas por nomes como Fritz Schütze, Bernard Lahire e Daniel Bertaux, desenvolveram de forma mais sistematizada as abordagens biográficas. Vanessa Barros, Caroline Barros e Maira Nogueira (2007) apontaram Bertaux, sociólogo francês, como uma das principais influências sobre o tema no Brasil. Apesar disso, Costa e Yumi Santos (2020) ressaltaram que ele ainda precisa ser melhor apropriado pela sociologia brasileira. Bertaux sistematizou a técnica conhecida como etnossociologia (BERTAUX, 1989; COSTA; SANTOS, 2019).

Sua abordagem consiste em utilizar relatos de vida para alcançar as relações socioestruturais de um contexto social específico (COSTA; SANTOS, 2019), buscou um nível intermediário da distinção clássica entre sujeito e estrutura proposta pelas teorias contemporâneas (o autor comentou a distinção *campus/habitus* de Bourdieu, sistema/ator de Touraine e estrutura/agência de Giddens). Segundo Bertaux (1989, p. 341), no nível intermediário se compreendem “[...] relações subjetivas fortes e duráveis”, que explicam a complexidade do mundo social melhor do que os binarismos. Com a técnica, procurou apreender a lógica de funcionamento do que está sendo estudado, não apenas seus efeitos na sociedade.

2.1.2 *Narração como verdade*

O campo das abordagens biográficas é povoado por discussões acerca da validade das narrações como fontes de dados. Uma das críticas mais contundentes foi feita por Bourdieu

³⁰ Sociólogo Alemão nascido em 1944, que contribuiu para o desenvolvimento da sociologia interpretativa.

(1996), que considerou que os escritos biográficos pressupõem a afirmação de um sujeito e da narração como uma história objetiva.

Cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consciência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis [...] (BOURDIEU, 1996, p. 185).

O autor considerou existir uma confusão entre narrativa e história factual. Ele acredita que o que cria a narrativa não são os fatos, mas o direcionamento da perspectiva para a organização coerente de acontecimentos, centrada em um sujeito considerado preexistente e ordenado. Assim, julgou que, o que dá sentido aos relatos é a intenção de quem narra e de quem pesquisa de criar uma coerência que transforma fatos em narrativas. Bourdieu (1996) apontou para alguns equívocos que podem vir a ser cometidos nos estudos de percursos de vida, como manter o foco no sujeito desconsiderando-se a função do contexto no seu deslocamento pelo mundo social. Ao mesmo tempo em que lida com esta crítica, que, segundo apontaram Santos, Oliveira e Susin (1992), se origina das premissas estruturalistas de Bourdieu, o gênero biográfico se ocupa, ainda, das críticas vindas da parte do pós-estruturalismo que adota uma postura relativista absoluta.

Embora se encontrem autoras e autores que representam as duas perspectivas (estruturalista e construtivista), no gênero biográfico, de forma geral, a elaboração de uma narrativa não é considerada a reprodução de fatos objetivos e tampouco uma ficção absoluta. O intuito da pesquisa biográfica não é buscar a verdade, mas “[...] os sentidos dos movimentos que conduzem de uma posição a outra” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 1992, p. 367). Esses movimentos, inseridos em seu contexto sócio-histórico, permitem perceber o sujeito como o “[...] fio condutor que levará ao social” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 1992, p. 367).

A perspectiva construtivista destaca os muitos elementos que atuam na construção da narrativa, como: a escolha, por quem narra, do que será lembrado e do que será esquecido; os marcadores sociais hierarquizantes que mediam a relação entre a pessoa que entrevista e a que é entrevistada (DAPHNE PATAI, 2010); e a produção do texto final, controlada pela pessoa que pesquisa. Bertaux (1989) acredita que o texto tem dois autores: quem pesquisa e quem narra³¹.

³¹ Santos, Olivera e Susin (2014) apontaram que é recorrente nas abordagens biográficas a apresentação dos relatos de forma inalterada após a transcrição, como forma de eliminar intermediações ou distorções na voz da pessoa entrevistada. Consideram que “[...] que ao ofuscar o papel deste [de quem pesquisa] – presente na construção do relato oral desde o momento da entrevista – a análise de fenômenos sociais sofreria uma limitação injustificável. Ademais, a não utilização de procedimentos de análise abrangentes e claramente compreensíveis para o leitor

Para Bertaux (1989), ainda que todo relato de vida incorpore a subjetividade por inserir a interpretação de quem pesquisa sobre os fatos narrados, isso não implica em que o relato seja falso. A preocupação de quem pesquisa não deve estar na interpretação, que nunca são totalmente baseadas em “verdades”, mas em que os fatos sejam factualmente exatos, pois desse modo, poderão dar acesso aos processos sociais. O controle sobre a exatidão dos fatos é realizado com o uso de múltiplos relatos, que permite verificar aquele que foge a um padrão majoritariamente encontrado e pode ser considerado não verdadeiro.

Ainda com relação à subjetividade de quem pesquisa, alguns trabalhos (KAJA KAZMIERSKA, 2004, GLASER; STRAUSS, 2017; BERTAUX, 1989, SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 1992) já mostraram que os estudos biográficos contam com aparato de verificação e objetivação. Portanto, na discussão sobre a verdade da narração, considera-se que não existe uma verdade e que isso não necessariamente invalida a análise, pois existem formas de garantir confiabilidade dos relatos e por meio deles é possível alcançar as dimensões sociológicas dos fenômenos.

2.2 Produção de conhecimento científico

A controvérsia sobre a subjetividade e a verdade não se limita às abordagens biográficas, remete à instituição das disciplinas sociais no meio acadêmico e suas tentativas de se enquadrar no termo "ciência". Buscando se amparar na autoridade que o termo ganhou desde o século XIX, as Ciências Sociais se estruturaram buscando por leis universais que governassem os fenômenos sociais e que pudessem ser apreendidas por meio do método que se constituiu a partir de pensadores como Bacon, Galileu, Copérnico, Kepler, Newton, Descartes e Kant (TONET, 2013).

As Ciências Sociais herdaram das ciências da natureza a visão de que o mundo pode ser apreendido e de que é possível por meio das técnicas manter uma relação direta com os fenômenos. Nasceram em meio à crença na produção de um conhecimento neutro e imparcial. Esse método é alvo de críticas de algumas correntes epistemológicas que acreditam que o método, quer seja aplicado nas ciências sociais ou naturais, não garante a supressão completa da subjetividade de quem pesquisa e não atingem a “verdade” do fenômeno. Autores como Foucault (2013) e Latour e Woolgar (1986), compreenderam que as crenças pessoais sempre

teria como possível consequência a dificuldade de se reconstruir, e, portanto, de compreender, o processo de obtenção de resultados e conclusões de pesquisa” (SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014, p. 366).

estão, de alguma maneira, expressas no produto final do processo de construção de conhecimento.

A teoria feminista desenvolvida a partir dos anos 1970 produziu uma crítica contundente à ciência empírica e a qualquer possibilidade de neutralidade, objetividade ou imparcialidade (DONNA HARAWAY, 1995). Acredita-se que quem produz a ciência no método empírico, aparece como uma figura descorporificada e universal, que ganha o status de um deus que tem uma visão “[...] de toda parte e de nenhum lugar” (HARAWAY, 1995, p. 24). Ao negar o corpo, a ciência inviabiliza a posição social da pessoa que atua como conhecedora, geralmente representada por homens brancos. O corpo dessas pessoas se integraria a uma universalidade abstrata, que na verdade trata-se de uma “parcialidade dissimulada” (HARAWAY, 1995; MARIANNE WEBER, 2007).

As críticas epistemológicas, na visão de Haraway (1995), esbarraram na dificuldade da constituição de uma “ciência sucessora”, que oferecesse novas formas de produção não comprometidas. Essa dificuldade gerou um impasse, simbolizado pela dicotomia entre positivismo e construcionismo, que ou acreditava na imparcialidade do empirismo ou acreditava que toda produção de conhecimento se resumiria a “[...] movimentos de poder, não movimentos em direção à verdade” (HARAWAY, 1995, p. 9).

As discussões sobre o método científico desembocaram em um abandono completo de qualquer possibilidade de objetividade ou de encontro com a verdade, reduzida a texto em certas formas da discussão pós-moderna. Isso resultou na generalização de toda produção de conhecimento científico às subjetividades atuantes em conflito, reduzidas à sua parcialidade.

Haraway (1995) apresentou um caminho em que não há escolha de um dos lados da dicotomia, mas o enfrentamento dos dilemas do método. No lugar do abandono da objetividade, ela propôs uma doutrina utilizável de objetividade, ou, uma objetividade feminista: os saberes localizados. “[...] um conhecedor científico não procura a posição de identidade com o objeto, mas de objetividade, isto é, conexão parcial” (HARAWAY, 1995, p. 26).

Nessa doutrina, há o abandono da subjetividade única que é apresentada como neutralidade e a adoção de um tipo de subjetividade específica para a pesquisa, por meio da reflexividade (JULIANA GÓES, 2019). Acontece, assim, a incorporação com clareza do ponto de vista como parte do produto final do conhecimento. Esse ponto de vista, antes invisibilizado e passivo, é incorporado ativamente e com responsabilidade e essa incorporação faz parte da construção da objetividade. Nenhuma pessoa que produz conhecimento vivencia todos os marcadores de diferença social, mas isso não impede que construa um posicionamento

científico desde o seu lugar de visão. O posicionamento marca que a visão acontece a partir de um lugar, não é uma visão de cima ou de lugar nenhum.

Haraway (1995) entendeu que corporificação significa localização. O conhecimento corporificado situa quem pesquisa no tempo e espaço e considera seus aspectos físicos e sócio-históricos. O conhecimento descorporificado invisibiliza a parcialidade e com isso prejudica a produção de conhecimento, que não avança tanto quanto poderia. A crítica que as abordagens biográficas recebem, de que a subjetividade está presente nas análises é real, mas é real não só para elas, mas para todas as pesquisas.

A objetividade, para Haraway (1995), é parcial, e a maneira de criar objetividade é localizar ao invés de descorporificar. Trata-se de uma objetividade parcial e posicionada, assim como a interpretação possível dos fenômenos. Qualquer pessoa que fala, o faz de diferentes locais, espaços, posições e trânsitos. Reconhecer a parcialidade e localização do conhecimento não significa renunciar à rigidez e às técnicas, mas tornar claras suas limitações e com isso alcançar mais controle e solidez (HARAWAY, 1995).

A proposta supõe a apresentação de quem pesquisa, deixando claras as circunstâncias em que o conhecimento foi produzido. Partindo dessa visão, apresentei, na introdução da pesquisa, a minha condição de mulher negra e as circunstâncias em que produzo conhecimento, e estes elementos também são incorporados na trajetória da pesquisa.

Neste trabalho, adoto a posição de que o conhecimento produzido é local, temporal e situado, como em todos os trabalhos científicos, partindo simultaneamente da necessidade de denúncia da parcialidade do método e da necessidade de construir objetividade. A objetividade procurada não serve para tentar enquadrar o conhecimento no método clássico, mas para expandir sua capacidade explicativa, como consequência do abandono das ilusões positivistas.

2.3 Pessoas negras pesquisando pessoas negras

A restrição da produção de conhecimento válido ao sujeito cartesiano trouxe várias dificuldades para pessoas negras que desejam produzir conhecimento sobre pessoas com quem compartilham o marcador de negritude, pois sua produção *a priori* pode ser considerada inválida, já que essas pessoas não conseguem se dissolver na subjetividade cartesiana universal. Elisa Carneiro (1993) destacou que as pessoas negras, dentro da academia, aparecem apenas como objetos de estudo, raramente estão entre as pessoas que produzem o conhecimento, ainda que uma parte significativa do conhecimento produzido seja sobre elas. Com isso, se delineia uma “história única”, uma narrativa univocal. A subjetividade que produz de forma hegemônica

interpretações para as experiências de pessoas negras deixa lacunas, e elas são um dos principais motivos para que as pessoas negras sintam a necessidade de produzir conhecimento por si.

Durante meu processo de produção de conhecimento acadêmico, precisei lidar diversas vezes com os questionamentos com relação ao que eu estudava. Outras mulheres negras passaram por um processo parecido de precisar se explicar sobre a cientificidade de suas pesquisas. Gomes (2008) relatou a desconfiança que recebeu de que sua subjetividade atrapalhasse seu trabalho, refletiu sobre o tema à luz da discussão antropológica que aponta para a impossibilidade de atingir uma “asepsia” intelectual total. Destacou duas vertentes na relação pesquisador-sujeito, uma que foca nas estruturas como determinantes do sujeito e outra que percebe o dinamismo nas relações. Figueiredo (2016) dedicou um espaço em sua monografia para a discussão acerca da pesquisa com “semelhantes”, se baseando nas discussões antropológicas sobre a antropologia urbana. Nota-se que há uma prevalência da desconfiança sobre a produção de mulheres negras que as leva a precisar justificar-se constantemente sobre seus trabalhos.

A deslegitimação do conhecimento produzido por essas mulheres, como discutido por Ratts (2003), gera sofrimentos às pessoas que, tendo sua condição de não serem partes do “sujeito universal cartesiano” evidente, têm sua produção de conhecimento dificultada. Além da tarefa já árdua de fazer parte do mundo acadêmico diante dos processos sociais de exclusão, elas precisam encontrar em sua produção, tempo, energia e espaço para se explicarem e se justificarem pelo que fazem, como está sendo feito neste tópico.

Patricia Collins (2019, p. 65) dissertou sobre pessoas negras que, a partir de situações vividas, passam a se interessar por compreender o mundo, como foi o caso de uma das mulheres citadas pela autora, que, após o linchamento de uma conhecida nos EUA, se tornou ativista política contra o linchamento, o fato vivido a levou a buscar entender a experiência de vida de outras pessoas. As experiências de vida revelam partes do mundo que ainda não estão explicadas ou bem explicadas pela ciência, o que leva a uma busca pela autodefinição (COLLINS, 2019), a busca por autoria nas interpretações coletivas. Por isso a autora considerou como parte do Pensamento Feminista Negro o trabalho de reconhecimento de mulheres que não são comumente consideradas intelectuais por não serem escolarizadas.

Além de Collins (2019), outras autoras (GONZALEZ, 1983; GOMES, 2008; NEUSA SOUZA, 1990) mostram a importância

[...] do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1983, p. 225).

Colocar as pessoas negras como infantilizadas, ou incapazes de falar por si próprias gera uma interdição à sua autonomia e capacidade de participação na construção da sociedade.

A invisibilização de algumas vivências foi um dos motivadores para a realização desta pesquisa. Identificou-se que as questões sobre o cabelo são relegadas ao campo da estética. Em muitos momentos, apresentando meu trabalho na academia, me deparei com a surpresa de outras pessoas sobre as violências vividas por crianças negras. As mesmas pessoas que se mostram surpresas, fizeram/fazem parte das cenas racistas que as crianças vivenciam, já que compartilham espaços sociais com elas, seja como observadoras ou como executoras das ações. Ainda assim, se encontram alienadas da experiência, que ganha novos sentidos quando apresentada no ambiente acadêmico. Quando pessoas negras pesquisam, incluem uma camada de subjetividade para os fenômenos que antes eram vistos apenas pelo olhar “universal”.

A deslegitimação da produção de conhecimento de pessoas negras se apoia também na visão desumanizada sobre elas, que as percebe não como indivíduos, mas como grupo. Na década de 1980, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) (1984 citado por IRAY CARONE, 2009b) realizou um estudo com o intuito de conhecer o comportamento das pessoas brancas. Uma das principais características encontradas é a de serem tratados como indivíduos e não como representantes do seu grupo. Ele percebeu que há uma extrema visibilidade da raça na pessoa negra e invisibilidade na da pessoa branca (CARONE, 2009b).

Nessa lógica, as pessoas negras são vistas como “todas iguais”, amalgamadas, quase como se fossem a mesma pessoa, uma massa informe, sem individualidades. Essas pessoas estereotipadas e vistas como grupo não conseguiriam se separar do “objeto”, porque o “objeto” seriam elas mesmas, elas não possuiriam diferenças com relação às pessoas estudadas.

Isso fica mais ainda intenso quando uma pessoa negra está pesquisando outras pessoas negras com as quais compartilha outros marcadores sociais além da raça. Os demais marcadores intensificam o processo de dissolução da pessoa que pesquisa na população estudada. O mesmo não ocorre quando homens brancos estudam homens brancos, já que são vistos em sua complexidade, principalmente pela lente das fragmentações identitárias.

Nesta pesquisa, há pontos que aproximam, mas também há pontos que diferenciam a pesquisadora das interlocutoras, por isso, ela não se confunde a ponto de ser vista como simultaneamente pesquisadora e “objeto” da pesquisa. O pertencimento racial, principal ponto de contato entre a pesquisadora e as interlocutoras, é uma abstração, e pensar em como elas constroem performances de negritude serviu para buscar as representações de racialidade, e não para determinar identidades ou reificar construções sócio-históricas.

As interlocutoras possuem referências, objetivos, estratégias, valores e gostos. Esses aspectos são parte de suas individualidades e, também, indicativos de como acontece sua inserção no mundo estudado. Como sugerido por Bertaux (1989), as individualidades não foram o foco da análise, mas os processos, os caminhos das trajetórias.

A incapacidade de perceber pessoas negras enquanto individualidades é um problema maior para a produção de conhecimento do que as pessoas negras pesquisarem outras pessoas negras. O argumento de que as pessoas negras pesquisando outras pessoas negras estariam em uma relação de indiferenciação entre sujeito e objeto revela uma incapacidade de percebê-las para além dos estereótipos, o que pode ter influenciado a produção de conhecimento sobre elas ao longo da história. A visão simplista e caricatural sobre essas pessoas denuncia uma dificuldade de parte do campo acadêmico de aprofundar seu olhar para o fenômeno da racialidade.

O conhecimento produzido por pessoas negras acrescenta pontos nas lacunas deixadas pelo conhecimento ortodoxo e o coloca à prova, o que configura o procedimento padrão do conhecimento científico. A escolha da pesquisadora por estudar trajetórias de mulheres negras tem a ver com uma vontade de entender esse universo para preencher um vácuo acadêmico sobre suas vidas e experiências. Essa vontade traz questões pessoais da pesquisadora, bem como questões de necessidade científica. A presença de uma coisa não exclui a outra.

Existem alguns pontos de contato e divergência entre a trajetória da pesquisadora e a das interlocutoras, que provavelmente foram inspirações para a vontade de pesquisá-las. Mas isso foi só o começo, a pesquisa não se reduz a iguais pesquisando iguais e não se resume à pesquisadora. Também não se resume às interlocutoras, mas a quanto as suas trajetórias ajudam a iluminar e explicar fenômenos sociais.

Minha corporeidade está presente em toda a pesquisa, porém o olhar aqui oferecido não é de uma pessoa negra genérica sendo parte de um todo, mas de uma pessoa constituída por várias partes e pertencimentos. É um olhar único e específico que não tem a pretensão de se dizer universal ou de assumir que capturou a verdade sobre o fenômeno.

Trata-se de um olhar que pode compor, juntamente com outros conhecimentos, produzidos por outras pessoas, negras ou não, uma perspectiva mais complexa sobre as relações raciais, que comporte ambiguidades e que suporte pensar a multiplicidade da produção de saberes. Uma pessoa que experiencie o mundo em um corpo visto como branco poderia perceber e potencializar outros pontos, outras composições do fenômeno estudado. Seria, também, um conhecimento parcial e uma interpretação, a partir do qual se disponibilizaria a quem lê mais uma parcela do fenômeno.

2.4 Percurso da pesquisa

Neste item discute-se o impacto da pandemia mundial de COVID-19 na pesquisa, e apresentam-se os aspectos da produção de dados relacionados à seleção das participantes e produção da análise.

2.4.1 *Pandemia de COVID-19*

Enquanto a pesquisa era realizada, teve início a pandemia mundial de COVID-19, que trouxe inúmeros desafios para a sociedade como um todo e impactou a produção de dados, as análises e os conteúdos das entrevistas. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2018 e 2022. No início do ano de 2020, o segundo da pesquisa, teve início a pandemia mundial.

A COVID-19 é uma infecção viral causada pelo vírus SARS-CoV-2, que ataca os pulmões, tem alto poder de contágio e pode levar à morte. A transmissão acontece por meio de gotículas contaminadas de secreções de uma pessoa infectada para uma pessoa livre da infecção, pelo contato com superfícies e objetos contaminados, ou por via fecal-oral (ESTELAAQUINO *et al.*, 2020).

Os primeiros casos diagnosticados da doença apareceram em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, e rapidamente se espalharam pelo mundo. Em 31 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)³² – o mais alto nível de alerta da Organização. Foi a sexta vez na história que esse nível de emergência foi acionado (OPAS, 2020). Em 11 de março de 2020 a OMS caracterizou a difusão da doença como uma pandemia³³. Em 16 de abril de 2020, 210 países e territórios em todo o mundo relataram um total de 2,1 milhões de casos confirmados de COVID-19 e um número de mortes que já passava a cifra de 144 mil³⁴ (AQUINO *et al.*, 2020).

³² De acordo com o Regulamento Sanitário Internacional, uma ESPII é “[...] um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido a disseminação internacional de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata” (OPAS, 2020).

³³ O termo pandemia se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

³⁴ A infecção tem letalidade menor que outros coronavírus, mas tem alta transmissibilidade, o que gerou um número absoluto de mortes maior do que o de outras infecções por coronavírus (AQUINO *et al.*, 2020).

A principal medida de saúde pública adotada foi a prevenção da transmissão, por meio de medidas como: isolamento das pessoas doentes, uso de máscaras faciais, limpeza das mãos e o isolamento social. O isolamento social abrangeu:

[...] o fechamento de escolas e universidades, a proibição de eventos de massa e de aglomerações, a restrição de viagens e transportes públicos, a conscientização da população para que permaneça em casa, até a completa proibição da circulação nas ruas, exceto para a compra de alimentos e medicamentos ou a busca de assistência à saúde (AQUINO *et al.*, 2020, p. 2425).

O segundo país a ser fortemente impactado pela doença foi a Itália, com muitos casos graves e mortes simultâneas e esgotamento de recursos do sistema de saúde. O Brasil foi o primeiro país na América Latina a ter um caso confirmado, em 25 de fevereiro de 2020, por um homem que retornava da Itália em meio à crise que se instalava neste país. A segunda morte causada pela COVID-19 foi a de uma empregada doméstica negra de 57 anos, chamada Rosana Aparecida Urbano, que foi infectada pelos patrões, que haviam retornado da Itália doentes. Mesmo cientes de estarem doentes, mantiveram-na trabalhando na casa. O contexto da primeira morte revela os efeitos que a pandemia produziria posteriormente, com falta de planejamento pelos órgãos públicos e forte impacto na população mais vulnerável (ANA FLAUZINA; THULA PIRES, 2020).

A crise sanitária desencadeou uma crise política, causada pelas divergências do governo brasileiro com relação ao desenvolvimento de uma política de enfrentamento à doença. Quando a situação na cidade de Wuhan começou a receber atenção internacional, o Ministério da Saúde, por meio de seu aparato de vigilância epidemiológica, identificou o risco sanitário e notificou as entidades sanitárias, que publicaram as primeiras orientações.

Os mecanismos de saúde agiam em conformidade com as primeiras orientações da OMS, se preparando e procurando informações sobre a doença. Ao mesmo tempo, o presidente em exercício se alinhou com o discurso produzido pelo então presidente dos EUA, Donald Trump, que negava a necessidade de cuidados sanitários. O presidente brasileiro deu várias declarações que divergiam das orientações passadas pelos organismos de saúde mundial. Instaurou-se uma crise política com várias trocas de ministros da saúde, disputas judiciais sobre a adoção das medidas de distanciamento social, disseminação de desinformação e recomendação de uso de remédios considerados ineficazes para a doença pela comunidade médica.

Com isso, não foram implementadas de forma efetiva medidas para mitigar os impactos desiguais da doença sobre a população. A população negra foi gravemente atingida. Além da

falta de políticas, também se conviveu-se ainda com a falta de dados epidemiológicos sobre a disseminação da COVID-19. (ANA FLAUZINA; THULA PIRES, 2020).

Ainda que dados de mortalidade, morbidade, incapacidade, acesso a serviços, qualidade da atenção, condições de vida e fatores ambientais sejam métricas utilizadas na construção de indicadores de saúde, o quesito raça/cor não foi elegível na análise de situação epidemiológica da COVID-19 nos primeiros boletins epidemiológicos, o que só aconteceu após mobilização de setores dos movimentos negros (como Coalizão Negra e a Sociedade Brasileira de Médicos de Família e Comunidade). Apesar dessa inclusão, a frequência de incompletude do quesito raça/cor nas diferentes fichas de notificação da COVID-19 permaneceu quase o dobro daqueles registrados.

Soma-se a isso a dificuldade de mensurar o alcance da pandemia no Brasil na perspectiva da equidade, ao mesmo tempo em que se ratifica a baixa adesão e interesse na utilização dessas informações. Logo, expressa-se mais uma vertente do racismo em sua multidimensionalidade durante a pandemia da Covid-19. Considerando que a tomada de decisão se baseia em informação, não preencher e nem mesmo disponibilizar a informação segundo raça/cor pode ser interpretado como a subjetividade do racismo institucional (FLAUZINA; PIRES, 2020, p. 79).

No mês de abril de 2020, contrariando posicionamento do governo³⁵, foi instituído o auxílio emergencial, um programa temporário de transferências de renda à população mais vulnerável, com valor mensal de R\$600,00 (R\$1200,00 para mulheres chefes de família monoparental), que durou nove meses, tendo fim em dezembro do mesmo ano.

Algumas das interlocutoras, durante as entrevistas, falaram sobre os impactos da pandemia em suas vidas, o que será abordado nas análises.

2.4.2 *Produção dos dados*

Esta seção trata das etapas que envolveram as entrevistas e a análise e dos impactos da pandemia na trajetória da pesquisa.

2.4.2.1 Fase exploratória

³⁵ O programa foi de iniciativa do poder legislativo e só então o Ministério da Economia aceitou a implementação do programa com pagamento do auxílio no valor de R\$ 200,00 mensais. Foi o Poder Legislativo que ampliou esse valor para R\$ 600,00 por meio da aprovação do Projeto de Lei 9236/17.

Como recomendado por Bertaux (1989), no início da pesquisa, foi adotada uma postura exploratória, com uma primeira aproximação do campo por meio de entrevistas e de observação participante. Ainda que o campo não fosse completamente novo, pois o tema já havia sido estudado na pesquisa de mestrado, as técnicas utilizadas seriam novas, então seria necessário testá-las.

2.4.2.2 Primeira leva de entrevistas

Ao longo do ano de 2019, foram realizadas quatro entrevistas com o caráter exploratório. Como se tratava de uma fase inicial e ainda não se sabia se elas seriam utilizadas na pesquisa, foram escolhidas pessoas do convívio da pesquisadora, que se enquadraram no perfil de se autodeclararem negras (pretas ou pardas)³⁶ e já terem passado por processos de alisamento dos cabelos.

Todas as participantes puderam escolher o local da entrevista e escolheram lugares públicos ou o local de trabalho. As entrevistas começavam com a seguinte pergunta: “Qual a história do seu cabelo?” O objetivo dessa pergunta era levá-las a fazer o relato de suas vidas sabendo que se procurava conhecê-las enquanto mulheres que experienciavam o mundo possuindo corpos lidos como negros e cabelos não lisos. Elas, então, falavam de seus eventos biográficos desde a infância até o momento da entrevista, e eram feitas algumas perguntas para complementar ou esclarecer alguma questão. Cada entrevista durou uma média de 60 minutos e foram gravadas com um gravador de som de aparelho celular.

2.4.2.3 Segunda leva de entrevistas

Após as quatro primeiras entrevistas ocorreu o exame de qualificação, a partir do qual o roteiro das entrevistas foi reavaliado. Com as primeiras entrevistas se obteve um panorama inicial sobre os processos essenciais e eixos centrais das carreiras biográficas e foi elaborado um roteiro mais completo (Apêndice A).

O início da pandemia dificultou o acesso a pessoas para entrevistar, com isso, elas continuaram sendo selecionadas por proximidade e algumas por indicação. Foi decidido realizar o número total de doze entrevistas para haver uma boa possibilidade de comparação e de alcance da saturação. Das doze entrevistas feitas, uma não foi utilizada porque a entrevistada não se

³⁶ “Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra é o somatório de pretos e pardos” (OLIVEIRA, 2008, p. 1).

identificava como mulher negra e, conforme a pesquisa ganhava corpo, optou-se por restringir as entrevistas a mulheres dessa racialidade.

Na segunda leva, foram feitas sete entrevistas (desconsiderando a que não foi utilizada). Cinco das entrevistadas são pessoas com quem a pesquisadora conviveu em ambientes de trabalho, de lazer ou de estudos e duas foram acionadas por meio da internet. Houve a tentativa de incluir no perfil de entrevistadas diversidade de religiões, idades, profissões, origens e sexualidades. A área menos diversa entre essas foi a das orientações sexuais. Todas as entrevistadas se declararam heterossexuais. Infelizmente não foi possível ouvir mulheres fora deste espectro para compreender melhor como as sexualidades não heteronormativas se imbricam nas experiências.

As entrevistas on-line foram realizadas entre 2020 e 2021 por meio dos aplicativos Skype e Google Meet. Ocorreram alguns intercursos, como as imagens ou os sons travarem durante as entrevistas, e dificuldades tanto da pesquisadora quanto das entrevistadas em operar os aplicativos de conversação ou problemas no microfone que causaram interrupções. Nenhum dos intercursos impediu a realização das entrevistas até o fim. Todas as interlocutoras estavam relativamente familiarizadas com os aplicativos de reunião on-line. Todas realizaram as entrevistas de dentro de suas casas, o que permitiu a criação de um ambiente mais pessoal do que seria alcançado em um lugar público.

Realizar uma parte das entrevistas on-line não trouxe desafios incontornáveis para a pesquisa, uma vez que as entrevistadas não tinham dificuldades de acesso e manuseio da internet. Permitiu que elas se sentissem mais à vontade para falar de si dentro de suas casas. Permitiu também que fossem realizadas duas entrevistas com mulheres que não residem em Belo Horizonte, local de moradia da pesquisadora. Além disso, elas tiveram mais facilidade em encaixar as entrevistas entre suas tarefas diárias.

Apesar da quarentena, muitas das entrevistadas continuavam trabalhando em *home office* ou atendendo clientes em casa e, também, cuidando de afazeres domésticos e, no caso de algumas, cuidando das filhas e filhos, que devido à interrupção das aulas presenciais, passavam o dia todo em casa. As entrevistas on-line duraram em média 90 minutos.

Tanto nas entrevistas on-line quanto presenciais, antes do início das perguntas, com a conversa sendo gravada, elas eram informadas de que o conteúdo da entrevista era confidencial, que toda a entrevista seria gravada mas que elas poderiam pedir pra parar a gravação a qualquer momento, que poderiam deixar de responder a qualquer uma das perguntas, que suas identidades seriam preservadas no texto final com a adoção de pseudônimos e omissão de elementos que pudessem identificá-las e que, caso desejassem, o texto poderia ser

compartilhado com elas antes da versão final. Por meio dessa gravação ficou registrado o consentimento delas. Nenhuma delas solicitou ver o texto antes da versão final.

2.4.1 Produção da análise

As etapas de exploração, análise, e síntese foram realizadas simultaneamente, como sugeriu Bertaux (1989). Com isso, as lacunas que apareciam com relação ao roteiro, ou a temas da teoria, conforme percebidos, iam sendo adaptados para as próximas entrevistas e as pessoas já entrevistadas foram sendo procuradas novamente, além disso, algumas questões foram descartadas, ou a forma de fazer a pergunta mudava. A forma de entrevistar foi se alterando ao longo das entrevistas, a partir da percepção da entrevistadora de que, ao longo das descrições, aconteciam movimentos de generalização e identificação e o efeito que eles tinham no relato. Isso foi facilitado pela postura de entrevistar, analisar, transcrever e ler simultaneamente.

Nos relatos, foi observada a coerência interna da argumentação e sua adequação à teoria como um todo (BERTAUX, 1989). Percebeu-se a ocorrência da saturação quando as repetições nos relatos mostravam que as interlocutoras seguiam uma “obrigação social” (BERTAUX, 1989), um papel coletivo, que não emergia de forma individual. Esse fenômeno foi a construção de mobilidades sociais a partir da entrada em categorias de ação específicas (isso será explorado na análise). A partir dessa constatação se percebeu que poderia admitir-se que havia “[...] o social que se expressa por vozes individuais” (BERTAUX, 1989, p. 7, tradução minha) e que era possível construir um modelo mental do fenômeno.

Bertaux (1989, p. 7, tradução minha) considera que as análises se fundam

[n]ão somente nas observações, mas também na repetição entre uma observação e outra (entre uma história de vida e outra, por exemplo), da descrição deste ou daquele fenômeno, de tal anedota significativa, de uma atitude tão vividamente expressa, esse segmento de trajetórias de vida. Os replays não podem deixar de chamar a atenção da equipe. É deles que você tem que desenvolver a teorização.

Após a percepção de temas que apareciam de forma recorrente nos relatos e na literatura, foram pensados alguns tópicos de análise. Os eventos de vida relatados remetiam constantemente a uma tensão entre as expectativas sociais sobre a performance de identidade racial e caminhos individuais, o que se tornou o pilar da análise.

2.5 Algumas reflexões sobre o processo

1. Foram feitas algumas ponderações a partir da minha proximidade enquanto pesquisadora, das interlocutoras: A proximidade levou as entrevistas a se sentirem mais à vontade para relatar detalhes de suas biografias e, também, fez com que fosse mais fácil procurá-las durante a análise dos dados para esclarecer alguma questão que surgisse ou fazer alguma pergunta que, porventura houvesse faltado. Ocorreu o mesmo com as entrevistadas que não conhecidas previamente, mas de forma mais restrita. Assumir o papel de entrevistadora ouvindo as pessoas com as quais eu tenho relação mais próxima fez com que elas relatassem informações de suas biografias que eu desconhecia previamente com que elas ficassem mais à vontade para contar detalhes sensíveis de suas vivências do que se eu estivesse no papel de conhecida/amiga ou mesmo se fosse uma entrevistadora desconhecida. Pensando que todo relato de vida é uma criação, o fato de eu ter algum nível de proximidade com as interlocutoras pode ter limitado suas possibilidades de escolha da performance de entrevistadas que adotariam. Caso eu tivesse uma relação distante com todas as interlocutoras, outras limitações se colocariam no lugar dessas, de qualquer forma haveria limitações e escolhas das entrevistadas, além de uma margem do que aconteceria no momento da entrevista que estava fora do controle delas.
2. Ao fim das entrevistas percebi que a maior parte das entrevistadas, apesar de a escolha não ter sido proposital, passou por um processo de mobilidade social e que grande parte atua em cargos públicos. Isso pode ter sido um viés do fato de eu ter escolhido pessoas do meu convívio (a forma de aproximação das entrevistadas será descrita no tópico sobre o perfil de cada uma), que pode ter filtrado os perfis, mas também pode ser um dado sobre o perfil das mulheres que utilizam os cabelos no estilo natural. Isso será discutido em outro capítulo. Além de pesquisadora, atuo como servidora pública em uma universidade, portanto, parte do meu ambiente de sociabilidade é o ambiente acadêmico, e nele circulam algumas mulheres negras.
3. Como também sou negra e uso o cabelo no estilo natural, havia uma identificação recíproca entre eu e as interlocutoras. Às vezes elas falavam de algumas vivências como se eu já soubesse do que elas estavam falando e, muitas vezes, eu acreditava que sabia mesmo. Acredito que em alguns momentos foi bom elas que se sentissem à vontade para falar, mas em outros podia levar-me a presumir coisas que elas não disseram. Para evitar incorrer em viés de confirmação, em alguns momentos perguntava algo que as fizesse detalhar mais a fala e direcioná-la para suas vivências. A identificação é um recurso de conexão com a interlocutora, que procurei aprofundar em alguns momentos

e em outros me distanciar, também com o intuito de não incorrer em uma noção de mulher negra genérica que em alguns momentos elas evocavam, por exemplo, dizendo algo do tipo “pra gente que é mulher negra” e então falavam algo de suas vivências. Quando elas seguiam por esse caminho, às vezes eu concordava com o que diziam e às vezes perguntava algo a partir de detalhes de suas histórias de vida, pra evitar a generalização. A generalização fala do imaginário e de como elas entendem que devem se sentir ou portar em algumas situações, mas não necessariamente refletem o que efetivamente sentem ou fazem. Por outro lado, o racismo é uma violência traumática (KILOMBA, 2019) muito difícil de ser colocada em palavras, principalmente pelo risco de descrédito. Por isso, falar de forma coletiva e ter outra mulher negra como interlocutora, foi positivo para que pudessem trazer elementos de suas vivências que talvez não fossem ditos em outras circunstâncias.

4. O fato de eu ser uma mulher negra interfere na forma como eu olho para o fenômeno e o que enxergo dele, já que minha subjetividade não se separa da racionalidade. Ser negra interfere no que consigo notar. Os rumos das entrevistas, os pontos que são mais detalhados e, posteriormente, durante a análise, a escolha de certos caminhos diante da constelação de informações que representam as narrativas das interlocutoras, podem seguir direções diversas a serem trilhadas na análise. Os caminhos que escolhi possivelmente provêm das minhas aprendizagens, dos meus sentidos e de como aprendi a perceber o mundo habitando um corpo que é visto como negro e de mulher.
5. As interlocutoras não formam um grupo homogêneo entre si. Elas compartilham de um contexto social e histórico a partir do qual é possível conhecê-las melhor e construir o modelo mental de um universo compartilhado, mas isso é fruto de esforços intelectuais. O esquema mental criado para permitir que se construa um fenômeno sociológico é arbitrário como qualquer outro.
6. Desde a primeira vez em que lidei com o tema do cabelo como símbolo identitário, quando produzi a monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais, em 2014, minha posição diante do fenômeno mudou, comecei a repensar as formas de interpretar o fenômeno e a me questionar sobre algumas de minhas próprias certezas. Existe um tipo de afastamento que acontece com o tempo, que não é o afastamento que os antropólogos clássicos acreditavam ser possível alcançar de modo positivista, que pode ser aplicado a qualquer momento e a qualquer fenômeno que esteja sendo pesquisado; é um afastamento decorrente do acúmulo de reflexões, questionamentos externos, leituras e experiências, que produzem algum nível de objetivação e estranhamento que leva a

novas visões daquilo que já havia sido visto e à perda de certos níveis de romantismo e idealismo que fazem parte da experiência de trabalhar com fenômenos humanos. Este afastamento pode ser chamado simplesmente de amadurecimento. Como afirmado por Bertaux (1989, p. 6), “[...] é que a apreensão dos fenômenos sociais leva tempo”.

2.6 Forma textual

Lélia Gonzalez foi uma filósofa, antropóloga, professora, escritora e militante de movimentos negros e feministas. Filha de um operário e de uma empregada doméstica e com treze irmãos, fazia parte da população pobre do Brasil. Quando rompeu com a trajetória mais comum das mulheres negras e se tornou uma intelectual, se preocupou com o fato de que a maioria das pessoas vindas do mesmo contexto que o seu não conseguiria entender o que ela escrevia caso adotasse o estilo acadêmico tradicional, por isso em sua escrita, propositalmente, havia um estilo oralizado, que permitia a ampliação do acesso ao conhecimento. O mesmo ocorreu com intelectuais negras estadunidenses. Os textos produzidos por algumas delas tentam romper com isso porque acreditam que a busca por uma escrita de aparência técnica invisibiliza a corporeidade que está presente no texto. Portanto, nesta tese, existe uma tentativa de tornar o texto acessível, sem perder, no entanto, a complexidade de algumas reflexões.

3 TRAJETÓRIAS

Neste capítulo são apresentadas as participantes da pesquisa e as características principais de suas trajetórias. Elas apresentaram traços comuns em seus percursos de vida, principalmente no que diz respeito à forma de construir estratégias de mobilidade social.

3.1 Perfis das entrevistadas

O perfil das onze entrevistadas no momento das entrevistas era: possuíam entre 23 e 65 anos de idade, nove delas nasceram no estado de Minas Gerais, uma no estado de São Paulo e uma no estado do Rio de Janeiro. Três se encontravam casadas, uma em um relacionamento estável, morando com o companheiro, e as demais se declaravam solteiras. Três tinham filhos, com idades entre 6 e 18 anos de idade. Oito residiam em Belo Horizonte/MG, uma em Ribeirão Preto/SP e uma em Itabuna/BA.

A maior parte (nove delas) possuía formação superior, duas possuíam formação técnica e uma não havia concluído a terceira série primária. Entre as que possuíam formação universitária, seis atuavam em suas áreas de formação. As que possuíam ensino superior se casaram com homens que também o possuíam, com exceção de um caso. Todas estudaram em escolas públicas durante todo o ensino básico, com exceção de uma, que estudou em escola particular no ensino fundamental. O Quadro 1, a seguir, apresenta as informações básicas de todas.

Quadro 1 - Informações sobre as entrevistadas

Pseudônimo	Ano de Nascimento	Idade na data da entrevista	Escolaridade	Curso	Estado civil	Local de nascimento	Ocupação	Filhos
Elisa	1962	65	Graduação	Assistência Social	solteira	Belo Horizonte/MG	Assistente administrativo (Servidora pública aposentada)	não
Carolina	1956	64	Graduação	Psicologia	solteira	Belo Horizonte/MG	Psicóloga (profissional liberal)	não
Ruth	1968	53	Ensino técnico e Graduação	Contabilidade Administração	casada	Santa Bárbara/MG	Administradora (aposentada)	4
Fátima	1974	47	Doutorado	Estudos étnico-raciais	solteira	Rio de Janeiro/RJ	Professora universitária (Servidora pública)	não

Antonieta	1983	38	Ensino fundamental incompleto		Relacionamento estável	Belo Horizonte/MG	Cabeleireira Trancista e Empreendedora	4
Ivone	1983	38	Ensino Técnico e Graduação	Computação Comunicação social	solteira	Betim/MG	Vendedora	2
Maria	1985	35	Graduação	História	casada	Conselheiro Lafaiete/MG	Assistente em administração (Servidora pública)	não
Conceição	1985	34	Graduação	Pedagogia	casada	Belo Horizonte/MG	Diretora geral de EMEI (Servidora pública/ cargo de professora)	1
Iza	1987	33	Graduação	Direito	casada	Belo Horizonte/MG	Auxiliar administrativo (Servidora pública)	não
Sheron	1995	23	Graduação	História	solteira	Belo Horizonte/MG	Professora do ensino básico (Designada)	não
Tereza	1993	28	Curso Técnico	Dança	solteira	Ribeirão Preto/SP	Professora de balé e Empreendedora	não

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

Ao longo da análise, as interlocutoras foram nomeadas racialmente a partir da heteroclassificação feita pela pesquisadora, de acordo com as categorias utilizadas pelo IBGE. No Quadro 2, a seguir, encontram-se a autoclassificação (das que se autoclassificaram) e a heteroclassificação feita pela pesquisadora.

Quadro 2 - Auto e heteroclassificação das entrevistadas

Pseudônimo	Autoclassificação	Heteroclassificação
Elisa	-	Preta
Carolina	-	Preta
Ruth	Preta Negra	Preta
Fátima	Negra	Preta

Antonieta	Preta	Preta
Ivone	Preta	Preta
Maria	-	Parda
Conceição	Negra	Preta
Iza	-	Preta
Sheron	-	Parda
Tereza	Negra	Preta

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

Nota: algumas entrevistadas não se autotranscreveram.

3.2 Relatos de vida das participantes

A seguir são apresentados, de forma resumida, os relatos de vida.

3.2.1 *Elisa*

É uma mulher de estatura baixa e pele escura, utiliza roupas largas e de cores neutras, e o cabelo crespo curto em um estilo Black Power. Não utiliza acessórios, tem uma figura neutra e sóbria. Conta que gosta muito de conversar. Tinha 65 anos e era solteira na data da entrevista. Conheci-a dentro de um ônibus, indo para um Congresso. Quando contei sobre minha pesquisa de mestrado, se interessou pelo tema e me contou um pouco sobre suas aventuras com os cabelos. Alguns meses depois entrei em contato com ela e fiz o convite para a entrevista, o qual ela aceitou prontamente. Escolheu como local de encontro o Centro de Referência das Juventudes (CRJ)³⁷, em Belo Horizonte.

Nasceu em 1962, dois anos antes do Golpe Militar de 1º de abril de 1964. Por incentivo do pai, a política teve um papel de destaque na sua vida, tendo adotado, desde o início de seu envolvimento, posições no espectro da chamada esquerda. Nasceu em uma favela na região Noroeste de Belo Horizonte, em uma região que, na época, se tratava de uma terra devoluta³⁸ que começou a ser ocupada no ano de 1944 por famílias do interior que migravam procurando colocação na construção civil. Desde os anos 1950, a cidade passava por um processo de metropolização, com o recebimento de migrantes rurais que procuravam melhores condições de vida e estrutura. A capital passou de 352.000 habitantes em 1950 para 693.000 em 1960, um aumento de 100%. Elisa morava com o pai, a mãe e duas irmãs em um barraco, uma autoconstrução simples e com instalações precárias.

³⁷ O CRJ é um equipamento público da prefeitura de Belo Horizonte, inaugurado no ano de 2016. Segundo o site da prefeitura, seu “foco é fomentar a ocupação física e simbólica do CRJ com vistas garantir a livre expressão das diferentes performances juvenis” (NESVES, 2022).

³⁸ Terras devolutas são áreas de propriedade do poder público que se encontram sem destinação e que nunca integraram patrimônio particular.

Sua mãe estudou até a quarta série e o pai até o segundo ano primário. Ela se define como autodidata, como o pai, um auxiliar de mecânico que aprendeu sozinho sobre política e matemática. Ela aprendeu a ler aos 05 anos, utilizando revistas em quadrinhos que o pai ganhava do filho de seu patrão. Certo dia, a diretora da única escola que existia na favela a viu tentando ler um calendário e a matriculou. Sua relação com o sistema escolar não foi positiva porque ela se sentia em um estágio mais avançado que as demais crianças, que ainda não sabiam ler e escrever. Então, durante as aulas ela dormia na carteira. No fim do ano escolar, descobriu que precisaria refazer o primeiro ano devido à sua idade, o que aumentou sua frustração e a levou a faltar às aulas. Apesar da relação conflituosa com o sistema escola, Elisa se identifica com o conhecimento, se considera uma pessoa reflexiva e que procura o autoconhecimento. O fato de não conseguir fazer sua mediação com o saber por meio da escola fez com que se tornasse autônoma, buscando o conhecimento sozinha, algo de que se orgulha. Esse aspecto de sua personalidade a liga ao pai, que ela descreve como um homem extremamente inteligente.

Ela e a irmã cursaram o ensino médio Ensino Médio no Centro Federal de Educação Tecnológica³⁹ (CEFET) de Minas Gerais. Lá desenvolveu seu gosto pela leitura, lia muitos livros que pegava emprestados na biblioteca. Quando estava prestes a terminar a educação básica, foi aprovada em um concurso público e começou a trabalhar no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)⁴⁰ em um cargo burocrático de nível médio. Lá teve contato pela primeira vez com o movimento sindical⁴¹ e participou da campanha “Diretas Já”⁴². Teve participação ativa no sindicalismo, se tornando diretora de uma pasta ligada à cultura em uma entidade. Neste cargo desenvolveu diversos projetos e conheceu importantes figuras políticas.

Em 1984 ingressou no curso de graduação em Assistência Social, e em 2014 fez mestrado em Psicologia. Se formou em ambos, mas não utilizou os cursos profissionalmente, pois continuou atuando em seu cargo administrativo no INSS até sua aposentadoria. Nunca se casou e não tem filha/o (s).

3.2.2 *Carolina*

³⁹ Instituição de ensino pertencente à esfera federal, que conjuga ensino médio e educação profissional técnica.

⁴⁰ Autarquia federal que promove o reconhecimento de direito ao recebimento de benefícios administrados pela Previdência Social.

⁴¹ Movimento social pautado no fortalecimento dos sindicatos e defesa dos direitos básicos ligados às relações de trabalho.

⁴² Movimento popular ocorrido entre os anos de 1983 e 1984, que defendia a aprovação da Emenda Constitucional 05/1983, para a realização de eleições presidenciais diretas em 1985. Foi um movimento que reuniu diversas lideranças políticas, artistas, intelectuais e que realizou diversos comícios em várias capitais brasileiras

É alta, tem a pele escura e os cabelos raspados bem curtos. É uma pessoa comunicativa, com voz doce e ao mesmo tempo segura. Nasceu em 1956, tendo 64 anos na data da entrevista. É solteira e sem filhos, de religião Espírita. Sua década de nascimento coincidiu, no plano histórico, com um Brasil marcado pelo desenvolvimentismo econômico, propulsionado pelo Presidente Juscelino Kubitschek (JK).

Cresceu em um bairro periférico na região Nordeste de Belo Horizonte. Sua avó foi uma das primeiras moradoras desse bairro, sendo bastante conhecida na localidade. Sua casa era muito frequentada pelas vizinhas e vizinhos, pois no quintal havia uma cisterna, a mais rasa da região, onde preferiam ir buscar água. Durante todo o dia havia movimento no quintal, onde ficava também a cozinha da casa. Carolina contou que só entrava dentro da casa à noite, para dormir, o quintal sempre foi e continua sendo o cenário principal do lar (ela continua residindo no mesmo local).

Quando nasceu, Carolina vivia com sua mãe e seu pai em uma casa no bairro vizinho, a separação dos pais fez com que ela e a mãe se mudassem para a casa da avó. Estudou o primário em uma escola no bairro, onde convivia com outras crianças negras. Sua mãe, muito rígida, não permitia que ela brincasse na rua com outras crianças, Carolina passava o tempo em que não estava na escola sozinha no quintal, onde brincava de aulinha, sendo professora de suas bonecas. Também passava bastante tempo lendo, sentada no galho de uma árvore. Nesses momentos a mãe acreditava que ela estava estudando, porém ela estava lendo fotonovelas⁴³. Seu gosto pela leitura dura até os dias de hoje.

Após completar o ensino primário, ingressou no Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais (CTPMMG)⁴⁴, ao qual teve acesso por seu pai atuar como policial militar. Durante a adolescência se dedicava aos estudos, a mãe não permitia que ela namorasse. Terminando o ensino básico, começou a trabalhar. Seu primeiro emprego foi como auxiliar de escritório, no Departamento de Estradas e Rodagens (DER)⁴⁵, em 1977. Lá conheceu seu primeiro namorado, aos 19 anos. O namoro não durou muito tempo, pois Carolina o considerava muito controlador e deu fim ao relacionamento.

⁴³ Fotonovela é um gênero de literatura de massas, de estilo romântico, veiculada por revistas especializadas e apresentada em forma de quadinhos fotográficos, com textos sucintos em legendas ou balões. Surgiu na década de 1940, na Itália pós-Guerra, em revistas que publicavam adaptações de filmes para os quadinhos.

⁴⁴ Instituição militar pública de ensino, localizada em várias cidades do estado de Minas Gerais, sendo administrada pela Polícia Militar de Minas Gerais e não pela Secretária de Educação. Se tornou reconhecido devido às altas taxas de aprovação de seus egressos nos vestibulares.

⁴⁵ O Departamento de Estradas de Rodagem é uma autarquia estadual, responsável pela conservação, manutenção e administração de rodovias e estradas nos territórios dos estados e Distrito Federal, com personalidade jurídica própria e autonomia administrativa e financeira.

Enquanto trabalhava no DER, a mãe de uma amiga que havia conhecido no Colégio Tiradentes a matriculou no Vestibular. Ela não teve dúvidas sobre a escolha do curso de Psicologia, pelo qual se interessou após cursar uma disciplina sobre psicologia infantil. Ela conta que nesta disciplina aprendeu sobre os cuidados que devem ser direcionados às crianças e isso lhe chamou a atenção. Ingressou na graduação em Psicologia e continuou trabalhando concomitantemente. Na reta final do curso de graduação, por meio de um professor da faculdade, conheceu o Centro de Valorização da Vida (CVV)⁴⁶ e começou a atuar como voluntária. Lá conheceu uma amiga que lhe apresentou a religião espírita, pela qual se interessou por meio da leitura de romances espíritas. Posteriormente se tornou palestrante, atuando em várias casas espíritas. Apesar de se declarar adepta desta religião, também costumava frequentar a casa de candomblé que sua irmã fundou no quintal da casa onde moram.

Após sua formação acadêmica, seu chefe no DER a direcionou para trabalhar no setor de RH, em um cargo compatível com sua nova formação. No novo cargo, realizava viagens pelo Brasil oferecendo cursos e treinamentos. Gosta muito de viajar, tanto a trabalho quanto a lazer. Sua vida afetiva é marcada por conflitos com relação à sua vontade de ser independente. Enquanto trabalhava no DER, começou, paralelamente, a fazer atendimentos clínicos psicológicos em uma sala comercial alugada juntamente com amigas.

Depois de doze anos, com poucos clientes particulares e sem dinheiro para pagar o aluguel da sala, abandonou os atendimentos por um período. Em 1999 retornou às atividades como psicóloga clínica, quando alugou um consultório junto a outra amiga, onde atuava até o momento da entrevista. Quando tinha 58 anos de idade seu pai faleceu, e, por não ter uma relação próxima com ele, optou por não ir ao enterro.

3.2.3 *Ruth*

Esta entrevista foi fruto da indicação de outra entrevistada: Conceição, sua sobrinha. Ruth é uma pessoa comunicativa e ao mesmo tempo firme. No momento da entrevista tinha 53 anos, era casada e tinha três filhos. Nasceu durante a ditadura militar brasileira, em 1968, no município de Santa Bárbara (MG), uma cidade pequena que, no ano de 2018, tinha população aproximada de 30.000 habitantes. A cidade faz parte do circuito do ouro de Minas Gerais. Seu pai, que atuava como maquinista, foi transferido de BH para Santa Bárbara em 1968, para onde

⁴⁶ Fundado no Brasil, em 1962, o CVV é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção ao suicídio, sob total sigilo e anonimato.

se mudou com a família, e pouco tempo depois Ruth nasceu. Ficaram pouco tempo na cidade, logo o pai foi realocado e voltaram para Belo Horizonte, onde seguiram morando em um bairro periférico na região Nordeste.

Teve uma infância agitada, gostava de brincar na rua com outras crianças e sozinha, em casa. A mãe, dona de casa, é descrita por ela como uma mulher batalhadora e rígida com os afazeres domésticos. Ela se recorda de fases difíceis em sua infância marcadas por brigas entre o pai e a mãe, e por um período em que o pai chegou a sair da casa da família.

Começou a trabalhar bem jovem, não se lembra a idade precisa, como babá. Aos 14 anos passou a trabalhar como secretária, auxiliando um amigo da mãe. Ingressou em uma escola privada técnica e profissional, onde cursou o curso técnico em contabilidade, e aos 17 anos teve seu primeiro emprego formal, em uma empresa de contabilidade. Durante a adolescência, tinha uma postura muito responsável, teve alguns namoros, mas seu foco estava nos estudos e em construir sua independência financeira, de forma que ainda jovem já tinha comprado seu apartamento próprio e seu carro.

Posteriormente começou a trabalhar no departamento de pessoal de um hospital. Sempre trabalhou nas áreas administrativa ou financeira, pelas quais se interessou ainda na infância, quando brincava com uma máquina de escrever feita de papelão. No hospital conheceu seu marido, com quem é casada há vinte e cinco anos.

Depois de atuar durante vinte anos na área financeira, decidiu iniciar um curso de graduação em Administração, com objetivo de ampliar suas possibilidades no mercado de trabalho. O curso de administração lhe garantiu um emprego de gerente operacional na rede de salões Beleza Natural⁴⁷. Ainda que essa empresa tenha como proprietária e como público principal as mulheres negras, segundo Ruth, a equipe administrativa é composta majoritariamente por pessoas brancas. Na unidade em que atuou, só havia ela e mais uma mulher negra atuando em cargos de gerência. Esse emprego lhe trouxe muita satisfação, porque lhe propiciava contato com as clientes, com as quais ela gostava de conversar e orientar sobre as decisões capilares.

Ela se afastou do salão quando foi remanejada para outra unidade e, devido ao crescimento do número de atendimentos, se tornou mais difícil manter o contato próximo com as clientes. Além disso, havia alguns conflitos entre ela e outras funcionárias, e ela já havia se aposentado pelo INSS. Quando se desligou dessa empresa abriu seu próprio salão, juntamente

⁴⁷ Beleza Natural é uma rede de salões de beleza que tem como carro chefe o produto relaxante desenvolvido por sua fundadora, Zica Assis, cuja fórmula é mantida sob sigilo. Em 2019, a rede possuía 40 unidades no Brasil e uma fábrica de cosméticos (LAURA SILBIGER, 2019).

com duas sócias. Um conflito fez com que elas se separassem e Ruth resolveu iniciar um outro salão, desta vez sozinha. Posteriormente vendeu esse salão e atualmente pensa em começar outro empreendimento.

No momento da entrevista se encontrava oficialmente aposentada há três anos, mas pensava em retornar à ativa, ainda não sabendo ao certo que tipo de atividade iria desenvolver. A entrevista ocorreu durante a pandemia de COVID-19, momento em que ela contou que, pela primeira vez em sua vida, não tinha uma rotina agitada. Ela aproveitou esse momento para se aprofundar no autoconhecimento, contou que estava estudando sobre a religião espírita.

3.2.4 *Fátima*

Tem uma presença marcante. É bem alta, corpulenta, tem os cabelos volumosos utilizados no estilo natural, usa brincos grandes, maquiagens e roupas com cores vivas. Tem um sorriso largo e uma risada alta e prolongada. É falante, muito simpática e receptiva. A conheci por meio da internet. Há aproximadamente dez anos, eu consumia o conteúdo sobre estética que ela produzia na plataforma YouTube. Devido à pesquisa, revisei o conteúdo produzido por ela, em vídeos nos quais falava sobre cosméticos faciais e capilares. Encontrei seu perfil pessoal em uma rede social e mandei uma mensagem convidando para a entrevista. Ela respondeu rapidamente, mas a entrevista só aconteceu tempos depois, pois foi preciso remarcar algumas vezes devido aos seus compromissos. Atualmente ela não produz mais conteúdo para a internet, mas tem uma vida bastante atarefada: atua como professora universitária e participa de atividades relacionadas à militância política. Durante a entrevista, que ocorreu pelo aplicativo Zoom, ela se preparava para o próximo compromisso, se maquiando e se ajeitando enquanto conversava comigo de forma animada.

Tinha 47 anos na data da entrevista, estava solteira e sem filhos. À época de seu nascimento, o Brasil vivia o “Milagre Econômico”⁴⁸, que seguia a linha desenvolvimentista inaugurada pelo ex-presidente JK. O arrocho salarial imposto aos trabalhadores levou ao aumento da desigualdade na distribuição de renda, criando as condições para o surgimento dos conflitos sociais do final da ditadura, como as greves na região industrial do ABC, em São Paulo.

⁴⁸ Crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973. O período é caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa. Contudo, por trás da prosperidade, houve o aumento da concentração de renda, corrupção e exploração da mão de obra.

Seus pais, baianos, migraram para a capital do Rio de Janeiro ainda bebês, e quando adultos se conheceram na praia de Ramos, localizada na região Norte do subúrbio carioca. Seu pai trabalhava no Banco Nacional da Habitação (BNH)⁴⁹, um dos principais estandartes do projeto econômico da ditadura brasileira. Enquanto atuava no banco como datilógrafo, ele cursou duas graduações: Economia e Contabilidade, e alcançou um cargo de nível superior no banco. A mãe de Fátima atuava como professora, tendo se formado no Curso Normal⁵⁰, e mais tarde, com mais de 50 anos, resolveu cursar e se formar em Pedagogia.

Fátima é a primogênita do casal e tem uma irmã e um irmão. Cursou o ensino fundamental em uma escola religiosa. As mudanças de cargo do pai no BNH levaram a família a melhorar suas condições de vida, motivo pelo qual o pai resolveu sair do subúrbio e criar a família em bairros de classe média, tendo morado nos bairros Tijuca, Catete, Flamengo e Laranjeiras. As mudanças geraram conflitos, pois a mãe de Fátima não se sentia à vontade nos novos espaços, onde não conviviam com outras famílias negras. Apesar disso, o pai insistia.

Devido à ascensão do pai, a família nuclear de Fátima passou a viver de forma muito diferente da família estendida. Por exemplo, ela teve acesso a aulas de piano durante a infância, enquanto isso, alguns de seus familiares que continuavam morando em Salvador residiam em favelas. Fátima sente uma forte identificação com Salvador, tendo participado de momentos importantes da vida cultural da capital baiana que contribuíram para a formação de sua consciência política. Nos carnavais, viajava para a casa de uma tia que residia no centro histórico de Salvador e, com isso, vivenciou o surgimento dos primeiros blocos afro⁵¹, que propagavam a valorização dos elementos culturais de origem negra.

Cursou graduação em Letras, durante a qual trabalhou dando aulas em cursos pré-vestibulares e escolas. Durante o curso aproximou-se de movimentos estudantis e do movimento negro. Cursou mestrado em Literatura Brasileira, se voltando para as literaturas brasileira e africana, e continuou dando aulas. Enquanto cursava o mestrado os pais se separaram. No ano de 2007 se mudou para Salvador a fim de começar a cursar seu doutorado na área de estudos raciais, foi quando criou seu canal no YouTube. A escolha por Salvador para cursar o doutorado resulta da proximidade da família e da identificação com as pessoas e a

⁴⁹ O banco, criado em 1964, deveria ser o gestor e financiador de uma política destinada a “[...] promover a construção e aquisição da casa própria, especialmente pelas classes de menor renda” (BRASIL, 1964), bem como a ampliar as oportunidades de emprego e dinamizar o setor da construção civil. A pedra angular do BNH era o Sistema Financeiro da Habitação (SFH), que tinha por finalidade principal prover recursos que garantissem a execução do Plano Nacional da Habitação. (BRASIL, 1964)

⁵⁰ Formação de segundo grau (atual ensino médio), que habilita para o exercício da docência na educação básica.

⁵¹ Os blocos afro ganharam força nos anos 1980, em meio à ascensão da Axé Music. São símbolos deste movimento blocos como o Afoxé Filhos de Gandhi, Ilê Ayê, Olodum, Araketu, Malê Debalê, Muzenza e Cortejo Afro.

cultura. Ela contou que sua vida amorosa teve início na cidade, e lá vivenciou um relacionamento que a marcou muito, enquanto cursava o doutorado.

O término do doutorado e retorno ao Rio de Janeiro demarcaram o fim do relacionamento, o que lhe gerou muito sofrimento. O sofrimento pelo término a levou à aproximação do candomblé. Ela associa o início da prática do candomblé e o início do seu canal no YouTube a momentos de transformação interna, o primeiro gerado pelo término e o segundo pelo início de seu doutorado.

Fátima cursou um doutorado-sanduíche nos EUA, no ano de 2010. Sobre esse período, relatou como marcantes o encontro com a cultura negra produzida no país e os aprendizados sobre a estética. Comprou livros em inglês que ensinavam sobre os cabelos crespos, e adquiriu muitos cosméticos para o rosto e os cabelos. Terminando seu Doutorado, voltou para o Rio de Janeiro, e depois de alguns anos foi aprovada em um concurso para atuar como professora universitária em uma instituição pública no estado da Bahia, para onde retornou e residia até o momento da entrevista.

3.2.5 *Antonietta*

Conheci-a em 2018, quando agendei um horário para ter meus cabelos trançados por ela, indicada por outra cliente sua. Na época, não pensava em entrevistá-la. Marcamos em uma sexta-feira de manhã, em uma pequena sala comercial alugada em um bairro periférico de Belo Horizonte, onde ela atendia à época. Eu era a primeira cliente do dia e quando cheguei ela ainda não estava lá, a sala estava fechada. Fiquei alguns minutos esperando na calçada até que a avistei se aproximando, agitada, carregando sacolas e ao mesmo tempo procurando a chave da sala, falando com a filha que a acompanhava e me cumprimentando.

É alta, tem o corpo gordo e a pele escura, utilizava uma peruca Lace Wig⁵² com cabelos cacheados castanhos e longos, era uma pessoa marcante e com uma expressão forte no rosto. Sua apresentação contrastava com a docilidade de sua fala e de seus gestos, especialmente com sua delicadeza na hora de trançar. Enquanto trançava meus cabelos contou que a filha, de 07 anos, sempre a acompanhava, e que as clientes gostavam da criança. Durante as três horas em que permaneci no salão, me falou sobre sua relação com sua religião (é candomblecista) e com o trançar, que ela considera uma atividade que carrega um profundo significado emocional e de formação de consciência racial.

⁵² Modelo de peruca com uma tela que imita o couro cabeludo e tem os fios costurados um a um, em busca de um efeito mais natural. Se tornou famosa após ser utilizada pela cantora Beyoncé.

Convidei-a para participar da pesquisa dois anos depois desse encontro, quando o mundo já estava imerso na pandemia de Covid-19. A entrevista foi on-line, depois de marcamos algumas vezes e ela precisar remarcar, devido a alguma emergência familiar ou problema pessoal. Quando conseguimos fazer a chamada pela internet, ela se apresentou muito bem arrumada, maquiada e com os cabelos soltos (utilizando novamente a Lace Wig), na sala de sua casa. No momento da entrevista tinha 38 anos de idade, estava casada e tinha três filhas e um filho. Ao longo da entrevista foi interrompida uma vez pela filha mais nova (que havia ficado sob os cuidados do mais velho), lhe pedindo biscoitos.

Nasceu em 1983, no contexto político em se configurava a abertura democrática, após a extinção do Ato Institucional nº 5 e assinatura da Lei de Anistia (Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979) e substituição do sistema bipartidário pelo pluripartidarismo, e a chegada à presidência de João Baptista de Oliveira Figueiredo. Essa década ficou conhecida como “década perdida”⁵³, devido às dificuldades econômicas que o país enfrentou, com o déficit público propiciado pelo aumento das dívidas interna e externa, retração da produção industrial e tentativas fracassadas de estabilização econômica.

Antonieta nasceu na cidade de Belo Horizonte, onde residiu com o pai, a mãe e nove irmãos e irmãs até os três anos, quando o pai se mudou de casa após se separar da mãe. Ela só o viu novamente depois de adulta. A infância foi financeiramente difícil. A mãe trabalhava em uma fábrica, mas ela não se recorda qual era sua ocupação. Quando tinha nove anos a mãe faleceu, e a irmã mais velha se tornou a cuidadora da família. Antonieta estudou até o segundo ano do ensino médio, quando parou os estudos em razão de uma gravidez não planejada. Na ocasião, foi morar com um irmão e sua esposa, e começou a trabalhar em um grupo afro de percussão que desenvolvia um projeto social oferecendo aulas de música e dança para a comunidade.

Nesse grupo fez aulas de capoeira, dança e canto, e aprendeu sobre consciência racial. Teve a oportunidade de viajar para diversos lugares se apresentando com o grupo de dança e fez duas viagens para fora do país, para se apresentar em Angola, na África. Com a esposa do irmão aprendeu o ofício de cabeleireira trançista. Ela atendia clientes em casa e Antonieta a observava. Depois de um ano começou a trançar e receber suas primeiras clientes. Trabalhou em alguns salões étnicos onde desenvolveu suas habilidades. Quando engravidou pela segunda

⁵³ Apesar dos percalços econômicos, foi nessa década que eclodiram movimentos sociais e surgiram novos sujeitos coletivos com os sindicatos e suas greves, o clube de mães, a teologia da libertação e o movimento sanitarista (SADER, 2001).

vez, preocupada em expandir seus rendimentos, resolveu abrir seu negócio próprio e alugou um espaço onde pudesse atender sua clientela.

A pandemia fez com que, em 2020, ela fechasse o espaço que alugava para trabalhar e voltasse a atender em casa, fato de que se ressentia, devido à exposição à doença que precisou submeter a si mesma e sua família (até o momento da entrevista ninguém de sua família havia adoecido). Ela recebeu o auxílio governamental, porém o valor foi insuficiente para manter a família. Seu marido, serralheiro, com quem ela vive há oito anos, se manteve trabalhando. Atualmente, sua rotina se divide entre o cuidado da casa, das filhas e filhos, e o trabalho.

3.2.6 Ivone

A conheci na casa de umbanda que eu frequentava, na região Noroeste de Belo Horizonte. Ela era uma participante ativa da religião, durante as reuniões atuava como “assistência”, cargo em que as pessoas realizam tarefas diversas, como pegar algo que foi solicitado pelas entidades espirituais, passar informações para os/as visitantes ou organizar o espaço.

Tem o corpo gordo, a pele escura e altura mediana. Utiliza os cabelos no estilo natural, curtos e volumosos. O convite para que ela fosse entrevistada ocorreu durante a pandemia, de forma que a entrevista ocorreu on-line. Se apresentou à videochamada utilizando os cabelos trançados em tranças longas e soltas. Se encontrava em um cômodo que aparentava ser a sala de sua casa, seu filho e sua filha transitavam por ele ao longo da entrevista e participaram em alguns momentos, ajudando com a câmera que parou de funcionar em um momento ou ajudando-a a se lembrar o nome do livro de que gostava.

No momento da entrevista, tinha 38 anos e estava solteira. Ela, o filho de 13 anos e a filha de 17 residiam em uma casa construída no andar de cima da casa de sua mãe. Abaixo, a mãe morava com a única irmã de Ivone. Residiam em Betim, Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ela se lembra pouco de sua infância, que foi conturbada, marcada pelo alcoolismo do pai, um carpinteiro que tinha muitas dificuldades de se manter nos empregos que conseguia. A mãe, Técnica em Química, era servidora pública, o que garantia um certo equilíbrio à renda familiar. Preocupava com o futuro econômico da filha, a mãe investiu em sua educação desde cedo. Já no ensino fundamental, matriculou-a em uma escola particular. A escola era longe de onde moravam, mas perto do local de trabalho da mãe, por isso, ela era encarregada de levar e buscar Ivone diariamente.

No Ensino Médio, mudou-se para uma escola do Serviço Social da Indústria (SESI)⁵⁴, onde fez o Curso Técnico de Informática. Enquanto cursava o ensino médio, conheceu seu primeiro namorado, aos 15 anos. Se formou no curso de graduação em Comunicação Social. Mais tarde, conheceu seu segundo namorado e engravidou da filha. Se relacionaram durante oito anos, em um relacionamento conturbado com muitas idas e vindas. Moraram durante seis meses na cidade de Curitiba (PR), para onde se mudaram à procura de melhores oportunidades de emprego, porém não encontram condições melhores que as de Belo Horizonte.

Ivone tem uma relação muito próxima com a filha e o filho e se ressentiu de, durante a pandemia, não poder fazer seu programa preferido: leva-los ao cinema. No momento da entrevista atuava como vendedora em uma loja de acessórios automobilísticos.

3.2.7 *Maria*

Nasceu em 1985, fazendo parte da geração que pode ser chamada de pós ditadura militar, no contexto da redemocratização e da garantia universal da cidadania garantida pela Constituição (1988). É natural de Conselheiro Lafaiete, no estado de Minas Gerais, cidade onde viveu até parte da juventude com a mãe, um irmão dois anos mais velho, uma irmã um ano mais nova e uma prima, que foi acolhida pela mãe como se fosse filha. Seu pai, bem mais velho que a mãe, teve quatro filhos com a primeira esposa, dos quais dois estão vivos e não mantém contato com Maria. A miscigenação da família ocupa um grande espaço em suas ponderações, tendo sido a primeira informação que ela trouxe. Ela afirmou ser uma família de origem materna negra e paterna branca, e com esta parte branca da família ela não mantém contato. Ela, a irmã e os irmãos se parecem fisicamente com a mãe, são pessoas negras. A irmã é um pouco mais clara que ela e possui o cabelo cacheado, e o irmão tem a pele negra e o cabelo crespo que ele usa “batidinho”(um corte bem curto, feito com cortador de cabelo elétrico).

Ela ressalta que eles são negros apesar da pele clara. A mãe não se entendia como negra, por também ter a pele clara, e o assunto da racialidade não era abordado no ambiente familiar, o que fez com que durante muito tempo esse fosse um enigma para Maria. Na escola, era alvo de ofensas devido ao seu cabelo crespo e volumoso. Os colegas diziam que ela tinha cabelo ruim, cabelo de vassoura e de bruxa. Ela ouvia de colegas e da professora que devia utilizar seu cabelo trançado, devido ao volume e pra evitar piolhos.

⁵⁴ Trata-se de uma instituição privada que oferece ensino médio integrado ao técnico. O SESI foi criado em 1946, com o intuito de melhorar a qualidade da educação e elevar a escolaridade dos brasileiros.

No início dos anos 2000, foi aprovada no curso de graduação em História em universidade em um município próximo a Belo Horizonte, para onde se mudou. A escolha pelo curso foi influenciada pela acessibilidade do vestibular e pela perspectiva de empregabilidade após a formação. Na faculdade, se envolveu em um projeto de extensão com um professor Angolano e teve contato pela primeira vez com leituras acadêmicas sobre raça e racismo, o que a levou a começar a se identificar enquanto pessoa negra.

Na faculdade também conheceu seu marido, com quem se casou em 2013. Apesar de ter se identificado com o curso de História não chegou a exercer a profissão, após se formar foi aprovada em um concurso público de nível médio na prefeitura de Belo Horizonte e se mudou juntamente com o marido para esta cidade, onde ainda reside. Em 2013 foi aprovada em outro concurso público, para o cargo de assistente em administração em uma autarquia federal e continua atuando neste cargo.

3.2.8 *Conceição*

Tem estatura baixa, pele escura e cabelos crespos na altura dos ombros. Gosta de usar sapatos de saltos e se veste de forma elegante. Conheci-a no ano de 2003, enquanto cursávamos o ensino médio em uma escola pública na cidade de Belo Horizonte. Na época, ela usava os cabelos alisados, na altura dos ombros. Apesar de nunca ter se envolvido com movimentos raciais, sempre afirmou seu pertencimento racial. Ainda assim, não sentia necessidade de parar de alisar os cabelos, mesmo no início dos anos 2000, quando surgiu grande efervescência em torno do assunto. Quando grávida, brincava que sua filha teria os cabelos iguais ao de uma participante do Programa Big Brother Brasil chamada Talula. Essa participante tinha os cabelos extremamente lisos e longos. A comicidade da fala vinha de que tanto ela quanto o marido são pessoas negras retintas e de cabelos crespos. A fala, que naquele momento era cômica, mudou de sentido, quando sua filha, aos 05 anos, começou a pedir à mãe para que alisasse seus cabelos.

A filha acompanhava Conceição em suas idas semanais ao salão de beleza improvisado no quintal de uma amiga. Via a mãe e outras mulheres tendo os cabelos lavados e puxados, ouvia as conversas e muito rapidamente quis também fazer parte daquele mundo. Foi isso que levou Conceição a decidir parar de alisar os cabelos. Ela não queria que a filha também ficasse “presa” à rotina de procedimentos e sofrimentos, nem que desenvolvesse sentimentos negativos sobre si mesma. Assim, no ano de 2013 parou de alisar. A escolha por entrevistá-la surgiu da necessidade de compreender esse episódio e sua relação com a trajetória progressiva da entrevistada.

Tinha 35 anos de idade no momento da entrevista, era casada e a filha tinha dez anos. É formada em Pedagogia, muito extrovertida e bem-humorada, e muito envolvida com a religião: faz parte da Igreja Católica. Passou a infância em um bairro pobre da região Nordeste de Belo Horizonte. Quando tinha 01 ano de idade, seu pai e sua mãe, que haviam se amasiado, se separaram e ela e a mãe se mudaram para um barracão de dois cômodos nos fundos do terreno onde moravam a avó, o avô e suas três tias. A mãe, manicure, atendia as clientes na casa da avó, que era um pouco maior que a delas.

Quando Conceição tinha 13 anos, em 1998, sua mãe começou a apresentar sintomas de uma doença respiratória. Enquanto essa doença ainda era investigada, ela faleceu, de forma inesperada, descobriu-se, posteriormente, que devido a insuficiência renal. Essa perda foi um marco para ela, e representou uma grande sensação de solidão, já que não mantinha contato com o pai, que havia se mudado para o Sul do país. Ela passou a morar na casa da avó. Ainda que tivesse essa parcela da família, com a qual tinha boas relações e lhe oferecia suporte financeiro e emocional, ela sentiu que precisava aprender a se virar sozinha.

A avó a inscreveu em alguns cursos rápidos de formação técnica, como o curso de secretariado. Também investiu em sua formação levando-a a estudar, durante o ensino médio, em uma escola pública reconhecida por sua qualidade, apesar da escola ficar distante de sua casa, na Região Centro-Sul da cidade. Conceição também se preocupava em criar sua própria fonte de renda. Começou a procurar emprego e, aos 14 anos, teve sua primeira experiência, atuando com a emissão de carteiras estudantis.

Aos 15 anos, começou a trabalhar como atendente e operadora de caixa em uma loja de utilidades, por meio de um convênio estabelecido entre sua escola e a loja. Estudava no período da manhã e passava o restante do dia no trabalho. Com o dinheiro recebido neste primeiro emprego, deu entrada na compra de um apartamento, ainda na planta, no município de Ribeirão das Neves (MG). Ainda que tivesse um grande senso de responsabilidade, separava algum tempo de sua vida ao lazer. Nos finais de semana, gostava de ir a casas de samba e a shows. Foi em uma casa de samba que conheceu seu primeiro namorado, que veio a se tornar seu marido e pai de sua filha.

Enquanto ainda vivia o luto pela mãe, começou a se interessar pelo conteúdo de uma rede de televisão por meio da qual conheceu as comunidades católicas⁵⁵, que tiveram grande

⁵⁵ As comunidades católicas fazem parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Nelas, as missionárias e missionários vivem de forma comunitária e dedicam sua vida completamente às atividades religiosas e ao evangelismo.

impacto na sua vida. As comunidades representaram para ela, o encontro com uma nova família. Para fazer parte, ela chegou a cogitar o celibato, ainda que esta não seja uma exigência em todas as comunidades. Antes de decidir pela entrada na comunidade, as pessoas passam pelo “caminho vocacional”, um tempo de preparo e aprendizagem sobre a vida comunitária. O “caminho” pode durar meses e foi durante esse tempo que Conceição teve contato com o cuidado de crianças. Participou de uma atividade religiosa cuidando de crianças de pessoas que frequentavam a igreja e a atividade a encantou de tal forma que ela decidiu dedicar sua vida a ela, acreditando que esse seria seu verdadeiro chamado espiritual.

Resolveu, então, cursar Pedagogia, porém, após ser reprovada no Vestibular, se decidiu por fazer o curso Normal, que também habilita para a docência. Depois de ter finalizado o curso e já dando aulas, foi aprovada em uma universidade pública e se graduou em Pedagogia. Em 2018, foi aprovada em um concurso público e começou a dar aulas em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Em 2017 ela se tornou diretora da EMEI e até o momento da entrevista ainda ocupava este cargo.

3.2.9 Iza

Esta interlocutora se ofereceu para ser entrevistada após saber do tema da pesquisa, pois segundo ela, sua relação com o cabelo era contraditória: não o rejeitava, mas também não o aceitava. No momento da entrevista, tinha 33 anos, era casada e sem filhos. Nasceu e cresceu na região Sudoeste de Belo Horizonte.

Sua família reside na mesma região desde a geração da avó, que foi uma das fundadoras do bairro e devido a isso é bastante conhecida. Trata-se de uma família muito unida e sociável. Quando do nascimento de Iza, sua mãe e seu pai mantinham um relacionamento, mas nunca chegaram a morar juntos ou se casar. Ela morava com a mãe, a avó e os tios, e passava alguns períodos com o pai, na casa da avó paterna. As casas da mãe e do pai ficavam a um quarteirão de distância. Quando ela tinha 08 anos, a mãe se envolveu em um relacionamento com outro homem e passaram a morar juntos, no mesmo bairro. Iza era uma criança muito ativa, ainda na infância começou a dar aulas de reforço para outras crianças do bairro, e utilizava o dinheiro que recebia para comprar objetos pessoais para si, como cosméticos e doces.

Iniciou a graduação em Direito em 2006, em uma universidade pública em Belo Horizonte. Nesse período começou a namorar um colega de turma, que posteriormente se tornou seu marido. Diferentemente de Iza, ele provinha de uma família de classe média alta, com pais de nível universitário. Por causa dele, teve informações sobre um intercâmbio

internacional para aprender a língua inglesa e trabalhar, e passou seis meses nos Estados Unidos por meio de uma agência.

Após obter a graduação, atuou durante alguns anos como advogada e como técnica social junto a adolescentes, atuando com medidas alternativas⁵⁶. Buscando estabilidade propiciada pelo serviço público, ela e o marido prestaram concurso para o cargo de auxiliar administrativo em uma autarquia federal. Tanto ele quanto ela foram chamados por este concurso. Depois de atuar durante alguns anos no cargo, ela foi convidada a assumir um cargo comissionado na área de ações afirmativas, na mesma instituição. Ainda que se sinta feliz com o cargo e com a ascensão em sua carreira, se ressentiu de que a área de ações afirmativas não seja tratada com tanta seriedade quanto outras áreas da instituição e de que os cargos de liderança ocupados por pessoas negras na instituição se concentrem nessa área.

3.2.10 Sheron

Foi indicada para participar da entrevista por sua tia, minha colega no curso de pós-graduação. Após saber do tema da minha pesquisa, a tia me contou que possuía duas sobrinhas gêmeas, e que uma delas resolveu parar de alisar os cabelos e a outra não, o que, ela acreditava, poderia ser interessante para a pesquisa.

Encontrei-me com Sheron em uma sala de aula da UFMG, a seu pedido. Quando a conheci, ela havia se formado no curso de graduação em História e queria ingressar no curso de Mestrado em História, então acabei lendo seu pré-projeto e conversamos sobre ele antes da entrevista. Seu tema girava em torno do feminismo, um assunto de bastante importância para ela.

É de estatura baixa, magra, tem a pele parda clara e os cabelos castanhos com cachos abertos, em tamanho longo. Tem uma aparência doce e delicada, que contrasta com sua personalidade forte e alguns piercings no rosto e orelha que talvez sirvam para expressar o lado de sua personalidade que gosta de questionar as normas. Tinha 25 anos no momento da entrevista. Ela e sua irmã gêmea nasceram em 1995, no contexto histórico de início do plano real, dois anos depois da renúncia do ex-presidente Fernando Collor de Melo em meio à votação de um pedido de *impeachment*. Passou pela infância e juventude no contexto dos governos petistas, marcados por programas de inclusão social.

⁵⁶ Medida alternativa é um instituto legal que permite à autora/ao autor de infração de menor potencial ofensivo o cumprimento de pena não privativa de liberdade.

Sheron cresceu em um bairro pobre na região Leste da cidade de Belo Horizonte. Além da irmã gêmea possui outros dois irmãos, mais velhos. Começou a trabalhar durante o ensino médio, buscando independência e autonomia. Durante seu curso de graduação se mudou para uma cidade no interior de Minas Gerais e com o fim do curso, retornou a Belo Horizonte. No momento da entrevista residia com a irmã gêmea e o irmão mais velho e trabalhava como professora da rede pública de ensino no município de Sabará.

3.2.11 Tereza

É alta, de pele escura, com cabelos cacheados, castanhos e longos. É imponente na fala e tem a voz segura, sugerindo uma personalidade forte, e o conteúdo de suas falas condizem com essa impressão. Se apresenta como uma pessoa decidida, independente e bem resolvida. A conheci por meio de um grupo que ela administra na rede social Facebook⁵⁷. O grupo tem como tema principal a Transição Capilar, suas postagens giram em torno de compartilhamento de histórias e depoimentos sobre o tema e de ensino de técnicas capilares.

A entrevista foi realizada on-line. Ela reside na cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, onde nasceu. Essa cidade possuía, em 2017, cerca de 1,7 milhão de habitantes. Cresceu na região periférica da cidade, juntamente com sua mãe, doméstica, que, apesar de oficialmente aposentada, continua trabalhando; o pai, que não desenvolve atividade profissional; e a irmã. Durante sua infância, residiram em uma casa alugada e posteriormente adquiriram um terreno onde construíram duas casas: uma para a família nuclear de Tereza e outra para sua avó. Sua mãe, de origem baiana, migrou para a cidade de São Paulo com o pai e a mãe, aos quatorze anos, em busca de melhores condições de vida, e posteriormente se mudou para a cidade de Ribeirão Preto.

Tereza cresceu em meio a um drama familiar: devido ao alcoolismo, o pai não conseguia se manter empregado e, segundo ela, a avó paterna incentivava seu vício lhe fornecendo bebidas quando ele não tinha dinheiro para comprar. Quando ela tinha 18 anos de idade, ele parou de trabalhar e não conseguiu mais voltar, o que gerou conflitos familiares e afastamento entre pai e filha (ela disse que hoje a relação com o pai, que mora na mesma casa que ela, se restringe a cumprimentos).

⁵⁷ Segundo o Facebook, “[o]s grupos são espaços para as pessoas conversarem sobre interesses em comum. É possível criar grupos para qualquer coisa, como reuniões de família, equipes esportivas com os colegas de trabalho e clubes de leitura” (FACEBOOK, c2022).

Estudou em escolas públicas ao longo de seu ensino básico e, aos 12 anos de idade, começou a participar do programa Escola da Família⁵⁸ em que tinha aulas de balé aos finais de semana, ministradas por uma estudante de graduação em Educação Física. Participou do programa durante dois anos, até que esta estudante se desligou. Tereza contou que gostava muito do balé.

Ela retomou seu contato com a dança aos 20 anos, quando a mesma pessoa que lhe dava aulas no projeto escolar adquiriu uma escola de dança e convidou-a para fazer parte. Ela trabalhava na recepção da escola e com isso não pagava pelas aulas. Devido à jornada dupla, passava muito tempo na escola, saindo de casa de manhã e voltando a noite. Além disso, a escola ficava em um bairro de classe média, e foi a primeira vez em que ela teve contato com essa parte da cidade. O grande empenho que a dança lhe demandava gerou conflitos em seu namoro, e culminou no término.

Aos 22 anos se afastou da dança novamente, devido a outro relacionamento. Ela e o novo namorado resolveram se mudar para a cidade de São Paulo à procura de emprego. Entretanto, o relacionamento foi conturbado e seis meses depois da mudança o relacionamento teve fim, quando, então, ela retornou para Ribeirão Preto e instalou-se novamente na casa dos pais. Pouco tempo após seu retorno, a proprietária da escola de dança faleceu e ela não se aproximou mais da escola. Seguiu sua carreira dando aulas particulares de dança para crianças e montando coreografias para apresentações.

Paralelamente à dança, mantinha seu grupo no Facebook, que lhe demandava tempo, pois costumava estudar sobre assuntos relacionados ao mundo capilar para produzir conteúdo e, além disso, respondia muitas mensagens que recebia das participantes. Sua atuação no grupo lhe rendeu participação em duas campanhas oficiais promovidas pela rede social, das quais ela se orgulha de ter participado. Nelas, foram produzidos vídeos, nos quais ela aparece, apresentando informações sobre o tema da transição capilar. Estes vídeos foram dois momentos raros em que ela mostrou sua imagem na internet, pois, diferentemente de outras produtoras de conteúdo, ela não costuma postar imagens suas. Ainda que desejasse, não conseguiu transformar a produção de conteúdo na internet em uma fonte de renda, ela diz que não recebe convites de patrocinadores.

No momento da entrevista, a cidade de Ribeirão estava em isolamento social com todos os comércios fechados devido à pandemia de COVID-19, portanto ela não podia dar aulas,

⁵⁸ O Programa foi criado em 2003 pela Secretaria da Educação de SP, e proporciona a abertura de escolas da rede estadual de ensino aos finais de semana, quando profissionais da educação, voluntários/os e universitários/os desenvolvem projetos alinhados à proposta pedagógica da unidade escolar (FDE, c2022).

estava retirando sua renda do auxílio governamental, de poucas consultorias on-line que oferecia para pessoas em transição capilar, e de algumas aulas particulares que dava esporadicamente.

3.3 Infâncias

A socialização primária, que segundo Beger e Luckamn (1985) é a introdução do indivíduo no mundo objetivo, acontece na infância, quando se dão as primeiras interações e a formação das primeiras percepções. Quando perguntadas sobre esse período de suas vidas, a maior parte das interlocutoras narrou infâncias difíceis, com instabilidades financeiras, violência doméstica, muitas mudanças entre casas de aluguel, afastamento ou falecimento de um ou mais genitores ou genitoras.

Duas das interlocutoras, Ivone e Conceição, não conseguiram se lembrar de muitos eventos relacionados ao período, ao contrário de Carolina e Elisa, que se lembravam muito bem de seus passados, até mesmo das situações mais difíceis, com riqueza de detalhes. Isso pode ter ocorrido em decorrência de ambas serem as duas participantes mais velhas, e terem tido mais tempo para refletir e relembrar do passado. No caso de Carolina, pode ser resultado também do fato de ela se submeter a terapia psicológica há muitos anos.

Tendo em vista a importância da infância para a formação das pessoas, nessa seção se apresentam alguns aspectos deste período, como a família, os lugares de moradia, entre outros.

3.3.1 *Genitoras*

Todas as interlocutoras conviveram com as mães biológicas durante a infância. Antonieta foi a que conviveu por menor tempo, devido ao seu falecimento quando ela tinha 09 anos. As mães aparecem como as principais responsáveis pelo cuidado e educação das interlocutoras. Em todos os onze relatos, elas são apresentadas como mulheres fortes, exigentes e trabalhadoras.

A minha mãe era dona de casa, cuidava da casa, cuidava da gente, era muito batalhadora também, sabe? Muito... cuidava bem da casa, gostava das coisas bem organizadas. A minha mãe era muito pontual. A referência que eu tenho dela é assim: “Comprou, tem que pagar!”, sabe? (RUTH).

As mães possuíam redes de apoio escassas, trabalhavam fora e dentro de casa⁵⁹, atuavam em ocupações desvalorizadas e mal remuneradas, como: empregada doméstica (mãe de Tereza) ou dona de casa (mãe de Ruth) e, em muitos momentos, precisavam fazer do lar o espaço de trabalho, como aconteceu com a mãe de Conceição, manicure. As que ocupavam posições ocupacionais menos desvalorizadas eram as mães de Antonieta e Fátima, respectivamente Técnica em Química e Professora do Ensino Básico, sendo que a primeira se configurava como o arrimo da família, garantido sua renda estável.

As mães se preocupavam com o asseio das filhas e da casa, em evitar “más companhias” e faziam um acompanhamento detalhado das rotinas das crianças. Estão ligadas ao campo das regras e da regulação (do corpo e da mente) (LAHIRE, 1997). A única interlocutora que revelou uma característica da mãe que não está ligada unicamente ao cuidado ou à regulação foi Tereza. Ela se referiu à mãe como uma pessoa engraçada. Quando falou sobre essa característica, também contou que ela é de origem nordestina, ligando as duas coisas. Nas demais, os traços que mais apareceram passam a ideia de rigidez e seriedade.

Essa rigidez é contraposta por situações em que elas revelam as fragilidades das mães, normalmente no campo das relações afetivas. Ivone descreveu sua mãe como uma pessoa “passiva” quando se tratava da relação com o pai, com quem tinha uma relação conflituosa.

Ao mesmo tempo que ela é uma heroína, assim, por ter acontecido diversas... né, assim, arcando com todos os filhos, arcando com estabilidade emocional, ao mesmo tempo, eu via assim uma submissão muito grande, porque ela poderia ter saído disso e não tinha condição social mesmo de sair dessa situação (IVONE).

Porém, no trato com a filha, ela era extremamente ativa, investiu em seu futuro profissional, levando-a a estudar em uma escola particular mesmo em meio à instabilidade financeira da família e depois, quando ela ingressou no curso de graduação, a impediu de mudar de curso ou de abandoná-lo quando ela apresentou essas vontades.

De forma geral, as mães aparecem como protagonistas das narrativas familiares. As avós, quando citadas, aparecem com um perfil semelhante ao das mães, de pessoas proativas. A avó de Carolina, por exemplo, aos 14 anos comprou um terreno em Belo Horizonte e logo depois migrou sozinha para a capital do estado do Rio de Janeiro à procura de emprego, para ter condições de pagá-lo. As avós ocupam o lugar de suporte material para as mães após

⁵⁹ Ainda que apartado do reconhecimento como trabalho produtivo, o trabalho desenvolvido no espaço privado pelas mulheres, materno e doméstico, é considerado por Silvia Federici (2019) como um suporte necessário ao trabalho assalariado. Para a autora, o trabalho das mulheres é visto como um “recurso natural”, disponível gratuitamente, sem necessidade de compensação.

separações (sete das interlocutoras são de famílias separadas ou em que o pai e a mãe não chegaram a viver conjuntamente), é para casa delas que normalmente se mudavam e onde permaneciam.

3.3.2 *Genitores*

Cinco das interlocutoras tiveram pouco ou nenhum contato com os pais biológicos ao longo da vida. Entre as que moraram com os pais, três relataram conflitos familiares, alcoolismo e/ou violência doméstica. Fátima nomeou a própria família como “emocionalmente esfacelada”. Ela conviveu durante anos com a violência doméstica vinda do pai. O pai de Ivone, classificado por ela como alcoólatra, tinha dificuldades de se manter empregado, alternando entre empregos e levando a família a inúmeras instabilidades financeiras.

O pai de Ruth apresentava um perfil diverso desses, sendo uma figura que a apoiava e incentivava, apesar de não estar muito presente em casa devido ao trabalho como maquinista.

O meu pai trabalhava muito, viajava, aí depois ele aposentou... Ele era uma pessoa muito boa. A referência que eu tenho dele é o trabalho, sabe? Sempre trabalhou muito (RUTH).

O meu pai me passou isso, sabe? E ele sempre me fez acreditar que eu podia ir à frente. Ele me falava: “Que curso você quer fazer?” Sempre me incentivou a estudar. Aí eu falei: “Ah, eu quero fazer contabilidade”. E aí ele falava: “Ah, então vai fazer contabilidade, vai ser bom! (RUTH).

Diante da ausência do pai, Carolina teve um tio que atuou como cuidador em alguns momentos. Ele a acompanhava em eventos da escola, por exemplo. Fátima encontrou no avô materno essa figura, ele a ajudava nos estudos e conversava muito com ela.

As participantes evitaram demonstrar os sofrimentos gerados pela relação conflituosa com os pais na infância, porém é possível perceber o impacto gerado em suas vidas, pelas dificuldades que esses relacionamentos apresentam ainda em suas vidas adultas. Antonieta, por exemplo, reencontrou o pai depois de adulta, fez uma visita a ele, mas optou por não continuar mantendo contato. Carolina, quando informada sobre a morte do pai, sete anos antes da entrevista, preferiu não ir ao enterro. Conceição evitou falar do pai ao longo da entrevista.

A presença de homens em suas vidas de forma geral é escassa, seja na família ou em outros ambientes. Ivone, depois de adulta, passou a residir em uma casa no mesmo lote que outras três mulheres e um homem (a mãe, a irmã, a filha, e o filho). Carolina cresceu com a

mãe, a irmã e a avó. Iza residia na casa da avó juntamente com a mãe e o irmão. Conceição, após a morte da mãe, foi morar com a avó, as três tias e o avô.

Somente Elisa apresentou o pai como uma figura forte, essencialmente positiva e presente em sua vida. Relatou com orgulho o fato de ele ser autodidata e muito inteligente e que, apesar de não ter tido acesso à instrução formal, entendia de matemática e de política.

3.3.3 *Moradias*

Sobre as casas em que residiram (e algumas ainda residem), as descrições mais frequentes são de espaços pequenos, com poucos cômodos e poucos móveis. Elas auxiliavam na limpeza e arrumação e tinham a tarefa de zelar pela manutenção da organização. Ivone, que tem poucas lembranças de sua infância, se recorda com detalhes da última casa em que morou com a família, quando os pais compraram um terreno. Eles se mudaram para o terreno quando a casa ainda estava em construção, sem acabamento e com poucos móveis. O que mais a marcou é a imagem da casa vazia, da qual ela gostava porque lhe trazia a sensação de amplitude. Ela disse que a casa parecia ser muito grande, espaçosa, vista por seu olhar infantil. Elisa só passou por duas mudanças de casa ao longo da vida, da favela para uma casa no asfalto, em um bairro próximo. Sua mãe decidiu se mudar porque temia que as duas filhas sofressem violência sexual na favela.

3.3.4 *Asseio*

O asseio é uma peça importante das culturas familiares estudadas e é assimilado rapidamente pelas crianças. Além do asseio com a casa, também é primordial o asseio do corpo, que precisava estar limpo, com roupas bem cuidadas e o cabelo penteado. O asseio tem a ver com um controle de como o corpo e a casa serão vistos pelas pessoas e aparece de forma quase obsessiva em alguns casos.

Como exemplo do papel que o asseio assumia, há uma situação vivenciada por Carolina com relação ao uso dos seus cabelos. Ela contou que utilizava os cabelos trançados rotineiramente, pois esse era um penteado considerado “arrumado”. Com o tempo, as tranças iam ficando frouxas e vários fios se soltavam, indicando que o cabelo precisava ser retrançado. Aos dez anos, para evitar que um primo a visse com as tranças desgastadas, o que seria considerado um desleixo, chegou ao extremo de cortar os cabelos.

E eu lembro de uma vez que chegou um primo nosso em casa, que eu não lembro exatamente que idade que eu estava, 10 anos, ou menos, e eu morri de vergonha, porque para mim, meu cabelo tava descabelado, porque o jeito que ela [a mãe] trançava durava uma semana, porque a gente dormia de lenço na cabeça né, pra não atrapalhar, para ir para escola, porque ela não tinha tempo de trançar todos os dias. E aí eu lembro que eu tentei destrançar em torno e não consegui, e eu sabia que se eu fosse para ela, ela, ela brigaria comigo. [...] Aí, eu passei a mão na tesoura e cortei. Cortei bem rente. Tá, aí fui pro meu primo, conversando e tudo. Depois disso, no outro dia era dia de cortar cabelo, minha mãe notou que estava esquisito, mas, e doía, estava muito dolorido isso aqui. E falou: “Não, porque que esse cabelo seu, porque que tá tão dolorida sua cabeça?”. Eu: “Ai mãe, não mexe não, ai mãe, não mexe” [risos]. Dias depois ela foi limpar a casa e varreu debaixo da cama, ela puxa um pente né, com, cheio de cabelo aí brigou, bateu, porque eu tinha cortado o cabelo... (CAROLINA).

O cuidado com os cabelos é essencial na regulação do corpo (isso será aprofundado em outra seção).

3.3.5 *Brincadeiras*

Brincar é uma atividade infantil que envolve experimentação, desenvolvimento da criatividade e estreitamento de vínculos com os pares e o grupo. As brincadeiras infantis compõem o desenvolvimento das crianças nos aspectos cognitivos, afetivos, sociais e morais (FINCO, 2016). A sociologia da infância observa o papel do brincar na transmissão de conteúdos compartilhados, tendo a função de ensinar às crianças sobre seu meio, sobre as instituições e sobre papéis sociais (FINCO, 2016). Está relacionado, também, com a aprendizagem de papéis de gênero (JUCÉLIA RIBEIRO, 2006).

Denise Cruz (2017) relacionou, ainda, as brincadeiras à construção de representações raciais. Ela citou crianças negras, que comumente brincavam com bonecas loiras e brancas, diferentes delas. Algumas utilizavam as bonecas como ideal do que deveriam ser, e se frustravam por não se enxergarem nos brinquedos; outras modificavam as bonecas para que se parecessem com elas. As bonecas tinham o papel de “objetos-espelho” (CRUZ, 2017) para as crianças. O brincar pode estar relacionado com a formação ativa de gostos, e pode mostrar que as crianças não são passivas na sua apropriação dos objetos e que eles se relacionam com sua compreensão do mundo, que influenciará em suas vidas adultas.

Entre as interlocutoras, as brincadeiras tradicionalmente consideradas “de menina”, como bonecas e casinha, não apareceram com frequência. As brincadeiras de que gostavam eram voltadas principalmente para o universo dos estudos, da leitura e da escrita. As principais brincadeiras citadas foram: aulinha, ler fotonovelas, escrever, secretária, brincadeiras de rua, subir em árvore, colecionar papéis de carta, queimada, rouba bandeira e caí no poço. Ruth

começou a brincar com uma máquina de escrever feita de papelão, depois de ver secretárias atuando em escritórios e consultórios médicos.

A brincadeira de casinha foi citada somente por uma interlocutora, Ivone, e a de boneca somente por Conceição, que brincava com a boneca Barbie. Não foram descritas brincadeiras relacionadas a casamento ou relacionamentos amorosos. Ou essas fantasias não estiveram presentes ou não foram muito significativas, por isso elas não se lembram.

3.3.6 *Amadurecimento precoce*

As infâncias conturbadas levaram parte das interlocutoras (de forma pronunciada Carolina, Fátima, Ivone e Conceição) a agirem de forma adulta precocemente, assumindo responsabilidades nas famílias e lidando com grandes cargas emocionais. Ruth, antes dos 14 anos já trabalhava como babá, embora a família não passasse por grandes dificuldades financeiras. O trabalho teve a ver com sua vontade de se tornar independente.

A morte da mãe, aos 13 anos, marcou a vida de Conceição de tal forma, que ela sentiu que a levou a se tornar adulta muito rapidamente.

Então, quando aconteceu essa questão da morte da minha mãe, parecia que eu era uma pessoa quando a minha mãe estava viva e, quando eu acordei desse susto todo, velório, daquela coisa, eu era outra pessoa. Então, a minha mentalidade parece que fez assim, ó! Então eu já pensei mesmo em tomar conta de mim sozinha, de resolver as minhas coisas... Porque eu já não tinha mais ninguém (CONCEIÇÃO).

Como seu pai era ausente, a morte da mãe representou a completa ausência de genitores. Ela se tornou independente e autônoma e fez isso sem ajuda externa.

Então, foi mais nesse propósito aí. Sem entender mesmo como que funcionava, sem ter mesmo conselho de ninguém, sem ter nada; é só pela vontade mesmo ali de quê? De me virar: “Agora eu vou ter que me virar” (CONCEIÇÃO).

Ela começou a se planejar para trabalhar e comprar sua casa própria enquanto ainda cursava o ensino médio. Para conseguir o primeiro emprego precisou ser muito proativa. Todos os dias na saída da escola (um colégio na Região Centro-Sul de Belo Horizonte), passava em frente a uma central de estágios, onde entrava e procurava por uma vaga, até conseguir seu primeiro emprego como vendedora e operadora de caixa em uma loja de presentes. Outro aspecto importante de sua passagem precoce para a vida adulta foi a identificação com a

comunidade Canção Nova⁶⁰. A religião a ajudou a passar pelo luto e lidar com as dificuldades de precisar se virar sozinha, se tornando um lugar de apoio e acolhimento.

Então, aquilo ali, para mim, sempre encheu o meu coração de alegria, estar naquele ambiente, sabe, de fazer a diferença, de trabalhar mesmo. Porque na comunidade você trabalha por uma missão. Então eu acho que foi isso que me chamou muito atenção. Mas você pode trabalhar para uma missão sem estar numa comunidade, né? A comunidade também era uma forma de encontrar um sentido, um propósito pra sua vida (CONCEIÇÃO).

O amadurecimento precoce das interlocutoras supre lacunas deixadas por cuidadoras e cuidadores adultos, sejam a figura materna ou paterna, sendo mais comum a paterna, como foi o caso de Carolina. Após a separação dos pais, ela ficou incumbida de ir uma vez ao mês ao trabalho do pai para receber dele um vale alimentação que era usado para as despesas familiares. Quando o pai solicitou judicialmente o desquite da mãe, foi Carolina quem o procurou para discutir o assunto, já que ele e a mãe não conversavam entre si. Ela passou a infância se deslocando a pé entre bairros da cidade, mediando conflitos entre genitora e genitor e resolvendo outras questões familiares.

Elisa precisou lidar sozinha com uma situação de racismo quando criança (essa situação será explorada posteriormente), em que nenhum adulto interveio. Antes disso, ela aprendeu a ler sozinha, em uma época em que o ensino básico não era universal e ao qual ela, moradora de uma favela, não tinha acesso. No caso de Antonieta, quando a mãe faleceu, ela tinha 09 anos, porém foi resguardada de precisar amadurecer porque a irmã mais velha assumiu esse papel, passando a cuidar sozinha dos nove irmãos e irmãs, o que a protegeu do amadurecimento precoce, mas obrigou outra criança do sexo feminino a passar por ele.

O amadurecimento precoce emerge em um ambiente de demanda social por ele – esperava-se das interlocutoras que elas agissem como adultas – e está também ligado a fatores materiais como a monoparentalidade e a fragilidade econômica. As sobrecargas em que se viram imersas em alguns momentos serviram para tamponar as fragilidades das adultas e adultos ao seu redor.

3.4 Vida adulta

⁶⁰ Canção Nova é uma comunidade carismática vinculada à Igreja Católica Apostólica Romana. As missionárias e missionários da comunidade se mudam para sua sede em Cachoeira Paulista, estado de São Paulo e dedicam suas vidas às atividades religiosas e ao evangelismo.

Em suas vidas adultas, as participantes demonstraram apresentar alguns processos sociais em comum, manifestando atitudes de continuidade ou rompimento com vivências das infâncias. Tendo em vista os aspectos compartilhados de suas experiências, nesta seção discutem-se a vida prática, as representações e os posicionamentos no espaço social que adotam.

3.4.1 *Performances de força*

Adultas, as interlocutoras apresentam imagem de mulheres fortes e confiantes, em consonância com elementos que fizeram parte de seu campo no meio familiar nas infâncias. As personalidades fortes se manifestam por meio da aparência física, com uso de roupas elegantes, adereços, cabelos volumosos e/ou com estilos marcantes. Também se manifestam na forma de falar segura, na postura corporal e na frequência com que ocupam lugares de destaque.

Costumam estar em lugares sociais atípicos para mulheres negras. Conceição, por exemplo, aprovada em um concurso público para atuar como professora de ensino fundamental em uma EMEI, chegou ao cargo de Diretora. Elisa se tornou Diretora de um dos setores no movimento social de que participava. Fátima se tornou professora acadêmica. Carolina se tornou palestrante e Iza, diretora no setor em que trabalha.

Fátima tem perfil questionador, que se revela em cenas como, quando na infância, estudando em uma escola de freiras, durante uma aula sobre escravidão, fez uma pergunta sobre o porquê de ter ocorrido a escravidão. A pergunta gerou incômodo na professora, que marcou uma reunião com sua mãe para discutir o ocorrido. Fátima contou sobre isso rindo, se divertindo com a lembrança. Disse que tinha ouvido o avô falar sobre o assunto e reproduziu, e que depois da reunião escolar a mãe e o avô começaram a selecionar os assuntos que conversavam em sua presença.

Tereza, que é dançarina, conta que costuma chamar muita atenção nos lugares em que chega, que as pessoas logo notam sua presença.

Então tá todo mundo no mesmo lugar assim, e aí eu chego aí todo mundo fala: “Nossa, mas você chegou, todo mundo te olhou!”. Você sabe Marina, que estão olhando. Só que você chega e não olha pro lado (TEREZA).

Ela afirmou se sentir confortável em ser alvo de atenção, o que guarda relação com sua profissão de dançarina, ela diz gostar de estar no palco. Quando falou sobre o grupo do Facebook que administra, criticou as jovens que seguem a página por não serem proativas. Se orgulha de ser independente e de aprender coisas novas sozinha. Elisa se orgulha de sua

independência e de ser autodidata, de ter sido adiantada com relação às/aos demais estudantes na escola e de se virar sozinha em diversas situações.

Ao contrário das demais, Carolina ressaltou a presença de diversas pessoas que a ajudaram ao longo da vida. Nos espaços em que ocupa, ela costuma fazer muitas amigas e amigos e ter muitas pessoas ao seu redor. Assim como Carolina, Iza tem facilidade de se comunicar, além de ter uma personalidade crítica e analítica. Também se orgulha de conseguir aprender coisas novas sem o auxílio de outras pessoas.

Elas são inventivas e determinadas. Iza escolheu para sua graduação um curso bastante concorrido, de Direito, em uma universidade federal, e durante o curso juntou dinheiro para fazer um intercâmbio internacional. Ruth está sempre envolvida em novos projetos, comprou sua casa e seu carro sozinha antes mesmo de se casar, trabalhou em diversos lugares, atuou como gerente em uma das franquias de salões de beleza mais bem sucedidas do Brasil. Depois de se aposentar oficialmente montou dois salões de beleza.

Então, eu sempre fui de procurar oportunidades para mim. E, se a oportunidade viesse, eu não pensava duas vezes, eu abraçava (RUTH).

Pouco antes do início do isolamento social causado pela pandemia, ela vendeu seu último salão de beleza, de forma que, durante o isolamento, se encontrava sem atividade ocupacional. Em termos financeiros isso pode não ter tido grande impacto, já que ela pode contar com os rendimentos de sua aposentadoria. Porém, foi uma quebra em seu padrão de estar sempre envolvida com alguma atividade. Ela disse que durante a pandemia teve tempo livre pela primeira vez em sua vida e o utilizou para estudar sobre a religião espírita. Contou que sentiu vontade de se voltar para si mesma.

Em meio à fragilidade social em que cresceram, as personalidades inventivas e inovadoras podem estar ligadas à necessidade de encontrar formas criativas de subsistência. Foi o que aconteceu com Antonieta, que atua como trançista há dezessete anos. Ela aprendeu o ofício apenas observando a esposa de seu irmão trançar cabelos, em um momento em que estava grávida e buscava estabilidade financeira. Ela já foi funcionária de alguns salões e depois abriu seu negócio próprio.

Ter a própria empresa tem a ver com conseguir conciliar o trabalho com os cuidados da filha e poder fazer o próprio horário, já que, além da maternidade, ela também realiza o trabalho doméstico em seu lar. Suas gravidezes coincidiram com momentos de sua vida em que ela deu guinadas empreendedoras.

Apesar dessa força que aparece com destaque na forma como são vistas e se veem, elas possuem um lado frágil, que surge em pequenos detalhes e pode passar despercebido. Tereza se ressentiu do fato de não ter transformado em fonte de renda o conteúdo que produz para a internet e de não ser procurada por marcas de cosméticos para fazer propagandas. Apesar de afirmar que gosta de ser o alvo das atenções, tem dificuldades de se expor mais na internet, o que ela precisaria fazer para alçar sua empreitada de produção de conteúdo digital a uma profissão lucrativa.

A característica que Carolina mais destacou em sua mãe foi a “braveza”, devido à qual Carolina não podia brincar na rua com outras crianças, tinha que manter a casa sempre limpa, frequentar a religião evangélica quando a mãe se converteu e não pôde ter namorados na adolescência. A mãe mantinha com firmeza as duas filhas. Sua fragilidade se revelava quando se tratava da vida afetiva. A relação com seu pai foi sempre conflituosa e parece ter sido muito dolorosa para ela. Havia muitas brigas, segundo Carolina, devido a ciúmes.

Houveram idas e vindas na relação, e na última vez que o pai saiu de casa, a mãe passou por um período em que chorava muito, e se trancava no quarto por dias, não conseguindo realizar suas atividades rotineiras. Carolina acredita que ela passou por uma depressão. A mãe de Carolina apresentava duas características que parecem contraditórias: a braveza e a emotividade. Sua emotividade, aparecendo em escapes, não era demonstrada com clareza, era algo que ela evitava revelar diante da filha.

Fátima, com sua personalidade efusiva e chamativa, mesmo após o envolvimento com movimentos sociais e grupos culturais, tinha dificuldades de utilizar seus cabelos no estilo natural, embora desejasse fazê-lo. Ela disse que

[...] próxima a movimentos negros desde sempre, era uma angústia pra mim eu não conseguir utilizar o meu cabelo crespo, como ele veio ao mundo, né, eu falava: “Poxa, eu discuto tanta coisa, eu participo de projetos, e eu não descolonizo o meu corpo”, então era uma angústia pra mim (FÁTIMA).

A fragilidade de sua personalidade aparece quando se trata da forma de apresentar seus cabelos, o que mostra que esta área é bastante árida para ela. Ainda que adotasse uma apresentação corporal forte e chamativa, se mantinha reticente em apresentar seus cabelos da mesma forma.

As fragilidades chamam atenção porque elas constroem performances em que a força da personalidade é destacada como fachada” (GOFFMAN, 2011). Na trajetória de Ruth, se apresenta uma dualidade entre sua concepção de si quando ela falou do mundo do trabalho e

quando ela falou sobre si em outras esferas. Ela deu poucos detalhes sobre si e conseguiu tecer poucos entrelaçamentos entre os fatos vividos, em uma dificuldade de transformar suas experiências e lembranças em uma narrativa coesa. Essa característica de Ruth contrasta com sua parte empreendedora e ativa, da qual ela parece ter mais consciência e domínio. No mundo do trabalho ela parece ter mais força, quando precisa conquistar algo, mas isso é arrefecido nos momentos em que precisa pensar sobre si mesma.

Em pesquisa realizada com mulheres afro-alemãs, Kilomba (2019) encontrou o estereótipo da “mulher negra superforte”, que se refere à força física e emocional. Serve para que mulheres negras possam ser utilizadas em trabalhos braçais e para que seus sofrimentos emocionais sejam invisibilizados. Nasceu durante o escravismo, mas foi apropriado pelo movimento feminista dos EUA nos anos 1960 (COLLINS, 2019), como estratégia de se contrapor às imagens de preguiçosas, submissas e negligentes com suas crianças, direcionadas às mulheres negras que acessavam serviços sociais.

O uso pelas mulheres negras de políticas sociais a que tinham direito resultou na imagem da “mãe dependente do Estado”, qualificada como sendo uma mãe ruim. A imagem serviu para “[...] qualificar como desnecessária e até perigosa para os valores do país a fecundidade das mulheres que não são brancas nem de classe média (COLLINS, 2019, p. 151).

No Brasil, esse tipo de representação ganhou força quando ocorreu a disseminação de críticas ao Programa Bolsa Família⁶¹. As críticas às beneficiárias do programa, que são negras em sua maioria (SILVANA MARIANO, CARLOTO; 2009), taxavam-nas como “[...] *preguiçosas, acomodadas, vagabundas, ladras, dissimuladas*” (NÍNIVE MACHADO, 2020, p. 90, grifo no original). Essa visão sobre as mulheres negras existe desde o escravismo, quando a ideia de super força foi utilizada para justificar os trabalhos forçados e excessivos. Depois disso, no mercado de trabalho livre, serviu para mantê-las em ofícios exigentes e de baixo status, como o de empregada doméstica. O pensamento feminista negro ressignificou a ideia de superforça tentando dar a ela um valor positivo. A recuperação do estereótipo serviu para afirmar que as mulheres conseguem realizar as diversas atividades que lhes são exigidas e que isso não impede que sejam boas mães e trabalhadoras honestas.

Forte e trabalhadora, em vez de preguiçosa, assertiva e independente, em vez de submissa, dedicada em vez de negligente. Tais imagens políticas foram uma forma de reivindicar uma nova identidade (COLLINS, 2019, p. 192).

⁶¹ Bolsa Família foi um programa de transferência de renda da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (Senarc), que contribuiu para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. Foi criado em outubro de 2003 e possuía três eixos principais: complemento da renda; acesso a direitos; e articulação com outras ações a fim de estimular o desenvolvimento das famílias.

Entretanto, essa imagem, apesar de superar as representações negativas, coloca em campo uma idealização sobre essas mesmas mulheres. A força é uma característica que diferencia, no nível imaginário, mulheres negras e brancas. Enquanto o feminino da pessoa branca é associado à fragilidade e docilidade, o da pessoa negra é associado a uma força sobre-humana (KILOMBA, 2019; BELL HOOKS, 2005).

3.4.2 *O trabalho*

O trabalho ocupa uma posição de destaque na vida das interlocutoras. Durante as entrevistas passaram bastante tempo falando sobre isso, com prazer e desenvoltura, parece ser a atividade mais presente em seus cotidianos. Porém, ele não é só um instrumento, elas formam suas performances sociais em torno dele. Serem trabalhadoras dedicadas é um traço muito valorizado de suas personalidades. Ao trabalho fora de casa é acrescido o doméstico e os cuidados de filhas e filhos em alguns casos (Ivone, Conceição e Ruth).

O trabalho não é um protagonista somente na vida de mulheres negras, se tornou um protagonista das vivências em geral desde que teve sua concepção social alterada com o advento do capitalismo, quando transformou-se em algo de valor. As mudanças que aconteceram no seu significado e na organização do trabalho o tornaram o centro da vida de grande parte das pessoas, ganhando uma superdimensão e suplantando outras atividades.

Ainda que tenha ganhado proeminência para parte da população branca somente com a instituição do capitalismo⁶², para a população negra, desde o colonialismo ocupou muito espaço. Diferentemente do que ocorria com as mulheres brancas, o trabalho sempre foi o centro da vida das mulheres negras (DAVIS, 2016). Na organização do trabalho nas lavouras de algodão nos EUA e de cana de açúcar e café no Brasil, elas executavam os mesmos serviços que os homens, e ao seu papel na lavoura era acrescido o de reprodutoras. Enquanto grávidas precisavam manter a produtividade na lavoura e logo após o nascimento da criança também. Segundo Davis (2016), o que marcava suas vidas era o trabalho e não o ser mulher.

Para Collins (2019), o fim da escravidão não alterou consideravelmente o papel do trabalho em suas vidas, pois passaram a executar atividades domésticas e de babá para famílias brancas ou a trabalhar no campo e, por residirem nas casas das patroas, não havia horário de

⁶² De acordo com Weber (1967), o sentido do trabalho se alterou primeiramente dentro da população protestante, fato que se encaixou dentro das condições sociais para o advento do capitalismo.

início e de término das jornadas diárias. Collins (2019) atribuiu às mulheres negras o título de “mulas do mundo”, por exercerem exaustivo trabalho remunerado e não remunerado dentro das famílias (as suas e as de outras pessoas). Elas trabalhavam desde a infância, realizavam as mesmas tarefas que os homens e ainda eram expostas ao assédio masculino.

Apesar da centralidade do trabalho na vida das pessoas negras, após a escravidão houve dificuldade de inserção dessas pessoas no livre mercado. De acordo com Fernandes (1965), no período pós-abolicionista, na região de São Paulo, havia resistência na contratação dessa mão de obra, que era preterida em relação à de imigrantes da Europa. Segundo Cardoso (2008, p. 78),

[a] resistência [à contratação do elemento nacional] combinava preconceito racial e desprezo pelo trabalhador livre nacional, visto como preguiçoso, inconfiável e privado de mentalidade moderna (burguesa, acumulativa), já que se satisfazia com muito pouco, de modo que não podia ser submetido ou disciplinado por incentivos pecuniários.

As interlocutoras demonstraram priorizar o trabalho e os estudos em suas vidas e, com isso, dedicam menos tempo a outras atividades, como o lazer. E não apenas com o trabalho, desenvolvem um laço profundo também com a intelectualidade. Mesmo as que não adquiriram elevado nível escolar, como Antonieta (que não concluiu o ensino fundamental), adotam perfis críticos e reflexivos. Em muitos momentos, suas inclinações para o trabalho as levam a praticar longas jornadas e a cumular responsabilidades, o que diminui a possibilidade de momentos de reflexão. Ainda assim, a incorporam, em suas ações mais práticas. Tereza, quando atuava em uma escola de balé, se via como um modelo para as poucas crianças negras que frequentavam o espaço, trazendo assim um sentido crítico para sua atuação laboral.

3.4.3 *A Afetividade*

Enquanto o campo do trabalho é muito proeminente, o campo das relações amorosas é menos evidenciado, dedicam pouco espaço a esta área de suas vidas. Falavam pouco e rapidamente sobre o assunto, todas destacando terem tido poucos relacionamentos. Cinco das entrevistadas são casadas, destas, quatro são casadas no civil e uma está em um relacionamento de longo prazo e reside com o companheiro. Três das casadas e uma das solteiras possuem filhas e filhos.

Ivone contou que gostaria de ter tido mais relacionamentos durante a adolescência, mas que se sentia preterida pelos garotos, o que atribuiu a ser negra e gorda. Iza também relatou o sentimento de ser rejeitada:

[é], e ao mesmo tempo sempre fui preterida, em relação, né, a esses namoricos de escola mesmo [...] (IZA).

O fato de as mulheres negras serem preteridas em relacionamentos afetivos está presente no campo de estudos que aborda o conceito da “solidão da mulher negra⁶³”. Essas mulheres não são percebidas como uma possibilidade para desenvolvimento de relacionamentos amorosos. Na fase adulta, as mulheres negras têm menos chances de construir relações amorosas, seja por serem consideradas feias ou por serem hipersexualizadas e, portanto, consideradas adequadas somente para relações sexuais e não para as afetivas.

A solidão se estende para outros aspectos da vida como: relacionamentos de trabalho, familiares, amizades. Ela fala das muitas esferas em que as mulheres vivenciam solidão, incluindo nas representações culturais, em que estão subrepresentadas. Lia Baraúna (2009), em entrevista biográfica com uma mulher branca do interior de São Paulo, percebeu que, durante a infância, a entrevistada possuía amigas brancas e negras, mas que somente as brancas frequentavam sua casa, mostrando que existiam diferenças nas relações de acordo com a racialidade. Ainda que formalmente incorporadas na esfera social, as crianças negras se encontravam rejeitadas de esferas de convivência mais íntima e familiar.

Um aspecto da solidão é observado por meio da alta taxa de monoparentalidade das mães das interlocutoras. Algumas quebraram esse padrão em suas famílias, pois entre as que possuem filhas e filhos, somente uma é mãe solo⁶⁴. Entretanto, seis delas se originam de lares monoparentais.

Carolina teve dois namorados, o primeiro aos 19 anos. Contou que enfrentou dificuldades nos dois relacionamentos por ser considerada por eles muito independente já que gostava de viajar com amigas. A performance de mulher independente aparece também em outros relatos como gerador de conflitos. Tereza teve o primeiro namorado aos 15 anos, e o relacionamento terminou devido a conflitos quando ela, entrando em um universo novo, começou a participar de uma companhia de dança à qual se dedicava muitas horas por dia. Ela

⁶³ Campo voltado para as situações de isolamento social vivenciadas por mulheres negras, tanto na esfera afetiva quanto em outras esferas relacionais. Maria Carrera e Denise Carvalho (2020, p. 103) apontaram que “[o] conceito de solidão da mulher negra é um desdobramento identificado na sociedade brasileira atual como resultado de um conjunto de elementos socialmente estruturados remanescentes do racismo moderno”.

⁶⁴ O termo “mães solteiras”, como eram conhecidas as mães de famílias monoparentais, vem caindo em desuso. O uso do termo mães solo, usado para substituí-lo, tem a intenção de interrogar criticamente a monoparentalidade feminina, a relação entre parentalidade e conjugalidade, e as desigualdades de gênero presentes nas relações parentais de cuidado e responsabilização pelas crianças.

viveu um relacionamento difícil com seu segundo namorado, que envolveu muitas brigas. Ivone também teve um relacionamento difícil. Mudou-se para a cidade de Curitiba, no Rio Grande do Sul, com o companheiro, à procura de oportunidades de trabalho, retornando alguns meses depois.

Tanto Conceição quanto Maria se casaram com os primeiros namorados. O fato de não terem tido muitos namorados é avaliado por elas de forma positiva. Ruth, por exemplo, considera essa uma forma de cuidado consigo mesma e de autopreservação. Além disso, durante a juventude, sua atenção estava voltada para o trabalho e para a construção de sua estabilidade financeira. Ela se orgulha de que antes de se casar possuía casa própria e carro, comprados por ela.

Durante suas infâncias, as participantes demonstravam pouca identificação com a visão do casamento e do lar como destinos (isso é evidenciado, por exemplo, pelo pouco que elas brincavam de casinha e de boneca). Apesar disso, são orientadas no campo afetivo por valores morais tradicionais, trazendo como ideal a vivência do casamento tradicional. Não se identificam com sexualidades que poderiam ser classificadas como desviantes⁶⁵. As fotonovelas foram um fator de aprendizado sobre a vida amorosa para Carolina. Nelas, eram apresentadas histórias amorosas protagonizadas por atrizes e atores italianos, brancas/os, vivendo relacionamentos românticos no estilo pequeno burguês.

Suas disposições afetivas se desenvolveram na lógica que foi implantada desde a década de 1940, visando a adoção do modelo de família burguesa como meio de inserção social. É possível perceber o surgimento desses modelos para famílias negras a partir de documento transcrito por Bicudo (2010). A autora apresentou os objetivos da “Associação de Negros Brasileiros”, organização que buscava construir melhores condições de vida para pessoas negras:

Procuramos dar ao negro noções de família, interessando-o no casamento dentro da lei, entusiasmando-o, oferecendo-lhe salões para festejar o acontecimento. Também procuramos interessá-lo na compra de terrenos (BICUDO, 2010, p. 137).

O encorajamento das entidades negras da assimilação das práticas tradicionais surgia como uma resposta a uma imagem que se tornou forte no pós-abolicionismo, das famílias negras

⁶⁵ Collins (2019) descreveu como representação da sexualidade desviante a imagem de controle Hoochie (ou Jezebel), que seria a de uma mulher que adota uma série de “desvios” da sexualidade esperada, como ambições materialistas (fazer sexo por dinheiro), homossexualidade e práticas consideradas aberrantes como sexo anal e oral.

como desorganizadas e anômicas (FERNANDES, 1965). As entidades estimulavam as famílias negras a adotarem posturas que facilitassem a transformação da imagem negativa que possuíam.

As participantes tentam, por meio de suas performances de afetividade, se afastar dos estereótipos de mulheres negras hipersexualizadas. Freyre (1963, p. 75) citou uma máxima proferida por um alemão em visita ao Brasil, que sintetiza o pensamento social sobre os lugares dos femininos: “Branca para casar, mulata para foder, preta para trabalhar”. Ela traz algumas das imagens basilares do pensamento racista, mostra que existem diferenças na percepção sobre a mulher branca e a negra, associando a primeira ao casamento e à esfera doméstica e a segunda à hipersexualidade e à singular força física.

Collins (2019) tratou o estereótipo da mulher negra hipersexualizada por meio da imagem de controle Jezebel ou Hoochie. O conceito de imagens de controle diz respeito à objetificação das mulheres negras, trata-se de imagens negativas, que surgem como punição a essas mulheres quando desafiam o *status quo*.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam as ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes ou criam novos (COLLINS, 2019, p. 135).

As imagens, “[...] são, na realidade, representações distorcidas de aspectos de nosso comportamento que ameaçam os arranjos de poder existentes.” (COLLINS, 2019, p. 206). A imagem Hoochie é representada como possuidora de uma sexualidade desviante e de um apetite sexual insaciável, que está a um passo pra se tornar uma aberração. Seus/suas parceiros/as sexuais também são estigmatizados/as com a imagem da hipersexualidade.

Ruth contou sobre um episódio vivenciado quando trabalhava na área administrativa de um hospital. Um dos médicos do hospital, branco, demonstrou interesse afetivo e/ou sexual por ela. Ela recebeu com desconfiança o interesse.

Eu, para mim, ele quer é aproveitar de mim, e eu não sou dessas, não, eu não vou deixar ninguém... [...] E eu, justamente porque ele era branco, eu achava que ele ia querer só abusar de mim, né? E aí, eu nunca tive um namorado branco. Não gostava. Sempre procurei ficar mais dentro das pessoas que combinavam mais comigo, assim, de ideias, de cor, de objetivos [risos] (RUTH).

A desconfiança provém tanto da diferença de classe e de hierarquia ocupacional quanto da percepção da imagem da mulher negra como destino da sexualidade, mas não da afetividade. De acordo com os valores inculcados pela assimilação das tradições europeias, a mulher deve

procurar o casamento e não a satisfação de desejos sexuais. Isso pode explicar em parte o receio de um “abuso”, no sentido que o médico poderia não buscar um relacionamento com ela, somente satisfação sexual.

Sua atitude mostra uma recusa da performance de sexualidade que poderia ser considerada desviante. Ela revela que sempre preferiu se relacionar com homens negros e que seu marido, com quem é casada há vinte e cinco anos, é negro. Se relacionando com homens negros ela consegue fugir dos estigmas.

Assim como se afasta da imagem da Hoochie, ela se aproxima da imagem da *Mammy*. A figura da mucama, descrita por Gonzalez e Hasenbalg (1982), traz uma aproximação da imagem de controle *mammy* (COLLINS, 2019), que diz respeito à mulher que nega as próprias sexualidade e fecundidade, para cuidar dos filhos de mulheres brancas, como amas de leite ou como babás. Ela serve para ocultar a exploração econômica a qual essas mulheres estão submetidas. A *mammy* deve ser totalmente voltada ao trabalho, recebendo baixos salários e sustentando, assim, a posição de classe das famílias brancas. A proeminência do campo do trabalho na vida das interlocutoras, ainda que não seja o trabalho doméstico ou de babá e a evitação da vivência de sexualidade desviante reduzem as possibilidades de experiências para elas em seus campos afetivos.

Bastide (1946, p. 70) relatou os principais estereótipos sobre pessoas negras encontrados na literatura do período romântico⁶⁶:

1) O negro é feio, a mulata é bela porque se aproxima da branca, 2) há dois tipos de negros, o negro ruim e o negro bom, o quilombola pérfido, frio, cruel, inexorável e o pai João trabalhador, fiel a seu senhor, disposto a todos os sacrifícios por causa dele [...] 3) O negro é racialmente um animal sensual e sexual, 4) a vista de negros traz desgraça, 5) o negro é feiticeiro, mágico perigoso, supersticioso em todos os casos, 6) a negra é cheia de manhas e tagarela, ama o prazer, a preguiça, o luxo, 7) o mulato é infiel, traidor, vaidoso.

Junto com a hipersexualização há a comparação da pessoa negra a “[...] um animal sensual e sexual” (BASTIDE, 1946, p. 70), que explica que a ela sejam destinados os lugares sociais menos valorizados e dos quais se espera menos racionalidade. Essa imagem também é usada para justificar as violências sexuais cometidas contra as mulheres, transferindo para elas a culpa, por possuírem uma sexualidade desmedida⁶⁷ (CARNEIRO, 1995). Portanto, a assunção

⁶⁶ O Romantismo foi um movimento artístico e filosófico do final do século XVIII, originado na Europa e marcado pela subjetividade, emoção, valorização do “eu” e por referências ao estilo de vida burguês. Teve seu auge entre 1836 a 1881.

⁶⁷ Segundo Collins (2019, p. 155), o imaginário que supõe a sexualidade desviante das mulheres negras tem como função “[...] relegar todas as mulheres negras à categoria de mulheres sexualmente agressivas, fornecendo assim

de um modelo de afetividade e sexualidade burgueses, pelas interlocutoras, tem como objetivo, além de fortalecer a escolha pelo campo da racionalidade, a proteção contra abusos.

Eliane Fernandes (2018) mostrou que, por vezes, as mulheres negras se afastam das vivências sexuais para escapar do estereótipo da hipersexualização, mas quando saem do lugar da disponibilidade sexual e se apresentam como possibilidades para relacionamentos afetivos, são preteridas.

Apesar dos estereótipos proclamarem uma intensa vivência sexual, os relatos sobre as experiências das mulheres negras ao longo da história não abarcam um lugar para os relacionamentos amorosos. Segundo hooks⁶⁸ (2005, p. 2):

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor.

Durante a escravidão, não se encontravam famílias negras estruturadas no modelo tradicional, era difícil manter relacionamentos por um longo período, as mulheres eram estupradas, separadas de sua prole (DAVIS, 2016). A natalidade era incentivada devido aos benefícios econômicos que trazia para os proprietários de engenhos. Já que as mães não tinham um período de resguardo, as crianças eram cuidadas por todas as mulheres, de forma comunitária; enquanto uma trabalhava outras cuidavam das crianças. Todas as pessoas compartilhavam o mesmo espaço doméstico, sem uma divisão clara de núcleos familiares.

Para hooks (2005), as mulheres negras desenvolveram a prática de silenciar as emoções e relacionamentos afetivos como estratégia de sobrevivência, e tal estratégia se manteve com o fim do escravismo, pois o ambiente vivenciado por este grupo continuava sendo hostil e violento. Com isso, foi possível ocorrer o fortalecimento da imagem de extrema força da mulher negra, e o surgimento da imagem da dama negra. Essa imagem surgiu nos EUA, no contexto do governo de Ronald Reagan, na década de 1980, e do estabelecimento de políticas públicas,

uma justificação eficaz para os frequentes ataques sexuais de homens brancos relatados pelas mulheres negras escravizadas”.

⁶⁸ bell hooks escolheu escrever seu nome com letras minúsculas, como forma de evidenciar sua escrita, e não sua pessoa.

em virtude do elevado subemprego e baixo nível de escolaridade da população negra (COLLINS, 2019)

A Dama Negra se refere a profissionais de classe média, que ascenderam em grande parte do meio da ocupação de cargos em órgãos públicos. Em um primeiro momento ela pode ser pensada como uma imagem positiva, pois diz respeito a “[...] *mulheres que concluíram os estudos, trabalharam duro e foram longe*” (COLLINS, 2019, p. 153). Porém, elas são consideradas pouco femininas e muito assertivas.

Enquanto a imagem da Jezebel diz respeito à vivência da fecundidade e da sexualidade, a Dama Negra representa a sua negação.

[...] sua respeitabilidade de classe média [da dama negra], duramente conquistada, baseia-se em sua aparente assexualidade. No entanto, a fecundidade também é um problema neste caso. Apesar de a dama negra de classe média ser considerada para procriar, ela é a menos propensa a fazê-lo. Dizem-lhe que ela pode procriar, mas ninguém, exceto ela mesma, se sentirá especialmente incomodado se ela não o fizer (COLLINS, 2019, p. 160).

A imagem da dama negra tem uma relação direta com outra imagem trabalhada por Collins (2019, p. 149): a *Mammy*, que representa uma mulher que “[...] trabalha duas vezes mais que os outros”. Por serem muito exigentes em sua vida profissional, as *Mammies* teriam dificuldades na vida amorosa. A dama negra é uma versão da *Mammy*, porque é alguém que trabalha mais que os demais e é vista como menos feminina. Ela também “[...] se assemelha a aspectos da tese do matriarcado – os empregos das damas negras são tão exigentes que elas não têm *tempo* para os homens ou não sabem mais como tratá-los” (Collins, 2019, p. 154).

Por serem, em parte, usuárias de políticas públicas que foram acusadas de promoverem “racismo reverso”, elas são vistas como menos merecedoras das posições que ocupam.

Supõe-se que as mulheres negras se valham das ações afirmativas para assumir vagas que deveriam se destinar a pessoas brancas mais merecedoras, especialmente homens brancos estadunidenses [...] Além disso, muitos homens negros acreditam erroneamente que as damas negras ocupam cargos reservados a eles (COLLINS, 2019, p. 154) .

Percebendo o imaginário de hipersexualização que as rodeia, as participantes da pesquisa constroem ações voltadas a provar o contrário disso, uma vez que percebem que as mulheres que estão mais próximas desse estereótipo são mais julgadas, depreciadas e excluídas. Com isso, se enquadram em sexualidades não desviantes e em fantasias amorosas burguesas, porém, podem ser encaixadas em outro imaginário negativo, que lhes aproxima da imagem da dama negra.

Collins (2019) considerou que o tema da sexualidade é o que une todas as imagens de controle. É ela que está sendo controlada, seja pelo apelo à sua expressão ou à sua negação.

Cada imagem transmite uma mensagem distinta sobre as relações adequadas entre sexualidade feminina, níveis desejados de fecundidade para as mulheres negras da classe trabalhadora e da classe média e lugar das mulheres negras estadunidenses em hierarquias de classe social e cidadania (COLLINS, 2019, p. 158).

Dar pouca ênfase às relações afetivas parece estar ligado tanto a se sentirem preteridas no campo afetivo/sexual, quanto à construção de uma performance de valores tradicionais no que diz respeito à sexualidade como tentativa de controlar o efeito do estigma da hipersexualidade e de fortalecer a performance de trabalhadoras.

3.4.4 *Acolhimento*

De acordo com Vieira e Moreira (2020), a concepção do feminino voltado para a maternidade, a passividade ao desejo masculino e a docilidade, passou a vigorar na Europa a partir dos séculos XVIII e XIX, estabelecendo um ideal do que seria a feminilidade. Nessa perspectiva, o cuidado aparece como um elemento do feminino, e junto a ele, aparecem a doçura e a delicadeza, associados à sensibilidade e empatia. Collins (2019, p. 140) acredita que

[d]e acordo com o culto da verdadeira condição de mulher, associado ao ideal tradicional de família, as “mulheres de verdade” tinham quatro virtudes fundamentais: piedade, pureza, submissão e domesticidade. As mulheres brancas das classes abastadas e da classe média emergente eram encorajadas a aspirar essas virtudes.

Entre as mulheres negras que adotam uma performance de força, a dimensão do cuidado não aparece nestes formatos mais comuns. Ainda assim, está muito presente em suas vidas, sendo mesmo um motivador de algumas das escolhas profissionais. Mesmo que atuem em profissões que não estejam diretamente ligadas ao cuidado de outras pessoas, desenvolvem formas de atuação específicas que lhes permitem exercê-lo, geralmente com outras mulheres negras. Independentemente das ocupações que exercem, atuam como cuidadoras.

Nos três salões de beleza em que trabalhou, Ruth exerceu cargos de gestão, que não lhe demandavam contato com as clientes, porém, ela tinha o hábito de conversar com elas e até as ajudava a tomar decisões sobre seus cabelos. Ela afirmou com alegria que conseguiu mudar a vida de outras mulheres por meio desta atenção que lhes dedicava. Ela percebeu que o cuidado dos cabelos tem uma dimensão importante na vida destas mulheres. Conceição escolheu a Pedagogia para poder cuidar de crianças.

Carolina relatou que se decidiu por sua profissão (psicóloga), enquanto cursava, durante o Magistério, uma disciplina sobre psicologia infantil. Ela ficou encantada com os ensinamentos que diziam que as crianças precisavam ser acolhidas. Em sua infância, houve várias lacunas de acolhimento e situações de desamparo. Ela contou, por exemplo, sobre um episódio em que recebeu uma nota baixa na escola e, com medo da represália da mãe, após a aula, ao invés de retornar para a casa da mãe, onde morava, se dirigiu à casa do pai, buscando que ele intermediasse a relação com a mãe e lhe confortasse diante da insegurança que sentia, o que ele não fez. Em vários momentos em sua infância ela procurou por cuidado e não recebeu, então, quando na disciplina sobre psicologia infantil, se deparou com a perspectiva do acolhimento de crianças, decidiu por essa profissão, com o intuito de oferecer a outras crianças cuidado e atenção.

Goffman (1988) explicou que pessoas socialmente estigmatizadas podem, como forma de reverter o peso negativo do estigma, passar a interpretá-lo como uma benção secreta, como algo que precisam superar para ajudar outras pessoas a fazer o mesmo. Dessa maneira, assumir personalidades fortes e decididas, apesar das circunstâncias em que se desenvolveram, e ainda se tornarem exemplos para outras pessoas pode ser uma maneira de manipular a posição de estigmatizadas. Em muitas situações, as dificuldades pelas quais as interlocutoras passaram ganham sentido dessa forma, o que fornece um significado positivo às suas vivências. Quando se tornam referências, elas se colocam como pessoas capazes de apontar os caminhos para outras pessoas.

As formas de exercer o cuidado que adotam são diferentes das formas idealizadas com relação às mulheres brancas, em que está vinculado à personalidade dócil e serena. Em suas formas de atuação, o cuidado está ligado à força. Quando vivenciou um episódio de racismo no prédio em que trabalhava (este episódio está descrito na seção “3.4.7. Contatos mistos e hostilidade”), Carolina demonstrou não se sentir abalada com a situação e consolou a amiga que presenciou a cena, dizendo não se importar com o ocorrido, para deixar a amiga mais tranquila, e dessa forma manteve sua performance de mulher superforte que não se deixa abalar por uma situação de violência.

As personalidades fortes são uma maneira de exercerem o cuidado permitindo que outras pessoas possam se abrigar na força que demonstram. Essa característica as leva à sobrecarga física e emocional e pode ter um papel em processos de adoecimento físico e mental. Nestes momentos, agem de acordo com a imagem de controle de controle *Mammy*, uma “[...] serviçal fiel e obediente” (COLLINS, 2019, p. 140). Essa imagem foi desenvolvida a partir das mulheres que atuam como empregadas domésticas e babás: “[a]o amar, alimentar e cuidar dos

filhos e das ‘famílias’ brancas melhor do que dos seus, a *mammy* simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite masculina branca (COLLINS, 2019, p. 140).

A *Mammy* renuncia a si mesma para se dedicar às outras pessoas. Nas descrições de Collins (2019), essas outras pessoas são as famílias brancas para as quais trabalham. No caso das interlocutoras, percebe-se também a escolha por cuidar das pessoas com quem trabalham, mas na maioria das vezes são pessoas negras.

Nogueira (2007) relacionou a imagem *Mammy* nos EUA com o estereótipo da Mãe Preta no Brasil, que pode ser bem representada pela personagem Tia Anastácia⁶⁹, criada pelo escritor Monteiro Lobato. Comparando a receptividade das imagens nos EUA e no Brasil, Nogueira (2007) considerou que enquanto nos EUA, ser vista como uma *Mammy* não é algo positivo, por reproduzir situações de exploração racial, no Brasil ocorre o oposto. As mulheres que ocupam essas posições se orgulham de tal.

Collins (2019) associou as Damas Negras a *Mammies* modernas, porque exercem o papel de serem desfavorecidas e trabalharem com as pessoas desfavorecidas (quando atuam em órgãos públicos e com assistência social). Elas se casam menos que as mulheres brancas na mesma posição. Segundo Collins (2019), nas comunidades negras, as imagens podem moldar as expectativas dos demais de que as mulheres sejam as conciliadoras e agregadoras, eliminando a própria individualidade e subordinando os próprios interesses ao bem da comunidade.

3.4.5 Mobilidades

As interlocutoras apresentaram um padrão de rompimento com as trajetórias de suas famílias de origem com relação a subempregos, baixa escolaridade, instabilidade financeira e vulnerabilidade social. Todas passaram por mobilidade ascendente de classe, rompendo com os cenários mais comuns de mulheres negras de origem pobre. Para alcançar a mobilidade, foram empreendidas estratégias no âmbito familiar e foi preciso o afastamento, em certa medida, de suas origens. Buscaram por modelos identificatórios de mulheres negras diversos daqueles encontrados no senso comum e no seu

⁶⁹ A personagem, que aparece em vários livros do autor, é uma cozinheira descrita como gorda, de pele escura e que utiliza um avental e um lenço na cabeça. É bondosa e devotada à família para a qual trabalha. Não tem família ou história de vida fora do contexto do trabalho. Segundo Lobato, foi inspirada em uma mulher que trabalhou em sua casa como cozinheira e babá.

cotidiano. A mobilidade de classe trouxe hibridismo identitário, isolamento e práticas de silenciamento de episódios de racismo vividos nos ambientes ocupacionais.

3.4.5.1 Rompimento de padrões

As mães e os pais de nove das interlocutoras não possuem formação superior e atuam em profissões desvalorizadas, como carpinteiro, lavadeira e manicure. O pai e a mãe de Fátima possuem ensino superior, sendo o pai Economista e Administrador e a mãe Pedagoga (ela e ele ingressaram na faculdade depois de adultos). A mãe de Ruth possui formação técnica em Química.

Todas cresceram em bairros pobres e relataram condições de vida modestas. Apesar disso, a maior parte (nove delas), possui formação superior, duas possuem formação técnica e somente uma não concluiu o ensino fundamental. Seis ocupam cargos na administração pública. Destas, três atuam em cargos diferentes de sua formação. Maria e Conceição ocupam cargos administrativos de nível médio e Iza ocupa um cargo administrativo de nível fundamental. Conceição, Antonieta e Sheron atuam na área da educação, correspondente às suas formações.

Com relação à ascensão social de pessoas negras, Azevedo (1996) identificou alguns meios entre a população baiana na década de 1950: o comércio, a política, a burocracia, as corporações militares, as artes, a educação, a religião, os esportes, as profissões liberais e a vida intelectual. Entre as informantes da pesquisa, as modalidades de ascensão se distribuíram da seguinte forma:

Quadro 3 - Modalidades de ascensão das entrevistadas

Pseudônimo	Escolaridade	Meio de Ascensão
Elisa	Graduação	educação formal / cargo público/ intelectualidade
Carolina	Graduação	educação formal / profissão liberal/ intelectualidade
Ruth	Graduação	educação formal / profissão liberal/ empreendedorismo
Fátima	Doutorado	educação formal / cargo público/ intelectualidade
Antonieta	Ensino fundamental incompleto	profissão liberal/ empreendedorismo/ intelectualidade
Ivone	Graduação	educação formal/ intelectualidade
Maria	Graduação	educação formal / cargo público/ intelectualidade
Conceição	Graduação	educação formal / profissão liberal/ intelectualidade
Iza	Graduação	educação formal / cargo público/ intelectualidade
Sheron	Graduação	educação formal/ intelectualidade
Tereza	Ensino Médio	educação formal/ profissão liberal/ intelectualidade

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

Azevedo (1996) percebeu que a ascensão das pessoas negras não dependia somente do

acesso aos meios institucionais, como a instrução formal, mas também da aquisição de comportamentos que lhes permitissem ser identificadas como pessoas educadas, no sentido da aprendizagem de normas de conduta específicas, como se dirigir de forma obsequiosa às pessoas brancas dos estratos médios e altos. Tal qual relatado por Azevedo (1996), os esforços de inserção institucional das interlocutoras foram aliados a outras estratégias.

As mobilidades estão muito apoiadas na ocupação de cargos públicos, como aconteceu com o pai de Fátima, que atuou em uma empresa pública federal, iniciando sua carreira como datilógrafo e, posteriormente, obtendo a graduação em dois cursos de graduação e sendo promovido a um cargo compatível com sua formação. Carolina atuou em uma autarquia federal, onde ingressou na ocupação de secretária e após sua graduação em Psicologia foi promovida. Iza ingressou em uma autarquia federal ocupando o cargo de auxiliar em administração e alguns anos depois passou a ocupar um cargo comissionado de diretora.

Conceição ingressou em uma EMEI ocupando o cargo de professora e se alçou à função de diretora. Elisa não ascendeu em sua função de nível técnico na autarquia federal em que atuava, mas no movimento social de que fez parte chegou ao cargo de diretora de uma das pastas. Quando não ascendem via instituições públicas, as informantes atuam como empreendedoras, como ocorreu com Ruth e Antonieta, que abriram microempresas na área da estética.

3.4.5.2 Mobilidade da população negra

Ao longo da história, pequenos quantitativos da população negra conseguiram ascender à classe média, conforme revelaram os estudos de Azevedo (1996), Pierson (1971) e Bicudo (2010). Durante o escravismo, tanto Pierson (1971) quanto Freyre (1977) relacionaram a

possibilidade de ascensão à miscigenação, ao mostrar que uma pessoa categorizada como mulata tinha mais chances de ascender por ter maior contato com pessoas brancas, por ser preferido às pessoas de pele mais escura para os trabalhos dentro das casas. Essa proximidade aumentava suas chances de conseguir alforria e apadrinhamento. “À medida que subia de classe, o mulato passou a ocupar uma espécie de situação intermediária, diferente tanto da do europeu dominante quanto da do africano escravizado” (PIERSON, 1971, p. 226).

Ângela Figueiredo (2004) associou a mobilidade social da população negra, em meados da década de 1930, a processos de apadrinhamento por famílias brancas e à ocupação de cargos de confiança em órgãos públicos. Bicudo (2010) também relacionou a ascensão de pessoas negras, na década de 1940, ao contato com pessoas brancas na infância que, além do apadrinhamento, lhes forneciam acesso a espaços não frequentados por pessoas negras.

Collins (2019) apontou que a ascensão de mulheres negras nos EUA no pós-Segunda Guerra ocorreu por meio da ocupação de cargos em grandes empresas ou no governo. Neste setor, suas ascensões eram instáveis pois ficavam vulneráveis às mudanças políticas. As mulheres se encontravam em lugares intermediários entre os brancos que ocupavam os grandes cargos e as poucas pessoas negras usuárias de serviços sociais.

Mesmo em períodos de significativo crescimento econômico no país, Rosângela Praxedes (2003, p. 1) mostrou que havia pouca participação de pessoas negras, como no período entre 1973 e 1996: “[...] a classe média negra das capitais brasileiras teve um crescimento relativo de 10% entre os anos de 1992 e 1999, chegando ao patamar de um terço da classe média brasileira”.

Estudos pioneiros sobre o assunto (por exemplo: AZEVEDO, 1996; FREYRE, 1977; PIERSON, 1971) acreditavam que o fator racial não era um impeditivo para a ascensão. Já Gonzalez e Hasenbalg (1982), começaram a apontar para as limitações e especificidades estruturais que impediam a pessoa negra de alcançar a ascensão social plena.

[...] os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que as dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 96).

Pastore e Silva (2000) indicaram que existe uma desvantagem para as pessoas negras na conversão do nível de instrução adquirido em posições ocupacionais, como resultado do racismo que lhes é imputado. Para Pastore (1979), a discriminação racial impõe limites à mobilidade social independentemente do nível de qualificação da pessoa.

Mesmo os estudos que advogam a não existência de barreiras de ascensão para as pessoas negras, descrevem condições específicas que eram requeridas a elas para que conseguissem ascender. O apadrinhamento, por exemplo, que garantia acesso a estudos ou a cargos públicos, era algo reservado à pessoa negra que adotasse a postura nomeada por Bastide (1946, p. 70) como “pai João”: “[...] trabalhador, fiel a seu senhor, disposto a todos os sacrifícios por causa dele”. Essa figura também foi representada pelo “negro de alma branca” (DOMINGUES, 20002) que adotava posturas subservientes que o tornavam merecedor do investimento das pessoas brancas.

O avanço da ordem capitalista diminuiu a ascensão por apadrinhamento, porém, Figueiredo (2004) considerou que, após 1930, com a consolidação da admissão no serviço público por meio de concurso, esse continuou sendo um meio de acesso dessa população à mobilidade ascendente.

A ascensão de pessoas negras recebeu incrementos no início dos anos 2000. Ivone e Sheron ingressaram na faculdade nesse período, quando foi implementado modelo de desenvolvimento socioeconômico baseado no crescimento com baixa inflação e na redistribuição de renda, associado ao modelo de consumo de massa, que resultou em um período de crescimento econômico e na criação e fortalecimento da chamada “nova classe média”⁷⁰, expressão usada utilizada para diferenciar essa população da classe média tradicional (Secretaria...2012.).

Nesse contexto, ocorreu a entrada de Ivone no ensino superior, quando o somatório das ações anteriores de sua família encontrou uma “janela de oportunidade”. Já havia um acúmulo de investimentos da mãe em sua educação e a expectativa de que ela alcançasse um nível educacional elevado. As políticas que aumentaram o acesso ao nível superior⁷¹ fizeram com que ela, que já se encontrava nessa rota, aproveitasse a oportunidade de ingresso em um curso de graduação.

⁷⁰O termo nova classe média foi utilizado pelo economista Marcelo Neri para descrever a população que participou do “movimento positivo da pirâmide social brasileira” ocorrido durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

⁷¹No período foram implementados programas governamentais com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino superior como: o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012). O PROUNI, instituído em 2004 pelo Ministério da Educação, oferecia bolsas de estudo integrais e parciais em instituições particulares de educação superior. O REUNI, instituído em 2007, teve como objetivo a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. A Lei nº 12.711/2012 garantiu a reserva de 50% das matrículas por curso e turno em todas as universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunas e alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos.

Apesar de ingressar no ensino superior e completar o curso de graduação em Comunicação Social, não chegou a trabalhar em sua área de formação, com a qual diz não ter afinidade, e começou a atuar como vendedora em uma loja de produtos automobilísticos. Seu ciclo de ascensão foi incompleto, por motivos diversos, entre os quais é possível citar a vulnerabilidade da ascensão sem mudanças estruturais, a variações políticas e econômicas.

3.4.5.3 Estratégias familiares

Além de fazerem parte de um perfil populacional com índices mais baixos de estudos e empregabilidade, as participantes da pesquisa acumulam fatores sociais que são vistos por alguns estudiosos como dificultadores do sucesso escolar e profissional, como a monoparentalidade e os poucos anos de estudos das mães e pais. Um estudo conduzido por Sara McLanahan e Sandefur (2009) refletiu sobre as consequências das monoparentalidade no desempenho escolar, gravidez na adolescência e outros fatores:

O capital social tende a ser inferior para as crianças de famílias monoparentais, por não serem beneficiadas pela presença em casa do segundo progenitor e por tenderem a mudar de residência mais frequentemente, fato que acarreta a escassez relativa de laços que os unam a outros adultos da comunidade. Este déficit não é o único fator causal, mas desempenha, sem dúvida, um papel importante na produção de resultados educacionais e de traços de personalidade menos desejáveis entre crianças de famílias monoparentais⁷² (MCLANAHAN; SANDEFUR, 2009, p. 93, tradução minha).

Parcel e Menaghan (1994), avaliaram o efeito da ocupação profissional da mãe e do pai nas crianças: “[...] os recursos intelectuais e outros tipos de recursos detidos pelos pais contribuíam para formas de capital familiar que facilitavam resultados positivos por parte das crianças [...]”⁷³. Segundo Portes (2000, p. 142):

Tal como o capital financeiro, o capital social influencia as transferências efetuadas de pais para filhos e resultados comportamentais como a gravidez juvenil, o êxito escolar e a inserção na força de trabalho. O capital social é maior em famílias com dois progenitores, em famílias com menos crianças, e naquelas onde os pais possuem grandes aspirações para os filhos. Estas condições propiciam uma maior atenção por parte dos pais, maior número de horas passadas com as crianças e a emergência de uma orientação para o êxito entre os adolescentes.

Além disso, Gonzalez e Hasenbalg (1982, p. 91) refletiram sobre o efeito da raça:

⁷² Original em inglês.

⁷³ Original em inglês.

As práticas discriminatórias, a tendência a evitar situações discriminatórias e a violência simbólica contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como os “lugares apropriados” para as pessoas de cor.

Apesar da sobreposição de fatores que as levariam a repetir as trajetórias dos pais e das mães, as histórias das interlocutoras seguiram outros caminhos. Elas romperam com as trajetórias familiares sendo, por vezes, pioneiras no acesso ao ensino superior em suas famílias, como foi o caso de Ivone.

O rompimento que fizeram não aconteceu de forma completamente planejada, mas pode ser considerado o resultado de pequenos e muitos eventos, por vezes não intencionais e não relacionados entre si. Algumas vezes é possível perceber a existência de uma expectativa dos pais, que aparecia ora de forma sutil, ora de forma direta, de que elas fizessem o rompimento, como se houvessem sido escolhidas pela família para serem exceções.

As famílias das interlocutoras parecem ter uma percepção de que os grupos de classe são eminentemente acessados como herança familiar, e das dificuldades inerentes a fazer percursos diversos daqueles que essa herança proporciona. Elas empreendem estratégias que permitem que as crianças adquiram competências que eles mesmos não possuem (LAHIRE, 1997).

Figuras próximas que romperam com as trajetórias tradicionais se tornaram fontes de identificação importantes. Elisa e Fátima tiveram o exemplo dos pais, ambos com perfis intelectualizados. Eles mostravam que o rompimento era possível e desejado e que elas poderiam seguir seus passos e, inclusive, avançar com relação aos passos dos mesmos. Enquanto o pai de Fátima alcançou o nível de graduação, ela foi além e chegou ao doutorado. Elisa chegou ao mestrado, enquanto o pai não teve acesso ao ensino formal.

Mesmo quando a vontade dos pais e das mães de que as crianças desviem é clara, como é o caso de Ruth e Fátima, não há controle dos rumos que o desvio vai tomar. A prima de Fátima mudou o rumo de seu rompimento quando ambas eram adolescentes. Essa prima, que residia na cidade de Salvador, fez uma visita à cidade do Rio, onde Fátima morava, juntamente com uma companhia de dança afro da qual era integrante. A convite da prima, Fátima participou de uma oficina dessa companhia, quando teve seu primeiro contato com a dança afro.

A partir de então, Fátima passou a fazer aulas de dança afro e se aproximou de movimentos culturais e políticos negros, onde teve contato com discussões sobre desigualdades raciais e racismo. Isso gerou conflitos entre ela e o pai, já que este seguia uma linha de

pensamento que acreditava no esforço individual como forma eficaz de romper com as desigualdades. Os esforços do pai de Fátima visavam que ela se tornasse uma pessoa com alto nível educacional, como ele, mas não que se envolvesse com questões políticas. Porém, isso foi inevitável e esse envolvimento direcionou a escolha de sua área de atuação acadêmica, ligada a questões raciais.

Ivone foi direcionada para o rompimento pela mãe, que a matriculou, durante o ensino fundamental, em uma escola particular que, por ser longe de sua casa, exigia um deslocamento diário de ônibus. Elas residiam em Contagem, um município da região metropolitana de Belo Horizonte, e a escola se localizava na cidade de Belo Horizonte, a uma distância de aproximadamente dezenove quilômetros. Mais tarde, quando Ivone revelou que desejava fazer o curso de Psicologia em sua graduação, sua própria família a orientou para outro caminho. O rompimento de Ivone foi perpassado pelas questões simbólicas que permeiam o imaginário sobre pessoas negras. A família acreditava que caso se tornasse psicóloga, ela não conseguiria atrair clientes por ser negra. Maria Ligia Barbosa (2009, p. 402), mostrou que as expectativas das mães, com relação ao sucesso das crianças, são afetadas pela cor, renda e escolaridade da família, portanto, as expectativas permitem [...] avaliar o grau de conhecimento da mãe sobre a sociedade que vivemos e a adequação entre o desejado e o esperado, o que em Bourdieu é chamado de “processo de interiorização das possibilidades objetivas”, uma forma de dominação.

A família, em sua leitura da realidade social, aponta para a criança um caminho em que ela possa ter, efetivamente, sucesso profissional. Perceber que seria um problema conseguir atuar na área de psicologia, fez com que Ivone redirecionasse sua escolha e fizesse outro curso. Ela entendeu que podia romper, mas dentro de certas condições, direcionadas pelos cálculos da família sobre as chances de sucesso.

A família representou um lugar contraditório para ela, pois, ao mesmo tempo em que a impulsionava para romper com os lugares pré-estabelecidos, dava a impressão de reforçar esses mesmos lugares, ao demonstrar as limitações ocupacionais que ela deveria considerar ao longo de sua trajetória. Ainda que essa ação familiar seja oriunda de uma leitura social sobre como o racismo impactaria na escolha profissional de Ivone, visando que ela alcançasse o sucesso profissional e estivesse protegida do racismo, pode ter resultado em uma confusão sobre as expectativas familiares com relação a ela. Barbosa (2009) mostrou que, não somente as expectativas dos pais sobre os filhos são orientadas por fatores sociais, mas também que o nível alcançado pelos filhos está diretamente relacionado a essas expectativas.

A maior parte das interlocutoras provém de famílias com poucos filhos (com exceção de Antonieta, que tem nove irmãos), o que pode ter facilitado o investimento familiar. Outro ponto que subsidiou suas trajetórias de sucesso foi o trabalho excessivo das mães, que se tornaram sustentáculos para elas.

Lahire (1997) estudou casos de sucesso escolar entre crianças oriundas de contextos familiares em que tal feito seria considerado pouco provável. O principal motivo para a descrença no sucesso escolar dessas crianças dizia respeito a um déficit familiar do capital cultural⁷⁴ valorizado pelo sistema escolar. Lahire (1997) avaliou, que, ainda que as famílias nucleares não possuíssem tal capital, conseguiam auxiliar as crianças em sua construção, empreendendo ações cotidianas que permitiam que elas valorizassem e adquirissem tais recursos.

O autor pensou os indivíduos como agentes em interlocução com a estrutura e esta como não determinante do destino social e não completamente externa: “[...] os seres sociais não se encontram diante das estruturas linguísticas, mas se constituem enquanto tais através das formas que suas relações sociais adquirem” (LAHIRE, 1997, p.342). Segundo o autor, a consciência é fruto das relações com o mundo e com o outro e o ser social não é um núcleo pronto, mas sua subjetividade é constituída na intersubjetividade.

Dessa maneira, a criança não recebe de forma passiva o capital social familiar, pelo contrário, realiza um trabalho de apropriação e transformação do que recebe⁷⁵. Lahire (1997) identificou uma dimensão da construção do capital cultural da criança que acontece sem intenção pedagógica explícita de uma pessoa adulta, na medida em que esta cria sentidos próprios para suas vivências.

O autor acreditou que a presença de capital escolar na família não significa necessariamente que as crianças o obterão. Mãe e pais que acumulam grande quantidade de capital escolar podem passar para os filhos angústias e inseguranças que trazem com relação ao ensino e comunicarem uma relação dolorosa com a escola, que mães e pais não alfabetizados podem não passar e construir um lugar positivado para o conhecimento escolar. O pai de Elisa,

⁷⁴ O conceito de capital utilizado por Lahire (1997) é o que foi desenvolvido e trabalhado por Pierre Bourdieu (1989; 1982), que o dividiu em quatro categorias: capital econômico, capital social, capital cultural e capital simbólico. Bourdieu utilizou o conceito em obras como: “O capital social: notas provisórias”, de 1998; “O poder simbólico”, de 1989 e “A Distinção: crítica social do julgamento”, de 1979.

⁷⁵ Ainda que seja um discípulo de Pierre Bourdieu, Lahire (1997) adotou uma posição crítica sobre o que seria uma visão determinista sobre a reprodução das estruturas sociais. Bourdieu desenvolveu sua visão sobre o sistema escolar enquanto um instrumento de reprodução da cultura dominante na obra “A Reprodução”, de 1970, escrita em parceria com Jean-Claude Passeron.

apesar de não ter recebido educação formal, apresentava para as filhas uma visão positiva do conhecimento.

Elisa se lembra com afeto dos momentos em que o pai conversava com ela e com a irmã sobre política e outras questões. Quando a irmã de Elisa começou a trabalhar em uma biblioteca, pegava muitos livros para ler e compartilhava com ela. A aquisição de conhecimento por meio da leitura trouxe para Elisa a sensação de acolhimento familiar e de conformidade com o pai. Portanto, ainda que o pai não possuísse os valores e normas que a levariam a ter sucesso escolar, ele construiu um significado positivo para o universo do conhecimento (LAHIRE, 1997), do qual ela se sente parte.

Ainda que o conhecimento seja um valor positivo para ela, o ambiente escolar é negativo. Sua entrada na instituição foi conturbada. Quando iniciou seus estudos, na década de 1960, não havia acesso pleno ao ensino público⁷⁶. Ela começou a estudar por acaso, quando a diretora da escola, em uma visita à sua casa para doação de leite que havia sobrado da escola, a viu tentando aprender a ler sozinha e a levou para frequentar o ambiente escolar. A escola ficava dentro da favela e em um ambiente improvisado, um espaço onde antes funcionava uma loja.

Ela diz que era “adiantada” com relação às/aos colegas e se sentia entediada, por isso dormia durante as aulas, e seu tédio foi agravado quando precisou repetir o ano, pois, apesar de ter notas para aprovação, não tinha idade suficiente para avançar para a próxima série. Então, começou a faltar às aulas sem que os pais soubessem. No ambiente escolar ela também foi alvo de racismo, o que será discutido em outro tópico.

Mesmo que o ambiente escolar ficasse localizado dentro da favela e os frequentadores fossem pessoas oriundas da mesma realidade social, havia a produção de ações hostis contra a presença de Elisa, uma menina negra, naquele espaço. As ações foram efetivas para criar uma resistência dela com relação ao ambiente, mas não desfizeram a identificação positiva que Elisa tinha com o conhecimento. Ela passou a procurar o conhecimento de forma autônoma, se identificando com o autodidatismo do pai. A construção do significado positivo do conhecimento que foi produzido na família sobreviveu ao impacto do racismo que sofreu.

O conhecimento, para ela, traz tanto a sensação de acolhimento, quando é adquirido de forma autodidata, quanto a sensação de rejeição, quando ela se encontra no ambiente institucional. Por isso, ela prefere aprender sozinha. O fato de ser autodidata como o pai, lhe permite burlar a interdição que o sistema escolar produz à queles que não foram preliminarmente inseridos em suas formas e valores (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

⁷⁶ Na década de 1960, ocorreu uma expansão da rede de ensino pública, com a construção de prédios escolares e surgimento de novas abordagens pedagógicas, em função da nova clientela (pobres e imigrantes rurais).

S. Seja através de mim, se eu estive alfabetizando, e, como eu não passei por isso, eu me desenvolvi. Pra mim é normal fazer um esforço pra entender as coisas. Mas esse esforço sempre é no sentido de uma, vem com uma autonomia muito grande. [...]

S. Eu não sinto a necessidade de ninguém pra me ensinar as coisas...

M. Você mesma...

S. Eu me sinto capaz de buscar, assim, tanto buscar o meu mundo interno, compreendê-lo, quanto buscar o mundo de fora. E faço isso, essa, de olhar pra fora e buscar compreender isso, e voltar, dar retorno (ELISA).

Como Elisa consegue aprender sozinha, sofreu menos os impactos do racismo que experienciou e que foi um dos fatores de seu afastamento do ambiente escolar. O mesmo não aconteceu com Fátima, Ruth e Ivone. As três relataram situações em que o fato de serem negras gerou desconforto escolar. Com Ruth, isso ocorreu quando aprendia sobre a escravidão na escola. Ela contou que durante as falas da professora sentiu vergonha de ser negra. Fátima relatou que, quando estudava a escravidão, perguntou à professora sobre o motivo de terem existido pessoas escravizadas. Ivone foi alvo de racismo por parte de uma professora durante uma aula (essa situação será explorada posteriormente).

Outra maneira de os pais e as mães garantirem para elas a mobilidade, é por meio do investimento em cursos técnicos em institutos como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e CEFET, que oferecem cursos técnicos gratuitos concomitantemente ao ensino médio, como ocorreu com Ivone e Elisa. As famílias também investiram em cursos preparatórios para atuação em cargos baixos no mundo corporativo, como o de secretárias.

Segundo Lahire (1997), a configuração familiar é um importante constitutivo do sucesso escolar. Em muitas famílias de composição heterogênea com relação ao nível de escolaridade, ainda que haja somente um membro que valorize o capital escolar, ele pode se tornar um símbolo de identificação para a criança. Isso ocorreu com Iza (avó), Ivone (mãe), Ruth (pai), Carolina (mãe) e Conceição (avó). Fátima teve como figuras importantes tanto o pai quanto o avô materno. Enquanto o pai a direcionava para o conhecimento de forma estratégica para construir a mobilidade social, o avô lhe apresentava a possibilidade de um conhecimento crítico e questionador.

A expectativa familiar tem um grande peso no sucesso escolar. Nesse sentido, as famílias das interlocutoras destoaram do estudo de Barbosa (2009, p. 403) para quem “[...] as mães dos brancos, de estratos de maiores rendas e com maior escolaridade tendem a ter

melhores expectativas em relação à escolaridade dos filhos”. As famílias das interlocutoras demonstraram expectativas altas com relação a elas.

Quando Ruth concluiu seu curso técnico de contabilidade, passou a ser a responsável por calcular o Imposto de Renda do pai.

O meu pai me passou isso, sabe? E ele sempre me fez acreditar que eu podia ir à frente. Ele me [falava]: “Que curso você quer fazer?” Sempre me incentivou a estudar. Aí eu falei: “Ah, eu quero fazer contabilidade”. E aí ele falava: “Ah, então vai fazer contabilidade, vai ser bom”. Eu estava lembrando que a primeira declaração de Imposto de Renda que eu fiz foi a dele, porque ele me incentivando... um professor, vai lá, faz...” (RUTH).

Lahire (1997) mostrou que as famílias podem atribuir um lugar simbólico às “crianças letradas” no núcleo familiar por meio da escuta atenta e da demonstração de interesse por seu conhecimento e, também, da criação de uma função familiar importante para as elas, por exemplo, lhes pedindo ajuda (como fez o pai de Fátima com o Imposto de Renda), gerando reconhecimento e validação.

Carolina contou que sua mãe valorizava os momentos em que ela estava estudando. Sua mãe transmitiu para ela um valor positivo dos estudos porque o momento em que Carolina estava estudando era respeitado, era o momento em que ela não podia ser interrompida por ninguém.

Os rompimentos das interlocutoras aconteceram pela forma como se apropriaram e utilizaram a herança cultural familiar, e, também, pela forma como as mães, e no caso de Ruth, o pai, conseguiram transmitir para as crianças algo que eles mesmos não possuíam.

3.4.5.4 Empregabilidade

Parte da literatura que trata da ascensão da população negra pontua os aspectos raciais como limitantes. Sousa (1990) mostrou algumas das estratégias que são encontradas nas trajetórias desenvolvidas por essa população. Uma delas é “ser o melhor”. Elas sentem que precisam ser melhores que os demais para conseguirem alcançar o sucesso profissional. O discurso de precisar ser melhor, bastante difundido e internalizado pela população negra, é encontrado em uma música do grupo de rap Racionais Mc’s: “Desde cedo a mãe da gente fala assim: ‘filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor’” (RACIONAIS TV, 2017).

As interlocutoras tentaram se contrapor à visão negativa de que as pessoas negras não são boas ou aptas a alguns tipos de trabalho e sentiram que, para isso, precisariam provar ser muito melhores que as pessoas brancas. A forma de produção capitalista, baseada na produção incessante, se beneficia dessa crença na medida em que ela produz pessoas que dedicam grande parte de sua vida ao aperfeiçoamento de suas práticas sem, contudo, esperarem valorização proporcional ao esforço empreendido. Azevedo (1996, p. 126) mencionou que, entre seus informantes, na década de 1950, a ideia de que “[...] a pessoa de cor para vencer e subir socialmente deve ser mais preparada e mais capaz do que brancos, é muito generalizada”.

Para Isildinha Nogueira (1998), é comum que pessoas negras experienciem o sentimento de não serem suficientemente boas nas relações ou funções sociais, o que está associado a uma dissonância entre esquema corporal e imagem do corpo, oriunda da introjeção do imaginário racista. Isso é explicado pela autora como um efeito do preconceito de marca, que leva o indivíduo a tentar “compensar” seu “defeito” racial.

Nogueira (1985) nomeou o racismo brasileiro como “preconceito de marca”, em contraponto ao “preconceito de origem”, predominante nos EUA. Nele, não são necessárias informações sobre a origem da pessoa para que seja possível fazer um julgamento sobre ela.

[...] o preconceito de marca determina uma preterição, o de origem, uma exclusão incondicional dos membros do grupo atingido, em relação a situações ou recursos pelos quais venham a competir com os membros do grupo discriminador. Assim, um clube recreativo, no Brasil, pode opor maior resistência à admissão de um indivíduo de cor que à de um branco; porém, se o indivíduo de cor contrabalançar a desvantagem da cor por uma superioridade inegável, em inteligência ou instrução, em educação, profissão e condição econômica, ou se for hábil, ambicioso e perseverante, poderá levar o clube a lhe dar acesso, “abrindo-lhe uma exceção”, sem se obrigar a proceder da mesma forma com outras pessoas com traços raciais equivalentes ou, mesmo, mais leves (NOGUEIRA, 1985, p. 293).

O autor observou que, no Brasil, algumas pessoas negras poderiam conseguir acessar os espaços brancos desde que demonstrassem ter certa postura, que incluía o domínio dos saberes socialmente valorizados e atitude submissa com relação às pessoas brancas.

As estratégias de mobilidade se direcionam com intensidade para a formação escolar e técnica por meio da escolha de instituições públicas notadamente reconhecidas por oferecerem ensino de qualidade. No nível médio, a maior parte das entrevistadas se direcionou para escolas como: colégio militar, institutos técnicos federais ou outras escolas reconhecidas pela qualidade do ensino, ainda que essas exigissem gastos maiores com locomoção, devido à distância de suas casas. Conceição estudou em um colégio que lhe exigia como deslocamento diário, um ônibus e uma caminhada de aproximadamente vinte minutos.

No nível superior, ainda há uma preponderância de estudo em universidades públicas (somente Ivone estudou em uma universidade particular).

3.4.5.5 Inserção híbrida

Por não ser o foco deste trabalho, não foram aferidas as faixas de renda das famílias de origem e das entrevistadas para comparação. Porém, observou-se que houve um incremento na renda das interlocutoras, a partir de seus perfis de consumo. Percebe-se o consumo de viagens, itens de cuidados pessoais, eletrônicos, livros, posse de carros e de casa própria e algumas falas sobre o estilo de vida que permitem inferir que houve uma alteração que as aproxima do perfil de consumo de classe média.

O'Dougherty (1998) observou que o consumo é central na formação identitária tradicional da classe média e que é utilizado com objetivo de diferenciação dos extratos de renda mais baixos. O autor se apoiando em Owensby (1994), afirmou que “[...] as distinções de classe se baseavam não apenas no exercício do trabalho não manual, mas também na educação e nas práticas de consumo (inclusive diferenças no tamanho das residências, no número de empregados domésticos e no modo de vestir)” (O'DOUGHERTY, 1998, p. 2). Esse consumo era focado em bens duráveis.

Com relação às ferramentas usadas para ascensão social, O'Dougherty (1998, p. 2) afirmou que

a classe média brasileira foi apoiada e estimulada não só pelo emprego no setor público (para alguns), como também pelas políticas públicas que dão, e retiram sustentação às condições de vida da classe. Um exemplo desse apoio pode ser encontrado em certos programas específicos, especialmente o do Banco Nacional de Habitação, BNH. Criado na década de 60 para financiar a aquisição da casa própria por pessoas de baixa renda, este banco foi usado principalmente pela classe média.

A mobilidade não levou as interlocutoras a uma inserção tradicional na classe média, em termos dos itens específicos, relações sociais e matrimoniais, espaços de lazer e consumo de cultura. Ainda que a renda tenha sido incrementada, sua inclusão identitária na classe média é dificultada pelo perfil de fechamento e hostilidade dessa classe com relação a elas, à identificação das entrevistadas com os valores e sua cultura de origem e à falta de um grupo de

peças negras de classe média com quem se identificar. Assim, a mudança de classe tem um perfil híbrido, com uma mistura de elementos das classes de origem e de destino (Bicudo, 2010).

Tereza, apesar de sua vivência, durante alguns anos, em espaços de classe média, proporcionada por sua atuação no balé, no momento da entrevista se encontrava com dificuldades financeiras como resultado da pandemia de COVID-19, que a levou a parar de dar aulas e de fazer apresentações, tendo que recorrer ao uso do Auxílio Emergencial.

Ela não adquiriu o círculo social, bens ou outros recursos que a classe média tradicional possui para garantir sua subsistência em períodos de crise financeira. Quando fez sua entrada no balé, um espaço simbolicamente branco, apoiou sua permanência na identificação que desenvolveu com a proprietária negra da escola e com as poucas crianças negras que eram estudantes. Ainda que ela tenha se inserido nesse espaço social, sua inserção foi isolada, pois o grupo que construiu dentro do espaço foi composto por pessoas de origem comum à sua. A inserção não garantiu a integração plena no novo espaço e construção de uma rede de apoio possuidora dos bens materiais e simbólicos da classe média a quem pudesse recorrer em momentos de instabilidade.

No ano de 2018, a participante já produzia conteúdos para a internet e por isso foi convidada para participar de uma campanha digital produzida por uma grande rede social. Ela imaginou que esse evento seria um alavancador para sua carreira nas mídias sociais, o que acabou não ocorrendo, em parte por sua falta de conhecimento de como fazê-lo e em parte pela falta de recursos para investir em sua produção de conteúdo. Ela se encontra em uma zona divisória, em que tenta se aproximar do mundo das pessoas brancas, espaço onde se encontram os recursos que necessita para completar sua mobilidade ascendente, mas sente a recusa dessas pessoas. Aprimora-se profissionalmente, mas isso não garante a aproximação e aceitação, ela encontra dificuldades na conversão dos escassos recursos materiais e simbólicos que adquiriu em mobilidade.

Fátima vivenciou, do mundo da classe média tradicional, a experiência de ter algumas horas não dedicadas ao trabalho em seu cotidiano, disponíveis para que ela pudesse se voltar para o autocuidado. Quando ingressou no Doutorado, se tornou bolsista, de forma que não precisou ter um trabalho remunerado paralelo à formação. Com isso, diz que experienciou pela primeira vez ter tempo livre, o que lhe gerou estranhamento. Ela utilizou esses momentos para aprendizagem sobre cuidados dos cabelos e de estética. Segundo Collins (2019), esses momentos de autorreflexão fazem parte da construção de intelectuais orgânicas.

O momento em que se dedicou somente aos estudos foi uma exceção na vida de Fátima, já que desde sua graduação ela conciliava estudos e trabalho, assim como outras participantes

(por exemplo, Ivone e Marin). O trabalho junto aos estudos é uma marca que as aproxima do grupo que Souza (2010) chamou de “*batalhadores*”, a população que cresceu economicamente nos anos 2000, mas conservou um perfil de trabalho de classe baixa. De acordo com o autor, os batalhadores são uma classe extremamente heterogênea, que engloba várias formas de trabalho precarizado e que possui uma constituição socioemocional que os torna aptos e prontos para trabalhar em jornadas extensas.

Com relação ao local de moradia, nenhuma das interlocutoras passou a residir em espaços associados à classe média, algumas permanecendo nos mesmos bairros pobres e até na mesma casa (é o caso de Carolina) onde nasceram. Os ambientes de lazer e descanso se localizam em espaços associados às classes baixas, sendo predominantemente casas de samba, bares e igrejas. A circulação em ambientes de classe média é ocasional, só acontece de forma recorrente nos locais de trabalho.

Na crítica que Souza (2013) fez ao que considera uma visão “economicista” da classe, ele a percebe, para além das faixas de renda, como um modo específico de estabelecer relações e acessar recursos:

[q]uando dizemos que o pertencimento de classe é a questão mais importante da vida social é porque ele não define apenas o acesso privilegiado a todo tipo de “bem material”, como a compra do carro do ano e do apartamento com varanda. Esse pertencimento pré decide também o destino dos recursos escassos ideais como respeito, autoestima, reconhecimento, cultura, prestígio, charme, os quais vão permitir, portanto, não só o acesso diferencial a empregos de prestígio e bons salários, mas também o acesso a certos amigos, à conquista de certo tipo de mulher ou de homem [...].

Sua compreensão de classe acompanha em parte a de Bourdieu (1989, p. 136), para quem:

[a] classe social é, portanto, formada por um conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomada de posições semelhantes.

A classe, percebida dessa forma, atua como um grupo de pertencimento que produz um senso de coletividade e representações de mundo compartilhadas.

Percebe-se que após sua transição, as entrevistadas não adentraram completamente em outro campo de significados, não realizando a passagem completa e definitiva de uma posição para outra, ou, da posição de pobreza para a posição de classe média. A baixa mobilidade de classe no Brasil faz com que as classes médias e altas construam seu pertencimento ao longo

de anos com a construção de círculos sociais, valores e hábitos com baixíssima permeabilidade, nos quais as entrevistadas não conseguem se inserir. Elas vivem certo grau de isolamento social, pela falta de um grupo de destino coeso, uma classe média negra, a partir da qual possam formular visões de mundo e aspirações compartilhadas.

Pierson (1971) defendeu a ausência de “consciência racial” no Brasil, por não haver identificado a presença de grupos estanques ou de preconceito racial em seu estudo de caso realizado na Bahia. Constatou que pessoas pretas e brancas não se viam como grupos fechados e diagnosticou a inexistência de coletividades políticas organizadas. Para ele, o critério racial não determinava o destino social das pessoas negras, o que podia ser percebido no processo de ascensão de pessoas mestiças. Os “homens de cor” em mobilidade ascendente não se viam como grupos raciais nem percebiam qualquer tipo de empecilho ao longo de sua vida profissional.

Azevedo (1996), considerou que ainda que seja possível identificar pessoas negras em ascensão ao longo da história, não se trata de um fenômeno grupal, não sendo possível identificar nas pessoas que passam pela ascensão a formação de uma identidade coletiva. Já Bicudo (2010) observou o surgimento de movimentos que lutavam pela melhoria de condição das pessoas negras, e que tentavam transformar esta população em um grupo coeso, a partir da ligação com o passado escravista comum.

Para Figueiredo (2002), a ausência do senso de solidariedade coletiva entre as pessoas negras que realizam a mobilidade é resultado da forma como estão distribuídos no país. Sobre a classe média negra na Bahia ela entendeu que

[...] não existe uma classe média negra composta por indivíduos que elaboram estratégias de ajuda mútua e que se reconhecem enquanto um grupo racial no contexto da classe média soteropolitana majoritariamente branca [...] nem tampouco constatamos a existência de um grupo que traça estratégias e ações coletivas pautadas na solidariedade étnico-racial (FIGUEIREDO, 2002, p. 69).

Por isso, ela propôs que não é possível falar em uma “classe média negra”, mas em pessoas negras que alcançam a classe média, com trajetórias isoladas.

As interlocutoras se estabelecem como “híbridos culturais” (BICUDO, 2010, p. 153), por se orientarem a partir tanto de elementos de sua cultura de origem quanto de destino.

Muitos nativos, enquanto isso, receberam educação e treino que os isolaram inconscientemente do resto do grupo. Participando agora, pelo menos em parte, de duas culturas, tornam-se “híbridos culturais”, sentindo-se estranhos a ambas. Ocorrendo ao mesmo tempo a miscigenação, surge um gaipo de mestiços cuja

marginalidade racial, acrescida à sua hibridação cultural, os torna ainda maiores estranhos nas duas culturas.

A mobilidade de pessoas negras, tanto no regime escravista quanto em sua entrada na ordem competitiva, acontecia por meio do isolamento do restante do grupo, sejam as pessoas escravizadas que trabalhavam dentro das casas e eram apadrinhadas pelas famílias escravagistas, sejam as que foram apadrinhadas por fazendeiros e receberam estudos, sejam as que buscavam parecer “branqueadas”, se afastando da cultura negra e de outras pessoas negras que não adotassem a mesma postura. Tal fato contribuiu para que não ocorresse a formação de um grupo identitário e solidário entre si.

Não fazer uma passagem de classe tradicional, adquirindo de forma mais completa todas as características de classe média pode ser fruto de não haver modelos para seguir. Por isso, o contato com o grupo de origem é fundamental para as informantes em suas estratégias de ascensão. Julineia Soares (2017) percebeu a mesma estratégia em um estudo sobre empoderamento de mulheres negras. Uma de suas entrevistadas passou por um processo de ascensão social. O seu narcisismo⁷⁷, que é fundamental em seu empoderamento, “[...] faz-se presente em certa fixação em relação à sua história, identidade e origem. Ela se propõe ativamente a lembrar das dificuldades da infância para fortalecer o eu que ela construiu” (SOARES, 2017, p. 54)

Ela não se muda do bairro onde nasceu, apesar de sua ascensão econômica. Isso está ligado a uma busca por imagens de pessoas negras com as quais se identificar, o que poderia não ocorrer em bairros mais ricos. Mesmo sendo uma pessoa empoderada, a entrevistada precisa fortalecer diariamente esse empoderamento, a positivação do seu eu negro (SOARES, 2017)

3.4.6 Modelos de identificação

A busca por modelos identificatórios gera dificuldade na elaboração das trajetórias, já que algumas das participantes não podem se identificar completamente com a mãe ou o pai, que representam modelos que elas querem romper. Ainda que incentivem o rompimento, a mãe ou o pai não possuem recursos para lhes oferecer outras possibilidades de vivências. Elas também não se identificam com o imaginário compartilhado sobre mulheres negras (baixa escolaridade, baixa remuneração, distantes do campo do conhecimento).

⁷⁷ Termo psicanalítico que diz respeito à constituição de uma das instâncias da subjetividade.

Collins (2019) considerou que mesmo após do fim da escravidão, as pessoas negras no EUA continuaram vivendo em situações precárias, em casas pequenas e muito próximas em bairros pobres. As mães passavam longo tempo distantes das crianças porque precisavam se deslocar longas distâncias para trabalhar, o que as levava a depender de outras famílias para contribuir nos cuidados das crianças, fortalecendo laços comunitários. Essa estrutura de apoio mútuo foi muito importante para a elaboração e a comunicação de formas coletivas de percepção da situação social do grupo (COLLINS, 2019) e da construção coletiva de um imaginário social e de modelos identitários.

Ainda de acordo com Collins (2019), devido ao seu fechamento em guetos, as mulheres negras desenvolveram sua própria concepção sobre sua condição (autodefinição), como forma de resistir às imagens de controle. As comunidades eram muito fechadas, de forma que somente as pessoas de dentro conheciam as formas de visão que estavam sendo desenvolvidas dentro desses lugares.

As pessoas negras que crescem em outras realidades podem não experimentar essa dimensão comunitária de elaboração de identidades. Bicudo (2010), considerou que o intenso contato primário e a consequente identificação com pessoas brancas na infância faz com que a pessoa negra desenvolva uma concepção negativa de si. Para romper essa concepção, precisa encontrar modelos de identificação positivos.

As participantes demonstraram uma busca ativa por modelos positivos de identificação. A valorização da identidade racial é muito importante para todas, o fato de serem negras não se apresenta como uma característica banal, mas como central em suas percepções. Conflitos associados à busca por modelos de identificação apareceram em muitos momentos. Iza falou sobre como isso a afetou durante a sua graduação. Ela cursou Direito em uma universidade pública, um espaço majoritariamente branco, onde fez muitas amizades, todas com pessoas brancas.

Nessa época, ela utilizava os cabelos alisados e tinha vontade de utilizar tranças africanas, mas não o fazia porque não havia outras pessoas em seu meio que também utilizassem o penteado e se sentia insegura. Ela associou a dificuldade de utilizar o penteado que desejava à falta de pares que lhe dessem suporte.

[...] mas eu acho que naquela época eu também não teria condições, sabe, de sustentar, nem teria um grupo de amigas [negras] pra me fortalecer (IZA).

A universidade foi um lugar em que sua racialidade não foi discutida e ela acredita que a falta de pessoas iguais influenciou na percepção de suas possibilidades. Diferentemente de

Iza, para Sheron e Maria a universidade foi um local de ter contato com discussões raciais e de encontro com iguais. Ambas ingressaram na graduação nos anos 2000, enquanto eram implementadas políticas de democratização de acesso ao ensino superior e diversas ações afirmativas.

A estética dos cabelos aparece bastante quando se trata das identificações. Sheron teve uma experiência significativa quando entrou pela primeira vez em um salão de beleza especializado em cabelos crespos e cacheados. Esse salão surgiu na cidade de Belo Horizonte no contexto das movimentações de valorização do cabelo no estilo natural (TAVARES, 2018). A equipe do salão era composta por pessoas negras com cabelos no estilo natural ou trançados e a decoração utilizava elementos da cultura africana.

o primeiro contato com esse ambiente causou grande impacto na entrevistada.

A primeira vez que eu fui nesse salão eu fiquei encantada, falei **‘nossa, aqui eu tô no meu lugar’** [...] É, eu me senti acolhida quando eu fui pra esse salão, eu me senti extremamente acolhida, tipo assim: “aqui eu sou aceita do jeito que eu sou”, sabe? [...] E o tempo todo, são mulheres que o tempo todo se amam do jeito que são e veem beleza, beleza, muita beleza na estética negra, sabe? Aí eu ficava apaixonada, ficava encantada, chegava lá todas as atendentes assim, ou esteticista, ou manicures, **elas têm muita identidade**, então os cabelos, cada cabelo mais maravilhoso do que o outro, sabe (SHERON, grifos meus).

Sheron sentiu que estava “no seu lugar” quando encontrou modelos de mulheres negras diversos dos que ela comumente via nas representações sociais e no seu dia a dia. Essas mulheres performam uma negritude moderna, que usufrui de códigos culturais ao mesmo tempo em que valorizam os elementos raciais, consomem vestimentas, maquiagens, acessórios, eletrônicos e outros elementos com os quais ela consegue se conectar e por meio dos quais consegue perceber uma forma de inserção social nova para ela. Essas pessoas representam modelos por meio dos quais ela consegue ter uma visão mais coesa do que os elementos soltos que ela usava até então para se identificar, que não produziam sensação de coesão identitária.

Ver outras pessoas utilizando os cabelos no estilo natural também foi importante para Maria. Ela mencionou algumas situações em que o encontro com pares foi significativo para ela: as imagens de pessoas negras na televisão, em canais do YouTube e com uma colega no trabalho:

[...] eu não sei se é porque começaram a surgir pessoas na mídia, pessoas negras de cabelo crespo assim, já assim, nos sinalizando que a gente não era errada né, inadequada, eu comecei a me achar (MARIA).

[...] ela que me ensinou [colega de trabalho], e aí com o tempo eu fui descobrindo, aí tipo assim, ah, ver o canal [canal do YouTube], por exemplo, da Mari Morena

[youtuber que fala sobre cabelos cacheados], não sei se você conhece, que ela explica [...], e aí com o tempo eu fui conhecendo os produtos, as técnicas (MARIA).

Tereza demonstrou dificuldade em encontrar imagens de identificação mesmo entre outras pessoas negras que participam do mesmo grupo de pertencimento que o dela: das mulheres que fizeram a transição capilar (TAVARES, 2018). Ela criticou algumas mulheres que falam sobre a valorização do uso do cabelo natural, porém seus cabelos são pouco cacheados, o que faria com que as pressões acerca do cabelo fossem diferentes do que são para Tereza.

A atriz brasileira Taís Araújo é uma fonte de identificação para algumas das entrevistadas. Taís é uma atriz negra nascida em 1978. Estreou na televisão em 1995 e atuou em várias novelas, mas a personagem a que as interlocutoras se referem é a que ela representou em uma novela no horário nobre da Rede Globo, no ano de 2010. Existem poucas pessoas negras na imprensa brasileira e principalmente nos papéis mais prestigiados (MARIA LAURA CHAVES, 2008), quando essas pessoas aparecem, geralmente ocupam posições subordinadas, como foi o caso da primeira novela em que Taís atuou, “Xica da Silva”, em 1996. Nessa novela, que foi transmitida pela Rede Manchete, Taís interpretava uma mulher escravizada no século XVIII. De acordo com Chaves (2008), os papéis mais comuns interpretados por mulheres negras são de empregadas domésticas ou moradoras de favelas.

A personagem que chamou a atenção das interlocutoras foi a que a atriz interpretou na novela intitulada “Viver a Vida”. Diferentemente das representações comuns de mulheres negras, a personagem era uma modelo rica e de renome internacional chamada Helena. A personagem se apresentava como uma mulher forte, elegante, bonita, decidida, bem-sucedida e independente. Não utilizava os cabelos alisados, mas cacheados e longos. A avó de Tereza comparou seus cabelos aos da personagem, o que foi um dos motivos que a levou a querer parar de alisar seus cabelos. Em virtude dos projetos emancipatórios que as carreiras biográficas das participantes representam, Taís se tornou um horizonte para onde olhar.

Outro elemento identificatório bastante presente é o estado da Bahia, principalmente a cidade de Salvador, conhecida por ser a cidade mais negra do Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2017, 82,1% da população da capital baiana se autodeclarou negra, uma proporção bem superior à média geral do país, de 55,4% (PNAD, 2020). O imaginário sobre o estado, gira em torno da valorização de elementos culturais de origem africana, como religião, música, dança e culinária. O centro histórico da cidade de Salvador é conhecido pela preservação de elementos do período colonial, como museus que resgatam a história das pessoas negras no país.

As entrevistadas se identificaram principalmente com a personalidade das pessoas da região.

Eu falei [para uma amiga]: “Vamos pra Bahia, vamos!”. Eu falei: “Olha, se você chegar aqui na Bahia e ver um monte de preto correndo na praia, não acha que é arrastão não”, ela: “Ê, Carolina, deixa de ser idiota!”, eu falei: “Não, é sim!”. Porque a gente tava acostumada no Rio [de Janeiro], de sair catando as coisas correndo porque era arrastão. “Aqui não, aqui você só vai ver preto” e ainda falou: “Você é palhaça!”. Mas o que eu quis mostrar para ela né, porque ela era muito medrosa, e a família: “Ai, você vai pra Bahia!”, sei lá o quê o que o povo achava da Bahia, mas eu falei com ela: “Fica à vontade”, e lá a gente fica à vontade, eu fico. Né, o povo não está nem aí pra você. Não tem aquela coisa, no meu olhar, né, você chega numa praia da Bahia, chega, você chega na praia da Barra, você chega né, em Itaparica, lógico que o lado chique de Itaparica é uma coisa, mais praia, praia, né, não tem aquela coisa, embora eu ame, que tem no Rio, de um olhar pro outro, está com biquíni chique, está bem vestido, está mal vestido, sei lá o quê. **Não, na Bahia é do jeito que é.** O povo está andando, arranca a roupa, de calcinha e sutiã e entra na praia e está tudo certo! Né, então acho que essa natureza da Bahia que eu gosto né, o jeito, a energia, acho, energia do povo. Tudo é festa, tudo é engraçado, tudo é, tudo é, está tudo certo, então é lá que eu gosto (CAROLINA, grifo meu).

A Bahia mítica que ela criou, em que se utilizam calcinha e sutiã nas praias, é um lugar acolhedor, em que é possível não associar as pessoas negras à criminalidade e onde ela encontra outras pessoas parecidas consigo. Encontram-se imagens de negritude que escapam ao imaginário hegemônico.

Antonieta buscou por modelos positivos quando visitou um país africano para uma apresentação com sua companhia de dança. Ela contou que ficou decepcionada por não ter encontrado lá os elementos que compunham seu imaginário. Ela imaginava que as mulheres não alisavam seus cabelos naquele país, mas contou que a maior parte das mulheres que viu utilizavam alisamentos ou perucas. Sua decepção não fez com que ela desistisse da busca por modelos positivos para si, pelo contrário, a levou a construir sua carreira profissional em torno da produção de consciência racial em outras mulheres por meio dos cuidados com os cabelos.

A questão da falta de pares aparece de forma um pouco diferente para Fátima. As demais interlocutoras foram as primeiras a romper com o padrão familiar de baixa renda, já Fátima foi precedida pelo pai que, trabalhando em um banco, proporcionou à família uma vivência de classe média, se diferenciando do restante de seus familiares (ela tinha primos que moravam em favelas). Durante a infância, ela não tinha muitos pares de classe entre as pessoas negras. E nos ambientes que frequentava, de classe média, não tinha pares raciais.

A busca por pares apareceu quando ela teve contato com a prima que a levou a uma aula de dança africana. Nesse momento, ela teve um encontro com outras pessoas negras e com a cultura de origem africana e a partir daí começou a se aproximar de lugares que a levassem a

estar perto de pessoas negras. Quando parou de alisar seus cabelos, em 2011, ela contou que não tinha referências no Brasil sobre o assunto, lia livros que comprava nos EUA, que ela considerava que foram importantes em sua descoberta de si mesma, talvez uma forma de suprir a falta de modelos por ser de classe média. De maneira emblemática, um dos livros que ela citou se chama “Curly like me”, “Cacheada como eu” (tradução minha), uma demonstração de que ela buscava por pessoas parecidas consigo. O início de sua produção de conteúdo para a internet foi outra forma de tentar encontrar pares.

Conceição tentou passar para a filha de 11 anos de idade modelos de identificação por meio de livros infantis com personagens negras, algo que nos últimos anos tem sido possível encontrar no mercado. Ruth, ao falar de sua infância, na década de 1970, vivenciou uma realidade diferente. Ela contou sobre uma cartilha utilizada na escola que tinha como personagem principal uma garota branca e de cabelos loiros. Ao longo das páginas, aparecia uma personagem secundária, essa negra, chamada Cidinha. Os colegas a apelidaram de Cidinha, em referência à personagem e ela se incomodava com a comparação. Cidinha não era uma personagem que pudesse atuar como modelo positivo, ela era a coadjuvante, que se contrapunha à figura positiva da personagem principal. Em ambos os casos, de Conceição e de Ruth, há livros infantis com personagens negras, mas no primeiro, existe uma intenção de que as personagens negras sejam positivas e no segundo, de que seja negativa.

Quando Ruth começou a trabalhar no Departamento de pessoal de um escritório, era a única negra na parte administrativa. Ela conheceu outra mulher negra que trabalhava como faxineira, ligada ao movimento negro. O diálogo entre as duas, de ocupações e hierarquia diferentes, foi possibilitado pela identificação racial. Essa mulher a incentivou a começar a utilizar seus cabelos no estilo natural. Ela não encontrou entre seus pares ocupacionais do setor administrativo ressonância identificatória, somente em uma pessoa que atuava em uma ocupação desvalorizada. É notável que o mundo do trabalho, principalmente por ela atuar na área administrativa, pressiona para o uso do cabelo alisado, mas ela se sentiu à vontade para parar de alisar exatamente quando ingressou nesse espaço (esse foi seu primeiro emprego). No momento, ela ainda não se sentia à vontade para usar os cabelos soltos, utilizava-os no estilo natural, mas presos.

3.4.7 Contatos mistos e hostilidade

Para efetivar suas trajetórias de rompimento, as interlocutoras precisaram adentrar espaços que não eram comuns a elas e a suas famílias. Durante as infâncias, conviveram, na

maior parte do tempo, com outras pessoas negras e/ou pobres. Tiveram pouco contato com pessoas brancas e com espaços de classe média. Quando deram passos em direção ao rompimento, começam a cruzar as fronteiras raciais geográficas e simbólicas.

Aryanne Oliveira et al (2019), consideram que os espaços geográficos são produzidos historicamente e guardam inscrições, memórias e projetos do passado, de forma que o racismo é parte da construção desses locais.

Entendemos que o racismo brasileiro inventou o negro como um problema espacial. Dos objetos espaciais marcados por intencionalidades racistas à difusão de comportamentos raciais na apropriação e uso do espaço, o racismo anti-negro (*sic*) condiciona, interdita, interfere racialmente a produção social do espaço (Oliveira, et al, 2019, p. 1).

Nessa lógica, a distribuição de significados aos espaços é marcada pelo imaginário que designa ao marcador negritude a pobreza e os trabalhos manuais, por exemplo, e ao marcador branquitude, a riqueza e a intelectualidade. Gonzalez e Hasenbalg (1982, p. 15), interpretaram os lugares ocupados pelas pessoas negras nas diferentes fases econômicas do país a partir da “teoria do lugar natural” desenvolvida pelo filósofo Aristóteles:

[o] lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento [...]. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

Carolina e Ivone, apesar de separadas pela diferença etária de vinte e sete anos (Carolina nasceu em 1956 e Ivone em 1983), possuem configurações familiares parecidas, com pais ausentes e mães com personalidade fortes, mas frágeis quando se tratava das relações com os maridos. Ambas se interessaram por fazer o curso de graduação em Psicologia em cujo Carolina ingressou e Ivone não. Carolina iniciou sua graduação em uma época em que era mais difícil que uma mulher negra conseguisse esse feito (em 1978), pois existiam menos universidades.

A quantidade de universidades começou a aumentar, principalmente na região Sudeste, na década de 1970, mas com pouca inserção de pessoas negras (MONT’ALVÃO, 2011). Quando Ivone se preparava para ingressar na faculdade, em meados de 2003, estavam sendo implementadas políticas governamentais de democratização do acesso às universidades. O cenário social parecia mais favorável ao ingresso de Ivone no curso desejado, porém, outros fatores além da disponibilidade de cursos e vagas influenciaram nas decisões de ambas.

Em sua infância, Carolina estudou em escolas dentro de seu bairro periférico, conviveu em um ambiente com muitas crianças negras, não sofreu ou não se lembra de ter sofrido racismo. O fato de ter crescido em um ambiente amistoso, com crianças negras, parece ter permitido que Carolina constituísse um olhar sobre si positivo o bastante para que ela tivesse segurança para fazer seu rompimento, se inserindo em um curso de graduação em que não é comum a presença de pessoas negras. Ela se desenvolveu em um ambiente seguro, o que a possibilitou se expor com mais facilidade a ambientes mistos. Baraúna (2009), mostrou que faz diferença ter contato com o racismo quando a estrutura psíquica já está fortalecida.

Já Ivone, ingressou, durante o ensino fundamental, em uma escola particular, em que havia poucas crianças negras. A mãe se esforçou para matriculá-la nessa escola para aumentar suas chances de sucesso escolar e profissional. É uma escola tradicional da cidade de Belo Horizonte, em que é muito difícil conseguir vagas. Uma das professoras costumava dirigir ofensas raciais a ela, e um dia a expulsou da sala de aula.

E ela me tirou da sala, assim, sabe, falando: “Sua preta, o que você está fazendo aqui?” Porque o [nome da escola] ainda era uma escola um pouco elitizada [...] E aí, assim, ela me tirou da sala. Por que... assim, xingando, sabe? “Preta...” Eu lembro como se fosse hoje, assim: “Você está suja, você vem para a escola suja.” Eu não estava suja, sabe? Era a concepção dela, sabe? Isso foi muito traumatizante para mim, na época [...] Ela sempre me perseguia assim. Esse dia, eu acho que ela estava num dia muito ruim na vida dela. E eu não lembro exatamente qual foi o motivo. E aí aconteceu isso. Eu fui para a diretoria. E eu passei de ano. Aí eu não assisti mais as aulas dela, ela me proibiu de assistir as aulas dela. E aí eu passei de ano porque a escola me passou, porque ela me proibiu de assistir as aulas dela (IVONE).

O episódio, que foi presenciado por colegas de classe, se tornou uma piada na escola. Nenhuma punição foi aplicada à professora e a escola também não promoveu nenhum tipo de ação educativa sobre o acontecimento. Este episódio revela que durante a infância, Ivone viveu com intensidade a hostilidade e o desamparo em um espaço simbolicamente branco.

A situação de racismo vivida por Ivone teve o efeito de ensiná-la sobre as normas de segregação racial. Uma pessoa negra no ambiente escolar (no caso dela, um ambiente escolar branco) é alvo de estranhamento e agressividade. Ao cruzar uma fronteira racial geográfica e simbolicamente, estudando em uma escola particular, foi alvo de uma sanção. O racismo da professora serviu para expor o estranhamento com relação à sua presença no espaço e para desestimulá-la da transgressão. O episódio revela ainda que, como asseverou Souza (2021) as posições sociais são utilizadas para distribuição de afetos. Os afetos presentes na vivência de Ivone, medo e insegurança, atuam em sua permanência em posições periféricas.

Os grupos que ocupam a posição de estabelecidos, segundo Elias (2000), são muito fechados como parte de sua tática de manutenção de poder. A mãe levou Ivone a estudar em

uma escola particular com a intenção de que ela tivesse mais oportunidades, porém, como resultado não esperado, a criança se deparou com o racismo em uma idade de grande fragilidade e com pouca possibilidade de elaborar o acontecimento, o que parece ter tido efeito em suas experiências mais tarde. O episódio lhe ensinou sobre a inscrição racial espacial e sobre as sanções geradas pelo cruzamento de fronteiras.

Quando ocorre o cruzamento da fronteira, entra em ação uma dinâmica em que as pessoas brancas agem de forma solidária entre si aprovando e validando a agressividade contra a pessoa negra subversora (esse mecanismo é chamado por Kilomba (2019) de Triangulação e será discutido posteriormente). Ela auxilia que a população branca consiga se manter hegemônica em seus espaços de interesse.

Quando planejava iniciar o curso de graduação, Ivone ouviu de sua família que não deveria ingressar no curso de Psicologia, porque depois de formada não conseguiria clientes por ser psicóloga negra. Ivone compreendeu que o campo da psicologia não faz parte do campo simbólico das pessoas negras e que poderia sofrer sanções caso se aproximasse dele. Adquiriu uma postura de hesitação diante das tensões que poderiam advir do cruzamento de fronteiras, o que mostra que a sanção de que ela foi alvo na infância surtiu efeito. Ela decidiu ingressar em outro curso, o de Comunicação Social.

Sua mãe estava focada em fazer a filha ter sucesso e por isso investiu em sua formação, sem esperar que ela se tornasse alvo de agressividade. As condições materiais não foram o mais significante nas escolhas de Carolina e Ivone. A primeira, imersa em um ambiente amistoso em sua infância, se desenvolveu de forma diferente de Ivone, que foi alvo de um alto grau de agressividade, que serviu como reafirmador da segregação racial.

O fato de existirem zonas demarcadas racialmente não implica em que ocorra uma segregação geográfica absoluta. É possível a ocorrência de contatos mistos de forma não conflituosa, com a observação de ordens hierárquicas. Quando há algum tipo de contato entre pessoas de zonas diferentes, normalmente ele ocorre de forma estruturada, como verificado por Azevedo (1996). Quando uma pessoa negra entra em uma zona simbolicamente branca, como por exemplo um bairro “nobre”, deve ocupar cargos de prestação de serviços às moradoras e aos moradores, o que de alguma forma estabiliza a inscrição racial que o coloca em uma posição de inferioridade. Assim, as regras de inscrição espacial não são quebradas e são vistas com naturalidade porque se atrelam aos estereótipos que transformam características raciais em estigmas (Goffman, 1988).

Ivone contou que enquanto cursava a graduação, começou a trabalhar como vendedora em uma loja localizada em uma região de classe alta de Belo Horizonte. Seu chefe lhe solicitava

que realizasse funções que não correspondiam ao seu cargo, como preparar e servir café para ele em sua sala. Ele derrubava objetos de sua mesa de trabalho no chão e solicitava que ela pegasse, além de retornar do almoço antes do término de seu horário para vigiar o retorno de Ivone. Ele não agia da mesma forma com as demais funcionárias e ela era a única pessoa negra no ambiente. Apesar do sofrimento que a situação lhe causava, precisou continuar nesse emprego por dois anos.

Essas situações vividas por Ivone nunca foram discutidas, nem no ambiente de trabalho nem fora dele. Ela compreendeu que falar sobre a situação poderia colocar em risco seu emprego e prejudicar suas redes de contato, já que o emprego foi acessado por meio de uma amiga de sua mãe, com quem a denúncia da situação poderia gerar conflitos.

Quando vivenciou o evento, Ivone tinha dúvidas sobre a motivação do chefe, se perguntava se os ataques poderiam acontecer devido a uma interpretação do chefe de que ela não era uma boa funcionária. Posteriormente, compreendeu que se tratava de episódios de racismo. A primeira interpretação de Ivone foi de que a agressão racista era resultado de alguma falha sua no desempenho de suas funções laborais, transferindo para si a responsabilidade pelos abusos.

O chefe reiterou a posição de submissão que ela deveria seguir para estar presente no espaço branco. Apesar de exercer a função de vendedora, foi levada a realizar atividades relacionadas à função de copeira, uma posição hierárquica considerada inferior. Azevedo (1996, p. 73-74) identificou, entre as classes intermediárias na Bahia, a presença de códigos que demonstravam o que era esperado das pessoas negras quando adentravam espaços simbolicamente brancos:

[o]s brancos esperam que as pessoas de cor, principalmente as mais escuras, sejam comedidas em seus gestos, modestas, e que, apesar de seus méritos pessoais, guardem certa distância delas. E aquelas sabem muito bem de tudo isso. Um profissional mulato diz, por exemplo, que só vai aonde a sua presença é necessária. Muitas vezes, diz um preto, o preto não encontra barreiras porque, sabendo do preconceito, não vai a certos lugares (*sic*).

Espera-se que quando a pessoa negra cruza as fronteiras geográficas, não cruze as fronteiras simbólicas, evidenciando com sua postura a hierarquia racial (e de classe). A pessoa branca atua nestas situações testando e fazendo com que a pessoa negra confirme sua posição de inferioridade, como fazia o chefe de Ivone. Azevedo (1996) relacionou a ascensão de pessoas negras aos costumes sociais tradicionalistas. Se portar de forma inadequada ao status de classe se torna pior quando a pessoa é negra.

Isso resulta em que os cruzamentos de fronteiras sejam desafiadores. Goffman (1988), identificou como “contatos mistos” as situações em que há o cruzamento das segregações impostas por hierarquizações sociais. São “[...] os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma ‘situação social’, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal” (p. 16). Esses contatos podem ser difíceis porque “[...] durante os contatos mistos, é provável que o indivíduo estigmatizado sinta que está ‘em exibição’, e leve sua autoconsciência e controle sobre a impressão que está causando a extremos e áreas de conduta que supõe que os demais não alcançam” (GOFFMAN, 1988, p. 16).

De acordo com o autor, as interações mistas trazem à tona as avaliações e hierarquizações, gerando sentimentos de inadequação, medos e inseguranças. Os sujeitos tendem a tentar controlar o efeito de seu estigma na interação e isso, por sua vez, confere ao contato uma carga extra de ansiedade, dubiedade, hesitação ou agressividade. Ainda segundo Goffman (1988), a pessoa estigmatizada pode tentar diminuir a ansiedade gerada pelo encontro tentando controlar as expectativas da outra pessoa, o que lhe demanda análises e previsões que aumentam o nível do desgaste que o encontro suscita. Durante o contato misto, submergem as inquietações que indicam que uma ordem social foi rompida, e por isso, as regras são reiteradas.

Quando “normais” e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma (GOFFMAN, 1988, p. 15).

Apesar de difíceis, estes contatos são necessários para que as interlocutoras deem andamento em seus projetos de mobilidade. Os empregos escolhidos, assim como os locais de trabalho e de sociabilidade entre pares ocupacionais das entrevistadas que tiveram mais sucesso em seu projeto de ascensão, são brancos.

A entrada em círculos sociais estrangeiros é tanto uma estratégia para a mobilidade quanto um resultado dela. O relato de Fátima ilustra a tentativa de entrada em contatos mistos, por parte de seu pai. Conforme avançava em sua carreira em uma grande empresa pública, ele resolveu se mudar com a família do subúrbio do Rio de Janeiro para um bairro de classe média. Porém, o restante da família não gostava.

[...] era uma briga muito grande entre os meus pais, porque a minha mãe via que não havia outros negros e negras no entorno, e ela falava pro meu pai: “a gente tem que voltar pro subúrbio ou pra zona norte, porque, comprar uma casa num lugar legal, uma

vila, mas a gente não pode ficar aqui”. Meu pai insistia que criar a gente Zona Sul seria melhor, porque ali era um lugar em que a gente poderia se desenvolver mais (FÁTIMA).

Enquanto o pai de Fátima considerava a inserção na Zona Sul uma forma de oferecer às filhas oportunidades, a mãe a entendia como fonte de isolamento e insegurança. A mudança para a região representava também um movimento de distinção, uma busca de seu pai por se diferenciar das demais pessoas negras. Domingues (2007) entendeu que havia uma visão de que a pessoa negra era incapaz de traçar seu próprio projeto de vida, por isso precisava seguir os das pessoas brancas, e que havia um patrulhamento social sobre eles, para que não frequentassem lugares com práticas consideradas de pessoas negras (por exemplo, a prática de capoeira, samba, umbanda e candomblé).

O pai de Fátima enxergou na inserção geográfica uma maneira de acessar recursos sociais que estão concentrados em grupos brancos e de classe média. A segregação espacial tem como resultado que os grupos que detém menor poder circulam seu capital social entre si, não tendo acesso a outros círculos de oportunidades. As pessoas que tentam cruzar as fronteiras, precisam lidar com a hostilidade dos outros, o que gera a sensação de isolamento e insegurança que sentidas pela mãe de Fátima.

Carolina começou a conviver mais com pessoas brancas quando começou a estudar no colégio Tiradentes, no ensino médio. Lá, fez amizades com as quais ainda mantém contato. Sua trajetória de vida teve a participação de muitas pessoas brancas que, de certa forma, a apadrinharam em momentos cruciais e foram um suporte para sua ascensão.

Por exemplo, quando finalizou o ensino médio e começou a trabalhar como contratada em um órgão público, a mãe de uma amiga do trabalho, ao inscrever a filha no vestibular, também inscreveu Carolina. Depois de formada na graduação, e atuando no DER em um cargo administrativo, seu chefe encontrou uma vaga no setor de RH onde ela poderia atuar na sua formação e providenciou sua transferência.

Ela foi a entrevistada que mais demonstrou cruzar as inscrições espaciais para estabelecer contatos mistos, fazendo o manejo das tensões. Ela se difere também por se posicionar em uma situação de receber ajuda dos outros, enquanto outras interlocutoras, como Iza, Conceição e Elisa, adotaram performances de autonomia e independência que as levaram a buscar lidar sozinhas com seus problemas. A força e a forma autônoma com que agem pode ser resultado da percepção de falta de apoio e de redes com quem contar.

A habilidade de Carolina para se relacionar com pessoas brancas chamou a atenção de sua mãe:

[a] minha mãe demarcava isso, né, ela falava sempre, eu acho que por medo de eu sofrer discriminação, ela sempre falava assim que eu era igual à minha bisavó, porque eu tinha amigas brancas. E eu ficava achando estranho, para mim todo mundo era a mesma coisa, ela falava: “Não, mas é igual vovó Maria”. Vovó Maria, na cabeça dela, vovó Maria, “Porque, né, minha avó trabalhou muito na casa de brancos e ela ficou amiga dos brancos, né?”, então minha mãe falava isso, que eu era igual a minha bisavó, eu gostava muito de branco (CAROLINA).

Quando a mãe percebeu que ela realizava as transições entre espaços, ficou temerosa, o que demonstra a expectativa de uma tensão e preconceito nesse tipo de relação. A habilidade que Carolina demonstrou não significa que não existam tensões em suas relações, mas que há um manejo estratégico delas. Bicudo (2010) notou que as pessoas negras de classe média nos anos 1940 e 1950, possuíam sentimentos hostis com relação às pessoas brancas, mas evitavam demonstrá-los, já que conviviam com essas pessoas em seus ambientes ocupacionais.

Apesar das dificuldades inerentes ao contato misto, a entrada neles é fundamental para a construção de ferramentas que as auxiliem a ter sucesso no projeto de mobilidade ascendente. Recursos simbólicos, econômicos e políticos que podem ser importantes para a transição estão concentrados nesses meios. Granovetter (1974) mostrou que o estabelecimento de laços com pessoas de fora de seu próprio grupo é essencial, na medida em que as pessoas com quem um indivíduo tem menos proximidade são mais prováveis de participar de círculos diferentes do seu e ter recursos diversos para trocar.

O contato misto fez com que Iza avançasse em sua carreira desviante. Durante o curso de graduação conheceu seu marido, oriundo de uma família de classe média e intelectualizada, que lhe falou sobre um programa de intercâmbio para aprender inglês nos EUA. No fim de seu curso de graduação, ela passou seis meses nos Estados Unidos, por meio de uma agência apresentada por ele, em que o estudante tinha acesso ao curso de línguas e trabalhava algumas horas por dia durante a estadia no país.

Ruth atuou em alguns ambientes de trabalho em que era a única pessoa negra, porém, quando sua carreira já estava mais consolidada, começou a trabalhar no salão Beleza Natural, em que uma parte significativa das colegas de trabalho era negra, em um cargo de gerência. Sua equipe de trabalho era toda composta por mulheres negras que ocupavam cargos operacionais⁷⁸.

⁷⁸ As trabalhadoras operacionais são as que lidam diretamente com os cabelos das clientes. De acordo com Cruz (2017), são, em sua maioria, mulheres negras, de baixa escolaridade e em seu primeiro emprego. Isso converge com o discurso de vida da proprietária, que se vê como uma pessoa que teve dificuldades no mercado de trabalho e optou por empregar mulheres com o mesmo perfil. Porém existe uma precarização na forma de trabalho oferecida pelo salão, que é baseada no plano de funcionamento da rede de *fast food* McDonald's. Cada trabalhadora aprende a exercer somente uma pequena função no estabelecimento. Ela não sairá de lá uma cabeleireira, por exemplo. É um modo de produção fabril. As funcionárias também são propaganda do produto, todas são obrigadas a usá-lo quando começam a trabalhar lá.

De acordo com Ruth, na parte administrativa da empresa não havia o mesmo critério de seleção, era composta em sua maioria por pessoas brancas. Ruth era uma exceção e quando foi contratada lhe disseram que a área administrativa destoava tanto da equipe operacional porque havia dificuldades de encontrar mulheres negras para atuar em cargos de liderança (ela discorda de que exista dificuldade para encontrar negras para esses cargos).

No começo de sua atuação no salão, ela teve problemas com a equipe que, segundo ela, teve dificuldade de ser liderada por uma mulher negra. Com o tempo, conseguiu contornar os obstáculos e ganhar a confiança da equipe se aproximando de forma pessoal das funcionárias, participando de eventos em suas casas quando era convidada. A forma que ela encontrou para exercer a liderança foi se mostrando igual à sua equipe, pela dificuldade que esta experimentava para legitimar uma negra em posição de liderança. Essa situação mostra que, mesmo em um ambiente com maioria de pessoas negras, a quebra da expectativa sobre a pessoa negra ocupar posições inferiorizadas gera estranhamento e atritos. A solução que ela encontrou, de se mostrar igual à equipe, sugere que ela precisou agir como se não ocupasse um cargo de liderança, adotando uma postura de humildade e subserviência, para evitar hostilidades.

Tereza ingressou na carreira de bailarina, uma posição simbolicamente branca. O estúdio em que atuou tinha uma proprietária negra, ficava em uma região de classe média e tinha clientela predominante branca. Foi a primeira vez que ela se inseriu em um espaço de classe média. Ela tinha uma válvula de escape para as dificuldades de estar naquele lugar por meio da proprietária negra: “[...] eu me senti acolhida nessa escola, porque tinha a professora negra lá, e tinha alguns negros também e eu falei ‘não, vai ser aqui que eu vou me formar!’” (TEREZA). Ela se afastou da escola quando a proprietária faleceu, por ter perdido a fonte identificatória que lhe dava segurança para permanecer ali, apesar de afirmar amar o balé e o palco.

Mesmo cruzando as fronteiras, as participantes se encontram ilhadas dentro dos espaços simbolicamente brancos. Ainda que estejam presentes no mesmo espaço, existe uma separação.

Para Kilomba (2019), as fronteiras raciais estão relacionadas a fantasias de contágio racial, que segundo a autora, evocam as classificações de ordem e sujeira, conforme propostas por Mary Douglas (1976, citada por KILOMBA, 2019). A autora citou situações em que garçons negros utilizam luvas brancas ao servir pessoas brancas. As luvas serviriam como uma membrana de proteção para não contaminar a pessoa branca com o que é inferior, mal e sujo (KILOMBA, 2019). As pessoas negras isoladas podem ser vistas como sujas caso transgridam a ordem. Para Bicudo (2010, p. 103), as pessoas negras que ascendem, ao invés de se verem

protegidas das restrições sociais, se encontram mais expostas “[...] a rejeições exteriores e sem meio de realizar os desejos vedados pelas classes dominantes”.

Carolina relatou uma situação em que uma amiga, portadora de deficiência visual, foi visita-la no trabalho, um consultório em um prédio comercial em uma região de classe média de Belo Horizonte. A amiga entrou no elevador e avisou à ascensorista que iria à sala da “Doutora Carolina”, quando ouviu de uma pessoa que também estava dentro do elevador: “Aquela negra é doutora”? A amiga de Carolina ficou muito abalada com a situação. Carolina consolou a amiga, disse que não se sentia abalada com a situação e não queria saber quem havia dito a frase.

A situação mostra que a presença do corpo negro de Carolina no prédio gerava estranheza em outra pessoa que frequentava o prédio e, também, o fato de ela exercer a profissão de psicóloga. Carolina escolheu não reagir e não demonstrar descontentamento com a situação, mas apesar de terem se passado muitos anos do fato, ela o contou com detalhes, revelando ter sido algo marcante. Sua estratégia de não reagir e não expor o fato, pode ter sido importante para que ela conseguisse manter sua ascensão, pois a exposição do conflito poderia se voltar contra ela no ambiente de trabalho. Ainda hoje, ela trabalha na mesma sala. Suas práticas de silenciamento do racismo, podem ter sido fundamentais para que ela conseguisse permanecer nesse espaço por tanto tempo.

Tereza disse que evita frequentar “lugares brancos” citando experiências negativas vividas nos mesmos e revelou que seus espaços de lazer (casas de samba e bares), são predominantemente frequentados por pessoas negras.

Os brancos frequentam o que é nosso, vamos se dizer assim, **só que a gente não se sente bem de estar num lugar onde é deles**, eu fui num show do Gustavo Lima que teve aqui e eu fui mesmo para acompanhar uma amiga minha que ela ia sozinha, não é minha praia. Eu ouço, mas pra ir ficar lá ouvindo 8 horas da noite não consigo. E eu não via. Você via muita menina lá, cabelão liso, e não sei o que, talvez é porque as pessoas não gostam né, assim como eu, se sentem melhor no samba, eu costumo dizer que **eu gosto de coisa de preto** né, o filho daquele homem falou lá, isso é coisa de preto. Então você entra numa roda de samba, você vai num pagode, tem um preto, mas tem o branco também, só que você vai no show de sertanejo tem branco, branco, branco, se você vê ali dez por cento de preto é muito (TEREZA, grifos meus).

Fátima adotou como estratégia se cercar de pessoas negras politicamente engajadas dentro dos espaços simbolicamente brancos. Sua percepção acerca das dificuldades do contato misto a levou a, enquanto ascendia, procurar por grupos de identificação que lhe oferecessem suporte e apoio. Quando se tornou professora universitária, uma profissão simbólica e materialmente branca, buscou um caminho em que conseguisse estar ligada a espaços

simbolicamente negros. Tornou-se professora de uma universidade em que há outras professoras negras e lá se aproximou de grupos políticos e culturais negros.

Virginia Bicudo (2010) associou o envolvimento de pessoas negras com associações raciais à percepção da impossibilidade de integração social plena que ocorre quando alcançam patamares maiores e, ainda assim, não são integradas. A autora mostrou que a ascensão econômica não eliminava a distância social, mas a deixava mais marcada e este era o motor para despertar a consciência racial e levar à união a associações, como ocorreu com Fátima.

No ano de 2005, Ivone se tornou umbandista⁷⁹ e começou a atuar na casa de umbanda que frequenta. Nessa religião, é possível atuar de duas formas: como médium, a pessoa que cede seu corpo para ser utilizado pelas entidades espirituais, ou como assistente, auxiliando como apoio a essas/esses médiuns, levando produtos, organizando materiais, orientando as pessoas que vão se consultar com as entidades, entre outras tarefas. Ivone escolheu atuar na posição de assistente, que tem menor prestígio que a de médium. Ela conta que gostaria de atuar como médium, mas não se sente à vontade para isso.

A umbanda é uma religião de origem afro-brasileira, conhecida por sua referência à população negra, entretanto, também é praticada por pessoas brancas. Na casa frequentada por Ivone a maior parte das pessoas que frequentam e que atuam tanto como médiuns e como auxiliares é branca inclusive, o pai de santo e a mãe de santo, que são as autoridades maiores da casa, são pessoas brancas.

Ivone conta que, nesse ambiente, conheceu pessoas sensíveis à questão racial, que a incentivaram a parar de alisar seus cabelos e auxiliaram no processo que envolve essa decisão. Apesar de todo o acolhimento que recebeu no espaço, ela não se sentiu à vontade para ocupar uma posição tão central quando a de médium, mesmo tendo vontade de fazê-lo. Se tornou difícil pra ela ocupar uma posição de destaque em um ambiente simbolicamente negro, mas ocupado de forma majoritária por pessoas brancas. Ainda que aparentemente as tensões sejam amenizadas pela sensibilidade racial presente nas pessoas do espaço, elas ainda estão presentes.

Conceição se casou com um homem negro e gosta de frequentar espaços negros, como casas de samba. Ela se tornou diretora da escola infantil onde trabalha e foi lá que sentiu o peso das inscrições raciais, porque, ocupando uma posição de poder, vivenciou experiências de deslegitimação e falta de reconhecimento da sua posição de liderança, experiências das quais, por sua imersão em ambientes negros, havia se protegido.

⁷⁹ A umbanda é considerada a primeira religião totalmente brasileira, por ter surgido no Brasil, no ano de 1908, como uma junção entre espiritismo e os cultos aos orixás.

Virginia Bicudo (2010) notou que as pessoas negras que faziam parte de movimentos sociais desenvolveram sua consciência sobre o racismo a partir de conflitos que vivenciaram e pela dificuldade de se inserir nos espaços de classe média. Elas traziam da infância uma convivência com pessoas brancas, com isso estranhavam as barreiras para que continuassem exercendo essa convivência mista. A ascensão social, nesses casos, trouxe como resultado a visibilização do racismo e o desenvolvimento da consciência racial. Bicudo (2010) desenvolveu seu trabalho nos anos 1940, quando o país ainda estava iniciando seu processo de modernização e a mobilidade social das pessoas negras ocorria predominantemente por meio do apadrinhamento. Por isso, o convívio na infância com pessoas brancas tinha impacto nas trajetórias.

O racismo, como fenômeno interrelacional, depende da posição que a pessoa branca ocupa para existir. As dificuldades dos contatos mistos advêm das situações que são construídas nas relações, dos acionamentos de símbolos negativos e hierarquizantes que são feitos (Kilomba, 2019), porém, partindo de uma visão individualista, as interlocutoras foram colocadas em posição de responsabilidade pela redução das tensões. Quando não conseguiam diminuir as tensões, tentavam reduzir as situações de contato misto, com isso, permanecendo segregadas.

As interlocutoras costumam buscar por lugares seguros e em que encontrem pares, que se materializam em espaços simbolicamente negros. A necessidade de criar espaços seguros mostra que a obtenção de status social não eliminou a atuação do racismo. A busca por espaços simbolicamente negros, fora do ambiente ocupacional, é um mecanismo de processamento e manipulação dos custos envolvidos na ascensão. Esses custos, por vezes passam socialmente despercebidos por serem processados de forma silenciosa. Em parte, as trajetórias ascendentes se sustentam no silenciamento de violências cotidianas, que elas absorvem para não serem hostilizadas.

Alguns estudos (AZEVEDO, 1996; FREYRE, 1973; FRY, 2005; PIERSON, 1971) consideraram que a existência de ambientes mistos e a ausência de proibições formais para a convivência inter-racial nos espaços, evidenciam a não existência de racismo sistemático. Porém, o que se percebe a partir dos relatos é que o cruzamento de fronteiras não garante que as relações sejam horizontalizadas, uma vez que o racismo continua operando e atualizando as regras de segregação que embora não sejam ditas, são compreendidas por todos, que agem de acordo com elas, fazendo com que o ambiente, ainda que à primeira vista pareça habitado por relações homogêneas, reproduza lógicas de exclusão.

3.4.8 *Episódios de racismo cotidiano*

As participantes relataram situações diversas de racismo, algumas das quais foram apresentadas nos tópicos anteriores. Dez, das onze entrevistadas, relataram vivências de cenas de racismo explícito. Somente uma reagiu diante do acontecimento: Elisa, que agrediu fisicamente um colega de escola. As demais passaram pelas situações de forma silenciosa, sem confronto com as pessoas que as agrediam. Esse padrão de ação se choca com a forma como as entrevistadas se apresentam, como mulheres fortes e destemidas. Por vezes, as formas de lidar com o racismo são desenvolvidas de forma a proteger a transição de classe, por isso, vivenciaram-no de forma silenciosa, pois sua exposição poderia prejudicá-las.

Durante as infâncias, muitas cenas de racismo foram vivenciadas no ambiente escolar, protagonizadas por pessoas adultas ou por colegas de classe. Quando outras crianças são as protagonistas, as pessoas adultas não são vistas por elas como fontes de apoio a quem recorrer. Em alguns casos, as pessoas adultas presenciaram as cenas sem intervir, o que pode deixar as crianças em situação de desamparo e de confusão. Nesse sentido, o corpo escolar participa de uma *constelação triangular* (KILOMBA, 2019).

Kilomba (2019) descreveu a constelação triangular como composta por três figuras: 1) a pessoa que é alvo do racismo, 2) o protagonista da agressão, e 3) uma plateia que presencia o racismo calada (consenso branco).

Essa constelação triangular permite que o sujeito branco cometa racismo contra o sujeito negro sem ser julgado publicamente porque ele sabe que seu grupo – o chamado consenso branco – certamente o apoiará. Elas e eles o apoiam enquanto apoiam a si mesmas/os (KILOMBA, 2019, p. 137).

Na escola, Elisa era alvo dos colegas que se sentavam nas cadeiras atrás da sua. Eles a chamavam de “urubu” e “tição”, ao que ela respondia chamando alguns de “macarrão da Santa Casa” (por serem pessoas brancas), o que não surtia efeito, pois eles não se incomodavam com o xingamento. Nessa constelação triangular, os colegas são os protagonistas do racismo e as demais pessoas presentes na sala (professora e colegas), que presenciavam, representam a plateia.

O apoio da plateia silenciosa em uma cena de racismo auxilia no sentido de encobrir o conteúdo agressivo do experienciado, fazendo com que a pessoa que o vivencia se confunda ao tentar encontrar uma explicação. A agressão só é perpetrada se houver o consenso da plateia, uma vez que uma atitude de discordância desfaz a constelação triangular.

Diante da repetição cotidiana dos insultos, Elisa encontrou sua própria maneira de lidar com a situação:

Elisa – É... eu dei uma surra nele na porta, na saída aula, na porta da escola. e na época, assim, a gente era bem pobre, não tinha nem mochila, não existia mochila, era sapato de plástico em formato mocassim é um plástico duro, parecendo galocha assim, só que era tipo, em formato de mocassim. e, minha mãe que fazia uma sacola de pano pra gente pôr o material. [...] eu pequei essa sacola de pano, com os cadernos dentro, segurei bem a boca dela e batia nele...tá, tá, tá, batia, batia...e aí, e a menina toda ficou afastada e zoando a cara dele, falando...ele chama...como é que ele chama? Vicente. É... não sei se já morreu, já tem tanto tempo...”e aí Vicente, você táapanhando de mulher. ê, apanhando de mulherzinha” e não sei o quê e tal e aí ele nãooregiu, que ele tomou muito susto, ele não sabia que eu ia dar uma surra nele né? Geralmente os meninos falavam com quem ia bater em alguém: falava “ó me esperalá fora” e eu não falei nada disso. Eu, se eu era calada, continuei calada, só que eu peguei ele na saída né?

Marina – Na hora que ele fez o, fazia isso você não falou nada? [quando o colega puxava a trança dela].

Elisa – Todo dia, todo dia, então eu nunca falava nada, sabe, eu chegava mais pra frente assim da cadeira e tudo, mas ele continuava e os outros riam, né?...mas sempre, toda turma tinha. Aí...é...eu dei essa surra nele mas eu lembro que eu não tava ainda satisfeita, que antes eu chamava ele de macarrão da Santa Casa, quando eu reagia, e ele, e me... mas isso não me satisfazia, eu tava batendo nele com a bolsa, mas também não me satisfiz. Eu dei uma canela..um chute com meu sapato que era tipo galocha...é...de borracha dura né, na canela dele. Quando eu fiz isso o corpo dele balançou todinho, que no bolso do uniforme dele tinha...e a... o uniforme era blusa branca de tergal e calça..de uma pano lá de algodão, azul. Azul marinho. E pra nós era com suspensório assim e a saia plissada. Ele tinha moedas no bolso da camisa dele, as moedas pularam do bolso e caíram lá no chão, espalharam no chão...ele, o corpo dele deu um impacto tão grande, que chute na canela dói demais né, deu um impacto tão grande que ele, que ele balançou todinho e as lágrimas foram descendo na hora e ele ficou paradinho. E aí é que eu me senti satisfeita. Quando eu vi que realmente ele tava destruído, eu me senti satisfeita. Peguei minha bolsa e fui embora (ELISA).

A resposta que ela deu às provocações foi muito incisiva e demonstra uma independência e segurança muito grandes. Também demonstra uma raiva muito grande, que só passou quando ela viu o garoto completamente humilhado. A saída que ela encontrou, via violência física – ainda que tenha sido efetiva nessa situação particular, já que ela disse que o colega passou a sentir medo dela, o que persistiu até a fase adulta –, não faz com que a criança compreenda as origens dos insultos ou o nível de desumanização a que foi submetida.

De acordo com Kilomba (2019), contribui para a dificuldade de interpretação de determinadas situações como racistas, o fato de ocorrerem em momentos inesperados. A surpresa leva a pessoa a perder a sensação de previsibilidade e de segurança e diminui sua possibilidade de reação, como ocorreu com Maria quando foi agredida verbalmente por um colega em seu ambiente de trabalho. A agressão ocorrida nesse ambiente gerou um corte com os códigos culturais de sociabilidade, gerando dificuldades na interpretação do que estava ocorrendo e na possibilidade de reação.

[...] foi uma das piores experiências da minha vida, porque enquanto a gente não foi trabalhar num meio que ficou mais gente que eu conheço. Que eu pude remeter isso, eu sofria porque, aí, um ano assim né? Mas ele... aí ele bebia, falava o que vinha na telha, só que um dia a gente discutiu porque ele colocou a mão no meu cabelo. Ele pegou o meu cabelo e falou assim: “Olha só, parece uma espiga!” Entendeu? E aí, quando eu fui tirar e falar que ele estava me desrespeitando e coisa e tal, mas assim, ele estava bêbado, então assim, não tinha muito argumento. Aí ele: “Ah, eu estou brincando com você” e coisa e tal. Aí eu falei assim: “Não, mas quem que você pensa que você é?”. Mas quando eu dei o grito foi muito difícil, até porque eu não sou uma pessoa barbaqueira e nem de briga [...], eu sou muito tranquila, pacífica, mas assim, eu me senti muito desrespeitada e ele esvaziou o discurso dele falando que era brincadeira. e a minha colega que estava na sala, que era essa mulher loira e tal, ela não fez nada. E aí eu lembro que eu chamei ela num canto e falei: “Você vê que ele me desrespeita?” Ela falou que via como brincadeira, mas que ele era inconveniente mesmo, mas que isso dele beber era inadequado, até que quando surgiu a primeira pessoa assim, pra ser chefe assim, pra gente fazer parte de um setor específico, eu remeti, e graças a deus essa minha colega que é minha amiga pessoal até hoje, ela teve essa sensibilidade de entender e pediu acompanhamento sociofuncional pra ele (MARIA).

De acordo com Kilomba (2019), a pessoa que é alvo do racismo é colocada em posição de passividade durante a cena, é seduzida a ouvir, depois ouve passivamente e tolera passivamente a piada. A passividade vem da sua falta de preparação para ser deslocada para essa cena racista.

Enquanto o colega de trabalho lhe direcionava as palavras agressivas, as colegas ouviam caladas, e tratavam a situação como uma “brincadeira”. Elas ocuparam a função de plateia silenciosa. Somente por agirem de forma consensual a violência tem continuidade. O apoio da plateia silenciosa tem o efeito de encobrir o conteúdo agressivo do experienciado, fazendo com que a pessoa que o vivencia se confunda ao tentar encontrar uma explicação.

O colega de trabalho de Maria tinha o hábito de ir trabalhar bêbado e era principalmente nessas ocasiões que ele a ofendia. Em uma ocasião, enquanto Maria dizia para algumas colegas que iria fazer escova nos cabelos, ele a interrompeu dizendo que ela precisava mesmo fazer escova “naquele” cabelo. A situação de insultos durou algum tempo até que o assunto foi comunicado à chefia de Maria. O colega foi direcionado a um acompanhamento funcional pelo fato de ser alcoólatra e as ofensas raciais não foram discutidas. Sendo assim, ele continuou com as atitudes. O agressor acabou sendo tratado como uma vítima, recebendo o apoio para se tratar e não foi responsabilizado por suas ações.

É, aí parou assim. Durante o acompanhamento foi muito incômodo né, porque o acompanhamento era mais porque ele era alcoólatra né. Então foi feito um tratamento pra ele conseguir cumprir horário e trabalhar e parar de beber pelo menos em serviço. Só que assim, em grupo, foi como se a gente, a gente começou a trabalhar numa sala com outras pessoas e com essa gerente. E parece, assim, ele começava a falar uma

coisa, eu já tinha falado com essas minhas outras colegas, que eram todas na maioria mulher, eram seis, cinco mulheres e dois homens. E aí eu fui falando isso com elas, a gente tipo que formou uma rede, sem combinar, mas quando ele fazia algumapiadinha, tipo assim: “Ah, a [nome da participante] parece uma smurfete” eu nunca vou esquecer dessa vez, que tava surgindo o... ressurgindo o filme dos Smurfs, aí ele falou isso, eu lembro que elas já começavam a tirar ele também. E aí eu lembro que qualquer coisa que ele falava já caía as quatro, cinco, tirando ele e tipo, ele foi perdendo o espaço. Eu lembro que isso foi muito bonito, que foi quando eu me senti bem no ambiente de trabalho (MARIA).

O que contribuiu para o fim das ofensas foi a substituição das colegas de trabalho de Maria por outras que, quando ouviam as falas do colega, o reprovavam, desfazendo a constelação triangular.

Maria relatou que, por não ter a pele de cor retinta, a sua nomeação racial ao longo da vida foi conflituosa. Ela tinha dúvidas sobre sua autoclassificação, já que recebia informações na escola e de seus colegas de trabalho de que não era negra, ao mesmo tempo em que se identificava com essa classificação, era identificada como negra no projeto de extensão que participou durante sua graduação.

Apesar do silêncio sobre a racialidade, as pessoas a tratam como uma pessoa racializada, sendo alvo de racismo. Em suas experiências, sua aparência física é um fator na atribuição de significados sobre ela pelos outros. A ausência de discussão sobre a racialidade pode levar a pessoa à uma dificuldade de autoidentificação, como aconteceu com uma criança⁸⁰ estudada por Santos (2009b), que tinha fenótipo negro, mas se apresentava como loira. A sua leitura como loira pode ter sido uma maneira de nomear a parte de sua identidade que não era abordada. Isso se relacionava à falta de nomeação, em sua família, do que ela era (negra) e à vontade de realizar o desejo de sua mãe de ser loira (para ser amada pelo pai, que escolheu a família branca ao invés da negra).

Para Nogueira (1998), a autoimagem do corpo é formada nas interações entre as instâncias que compõem o aparelho psíquico, por meio da simbolização da diferença entre o corpo de uma criança e das demais, em sua fase de desenvolvimento. Quando a criança não passa por esse processo de elaboração da sua diferença, pode ter dificuldades para passar pelas várias etapas do desenvolvimento, simbolizar seu corpo e passar da percepção de um esquema corporal para uma imagem de um corpo humano.

⁸⁰ A garota era atendida em uma instituição de tratamento para crianças com dificuldades emocionais graves. A garota, L. tinha ascendência negra, mas se identificava como loira. O pai é loiro e a mãe negra. O relacionamento dos pais envolveu agressões presenciadas por ela e depois o pai se casou com uma mulher loira. A criança se via como branca e loira, o que a autora interpretou como uma maneira de corresponder a um desejo da mãe, de ser loira para merecer o afeto do pai. Introjetando essa fantasia, ela se tornou uma manifestação do desejo da mãe e não um sujeito, não sabendo quem ela realmente era.

O colega de trabalho escolheu Maria como alvo a partir da leitura de sua racialidade e expressou a aversão por meio da aversão ao cabelo, o que dificultou para ela o reconhecimento de que ocorria uma situação de racismo. A dificuldade continuou quando o caso foi reportado às instâncias superiores e tratado somente como um caso de alcoolismo. Tal ação converge com as práticas de velamento dos conflitos raciais e do ódio direcionado às pessoas negras. O velamento faz com que a experiência vivida por Maria pareça não ter existido, tornando o racismo invisível, assim como a confusa autonegação racial de Maria.

O evento pode ter sido difícil de interpretar por apresentar um cruzamento de relações que perpassam Maria e o colega de trabalho, como a classe e o gênero. Por ter a pele clara, não discutir o racismo em casa ou em outros espaços, se tornou difícil para ela identificar ações racistas. Durante a entrevista, enquanto narrava o episódio, ela se perguntou sobre a origem da aversão que ele expressava, se estaria ligada à sua origem pobre, diferente da dele e das demais colegas de trabalho.

Ela descartou a possibilidade de a aversão ser fruto de sua conduta profissional, pois ela se apresentava como uma profissional responsável, dedicada, que cumpria com suas obrigações e realizava mais tarefas que os demais. O fato aconteceu há mais de sete anos, mas a dúvida se mantém. Nessa situação, parecem se apresentar elementos de classe e raça, sendo que a dimensão de classe foi melhor apreendida por ela do que a racial.

A entrevistada manteve uma atitude diferente do que foi observado por Bicudo (2010), para quem esse grupo, que ela nomeou como mulatos, teria uma consciência racial mais desenvolvida do que a dos pretos, devido à situação de hibridismo racial. Essa condição lhe ofereceria mais possibilidades de identificação com a pessoa branca. “[...] é como se ele, sentindo-se com mais direito de ser branco, se tornasse mais consciente das atitudes de restrição do branco” (BICUDO, 2010, p. 109-110).

Mesmo Ruth, que mostrou menos dificuldades de lidar com conflitos, teve comportamentos de silenciamento diante de violências raciais. Ela narrou uma situação em que um colega de trabalho a nomeou como “negra de alma branca⁸¹”, e que ela considera esta expressão racista, mas não demonstrou o desconforto que sentiu.

Parte das motivações para o comportamento de encobrimento das cenas de racismo, pode ser explicada por uma leitura feita por elas de que a exposição poderia causar prejuízos

⁸¹ Essa expressão vem sendo criticada, porque, segundo Fonseca (2003, p. 1): “[d]isfarçado em elogio, no ‘preto de alma branca’ está embutido um racismo ordinário, que só é capaz de admitir dignidade no negro se este apresentar em si a cor do branco. O negro seria naturalmente incapaz de comportar-se educadamente, e só seria admitido pelos brancos caso se portasse como ‘um deles’”.

sociais, principalmente quando as cenas ocorrem em ambientes ocupacionais. Assim, entra no cálculo o aprendizado adquirido em diversas experiências de que a exposição do racismo traz prejuízos a quem o expõe.

O silenciamento se mostrou um mecanismo eficaz para que elas continuassem ocupando os espaços em que ele ocorreu (Souza (1990), encontrou o mesmo padrão de silenciamento entre seus entrevistados). Outra motivação pode ter relação com a dificuldade de compreender o que está ocorrendo como racismo, já que o racismo se apresentava de forma velada e/ou porque outros fatores como gênero, classe e miscigenação atuavam conjuntamente. Nesses casos, algumas das interlocutoras só compreenderam o que haviam vivido depois de alguns anos, após completarem a transição de classe e continuarem vivenciando situações de racismo.

O fato de o ambiente ocupacional aparecer com frequência nos episódios de racismo, mostra que as pessoas que desejam adotar comportamentos racistas se sentem protegidas nesses lugares, tanto pela certeza de que terão como auxiliares a plateia silenciosa (triangulação), quanto por perceberem que não serão punidas ou sofrerão prejuízos caso haja denúncias.

Outra forma de responder ao racismo, é projetá-lo para fora. Carone (2009a), citou a pesquisa feita por Eduardo de Oliveira e Oliveira (1974), que mostrou que as pessoas negras utilizam como mecanismo de defesa projetar para fora o preconceito racial, assumem sua existência, mas não se veem como vítimas, sendo essa uma forma de manter um equilíbrio interno e de se proteger da tensão que uma situação de racismo causa. Quando Carolina ouvia, na escola, as crianças utilizando a expressão “cabelo duro”, acreditava que não se referia a ela, pois ela utilizava seus cabelos sempre trançados, o que a tornava diferente das crianças que utilizavam os cabelos soltos ou sem tranças e estes, sim, teriam os cabelos “duros”.

Carolina tinha consciência de cor por causa da mãe, que tinha medo de que ela sofresse preconceito, porém essa consciência não a aproximou do movimento social, como Virginia Bicudo (2010) percebeu entre seus interlocutores. Porém, a levou a empreender o movimento de ascensão via educação. Ela procurou não só a educação formal, mas a educação do corpo, pela apreensão de uma ideologia da cor e do corpo (GOMES, 2008). Carolina precisou ter atitudes tão fortes de educação do corpo por ter a pele escura, que isso dificultou ainda mais seu processo de ascensão.

Na época em que Azevedo (1996) escrevia (década de 1950), começava a se configurar o imaginário social de que a pessoa negra era “ousada” e que ela mesma criava barreiras para sua ascensão ou seja, que ela não possuía as condições sociais adequadas para ocupar posições valorizadas. Essa explicação foi dada por alguns autores (FERNANDES, 1965), para explicar as condições de desintegração social deste grupo. Fernandes (1965) se referiu, inclusive, às

afirmativas de que os hábitos sexuais das pessoas negras seriam desregulados. O imaginário negativo se solidificou e se tornou uma barreira a ser ultrapassada pelas pessoas negras que desejam ascender. Uma das informantes de Azevedo (1996, p. 74), afirmou: “[...] quando se vê um preto subir e se vai ter com ele, fica-se em dúvida se terá as mesmas maneiras dos deseducados. Só quando se chega a conhecê-lo é que desaparece a impressão”.

O julgamento sobre a pessoa é anterior a qualquer demonstração de comportamento, por isso ela precisa provar, por meio de suas atitudes, não ser o preto “deseducado”, adotando postura extremamente dócil e compassiva. As interlocutoras apreenderam esse imaginário e compreenderam a necessidade de provar serem cordatas.

A partir de 1950, com o avanço das práticas econômicas de livre mercado, incorporou-se no meio social a crença no modelo meritocrático, que aparece de maneira evidente entre as interlocutoras nascidas a partir da década de 1950, que trazem uma noção de merecimento que dilui a leitura racializada dos conflitos e até dificulta a percepção do que torna alguns espaços tão difíceis de ocupar.

Percebe-se, em suas falas, um teor individualista que transfere para os sujeitos a responsabilidade de lidar com o racismo social. No Brasil, mesmo no início dos anos 2000, quando o Estado se engajou na promoção da igualdade racial, o que prevaleceu foi uma visão do esforço como forma de vencer o racismo, por meio da formação acadêmica e do capital econômico.

Nesse capítulo percebeu-se que as interlocutoras são originárias de famílias pobres e que foram alvos de investimentos familiares para que rompessem com a situação de pobreza. Foram preparadas para tal por meio de educação comportamental e emocional que lhes facilitou a produção de estratégias de mobilidade. Para obter sucesso no rompimento, adotaram performances de mulheres fortes e precisaram ocupar espaços que são simbolicamente brancos. As ações de cruzamento das fronteiras simbólicas raciais exigem manejo de situações hostis e resultam em isolamento pela inexistência de um grupo de identificação e de modelos de pessoas negras de classe média. Os efeitos negativos do rompimento, por vezes, produzem sofrimentos que são silenciados pelas interlocutoras, pois poderiam afetar seu desempenho de mobilidade social. Algumas ações são tomadas no sentido de diminuir o estresse e a tensão que acumulam, como a permanência em um hibridismo de classe, que lhes permite manter valores e objetos da classe de origem.

4 PERFORMANCES CORPORAIS: MANIPULAÇÕES DOS CABELOS AO LONGO DAS TRAJETÓRIAS

Em grande parte de suas vidas, as participantes se veem lidando com os efeitos negativos dos estigmas sociais de negritude, dentre os quais, o cabelo se mostrou um dos mais relevantes. Elas vivenciaram sofrimentos diversos envolvendo os cabelos e constante preocupação com sua aparência. A forma de apresentação dos cabelos está diretamente relacionada com os perfis de mulheres independentes e intelectualizadas que escolheram performar.

4.1 Perfis

Todas as participantes possuem cabelos crespos de diferentes texturas. Todas utilizaram-nos tanto alisados quanto no estilo natural. No momento da entrevista, Carolina utilizava seus cabelos raspados, Elisa utilizava um penteado redondo no estilo Black Power, Ruth e Fátima utilizavam no estilo natural na altura dos ombros. Sheron possuía os cabelos com cachos maiores e abertos e os utilizava na altura dos ombros. Iza utilizava tranças com apliques que deixavam os cabelos longos. Antonieta utilizava lace wigs com os cabelos longos e cacheados e Tereza também utilizava os cabelos longos e cacheados. No Quadro 4 são apresentadas algumas características raciais das entrevistadas.

Quadro 4 – Características raciais das participantes

Pseudônimo	Heteroclassificação	Cor da pele	Cabelo
Iza	preta	Escura	-
Fátima	preta	Escura	Crespo
Maria	parda	Clara	Crespo
Antonieta	preta	Escura	-
Sheron	parda	Clara	Cacheado
Ivone	preta	Escura	Crespo
Carolina	preta	Escura	-
Elisa	preta	Escura	Crespíssimo
Tereza	preta	Média	-
Ruth	preta	Escura	Crespo
Conceição	preta	Escura	Crespo

Fonte: elaboração própria com base na coleta de dados.

4.2 Invasão ao corpo

Kilomba (2019) considerou que os episódios de racismo são formas de invasão ao corpo, que podem ocorrer por meio do toque físico inesperado, como aconteceu com Maria no episódio (previamente descrito) envolvendo o colega de trabalho.

[...] só que um dia a gente discutiu porque **ele colocou a mão no meu cabelo. Ele pegou o meu cabelo** e falou assim: ‘Olha só, parece uma espiga’” (MARIA, grifo meu).

Também são invasões as falas direcionadas a moldar as performances corporais e comportamentais. Elisa citou um episódio em que um colega branco que participava com ela de um órgão sindical, comparou seus cabelos às árvores da “Praça Sete”⁸². Nessa praça havia árvores de pequeno porte podadas em formato redondo, o que gerou a comparação (ela utilizava os cabelos crespos em formato arredondado). Nessa cena se apresenta uma característica que se repete em cenas racistas, de comparação de pessoas negras com objetos e animais (Kilomba, 2019).

Elisa contou, ainda, que em sua trajetória junto a movimentos sociais na década de 1980, percebia haver uma pressão por parte dos homens negros para que as mulheres não alisassem os cabelos, pois nesse contexto o uso do cabelo sem alisamento era ligado à afirmação da negritude. Iza contou sobre o pai de uma amiga, um homem negro ligado aos movimentos negros: ela, que utilizava os cabelos alisados, percebia olhares de reprovação do pai da amiga. O irmão de Sheron, mais velho que ela, lhe dizia descontente com sua decisão de parar de alisar os cabelos. Nesses casos, amparados em discursos políticos, os homens (negros ou brancos) assumem o papel de avaliadores dos corpos das mulheres negras.

E eu ficava brincando: “Ah [fulana], seu pai é chato demais” e tal, “aposto que ele deve me proibir de vir aqui conversar com vocês, ele deve olhar pra mim e falar: “O que é que é essa menina preta loira aí?” e tal, tal, tal. E a gente ri disso hoje, sabe, mas com uma reflexão diferente.

M. Mas ele falava?

D. Não, mas ele olhava. Ele observava e tal, ele não... muito respeitoso ele, ele nunca..., mas a gente sabia das posturas e até hoje né, ele tem posturas bem definidas e tal e tipo eu ficava... (IZA).

4.3 Manipulações dos cabelos na construção das performances corporais

As experiências das participantes com seus cabelos coincidiram com alguns dos pontos ressaltados na literatura sobre o tema (GOMES, 2008; FIGUEIREDO, 2016). Elas compartilharam a aprendizagem, ainda na infância, das narrativas que posicionam seus corpos de forma negativa (AGUIAR, 2018; TAVARES, 2018), conhecimento apreendido principalmente na escola e no núcleo familiar, por meio da difusão de discursos linguísticos e

⁸² A Praça Sete de Setembro, conhecida como Praça Sete, fica no hipercentro de Belo Horizonte.

imagéticos. A presença do estigma do cabelo se torna uma fonte de tensão para as participantes, que percebem como ele afeta a forma como são vistas e tratadas em suas redes de sociabilidade.

A gente até ouve, tal: “Cabelo de Bom Bril”, “Cabelo daquilo” ... “Ih, olha o cabelo dela, está muito, alto” (CONCEIÇÃO).

Durante suas infâncias, os cabelos da maior parte das participantes eram manipulados em casa, devido à falta de dinheiro para frequentar salões de beleza. Corroborando com os achados de estudos como o de Gomes (2008), Oliveira e Mattos (2019) e Cruz (2017), as interlocutoras, na primeira infância, utilizavam os cabelos sempre presos em tranças ou rabos de cavalo e, posteriormente, alisados (AGUIAR, 2018; TAVARES, 2018; LÍDIA MATOS, 2017). Os cabelos eram mantidos presos durante a maior parte do tempo, como resultado de uma crença de que são difíceis de pentear, exigem um tempo muito grande para sua manutenção e são muito volumosos (GOMES, 2008). O uso dos cabelos presos auxiliava o trabalho das cuidadoras, diminuindo o tempo necessário para arrumá-los diariamente.

Era preso embaixo e uma coisa, assim, muito limitante mesmo, sabe? Meu cabelo só era utilizado desse jeito, o máximo que fazia era trança. Mas, assim, quando eu era criança, minha mãe fazia mais, até uns...o ensino fundamental, assim, até uns 10 anos, minha mãe fazia muita trancinha, Maria Chiquinha, sabe? (SHERON).

Havia a preocupação de que os cabelos estivessem presos no ambiente escolar, pois este era o espaço em que sentiam com mais vigor a exigência de um tipo específico de cuidado corporal. Lahire (1997) destacou o papel do sistema escolar de educar para as normas sociais, não só as crianças, mas também as famílias.

E eu lembro que, nessa época, na escola, o pessoal falava muito disso, que a gente tinha que ir de cabelo preso, a gente que tinha cabelo crespo, eles nem usavam esse termo, era: “Ah, cabelo difícil”, eu lembro muito disso (MÁRIA).

Cruz (2017) mostrou que, na cidade de Maputo (Moçambique), são utilizados, para se referir aos cabelos, os termos “organizado” e “desorganizado”, que se relacionam com os espaços físicos. O espaço escolar requer o cabelo organizado. Essa classificação pode ser manipulada por meio de alterações nos detalhes do penteado. O *dreadlock*⁸³, por exemplo, é um penteado considerado desorganizado, mas pode se tornar organizado se for feito com mechas finas e de espessuras semelhantes (CRUZ, 2017).

⁸³ Estilo de cabelo caracterizado por um emaranhado de tranças, geralmente longas e finas. Sua origem remonta a grupos antigos da Índia e da África para representar a ligação espiritual dos homens santos.

Algumas autoras (LARISSA GOMES, 2017; TAVARES, 2018; ELAINE SILVA, 2017), explicaram a desvalorização do cabelo crespo por meio do processo de estigmatização descrito por Goffman (1988). De acordo com o autor, na estigmatização é elaborada uma ideologia com o intuito de racionalizar a diferença que foi criada, o que leva o estigma a ultrapassar a dimensão física e incorporar aspectos subjetivos de quem o porta, tomando conta de toda sua identidade. A pessoa assume uma *identidade deteriorada* (GOFFMAN, 1988).

A assunção da identidade deteriorada gera sofrimentos e sentimento de inadequação. Isso ocorreu com as interlocutoras no momento em que entenderam possuir uma característica física indesejada. De acordo com Tavares (2018), ocorre então a tentativa de se desidentificar do estigma com o uso de alisamentos, que fazem com que sintam que não serão mais vistas por meio do estigma. Maria contou que, após começar a utilizar os cabelos alisados (aos 15 anos), houve uma mudança na forma como as pessoas a viam.

[...] então, aí eu me adaptei muito rapidamente ao cabelo liso, porque todo mundo me elogiava e ninguém mais falou um “a” da minha aparência [...] e o pessoal ficava: “Nossa, lindo seu cabelo! Lindo seu cabelo!”, e até os menininhos começaram a olhar pra mim, então eu achava que eu estava arrasando, né? (MARIA).

Todas as participantes começaram a realizar procedimentos de alisamento ainda na infância. Maria foi quem começou a alisar com menor idade, aos seis anos, e Elisa e Conceição com maior idade, ambas aos dez. O alisamento pode ser feito de forma física ou química, O físico é feito por meio do calor e é temporário, é o caso do pente quente e das escovas modeladoras feitas com secador. Já o químico utiliza produtos que alteram a estrutura dos fios permanentemente.

O uso de alisamentos tem um efeito positivo na tentativa de reversão da negatividade do estigma, mas com o passar do tempo, essa prática produz danos aos cabelos, como quedas e quebra dos fios. A perda dos efeitos positivos revela que o estigma não foi completamente extinto (TAVARES, 2018). Há um período em que são feitas várias transformações nos cabelos, mas eles não atingem a aparência buscada, o que gera frustração e vigília com relação a como eles reagem às manipulações, e como as pessoas reagem a eles.

Segundo Tavares (2008), os fracassos e frustrações contínuas das tentativas de desvinculação do estigma geram o efeito contrário, de fortalecimento e conseqüente aprofundamento da identidade deteriorada. Por vezes, a frustração recorrente leva ao abandono das tentativas de desidentificação: o fim dos alisamentos. Nesses casos, a vontade de parar de alisar é resultado da sensação de impossibilidade de conseguir se livrar do estigma.

Elisa foi a que parou de alisar com menor idade, aos dezoito anos, e Fátima a que parou com maior idade, aos trinta e três. O processo de parar de alisar envolve muitas inseguranças. Na maioria das vezes, a decisão é tomada algum tempo antes de que se tenha coragem para fazê-lo efetivamente. Fátima teve contato com os movimentos negros aos 15 anos, que foi quando começou a pensar em parar de alisar, mas só o fez efetivamente aos trinta e três. Esse tempo entre a decisão e a ação efetiva acontece porque mesmo quando a vontade de parar de alisar existe, há um sentimento de insegurança devido à projeção das consequências sociais da decisão.

Parar de alisar os cabelos envolve lidar com a possibilidade de rejeição, de negação de acesso ao campo dos relacionamentos afetivos e até ao trabalho. Iza, no momento da entrevista, ainda se encontrava no processo de começar a utilizar os cabelos no estilo natural, lidando com as inseguranças que sentia. Enquanto isso, utilizava tranças nos cabelos. Diferentemente das demais, Elisa não enfrentou dificuldades ao decidir parar de alisar, ela contou que foi uma decisão rápida e que logo em seguida começou a utilizar os cabelos no estilo natural e em um corte curto.

Parar de alisar não significa necessariamente utilizar o cabelo no estilo natural. Cinco das entrevistadas, depois de parar de alisar, começaram a utilizar o cabelo no estilo natural, uma começou a usar o cabelo com relaxamento (forma de transformação que não alisa os cabelos completamente, mas os deixa com cachos mais abertos e com menos volume) e duas começaram a utilizar algum tipo de alongamento.

Ivone, Maria, Conceição, Sheron e Tereza pararam de alisar os cabelos no contexto da onda contemporânea de valorização do cabelo no estilo natural e se engajaram em comunidades virtuais. De acordo com Tavares (2018), dentro destes grupos se propõe uma contranarrativa ao incentivo do alisamento, que se fundamenta na premissa de que o alisamento dos cabelos não é fruto de uma escolha pessoal, mas de coerção social, que se corporifica “ditadura do cabelo liso”. O imaginário negativo sobre o cabelo é, então, colocado em dúvida.

As quatro participantes passaram pela transição capilar, período em que o cabelo possui duas texturas diferentes (as pontas alisadas e a raiz crespa/cacheada). Ele já não é mais o que era antes e ainda não é aquilo em que se tornará, se encontra em suspenso, representando a identidade da pessoa que passa pelo ritual, que também se encontra em suspenso. É um tempo de espera, mas também um tempo de produção, pois durante o processo, as interlocutoras passaram por ressignificação de suas representações de si e da identidade deteriorada. O cabelo participa desse processo como um símbolo do conteúdo que será modificado.

As comunidades virtuais são as orientadoras da revisão de crenças, possuem o papel de mostrar o que deve ser questionado e os novos lugares que as representações sociais devem ocupar. Quando as interlocutoras iniciam o processo de transição capilar apresentam uma demanda ainda difusa, que a comunidade ajuda a elaborar, se tornando uma referência na produção dos novos saberes. A identificação com a comunidade é decisiva na construção da segurança necessária para se abandonar as representações negativas do estigma. Dentro da comunidade se acessam saberes sobre os cuidados capilares, como formas de pentear os cabelos e produtos a serem utilizados. Esses discursos desestabilizam o sistema de crenças e valores e o tempo da transição é utilizado para elaboração dos efeitos dessas desestabilizações (TAVARES, 2018).

O que marca o fim da transição capilar é o corte da parte alisada do cabelo, conhecido como *Big Chop*. A partir de então se inicia o uso do cabelo no estilo natural. Além dos cabelos, outras características se alteram nas personalidades. As jovens relataram que se sentem mais confiantes, mais seguras, mudaram sua postura social e sua forma de se vestir, mostrando que a mudança gerou efeitos para além da estética capilar, que gerou a saída da identidade deteriorada (TAVARES, 2018).

4.4 Aprendizados comunitários

Em todos os relatos, a manipulação dos cabelos era sempre realizada por mulheres: as genitoras (na fase da infância), as cabeleireiras ou as próprias interlocutoras. A aprendizagem de como manipular os cabelos acontecia no dia a dia, sendo passada das adultas para as crianças. Na literatura (HOOKS, 2005; CRUZ, 2017; ALICE WALKER, 2011; VILMA REIS, 2016; GOMES, 2008), o momento de manipulação dos cabelos aparece como de estabelecimento de uma comunidade entre as mulheres e, também, de comunhão entre mães e filhas.

[...] era aquela história tradicional dela sentar, a gente sentar no chão entre as pernas dela, e ela penteava o cabelo pra gente e trançava (ELISA).

Gomes (2008) relacionou esse hábito à sua origem africana. Antonieta contou que em sua viagem a um país africano, era comum ver mulheres trançando os cabelos umas das outras sentadas nas calçadas em frente às suas casas. Em sua fase adulta, Elisa se reunia com as irmãs e umas alisavam os cabelos das outras. O mesmo acontecia entre Iza, sua mãe e sua irmã.

A intelectual hooks (2005) tratou sobre sua experiência de alisamento na infância, na década de 1950 em um distrito rural no sul dos Estados Unidos.

Era um momento exclusivo no qual as mulheres (mesmo as que não se conheciam bem) podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo (hooks, 2005, p. 1).

O alisamento era realizado com o pente quente. Essa forma artesanal foi associada por hooks (2005) à construção do seu sentido. Como era um processo demorado, as mulheres passavam muitas horas juntas, distantes dos homens e podiam falar sobre si, se conhecerem e se sentirem pertences a um grupo.

Denize Ribeiro (2016) escreveu sobre os momentos chamados por ela de “salões de sábado”, que viveu em sua infância. Eram encontros semanais entre várias mulheres, muitas delas empregadas domésticas, em que passavam ferro quente nos cabelos umas das outras.

O sábado, certamente era o dia mais interessante da semana para algumas dessas mulheres, pois neste encontro todas as informações eram colocadas em dia e muito se ria, bebia, ouviam músicas e principalmente falavam de seus patrões “brancos”, dos melhores feitiços de seus difíceis companheiros: os homens negros (RIBEIRO, 2016, p. 62).

Ribeiro (2016) relatou que durante os encontros se conversava sobre o Candomblé, religião praticada por algumas delas. Como o Candomblé é alvo de intolerância, o “salão de sábado” se tornava um espaço seguro para a transmissão de conhecimentos⁸⁴. Ela revelou, ainda, que, mesmo antes de ter idade suficiente para ter os cabelos alisados, ela procurava fazer atividades que lhe permitissem ficar por perto das mulheres, ouvindo suas conversas e descobrindo seus segredos.

Segundo hooks (2005), quando surgiram os produtos industrializados e as rotinas dos cabelos deixaram de ser praticadas nesses encontros íntimos, sendo deslocadas para o ambiente dos salões de beleza, com os ruídos dos secadores que dificultavam as trocas e estabelecimento de laços, e o tempo diminuído, o significado comunitário dessa prática se perdeu e ganhou força a dimensão do alisamento como forma de branqueamento, principalmente quando as mulheres começaram a perceber-lo como condição para entrada no mercado de trabalho.

Percebe-se que ainda hoje esses encontros acontecem, mesmo que em outros formatos, e apresentam características de transmissão de saberes sobre o feminino e criação de imagens

⁸⁴ Reis (2016) citou uma experiência diferente com relação ao uso de alisamento entre as mulheres na cidade de Nazaré das Farinhas, entre as décadas de 1970 e 1980. Sua avó se opunha ao uso do ferro quente, devido à sua ligação com o candomblé, que reserva significados sagrados à cabeça (ori). Muitos costumes da tradição iorubá, ligados à sacralidade do corpo, foram preservados pela religião. Ribeiro (2016) citou que entre os povos africanos Jeje há a tradição de nunca deixar ninguém tocar em suas cabeças.

de identificação. É o caso dos encontros que têm ocorrido nos meios virtuais (TAVARES, 2018). Fátima contou que, quando iniciou sua produção de conteúdo para a internet, estabeleceu-se um ambiente de trocas entre ela e as pessoas que o consumiam.

Ela recebia relatos, histórias e pedidos de conselhos. Lembrou-se de uma mulher que compartilhava suas angústias pelo fato de o marido não querer que ela utilizasse o cabelo no estilo natural. Elas trocaram mensagens durante anos, nos quais a mulher prosseguiu com sua vontade e lidou com as questões que isso trazia para seu casamento.

Desde o ano 2010, quando Fátima iniciou sua produção de conteúdo, houve muitas mudanças nas dinâmicas do meio virtual, e as trocas passaram a ter, hoje, uma configuração mais verticalizada, devido ao status de “gurus” alcançado por algumas pessoas que produzem conteúdo digital, gerando uma posição diferenciada de saber. As trocas podem ser um pouco diferentes nesse aspecto, mas ainda existe a configuração de construção de saberes compartilhados e a sensação de comunidade de iguais (TAVARES, 2018).

Tereza procurou pela comunidade virtual quando decidiu parar de alisar os cabelos. Seu envolvimento com o balé ajudou a mitigar a dificuldade de cuidar do cabelo com duas texturas (parte alisado e parte crespo), ela utilizava coques todo o tempo, o que, além de ajudar a esconder a textura indesejada, também afirmava sua identificação com o balé, pois esse é um penteado típico desse estilo de dança.

Posteriormente, passou de consumidora a produtora de conteúdo, quando criou seu próprio grupo no Facebook, ao qual se dedica bastante. Pesquisa sobre produtos e novidades para produzir postagens e responde diversas mensagens que recebe. O meio virtual deu continuidade, com suas próprias especificidades, às comunidades de compartilhamento entre mulheres.

O primeiro alisamento de Iza foi feito por uma cabeleireira do bairro onde morava, que cuidava dos cabelos de todas as mulheres da sua família e que descende de uma família de outras cabeleireiras. Quando Iza alisou os cabelos pela primeira vez, recebeu muitos elogios na escola, ela se lembrou especificamente de ter recebido os elogios de uma professora, o que lhe agradou muito. A aprovação da comunidade ao seu estilo de cabelo teve relevante significado para ela e reforçou um imaginário que a comunidade nutria sobre os dotes extraordinários da cabeleireira, ligados à sua descendência de uma família de cabeleireiras. Ela era muito valorizada porque utilizava uma técnica de alisamento que não impedia o crescimento do cabelo, como é comum ocorrer.

As cabeleireiras fazem parte de um universo quase místico, em que as mais valorizadas são aquelas que possuem técnicas especiais e alcançam resultados que outras não alcançam.

Elas devem possuir um misto de técnicas aprendidas e um tipo de habilidade que mistura amor pelo ofício e dom “natural”. Ela cuida do bem-estar físico e da aparência da clientela tendo contato direto com seu corpo, sendo, por isso, um trabalho emocional (LUZ ARANGO, 2017).

Antonieta, que se tornou cabeleireira trancista, não tem a profissão em sua origem familiar. As tranças são um estilo de penteado de origem africana cuja execução envolve a aprendizagem e o avanço criativo com relação às técnicas, as trancistas desenvolvem desenhos próprios a partir de sua criatividade (LUANE SANTOS, 2012). A Figura 4, a seguir, apresenta alguns modelos de tranças.



Figura 4 – Modelos de desenhos de tranças.
Fonte: LARA THEODORO, 2022.

Este trabalho foi comparado à atividade de cestaria e às técnicas matemáticas (SANTOS, 2012, 2019; CRUZ, 2017). Cruz (2017) apontou que, na cidade de Maputo (Moçambique), se utiliza o termo “complicações” para designar o nível de elaboração dos desenhos artísticos feitos nas tranças. No discurso político dos movimentos negros, as tranças remetem ao resgate do contato com os elementos africanos, à ancestralidade e à consciência racial (GOMES, 2008).

As tranças são utilizadas tanto por mulheres que usam os cabelos no estilo natural e querem variar sua aparência quanto por mulheres que não querem alisar os cabelos, mas não se sentem à vontade para utilizá-los no estilo natural. Neste caso, as tranças funcionam como uma forma de “disfarçar” o cabelo e manter um penteado considerado bonito. É o que ocorre com Iza, que começou a utilizar tranças no momento em que passou a exercer um cargo em que atuava com ações afirmativas. Nesse emprego, ela se relacionaria com pessoas ligadas a movimentos negros e sentiu que não deveria se apresentar com os cabelos alisados, mas não se

sentia à vontade para ser vista com os cabelos sem alisamento, por isso começou a utilizar tranças.

Algumas clientes de Antonieta se encontram em situação parecida com a de Iza, e recorrem às tranças como meio de “esconder” seus cabelos, o que preocupa Antonieta. Ela disse ficar feliz quando elas utilizam menos as tranças, o que significa que estão ganhando mais confiança no uso do estilo natural, ainda que isso represente menor uso de seu serviço e a consequente redução nos seus ganhos.

As profissionais cabeleireiras auxiliam as clientes nas elaborações subjetivas, tendo por isso um papel não somente técnico, mas também pedagógico. Os salões são vistos por Gomes (2008, p. 332) como espaços de formação de uma “[...] pedagogia da cor e do corpo”. Neles, as tensões raciais estão sempre presentes, são frequentados por pessoas que passaram e passam por experiências de sofrimento com relação ao cabelo (GOMES, 2008; REZENDE, 2017).

Para Antonieta, o ofício de trancista sempre esteve ligado à sua dimensão política, ela acredita que seu papel não é somente desenvolver a técnica com precisão, mas, também, promover transformação na consciência das clientes. O ofício traz como exigência, portanto, como forma de confirmar sua competência, a capacidade de promoção da consciência racial e da autoestima. Antonieta demonstrou ser uma pessoa acolhedora e alinhada com essa dupla exigência, mas isso lhe traz uma carga extra de obrigações que se adicionam às suas tarefas junto aos filhos e filhas, seu trabalho doméstico e seu papel como esposa.

Que as pessoas chegam aqui com a autoestima muito baixa. E eu acho que é isso que me motiva. [...]. E aí, na medida em que a gente vai fazendo o cabelo, na hora que termina, ela assusta. Eu fico grata. [...] Aí é onde eu lembro que eu não tirei uma foto antes. Mas a pessoa assusta. Ela assusta, porque ela enxerga outra pessoa. E aí o que vem na minha cabeça é: “Será que ela sabia que existia essa outra pessoa nela?” Sabe? Porque é a primeira vez. A maioria das vezes que aconteceu esse baque, foi a primeira vez da pessoa. E, às vezes, essa pessoa vem sem motivação. Às vezes, até assim: “Ah, mas o meu marido falou que eu estou louca, que eu não devia trançar, que trança é feio. Mas a minha avó, eu já ouvi a minha avó falar que [trança] é muito feio, vai quebrar o meu cabelo todo...” então, assim, relato [crítico]. Sabe? Que a gente fica pensando: “Nossa, mas até hoje a gente ouve [...]”. E aí eu fico mais feliz quando a pessoa volta. Porque aí é a resposta para mim. Não digo para ela, mas para mim (ANTONIETA).

O acolhimento é parte essencial das relações nos salões étnicos, como demonstrou Gomes (2008). Segundo a autora, muitas proprietárias são engajadas politicamente e promovem ações sociais. Os salões carregam projetos políticos em suas ações e em seus posicionamentos. Figueiredo (2016) notou o mesmo com relação às mulheres que exerciam o ofício de trançadeiras de forma autônoma, não ligadas a salões.

Gomes (2008) dissertou sobre a expectativa exacerbada que recai sobre as cabeleireiras que atuam em salões étnicos e que podem resultar em conflitos oriundos do fato de o ofício embaralhar as dimensões pessoal e profissional. Antonieta vivencia alguns destes conflitos, especialmente em alguns momentos, quando espera que, da mesma forma que as acolhe, as clientes sejam capazes de acolhê-la e compreender suas questões pessoais quando ela precisa, mas nem sempre isso acontece.

E volta aquela questão: nem tudo é dinheiro, às vezes é gostar. Então, às vezes, a gente trabalha com as pessoas, não é fácil, porque, às vezes, as pessoas querem aquilo, mas não entendem o seu lado. Quando você presta serviço, as pessoas acham que você está na mão delas. Só que na minha percepção, com a minha forma de agir e trabalhar, eu não penso por esse lado. E acontece. Igual aconteceu assim, um caso [...], gente morrendo igual está agora, precisando de uma atenção maior, e a cliente virou e falou: “Eu preciso tratar o meu cabelo, vou hidratar”. Eu falei: “Olha, eu não estou atendendo, porque eu estou com um filho isolado, com suspeita de Covid, no quarto. Então, eu não posso te atender, porque eu não vou estar sendo justa com você e nem para mim, e nem com os meus filhos”. Porque eu, também, não sei como que ela vai [entrar]. Aí eu falei para ela: “Eu espero que você entenda que eu estou desesperada”. E eu realmente estava. Porque a gente fica assim [...]. Ela foi mandou, retornou para mim assim: “O meu cabelo também está desesperoso”. E aí, essa fala dela, para mim, foi tipo assim: “O problema é seu. O meu problema é o meu cabelo” (ANTONIETA).

Ela tenta administrar a posição de fragilidade em que se encontra devido ao seu ofício não lhe garantir leis trabalhistas (ela atua como autônoma), exercendo a intimidade com as clientes. Percebe-se certa idealização sobre a capacidade do ofício em criar relações comerciais mediadas pelo afeto. A idealização da dupla função da trançista pode ser uma ponte para a manutenção da precariedade do ofício, pois ela traz uma ambiguidade que é muito difícil de conciliar. Arango (2017, p. 225) considerou que:

[o] trabalho emocional diz respeito a duas questões interdependentes: a definição dos aspectos técnicos do trabalho, por meio da interpretação da aparência desejada pelos clientes; a produção de um sentimento de bem estar [...]. Apesar da grande heterogeneidade das condições de emprego, as trabalhadoras identificam o prazer de fazer seus clientes felizes como uma de suas principais satisfações.

Para Dubar (2012), algumas atividades profissionais escapam ao sentido instrumentalista e negativo que é comumente associado ao trabalho.

Ainda que sejam chamadas genericamente de trabalho, essas atividades que possibilitam uma identificação positiva são, ao mesmo tempo, escolhidas (ou, pelo menos, entendidas como tal), autônomas (isto é, vividas desse modo) e abertas para carreiras (no sentido de uma progressão ao longo da vida). Essas atividades de trabalho, qualificadas de profissionais, são produtoras de obras, quer se trate de arte, artesanato, ciências ou outras atividades criadoras de algo de si, ou produtoras de serviços úteis a outro (médicos, jurídicos, educativos). Elas dão um sentido à

existência individual e organizam a vida de coletivos. Quer sejam chamadas de “ofícios”, “vocações” ou “profissões”, essas atividades não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social (DUBAR, 2012, p. 4).

De acordo com o autor, a formação profissional envolve a iniciação que leva a pessoa a uma transformação identitária. O reconhecimento social e o papel de fonte identitária podem explicar em parte a atração que o ofício de cabeleireira trançista exerce para Antonieta.

Antonieta optou por uma forma de atendimento diferente da oferecida por parte das demais cabeleireiras e salões étnicos, escolheu trabalhar sozinha no espaço que aluga como forma de preservar a intimidade das clientes. Ela contou que já atendeu clientes que são vítimas de alopecia⁸⁵ e que utilizam as tranças para disfarçá-la. Colocar outras clientes juntas iria expô-las. A opção por trabalhar dessa forma pode ter dificultado seu crescimento econômico, pois ela atende menos clientes por dia e não divide o aluguel do espaço com outras cabeleireiras, o que lhe geraria a necessidade de aumentar o valor do seu trabalho.

Entretanto, ela demonstra dificuldades em cobrar um valor maior, porque precisa manter o preço competitivo e porque isso entra em conflito com sua expectativa de oferecer um trabalho emocional, a mediação do dinheiro na relação faz com que ela sinta que está em contradição com suas bases ideológicas.

Collins (2019) considerou a produção criativa, envolvendo estética e arte, como uma parte importante do pensamento feminista negro. De acordo com a autora, esse é um campo de expressão política em que mulheres que não tiveram acesso ao conhecimento formal podem imprimir seu pensamento crítico.

Desenvolver o pensamento feminista negro também significa buscar sua expressão em posições institucionais alternativas e entre mulheres que não são comumente vistas como intelectuais. [...] as intelectuais negras não necessariamente são acadêmicas nem encontradas apenas na classe média negra (COLLINS, 2019, p. 51).

Antonieta foi a interlocutora que passou menor tempo no sistema educacional formal, não tendo completado o ensino médio. Ainda assim, como as demais, apresenta um perfil intelectualizado e reflexivo. Na visão de Collins (2019, p. 51), as intelectuais não acadêmicas produzem um “[...] ponto de vista negro”, que é multifacetado por ser construído pelas diferentes posições que ocupam na sociedade. Antonieta produz de seu lugar uma leitura crítica

⁸⁵ Alopecia é a perda de cabelo ou de pelos do corpo. Muitas mulheres negras são acometidas pela “alopecia por tração”, que é resultado do uso habitual de penteados que puxam muito os cabelos.

que se manifesta enquanto posicionamento político na sua forma de manipular os cabelos e direcionar afetividade às clientes.

Ela se define como artista, não só por sua atividade com relação ao cabelo, mas, também, porque no movimento cultural de que participou, atuou dançando, cantando e tocando instrumentos. Essa posição que ela ocupa faz com que se sinta parte de uma coletividade, consiga fortalecer sua identidade social e dar sentido às suas experiências.

A forma como Antonieta constrói a relação de trabalho traz a preservação das características encontradas nas comunidades que se estabeleciam nas casas das mulheres, antes do uso comum de Salões de Beleza. Por isso, compartilha esferas íntimas de sua vida com as clientes e espera delas compreensão. Ela tenta resgatar as características que hooks (2005) considerou que faziam com que as relações na comunidade fossem de acolhimento e não capitalistas.

Ruth também incorporou em sua experiência de trabalho o cuidado dos cabelos de outras mulheres. Ainda que não fizesse parte de suas funções, pois ela atuava na parte administrativa dos salões, procurava acolher as clientes e dar conselhos sobre as escolhas de procedimentos. Sentia-se frustrada porque, por vezes, as clientes ignoravam seus conselhos e decidiam realizar procedimentos que considerava prejudiciais. Quando abriu seus salões, ela procurava resolver algo que ela considerava uma falha no salão onde trabalhou: o estabelecimento de práticas que distanciavam as clientes das cabeleireiras e davam para a relação uma forma mais instrumental⁸⁶. Ela esperava, assim como Antonieta, recriar um ambiente de trocas e acolhimento no salão de beleza.

4.3.1 *Lacunas de aprendizado*

Durante a infância, Ivone tinha os cabelos cuidados pela mãe.

A minha mãe sempre trançava o meu cabelo, aquelas tranças bem grossas, sabe? Prendia... Eu até ri muito disso, porque a minha mãe, ela nunca conseguia partir o cabelo no meio certo, sabe? Então era sempre aquele partido bem torto assim, sabe, que começa aqui assim e acaba lá. Quando a gente se reúne, quando a gente vê as fotos, são sempre fotos assim, hilárias (IVONE).

⁸⁶ Cruz (2016) apontou que, na rede de salões Beleza Natural, se estabelece uma espécie de “macdonização” dos atendimentos, que são padronizados com o intuito de atender mais clientes em menor tempo. O processo de alisamento é dividido em etapas: uma pessoa separa os cabelos da cliente em mechas, outra aplica o produto alisante, outra lava os cabelos retirando o produto e outra penteia e seca os cabelos. Essa divisão em processos gera mais agilidade, mas menos contato e trocas pessoais entre clientes e cabeleireiras.

Como a mãe demonstrava pouca aptidão para os cuidados dos cabelos, Ivone ficava com o penteado torto. Ela começou a alisar os cabelos aos doze anos e, diferentemente da maioria, não era a mãe que fazia o procedimento, ela ia a um salão e mais tarde o alisamento passou a ser feito pela irmã mais velha. Ela diz que a mãe não tinha muito tato para o cuidado com os cabelos. A mãe de Maria também não tinha muitas habilidades com cuidados do cabelo, quando alisou os cabelos da filha pela primeira vez, como resultado de algum erro na aplicação do produto ou de o produto não ser apropriado para crianças, seu cabelo se quebrou e ela precisou cortá-lo curto. Tereza, quando criança, tinha os cabelos cortados bem curtos no barbeiro, para prevenir infestações de piolhos e porque sua mãe, que possuía os cabelos lisos, não sabia como cuidar dos cabelos da filha.

O que ocorre com Ivone, Tereza e Maria é o oposto do que ocorre com Carolina, cuja mãe tinha muita firmeza na manutenção do cabelo dentro do padrão de ordem corporal. Ela fazia questão de que o cabelo estivesse sempre impecável e tinha habilidades para tal. Tinha muito medo de que as filhas sofressem racismo e tentava prevenir isso mantendo rígidos cuidados de seus corpos. Maria, Tereza e Ivone, as três interlocutoras cujas mães foram classificadas por elas como pardas, são as que descreveram maiores dificuldades por parte das mães no trato de seus cabelos.

Essas cuidadoras lidaram com o vácuo de talvez não terem tido acesso a espaços em que se propagam conhecimentos sobre algumas vivências das mulheres negras, e também com o imaginário negativo que gera o pensamento de que os cabelos crespos são difíceis de pentear. O resultado para as crianças é que elas se apresentem no ambiente escolar de forma considerada inadequada por ele, podendo ser penalizadas.

4.5 A figura da mulata e a hipersexualização da mulher negras

A maior parte das interlocutoras utiliza roupas coloridas, mas sóbrias, bijuterias e em alguns casos, maquiagem e sapatos com salto alto. A única exceção é Elisa, que se veste com roupas largas e de cores neutras e não utiliza acessórios. As performances de feminino que apresentam remetem a concepções de sobriedade, força, exuberância e segurança, um perfil feminino moderno, conectado à imagem de “mulher profissional”. Nesse estilo de performance, há uma preferência por cabelos em tamanho curto ou médio, que remetem à modernidade, diferentemente dos cabelos longos, associados à sensualidade, representada pela figura da mulata.

O termo mulata faz analogia a um animal, a mula, resultante do cruzamento do cavalo com a burra ou o contrário. Surgiu no século XVI para designar descendentes de pessoas negras africanas com pessoas brancas europeias. Ela representa a mestiçagem, o “encontro das raças: uma espécie de pororoca cultural.” (MARIZA CORRÊA, 1996, p. 47). Bastide (1946) mostrou o surgimento de uma diferenciação entre mulher negra e mulata na literatura no fim do século XIX. A mulher negra era vista como uma figura perigosa, que devia ser temida, por sua capacidade de enganar os homens e por sua artilosidade. Já a mulata aparece de forma elogiosa, se trata de uma figura ocidentalizada, uma mulher negra que deixou de ser perigosa, por isso, pode ser alvo de encontros afetivos. Essa diferenciação surgiu na literatura após o fim da escravidão, o que, segundo o autor, teve como função fazer com que os portugueses se interessassem por se relacionar com mulheres negras, aumentando a miscigenação, em conformidade com o projeto eugenista.

Lélia Gonzalez (1984) identificou na hipersexualização, uma transfiguração do mito da democracia racial, utilizando a figura da mucama para analisar aspectos recalcados, mal resolvidos e ambíguos da cultura brasileira. A mucama seria uma condensação de três dimensões da mulher negra: amásia, doméstica e ama de leite. A dimensão da amásia diz respeito à sensualidade e se materializa no carnaval no papel da mulata sensual, exaltadas apenas nesses dias. Fora dessa época, ela se apresenta como doméstica. A ama de leite diz respeito à mãe preta, que se dedica aos cuidados das crianças brancas, desenvolvendo sentimentos maternos por elas.

Adalaete Freitas (2019) dissertou sobre a figura da mulata e sua relação com a hipersexualização da mulher negra. A miscigenação as coloca em uma posição hipersexualizada, de *hoochies* (COLLINS, 2019), sendo caracterizadas por uma sexualidade expressa no corpo. Mirian Goldenberg (2005) destacou que, Gilberto Freyre (1987, p. 67) descrevia

[...] como modelo de beleza da brasileira a atriz Sônia Braga: baixa, pele morena, cabelos negros, **longos e crespos**, cintura fina, bunda (“ancas”) grande, peitos pequenos. Dizia, com certo tom de crítica, que este modelo de brasileira estava sofrendo um impacto norte-europeizante ou albinizante, ou ainda ianque, com o sucesso de belas mulheres como Vera Fischer: alta, alva, loira, cabelos lisos, com um corpo menos arredondado” (grifo meu).

Os cabelos longos são um dos principais símbolos representativos da mulata. Parte das interlocutoras desejou, em algum momento, performar a imagem de feminilidade com cabelos longos e teve dificuldades. Elas tentavam deixar o cabelo crescer, mas não conseguiam, devido

a alguma ocorrência com os alisamentos que utilizavam. O tamanho dos cabelos é um conflito porque elas percebem que quando eles estão curtos perdem um elemento de identificação de sua identidade de gênero, sendo por vezes confundidas com pessoas do gênero masculino, como ocorreu com Maria, que precisou cortar os cabelos curtos aos 06 anos de idade e passou a ser confundida com o irmão.

Iza precisou cortar o cabelo curto aos vinte e dois em razão de procedimentos malsucedidos e sua impressão sobre a experiência foi de que não possuía o cabelo “ideal”, por não ser solto e esvoaçante como os de outras mulheres próximas a ela. Elisa contou que seus cabelos, diferentemente dos de suas irmãs, não cresciam, e ela se comparava a elas.

[...] e aí o cabelo das minhas irmãs crescia, mas o meu não, e ele quebrava muito na nuca. Então ficava aquela coisa assim, alisada uma parte e outra parte toda quebradinha, muito difícil de lidar e **ficava com muita vergonha, sempre curto, sempre curto, aí dava muita vergonha** (ELISA, grifo meu).

Em sua adolescência, decidiu utilizar um corte de cabelo curto, o que levou sua mãe a temer pela perda de sua feminilidade e estimulá-la a utilizar brincos e acessórios.

Na pesquisa de Cruz (2017), realizada com mulheres moçambicanas, ela também percebeu receio com relação ao cabelo curto. As moçambicanas afirmaram que alisavam seus cabelos porque eles “não cresciam”. Cobiçavam os cabelos das mulheres mestiças⁸⁷, cacheados no estilo mulata.

Nas descrições das interlocutoras, o cabelo longo representou momentos em que passaram a ser alvo de desejo dos homens, no início da adolescência. Devido às dificuldades de deixar os cabelos crescerem, algumas mulheres optam pelo uso de alongamentos⁸⁸ nos cabelos. Gomes (2008) estabeleceu uma relação entre a figura da mulata e o uso de alongamentos. O cabelo longo e cacheado é utilizado por mulheres do funk carioca, que valorizam a sua sensualidade (MILENE MYSRAHY, 2015). Nesse ambiente, o tipo de cabelomais valorizado é o encaracolado, nem crespo nem liso, com ondas “naturais”. Ocorre, assim, um afastamento, tanto da estética afro propiciada pelos cabelos crespos quanto da estética simbolizada pelos cabelos lisos.

Antonieta e Tereza são as únicas interlocutoras que optaram por estilos de apresentação dos cabelos que remetem à imagem de sensualidade da mulata, e o fazem por meio de

⁸⁷ Em Moçambique, são consideradas mestiças as mulheres negras miscigenadas com brancos.

⁸⁸ Procedimento para gerar extensão do comprimento e/ou aumento do volume dos fios de cabelo. Pode ser feito com diferentes técnicas, como uso de extensões que unem os fios da pessoa com outros fios (de origem humana ou sintética).

alongamentos. Segundo Collins (2019), as mulheres mais próximas desse estereótipo recebem “recompensas” sociais, como elogios e destaque. Ela citou o romance “O olho mais azul” de Toni Morrison, que conta que as mulheres negras com peles mais escuras e cabelos mais crespos são as que mais sofrem com a solidão e a rejeição, a falta de amor é maior entre elas. Dessa forma, a adoção da performance de mulata sensual pode ser uma forma de conseguir inclusão no mercado afetivo.

Tereza contou que recebe muitos elogios por seus cabelos e que depois que começou a apresentá-los longos e cacheados se sente mais “vista”. Sua busca por manter essa imagem e o reconhecimento social que ela gera mostram que a imagem da mulata ainda é muito forte na construção da feminilidade.

O perfil da mulata traz consigo a hipersexualização, de modo que as interlocutoras cujos perfis são de maior valorização da intelectualidade formal são as que menos optam por essa performance. Enquanto para Tereza, utilizar os cabelos longos faz com que ela seja mais vista, para outras, não utilizar pode ser uma maneira de serem menos vistas (sexualmente), legitimarem suas performances de mulheres modernas e voltadas para o campo do trabalho (damas negras) e amenizarem a hipersexualização.

Como grande parte das interlocutoras exerce profissões intelectualizadas, tentam dar menos atenção ao corpo, socialmente percebido como o contrário da mente. Tereza e Antonieta adotam perfis mais próximos aos da figura da mulata e exercem profissões que evocam os padrões hegemônicos de feminilidade (respectivamente bailarina e cabeleireira).

4.6 A influência dos movimentos negros

Gonzalez e Hasenbalg (1982) destacaram a importância de que as ações coletivas de luta contra o racismo sejam consideradas em sua diversidade de manifestações. Ela citou os quilombos, o candomblé, os movimentos populares e as entidades culturais. E considera, ainda, que existem diferentes posicionamentos sobre como avançar na pauta racial, por isso não existe um movimento negro único, mas movimentos negros. Nas falas das interlocutoras, foram citados os movimentos negros nos formatos de movimentos políticos institucionais, religiosos, artísticos e acadêmicos, nos meios físico e virtual.

Os movimentos foram citados em oito dos relatos, o que revela sua forte preponderância no grupo estudado. No imaginário das interlocutoras, eles atuam como propagadores de performances legítimas de negritude. Três delas: Fátima, Antonieta e Elisa, possuem envolvimento próximo com movimentos sociais, as demais tiveram contatos esporádicos. Elisa

começou a participar do movimento sindical em 1985. Fátima e Antonieta iniciaram seu contato por meio de coletivos artísticos.

Maria participou, durante a graduação de um projeto de extensão que estudava o racismo. Ela contou que foi durante esse projeto que pensou com mais afinco sobre sua autonegação racial, que até então era alvo de dúvidas e confusão para ela. Também durante a graduação, Sheron conheceu colegas de curso envolvidas/os com questões políticas, além de ter tido contato com discussões políticas por meio da internet. Assim como ela, Conceição se informou pelo meio virtual. Iza teve o primeiro contato a partir de uma amiga de infância cuja família faz parte dos movimentos negros institucionais desde a década de 1980.

O encontro de Ruth com uma participante dos movimentos negros institucionais foi breve, mas significativo: a colega a levou a parar de alisar os cabelos. O episódio ocorreu nos anos 1980, época marcada pelo florescimento dos movimentos sociais. Alguns anos antes, em 1978, foi fundado o MNU.

Domingues (2007) localizou o surgimento dos primeiros movimentos organizados em 1889, com a criação de grêmios, clubes e associações e da imprensa negra, focados em construir soluções para os problemas sociais pós-abolição. Foram seguidos pela criação da Frente Negra Brasileira em 1930 e por outras organizações coletivas durante a Ditadura Militar. O autor apontou que a imprensa negra servia como veículo de denúncia dos problemas de habitação, educação, saúde e da segregação racial configurada pelo impedimento a pessoas negras de frequentarem alguns clubes e cinemas.

A segunda fase do movimento negro foi localizada por Domingues (2007) entre 1945 e 1964, após um período de supressão pela Ditadura Vargasista, quando surgiu o Teatro Experimental do Negro (em) e houve retomada da imprensa. Nessas duas fases o movimento se inclinava para uma explicação das desigualdades como resultado da escravidão e dos despreparos moral e educacional e propunha como solução a “[...] educação e moral, nos marcos do capitalismo ou da sociedade burguesa” (DOMINGUES, 2020, p. 118).

No fim da década de 1970, o surgimento do MNU marcou diferenças nas pautas, foi quando se adotou pela primeira vez a denúncia sistemática do mito da democracia racial e a “[v]alorização dos símbolos associados à cultura negra (capoeira, samba, religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé)” (DOMINGUES, 2020, p. 119). O uso dos cabelos no estilo natural passou a ser considerado uma evidência da negação do branqueamento. Esse discurso mais combativo teve boa impregnação entre as participantes da pesquisa.

Algumas das participantes (Tereza, Sheron, Conceição, Ivone), tiveram acesso a discursos políticos por meio da internet ou de pessoas conhecidas, sem contato direto com

grupos militantes formais, uma evidência das transformações trazidas pela internet para os movimentos políticos.

Os movimentos apareceram nas percepções das entrevistadas com muito poder no estabelecimento de prerrogativas de ação para as pessoas negras. Elas sentiram que nesse meio, utilizar o cabelo no estilo natural é uma forma de apresentar uma performance de orgulho da própria racialidade e que o uso de alisamentos é considerado sinal de vontade de embranquecer, negação ou vergonha da negritude.

O discurso de incentivo ao uso dos cabelos no estilo natural por vezes soa como pressão. Elisa também relatou perceber uma pressão para que as mulheres negras parassem de alisar os cabelos, vinda dos homens negros participantes dos movimentos. Gomes (2008) considerou que os movimentos desempenham o papel de educadores acerca das relações raciais, na medida em que produzem, sistematizam e difundem conhecimento sobre a questão racial.

4.7 Representações de classe

Quando entrevistada, Maria trabalhava em uma universidade, no setor administrativo. Ela contou que, no ambiente, tinha contato com algumas discentes negras que utilizavam os cabelos no estilo natural, como os dela, das quais costumava receber elogios. Porém, ouvia comentários negativos por parte das profissionais do setor de limpeza, feitos de forma amigável, que recomendavam que ela escovasse os cabelos para deixá-los mais bonitos e com menos volume.

Percebe-se que, no mesmo ambiente, dois grupos de pessoas negras atribuem significados distintos para os tipos de usos dos cabelos. Com sua inserção de classe híbrida e ocupando uma função burocrática, Maria se identificou mais com o grupo intelectualizado e permaneceu utilizando os cabelos no estilo natural. Alguns estudos (HOOKS, 2005; DOMINGUES, 2007; SONIA GIACOMINI, 2006) sugerem que o cabelo liso tem uma ligação com ambientes de trabalho. Segundo Giacomini (2006),

[...] o cabelo liso é considerado ideal em alguns ambientes de trabalho, assim como o cabelo crespo em determinados ambientes de sociabilidade negra [...]. Por isso, as mulheres manipulam o seu cabelo de modo que possam jogar com diferentes identidades, já que, nas relações entre posição social e aparência, esta última surge como algo passível de ser transformado (GIACOMINI, 2006, p. 100).

Atualmente, há uma abertura para o uso dos cabelos no estilo natural em alguns ambientes de trabalho menos tradicionais e em nichos sociais específicos. As variações nos usos dos cabelos têm sido usadas para distinguir vinculações grupais.

Quando se trata do pertencimento de classe, Gomes (2008) compreendeu que a grande indeterminação nas classificações raciais se deve à correlação de raça/cor e renda. Ela percebeu que alongamentos e produtos químicos são mais utilizados por mulheres que atuam em profissões de maior reconhecimento social, o que chama de “efeito embranquecimento”. O cabelo de uma pessoa pode ser visto como mais ou menos crespo de acordo com sua situação econômica, o que é possível devido ao grau de indeterminação que há nas nomeações das texturas (GOMES, 2008). O termo cabelo anelado, por exemplo, utilizado em Minas Gerais, pode ser usado para nomear várias texturas diferentes. O mesmo cabelo pode ser classificado como anelado, cacheado ou crespo, sendo que crespo seria a classificação mais negativa.

Myshari (2015) estudou a produção da beleza a partir do consumo no cenário do funk carioca. Suas interlocutoras fazem parte da família do cantor de funk Mc Catra⁸⁹ e passaram por uma rápida e acentuada ascensão social. Segundo a autora, no meio do funk, a beleza é um item de grande valor e é construída por meio do uso de alongamentos capilares que, por serem caros, se tornam evidências da ascensão. As mulheres utilizavam alongamentos com cabelos anelados (nem lisos nem crespos), que são muito caros por serem feitos com cabelos humanos.

A autora elaborou o termo “cabelos ambíguos” para discutir a manipulação do cabelo, que demonstra a vontade das mulheres estudadas em circular entre as categorias raciais. Ao mesmo tempo em que negam o padrão do alisamento, negam o crespo como elemento identificador de suas negritudes e de um corpo “natural”. Myshari (2015) destacou que a produção do corpo propiciada pelo poder aquisitivo desestabiliza a noção que associa negritude à escassez e à pobreza. Mais do que uma busca por cumprir os padrões estéticos e garantir acesso a capital afetivo ou legitimidade de sua feminilidade, o uso do cabelo se torna um meio de visibilizar a ascensão social.

Segundo Cintia Cruz (2016), a questão de classe também está presente no Instituto Beleza Natural. O discurso do salão é de que o uso do cabelo crespo é um empecilho para o acesso ao mercado de trabalho, e o uso do relaxamento feito no salão é uma maneira de solucionar isso. A beleza “natural” que o salão evoca é construída sobre uso de cabelos cacheados. O salão oferece para as clientes uma experiência de luxo, pela forma como são recebidas e tratadas, mesmo sendo feito para clientes pobres. Cruz (2016) ressaltou dois

⁸⁹ O cantor faleceu em 2018, aos 49 anos, em razão de um câncer de estômago.

elementos importantes do discurso do salão: o silenciamento da raça e o discurso do assumir-se ligado à questão de classe.

Para Cruz (2017), os estilos de cabelo também são utilizados para comunicar classe social pelas mulheres em Maputo (Moçambique). Elas variam constantemente os estilos de cabelos entre tranças, apliques e perucas, como forma de construir a imagem de pessoas modernas e cosmopolitas, bem como de demonstrar poder aquisitivo, pois é caro manter as mudanças constantes. As mudanças, em alguns momentos, são vividas como imposições irresistíveis, se tornando compulsórias, e trazem resultados negativos como: os altos gastos financeiros, a perda de cabelo ao longo do tempo pela tração constante e as dores que sentem nos dias das mudanças.

GOMES (2008) percebeu diferenças nos discursos presentes em dois salões de beleza étnicos, um voltado para mulheres de classe média e outro para mulheres pobres. No salão de classe média, as imagens nas paredes, os instrumentos e produtos e a forma como estavam dispostos traziam a imagem de sofisticação, que segundo o autor, diz respeito à imagem que os salões étnicos buscam construir, de uma pessoa sofisticada, que utiliza cortes de cabelo modernos⁹⁰, em contraposição à imagem tradicional. Esse discurso contrasta com o discurso do salão de classe pobre, que adotou uma estética mais identificada com a ideia de naturalidade da beleza negra.

Outros estudos (ROGÉRIA PAULA, 2010; MYSRAHI, 2015; OLIVEIRA, 2017; FIGUEIREDO, 2016; GOMES, 2008; 2017; GIACOMINI, 2006; JOCÉLIO, 2000) também indicam a relação entre a forma de apresentação dos cabelos e o pertencimento de classe. Essa relação é evidenciada pelo fato de que parte das interlocutoras, ao longo de suas trajetórias, precisou se desidentificar com modelos aprendidos em seus meios de origem, para se identificarem com as representações de mulher negra de classe média intelectualizada, a que tiveram acesso por meio dos discursos políticos. O que costuma evidenciar a passagem de classe é o uso de alongamentos, perucas e tranças, sempre com os cabelos lisos ou ondulados, nunca crespos. O uso do cabelo no estilo natural remete a ambientes menos tradicionais e com mais permeabilidade aos discursos políticos, ligados às camadas médias.

Munanga (1996, p. 78) demonstrou que foram as camadas médias que protagonizaram movimentos de “retorno às raízes” após a colonização. Ele considerou que esse grupo passou, de maneira mais intensa em um primeiro momento, por um processo de assimilação/branqueamento:

⁹⁰ A ideia de modernidade apresentada pelo salão está intimamente vinculada à exportação de tendências de cortes vindas dos EUA, onde os/as cabelereiros/as se formaram.

No tempo de duas a três gerações de colonizados, formou-se uma camada social composta de funcionários da colônia, empregados de diversos ramos da indústria e comércio, membros das profissões liberais e um número reduzido de proprietários urbanos e rurais [...] Embora possa ter relações mais ou menos desenvolvidas com as massas ou etnias mais tradicionais, essa pequena burguesia nativa inspira, em geral, a um nível de vida semelhante à dos brancos.

Apesar de sua identificação com a pessoa branca, essa camada é marginalizada, o que lhes gera um “[...] sentimento de amargura e frustração” e “[...] desejo urgente de contestar a marginalidade e descobrir uma identidade” (MUNANGA, 1996, p. 79). Por isso ela encabeça o movimento de retorno às origens, que para o autor, só se transforma em movimento social quando ultrapassa os indivíduos, na medida em que representa uma aspiração coletiva, grupal. Ele citou como exemplo o Movimento de Negritude, um movimento literário, artístico e filosófico afro-franco-caribenho, situado na década de 1930, baseado no combate ao eurocentrismo e na afirmação da cultura africana tradicional, criado por intelectuais. Esse grupo adotou um discurso crítico ao assimilacionismo e procurou construir uma imagem positiva sobre a cultura africana. Essa postura, marcada pela adoção de estética africana, o diferenciou da população negra que não adotava tal estilo e era vista como “branqueada”.

O uso do cabelo no estilo natural, em consonância com a ideia de “retorno às origens”, é uma maneira de manipulação da percepção social e de proteção com relação ao preconceito de classe, já que o cabelo demarca um território econômico e social. Protegida pelo status de classe, essa população possui recursos para absorver as sanções oriundas da escolha do uso do cabelo no estilo natural, o que mulheres em posições de maior vulnerabilidade não poderiam fazer.

Utilizando os cabelos no estilo natural, Ruth ocupou cargos relativamente valorizados e atuou como empreendedora. Seu filho mais velho, de dezesseis anos, utilizava os cabelos no estilo natural, incentivado por ela. Ela contou que quando ele foi fazer sua primeira entrevista de emprego, para atuar como empacotador em um supermercado, não foi aprovado e ela desconfiou que isso se devia ao estilo do cabelo. Então, orientou que ele cortasse o cabelo curto para a segunda entrevista, na qual foi aprovado.

Seu filho iniciou sua vida ocupacional em um cargo de baixo prestígio e não pôde se beneficiar da proteção social de que a mãe usufruiu. Ruth iniciou sua vida ocupacional em empresas que não tinham relação com estética, como o RH de um hospital, mas foi em empresas ligadas à estética, como o Instituto Beleza Natural, que conseguiu atingir o ápice de sua carreira,

atuando como líder de uma equipe. Ela se destacou atuando em um nicho específico, em que pessoas negras utilizando seus cabelos no estilo natural são valorizadas.

O consumo de produtos e cosméticos capilares é muito importante na passagem de classe das interlocutoras. Autoras e autores como Figueiredo (2002), Santos (2000), Carvalho, (2019), Myzrahi (2015) e Aline Rocco (2017), mostraram que o consumo é uma forma de as pessoas negras construírem suas identidades e sua cidadania. Figueiredo (2002) destacou que as mulheres negras gastam valores significativos em salões de beleza e em produtos. Esse consumo é alto para mulheres negras em todas as faixas de renda. Fátima, por exemplo, contou que quando foi aos EUA, ao retornar trouxe uma mala inteira cheia com produtos capilares. Percebe-se que os significados dos cabelos são utilizados nas trocas simbólicas e que fazem parte das negociações de classe e da diferenciação das pessoas negras entre si.

Nesse capítulo discutiu-se os significados diversos que a manipulação do cabelo assume, indo além de uma transformação estética e se transformando em parte do processo de socialização com relação à formação identitária nas comunidades de mulheres. Foi possível perceber que os cabelos estão conectados com a construção de modelos de identificação das participantes enquanto mulheres em processo de mobilidade social ascendente.

Todas possuem os cabelos crespos e aprenderam na infância seu status de estigma. Os cabelos foram utilizados presos em penteados ou alisados, nunca soltos. O fim dos alisamentos marcou a mudança do valor simbólico que ele carregava em suas subjetividades. Percebeu-se que as questões raciais, de gênero, de classe e geracionais estão conectadas à forma como se constroem sentidos para os estilos de uso dos cabelos.

A maior parte das interlocutoras se afasta de estilos que dialoguem com o estereótipo da hipersexualidade, constroem performances de mulheres modernas com o uso de estilos de cabelo que se diferenciam tanto da imagem do Black Power, associado a um campo político considerado ultrapassado, quanto do alisamento, ligado às mulheres negras de baixa renda.

5 REGULAÇÃO CORPORAL: TRÂNSITOS ENTRE MORALIDADE E MOBILIDADE

Neste capítulo, trabalha-se a ligação existente entre as formas institucionais das trajetórias e as ações de elaboração de performances corporais, bem como o intuito final das ações, que ultrapassa a busca por mudança de posição de classe. Para além dos usos estratégicos e instrumentais da manipulação do corpo, há componentes históricos sendo manipulados. Os trânsitos pelas instituições objetivas são explicados, e em parte sustentados, pelos movimentos representacionais que têm o corpo como suporte, de tal forma que mobilidade social e controle do corpo se entrecruzam e se confundem.

5.1 Disciplina e mobilidade

Pela forma como as participantes narraram suas histórias, é perceptível que a passagem de classe se torna o elemento de destaque, em torno do qual as demais vivências aparecem como complementares. Elas construíram suas vidas obedecendo a algumas condições que as permitam alcançar essa mobilidade, prática em conformidade com as regularidades históricas da ascensão de pessoas negras. Entre as condições, destaca-se a aquisição da disciplina.

Essa disciplina se expressa em práticas como: moderação nas expressões gestuais, vestuário e uso de adereços, uso de vocabulário gramaticalmente correto, zelo pelo asseio, pelo trabalho organizado e por uma polidez geral. Se apresenta, ainda, na aquisição de performances e assunção de valores e costumes de origem europeia e afastamento daqueles de origem africana, prática que pode ser nomeada como aculturação.

A disciplina corporal começou a se formar em suas infâncias, quando as mães, ensinavam sobre normas e asseio do corpo. Por meio de suas posturas sérias e rígidas, ensinavam padrões de comportamento.

5.1.1 O corpo apto à mobilidade

A disciplina corporal é um componente que se soma ao instrumental técnico adquirido no sistema escolar, para garantir a eficaz conversão deste instrumental em mobilidade. A literatura (GOMES, 2008; AZEVEDO, 1996) mostra que se esperava das pessoas negras que pleiteavam acesso social uma série de comportamentos que denotassem que essa pessoa se diferenciava das demais.

Há algo na manifestação corporal que compõe de forma eloquente o perfil da pessoa negra considerada apta a ascender socialmente. Esse *algo* advém do lugar que a regulação do corpo passou a ocupar na sociedade com a instauração da racionalidade moderna. As regras em torno da corporeidade fazem parte da constituição da civilidade enquanto totem da ordem social contemporânea, formulada em torno da pacificação (ELIAS, 1994).

Segundo Elias,

[...] maior a vantagem social daqueles capazes de moderar suas paixões; mais fortemente é cada indivíduo controlado, desde a tenra idade, para levar em conta os efeitos de suas próprias ações ou de outras pessoas sobre uma série inteira de elos na cadeia social. A moderação das emoções espontâneas, o controle dos sentimentos, a ampliação do espaço mental além do momento presente, levando em conta o passado e o futuro, o hábito de ligar os fatos em cadeias de causa e efeito – todos estes são distintos aspectos da mesma transformação de conduta [...] e a extensão das cadeias de ação e interdependência social. Ocorre uma mudança civilizadora do comportamento [...] (ELIAS, 1994, p. 198).

Nesse âmbito, a regulação dos atos corporais se tornou uma extensão da moralidade.

5.2 Regulação

Eu tenho até uma foto que ela é traumatizante, que foi uma foto de formatura do [...] quando sai do maternalzinho, do prezinho, que para o fundamental, que a minha mãe tinha prendido, arrumado o meu cabelo todo, prendeu bonitinho, eu fui para a danada da foto. Como eu tive que colocar a beca, aquele chapéu quadrado, eles soltaram o meu cabelo na escolinha. **Então, na foto, eu estou com o cabelo grande, sabe, todo... Com cara de má** (IVONE, grifo meu).

No relato, observa-se uma associação direta entre atributo corporal e moralidade: o cabelo solto e grande é a maldade. A correlação entre moralidade e corporeidade também pode ser percebida na história de Sara Baartaman, uma mulher que ficou conhecida como “Vênus Hotentote” (Figura 5). Nascida em 1798, no atual Cabo Oriental (África do Sul) foi considerada uma aberração devido às características de seu corpo: cintura fina e nádegas e órgãos genitais considerados grandes. Foi exibida como uma atração exótica na Inglaterra e na França. Sua situação foi citada por algumas pesquisadoras (JANAINA DAMASCENO, 2008; SOARES, 2017) para destacar a construção dos estereótipos do feminino negro.



Figura 5 – Vênus de Hotentote
Fonte: PARKINSON, 2016.

A alcunha "Venus Hotentote" tem duas origens: "Hotentote" era o nome dado pelos europeus ao povo africano Khoikhoi, enquanto "Venus" alude à deusa romana do amor e da sexualidade. A deusa Vênus representa o prazer físico, a excitação e satisfação dos sentidos. O formato do corpo é entendido como extensão do conteúdo sexual. Gomes (2008) defendeu que os simbolismos que envolvem o corpo o transformaram em uma expressão em si, em que ele deixou de ser a morada da subjetividade, e se tornou sua expressão autêntica e real.

Dessa maneira, o corpo composto por elementos comedidos representa a pessoa também comedida. Os corpos ditos civilizados são cordatos, obedientes (ELIAS, 1994). É na esteira do entrecruzamento entre corpo e moralidade que as trajetórias das interlocutoras são construídas. Por meio da aprendizagem das representações de selvageria e civilidade, suas performances são formuladas sob um alto nível de regulação, com o intuito de transmitirem a ideia de civilidade.

O corpo passou a participar dos processos morais ao logo do processo civilizador. Para Elias (1994), os atos corporais são parte da formulação das transformações sociais desse fenômeno, o autor considerou que “[...] o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1994, p. 193). Ele citou a introdução de regras de conduta e cortesia que participaram de uma mudança na estrutura emocional, introduzindo uma “parede” entre as pessoas e dando base ao desenvolvimento do individualismo contemporâneo.

O corpo passou a ser utilizado como instrumento para estabelecer relações entre sociedade e indivíduo, razão pela qual tem espaço privilegiado na tentativa de Elias (1994) de ultrapassar a dualidade indivíduo *versus* sociedade, enfatizando a interdependência nas

relações. O autor incorporou à sua análise conceitos oriundos do campo psicanalítico⁹¹, por meio dos quais é possível localizar a inscrição do sujeito na cultura por uma operação sobre os corpos.

O corpo, através de seus orifícios e buracos, possibilita o ultrapassamento da oposição entre sujeito e cultura, instaurando uma forma de estar, ao mesmo tempo, “dentro” e “fora”. Os limites do corpo esvanecem as fronteiras entre o eu e o outro. Tanto o *pathos* individual como as estruturas sociais são efeitos dos mesmos processos civilizatórios (COSTA, 2014, p. 23).

Elias (1994) defendeu que a força reguladora da civilidade não se impõe como algo externo, é internalizada de forma imperceptível. Freud (1980) propôs a existência de uma instância psíquica responsável por instaurar a auto regulação, a partir da incorporação de valores sociais como norma interna.

O controle mais rigoroso sobre os impulsos, que num tempo anterior tinha origens externas, é internalizado no próprio indivíduo como autocontrole gerenciado pelo supereu, agora o responsável pela remarcação das fronteiras, reconhecendo os limites do eu e do outro pela identificação e pela proibição. É o supereu quem faz o reconhecimento entre o que é próprio e o que é alheio, entre o que é público e privado (COSTA, 2014, p. 23).

Para Elias (1994), o processo de regulação interna gerou a forma de entrelaçamento social específica da modernidade, marcada pela rede de interdependência mantenedora da coesão. A coesão social foi pensada tanto por Freud (1980) quanto por Elias (1994), principalmente no que diz respeito ao lugar da violência no meio social. Este entendeu que o abandono da vontade de violência gerou um estado de pacificação indispensável à estabilidade organizacional⁹².

⁹¹ Apesar da forma individualista como vem sendo apropriada contemporaneamente, a psicanálise guarda, no pensamento de seu fundador, discussões de fundo social. Alguns textos de Freud são considerados mais “sociais”, como “A psicologia das massas e análise do eu”, de 1921 e “Totem e tabu”, de 1913. O autor se preocupou em compreender o ser humano em termos do ambiente em que se insere, e não como uma unidade fechada em si mesma. Os conceitos desenvolvidos por ele, de ideal do eu e de super ego deixam clara a interlocução sujeito-sociedade em seu pensamento. Eles foram desenvolvidos para explicar de que forma o bebê humano abandona uma espécie de simbiose com o meio, quando não se percebe enquanto uma pessoa e começa a compreender o mundo externo e a se submeter a suas normas. A percepção de sua humanidade e dos limites que ela acarreta levam a uma transformação em sua formação psíquica, quando surge o superego, destinado a, entre outras funções, guardar e zelar pelas normas sociais que o sujeito absorveu em si. O superego é a parte do psiquismo que se comunica com o mundo externo e sua presença tem a função social de manutenção da coesão da pessoa, de leva-la a agir de modo a preservar o formato grupal e abrandar as vontades que podem ser disruptivas.

⁹² Esse assunto já havia sido discutido pelo contratualismo, que atribui a pacificação à formação do Estado e abdicação da parcela de violência individual, que é entregue ao soberano, que se torna o único responsável pelo uso da violência legítima. Na sociedade organizada pelo contrato social, o ser humano abre mão do seu direito à violência, que se torna monopólio do Estado, e precisa encontrar formas cordiais de resolver seus conflitos.

A convivência positiva como elemento central das relações foi questionada por Freud (1930), assim como o resultado da normatividade sobre os impulsos básicos. Para o autor, o impedimento do uso da violência (ou agressividade), que ele considera uma parte essencial do desenvolvimento humano, gera frustração e conseqüente desenvolvimento de estratégias para o seu escoamento sem ataque às regras discursivas do pacto social.

A disciplina performada pelas participantes tem como intuito demonstrar que seus corpos se encontram regulados conforme demandado pela civilidade moderna, tratam-se de ações de manipulação dos significados morais, visando a fuga da ligação da negritude com a selvageria e animalidade. Essas ações são fortalecidas com sua aproximação do campo do conhecimento/intelectualidade, que fornece recursos sociais utilizados no desvio e também representa o sucesso desse afastamento. Há uma hipervalorização da racionalidade, pelo papel que ela desempenha, de representante da dignidade e do humano.

Ocorre o afastamento daquilo que é considerado simbolicamente como do campo da emocionalidade ou afetividade, que poderia remeter à natureza e aos instintos. Esse afastamento é, em alguma medida, a negação do corpo, inclusive por meio da escolha de não performar sexualidades desviantes. A sexualidade está intimamente ligada ao estabelecimento de estigmas de selvageria aos corpos lidos como negros.

A aproximação do campo do saber geraria um ajustamento da moralidade e conseqüente mudança de posição na dualidade racional *versus* irracional. Por isso, quando Ivone se encontrou com os cabelos soltos, teve a sensação de que há algo nela que é mal e que não está corretamente subjugado. Em diversos momentos, as manipulações dos cabelos aparecem como linguagem simbólica por meio da qual os conteúdos incivilizados são regulados.

Essa estratégia surge embalada pela necessidade de diferenciação das pessoas negras entre si (as que performam civilidade *versus* as que se entregam aos “hábitos de negros”). Na confusão produzida entre corpo e moralidade, o racismo não precisa ser reproduzido por meio de discursos diretos, já que isso pode ser feito por uso de linguagem corporal.

5.3 Regulação e racialidade

A produção de comportamentos socialmente aceitáveis é uma reação às representações estigmatizadas ligada aos fenótipos. A racialidade das participantes se revelou um fator determinante dos tipos de vivências corporais que experienciarão. Quando passaram por situações difíceis nas infâncias (violência doméstica, abandono por genitores, mortes de genitoras, dificuldades financeiras etc.), foram alvo de expectativas de que detivessem força

emocional e física sobre-humanas, em conformidade com a imagem da singular força física das mulheres negras. Ainda pela ótica da força sobre-humana, foram estimuladas pelas famílias ao rompimento, em parte como resultado da percepção de sua adequação às altas demandas que eram imputadas. A imagem de força sobre-humana continuou em vigor na vida adulta, gerando situações de tensões e conflitos.

Ainda que o processo civilizador atue sobre todos os corpos, Fanon (2008) considerou que a regulação do corpo se constrói de forma diferente entre pessoas negras e brancas, como resultado dos lugares representacionais diversos que ocupam na estrutura discursiva do racismo. Assim como Elias (1994) e Freud (1980), Fanon (2008) também adotou em sua leitura social uma perspectiva multidisciplinar por meio da qual sua interpretação social assumiu uma posição interacional e dinâmica na descrição da relação indivíduo *versus* sociedade. Sua perspectiva analítica, assim como a de Elias (1994), agrega elementos do pensamento psicanalítico ao pensamento social, tendo como enfoque as relações raciais, vistas por ele de forma processual e histórica.

Fanon (2008) defendeu que as expressões de violência que são rejeitadas pela narrativa civilizatória encontram seu destino por meio do mecanismo de projeção. De acordo com La Planché e Pontalis (2001, p. 374), projeção é a “[...] operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que ele desconhece ou recusa nele”. Os autores utilizaram o racismo para exemplificar esse mecanismo. “O sujeito atribui a outros as tendências, os desejos, etc., que desconhece em si mesmo: o racista, por exemplo, projeta no grupo desprezado as suas próprias falhas e as suas inclinações inconfessadas (LA PLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 375). Fanon (2008) considerou que, por meio da projeção, a violência que é rejeitada pela sociedade e precisa ser escoada de alguma forma, é projetivamente inserida nos povos que se condicionou chamar de selvagens. Quando uma pessoa branca percebe em si a presença da violência e a rejeita, gera uma cisão na formação de seu “eu”, resultado da criação da oposição entre razão e emoção. A negação coletiva da violência desagua na criação de um Outro depositário dela.

Mais diretamente, todo indivíduo deve rejeitar suas instâncias inferiores, suas pulsões, jogando-as nas costas de um gênio mal que será aquele da cultura à qual pertence (vimos que é o preto). Esta culpa coletiva é carregada por aquele que se convencionou chamar de bode expiatório. Ora, o bode expiatório, para a sociedade branca – baseada em mitos: progresso, civilização, liberalismo, educação, luz, refinamento – será precisamente a força que opõe à expansão, à vitória, desses mitos. Essa força brutal, opositora, é o preto que a fornece (FANON, 2008, p. 164).

O autor afirmou, ainda, que

[n]a Europa, o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do *homo occidentalis*, o preto, ou melhor, a cor negra, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome. Todas as aves de rapina são negras (FANON, 2008, p. 161).

Segundo Fanon (2008, p. 162-163), “[o] antilhano se reconheceu como preto, mas, por uma derrapagem ética, percebeu (inconsciente coletivo) que era preto apenas na medida em que era ruim, indolente, malvado, instintivo. Tudo que se opunha a esse modo de ser preto, era branco”⁹³.

Kilomba (2019) ilustrou a ação do mecanismo de projeção durante o colonialismo, por meio da “máscara de flandres”, que no Brasil ficou conhecida como “máscara de Anastácia”



Figura 6 – Máscara de Flandres

Fonte: SOARES, 2019.

Nota: A pessoa utilizando a máscara na foto é Ojorun, princesa Banto vinda do Congo e rebatizada no Brasil como Anastácia. Ficou conhecida por sua beleza e inteligência. Foi obrigada a utilizar a máscara e um colar de ferro como castigo por não corresponder aos assédios do filho da senhora de engenho da propriedade onde foi mantida.

⁹³ Fanon (2008) utilizou em alguns momentos o conceito de inconsciente coletivo, cunhado por Carl Jung. Da forma como o autor o usou, esse inconsciente significa “[...] o conjunto de preconceitos, mitos, atitudes coletivas de um grupo determinado” (p. 158). Ele defendeu, ainda, que “[...] o inconsciente coletivo é cultural, ou seja, adquirido” (FANON, 2008, p. 160).

Trata-se de um instrumento que tampava toda a boca e impedia a pessoa escravizada de falar e de se alimentar. Ela simbolizava o silenciamento, já que um de seus efeitos era “[...] implementar um senso de mudez e de medo” (KILOMBA, 2019, p. 33), e servia para impedir o “roubo”, por parte das pessoas escravizadas, dos alimentos que cultivavam⁹⁴. O medo do roubo é fruto de uma distorção narrativa.

Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem comê-los, devorá-los, desapropriando assim o senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. “Estamos levando o que é Delas/es torna-se “Elas/es estão tomando o que é nosso” (KILOMBA, 2019, p. 34).

Na ação deste mecanismo, observa-se o que Fanon (2008) chamou de sociogênese (FAUSTINO, 2015)⁹⁵, que revela os contornos individuais de fenômenos coletivos.

A projeção utilizada no colonialismo ajuda a compreender a realidade social do período e a contemporânea. La Planche e Pontalis (2001) consideraram que a projeção tem como característica fazer com que o elemento projetado aumente de proporção. Como resultado disso, no imaginário coletivo, a pessoa negra ganha impulsos desmedidos, que vão gerar o temor a ela. O exagero é o oposto da moderação e da regulação demandadas pela modernidade (ELIAS, 1994), e é utilizado para demarcar a pessoa negra como não pertencente à humanidade.

Como resultado das projeções, as relações entre pessoas negras e brancas são alienadas (FANON, 2008, p. 38), pois não são estabelecidas entre as pessoas, mas entre as “[...] fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser”. Isso permite que a imagem da singular força física da mulher negra se mantenha operante, independentemente da realidade que essas pessoas apresentam, pois só o que é visto é a projeção, o fantasma (KILOMBA, 2019).

A redenção da violência e da irracionalidade pela via projetiva tem a função de manter a coesão social e a sensação de pacificação, impedindo que a violência seja usada de forma disruptiva, relegando à pessoa negra a tarefa de suportar a tensão e o medo do risco da violência iminente. Essa pessoa, por sua vez, lida com a tensão da violência que foi depositada sobre ela, tentando contê-la, por exemplo, contendo seu corpo passando um “cadeado” no seu cabelo

⁹⁴ Em Minas Gerais, a máscara de flandres era utilizada em pessoas que trabalhavam na região da mineração para impedir que engolissem pepitas de ouro.

⁹⁵ Norbert Elias também utilizou a palavra sociogênese, mas de forma diferente de Fanon. Ele a utilizou no trabalho “O Processo Civilizador”, de 1939, em referência à sua teoria do desenvolvimento do Estado e das nações e sua relação de interdependência com as transformações das personalidades (psicogênese).

enquanto representação, “amansando-o” por meio da manipulação com força e das tentativas de diminuir seu volume.

O processo civilizador exige das pessoas negras técnicas civilizatórias maisimbrincadas, uma vez que seus corpos são alvo de uma regulação específica, caso desejem ir contra as fantasias impostas. Por esse motivo, formas corporais adequadas ao campo da civilidade devem receber uma rígida regulação, que no caso das interlocutoras se apresentou preponderantemente por meio de agentes de regulação como a alta resistência à dor e o abandono do corpo.

5.3.1 *Suportar a dor*

A alta resistência ao sofrimento (físico e emocional) foi observada por Soares (2017) como um componente do processo de “empoderamento” de mulheres negras, cuja ascensão social está ligada a sacrifícios e disciplina, com a abdicação dos prazeres e vivência de muitos desprazeres. A construção desse signo se nota na “braveza” da mãe de Carolina, que lhe apresentou uma infância com pouco lazer e espontaneidade, cercada por afazeres domésticos, familiares e escolares. Seu corpo e sua mente foram condicionados a uma grande tolerância a situações tensas e desagradáveis e passaram a se apresentar socialmente de forma excessivamente disciplinada.

Como notou hooks (2005), a escravidão impactou a forma como as pessoas negras expressam seus sentimentos. Em virtude do ambiente hostil em que se encontravam, precisavam conter suas emoções, prática que traspassou o período escravagista e alimentou o imaginário coletivo sobre essa população. A imagem de controle da dama negra pressupõe a dimensão afetiva atrofiada, já que ela não tem a função de procriar, o controle de sua função reprodutora e sexual se dá pela aprendizagem da solidão e hiperdimensionamento da dimensão intelectual/ocupacional.

A aprendizagem corporal sobre conter as emoções e suportar a dor fez parte da infância de Elisa, quando ela tinha seus cabelos alisados com uso do pente quente. O instrumento era aquecido na chama do fogão e depois passado sobre mechas dos cabelos. Antes de passá-lo era necessário lubrificar os fios com vaselina, para facilitar o deslize. O contato do pente com a vaselina a aquecia, ela derretia e deslizava para o couro cabeludo, queimando-o⁹⁶.

⁹⁶ Em 1968, foi publicado nos EUA o artigo intitulado “Hot Comb Alopecia”, que mostrava que o uso do pente quente causava inflamações e cicatrizes nas usuárias, e seu uso frequente poderia resultar em alopecia. Eles denominaram o fenômeno como “alopecia do pente quente” (LOPRESTI; PAPA; KLIGMAN, 1968).

Então, era muito difícil, e eu ia encolhendo, eu lembro que eu ia encolhendo, encolhendo, doía muito, minhas irmãs me zoavam, falavam que eu era “uma moleza” [...] (ELISA).

A dor e os machucados físicos ao cuidar dos cabelos são constantes não só na experiência de Elisa. Carolina contou que depois de adulta resolveu não utilizar mais tranças no cabelo devido às lembranças ruins que traz da infância. Elisa e Ruth relataram terem tido ferimentos na pele devido ao uso de métodos caseiros de alisamento. A pasta caseira, utilizada para o alisamento, tinha como princípio ativo a soda cáustica, um ácido que corroía o couro cabeludo e as extremidades do rosto e das orelhas das usuárias, além de provocar danos aos cabelos. As manipulações dos cabelos durante lavagens e penteados aconteciam de forma violenta, com vigor e força, como se fossem muito rígidos e duros. Nos relatos, o momento de pentear os cabelos na infância eram associados à dor, eles eram puxados e esticados para que adquirissem a aparência considerada “arrumada”.

As práticas de manipulação dos cabelos se apresentam por diversas vezes no formato de castigos físicos, tal qual ocorria na escravidão. Para levar os cabelos à aquisição dos aspectos desejados, não seriam necessárias a força e agressividade empregadas, entretanto, seu uso se justifica pelo fato de que o que está sendo manipulado não é o corpo físico, mas a ideia de rebeldia que ele contém. A agressão que ele sofre serve como castigo e como meio de aprendizagem da dor e da regulação.

A imagem do cabelo “rebelde”, fruto de projeção da agressividade expurgada sobre o corpo negro, permite que ele continue sofrendo agressões físicas. Essa imagem se alia à imagem de força deste corpo, que seria altamente resistente a dores, na qual se amparam os sujeitos que praticam a agressividade contra ele.

Espera-se que as experiências de sofrimento não suscitem reações. Por isso, quando Elisa reclamava ao ter o couro cabeludo queimado pela vaselina, sua reação era minimizada. Para atender às projeções, ela deveria aprender a suportar a dor sem queixas.

Ocorre uma ambiguidade no aprendizado da disciplina do corpo, que é violenta, mas também afetiva. O momento de aprender a suportar a dor nas manipulações dos cabelos é também o momento de desenvolver laços afetivo com outras mulheres, por vezes mais velhas, de aprender sobre os segredos das adultas, criar proximidade e contato físico com as mães, que muitas vezes passam pouco tempo com as filhas, devido à sobrecarga de trabalho. Os momentos envolvem dor, mas também sensação de pertencimento. Os dois afetos se misturam, o que torna difícil a diferenciação entre prazer e dor e a identificação de quando estão sendo alvo de

violência. Essa confusão se revela na forma das relações de trabalho, que constantemente são misturadas a relações afetivas. A ambiguidade torna mais difícil identificar e classificar as situações de violência como tais, garantindo a manutenção de sua reprodução e invalidando os questionamentos à mesma.

O aprendizado corporal de suportar a dor criou capas de resistência nas participantes, que posteriormente foram úteis também para as exigências de se submeterem a longas horas de estudos, extensas e duplas ou triplas jornadas de trabalho, pouco tempo de lazer, poucos relacionamentos amorosos, e situações de racismo. Também permitiu que seus corpos fossem socialmente lidos como corpos regulados, e, portanto, passíveis de entrada em ambientes simbolicamente brancos. Ainda assim, a entrada nos ambientes não ocorreu sem hostilidade, e a alta resistência ao sofrimento também permitiu o manejo das sanções geradas pelo cruzamento das fronteiras.

Apesar de apresentarem personalidades fortes e bem resolvidas, quando vivenciaram situações de racismo, as interlocutoras não reagiram (por exemplo, quando Maria foi agredida pelo colega de trabalho, Ivone pelo chefe, Carolina por uma pessoa desconhecida no prédio em que trabalhava). Elas demonstram ter muito controle emocional de suas reações, resultado do aprendizado de se prevenir de ataques racistas adotando posturas comportamentais específicas e de uma leitura de que, quando são alvo do racismo, falharam na elaboração da performance que as protegeria. Nessa lógica, não seria responsabilidade das outras pessoas não praticarem o racismo, mas delas se prevenirem, pois caso se tornem alvo, isso demonstraria que há algo nelas que não foi corretamente domesticado (GISLENE SANTOS, 2004)

Elas agem como se o que precisa ser contido nelas não houvesse sido contido e tivesse gerado a agressão, ou seja, a exposição da própria agressividade teria gerado a reação de outras pessoas. As pessoas que atuaram de forma racista perceberam que poderiam descarregar sua agressividade de forma segura sobre elas, por estarem protegidas pela percepção normalizada de que as vítimas seriam as causadoras da agressão, vistas de forma projetiva como agressivas, e, pelo olhar da imagem da dama negra, que as vê como excessivamente austeras. Também se protegem por meio da triangulação (KILOMBA, 2019) propiciada pelo silêncio das pessoas ao redor.

Com isso, se torna responsabilidade da mulher negra construir uma performance em que demonstre não ser possuidora da carga de agressividade que é colocada sobre ela pela divisão natureza *versus* cultura e de receber de forma passiva a agressividade de que é alvo quando cruza as fronteiras raciais. É dever dela, nessa lógica, acalmar as pessoas com medo de sua agressividade. É o que ela faz por meio do corpo, adotando fachadas que demonstrem

submissão. Ela pode fazer isso até mesmo cortando partes de si, como acontece com Carolina quando corta seus cabelos para que o primo não os veja despenteados/rebeldes. Quando abrem mão da própria agressividade em prol da participação no pacto coletivo, isso é utilizado contra elas, já que continuam sendo depositárias de projeções e de violência física e simbólica.

5.3.2 *Abandono*

A dificuldade que a mãe de Maria apresentava para cuidar dos cabelos da filha, que fazia com que ela fosse para a escola com os cabelos despenteados, demonstra que desde cedo o corpo de Maria não era muito tocado. A falta de toque no corpo é comum entre as mulheres negras. Bastide (1946) estudou a prática do cafuné, costume oriundo da tradição Africana, que, de acordo com o mesmo, é uma prática que remete ao ócio, ao prazer e à sexualidade. Era comum que as mulheres escravizadas fizessem cafuné nas escravizadoras, nas tardes após o almoço, porém, elas mesmas não recebiam o carinho, seus corpos permaneciam intocados.

O abandono do corpo, que é físico e emocional, leva as mulheres ao desenvolvimento de posturas de autonomia e independência que por vezes glamourizam a precarização, quando as estratégias de lidar com as fragilidades são vistas como histórias de superação. Devido a essas performances, eventos profundamente significativos, como a recusa dos pais em exercer seu papel paterno, ou o luto pela mãe, são minimizados. O abandono do corpo tem, também, um aspecto de reforço da performance de intelectualidade, que preconiza a mente em detrimento das sensações.

5.3.3 *Rituais de transformação*

A regulação corporal também se apresenta na forma de rituais de transformação que utilizam os cabelos para transformar as moralidades. Leach (1983) percebeu o uso dos cabelos em rituais como suporte do que é rejeitado socialmente e que os rituais são meios de expurgar tal conteúdo. As transformações realizadas nos cabelos, em grande medida, se conectam com mudanças de status social (LEACH, 1983).

O comportamento ritual foi amplamente estudado pela antropologia⁹⁷, por ser um privilegiado objeto de análise da vida social. Leach (1983) observou a proeminência do uso dos cabelos em rituais de transformação em sociedades e épocas históricas diversas. Observou,

⁹⁷ O tema já foi estudado por autores como Émile Durkheim, Arnold Van Gennep, Max Gluckman, Victor Turner e Edmund Leach (1983).

ainda, que os rituais envolvendo os cabelos costumam ser utilizados para manipular os mesmos elementos que Elias (1993), Fanon (2008), Kilomba (2019) e Freud (1980) identificaram como desprezados na modernidade: a agressividade⁹⁸.

Maria relatou que, quando começou a desejar parar de alisar seus cabelos, se sentia insegura para fazê-lo. Ela expressou sua insegurança da seguinte forma:

[...] porque eu achava assim: “Ah, não vou ter como cuidar, vai ficar... **eu** vou sair do controle...” (MARIA, grifo meu).

O que a impedia era o receio de não saber como cuidar dos cabelos e de perder o controle sobre eles. Porém, quando externaliza esse receio, no final da colocação, no lugar de dizer que **o cabelo** vai sair do controle, ela afirma que é **ela** quem vai sair do controle, cometendo um ato falho⁹⁹, que revela um conteúdo latente em sua narrativa.

Esse conteúdo diz respeito à ideia de incivilidade do corpo que é tratada com o uso de alisamentos e outras técnicas de contenção. Por isso, parar de alisar significa sair do controle. Caso seu cabelo parasse de receber o alisamento e não recebesse outra forma de modelagem, poderia se tornar um cabelo “rebelde”, o que colocaria em risco todo seu investimento na construção de um corpo contido e moralizado.

Para conseguir realizar seu desejo de parar de alisar os cabelos, precisou aprender técnicas de cuidados específicas para os cabelos crespos, às quais teve acesso por meio da internet e de uma amiga. Essas técnicas atuaram como novos ritos de contenção por meio dos quais o conteúdo representacional foi trabalhado e, após a transformação desse conteúdo, ele se tornou seguro e ela pôde utilizar os cabelos no estilo natural, como desejado.

Assim como Maria, outras entrevistadas, ao alcançarem posições sociais valorizadas, precisaram conciliar a demanda por performarem a imagem de mulher de classe média e intelectualizada, marcada pelo uso dos cabelos no estilo natural preconizado por narrativas políticas e o fato de este estilo remeter à ideia de natureza, da qual procuram se afastar. Elas encontraram nos ritos de cuidados os meios de manipular as representações coletivas, com uso de comportamento simbólico¹⁰⁰. Segundo Leach (1983), o comportamento simbólico não só

⁹⁸ A análise de Leach (1983) sobre os rituais envolvendo cabelos parte dos estudos de um médico psicanalista, que acredita que os cabelos são representações dos genitais. Leach discordou dessa afirmação, pois acredita que, ainda que se identifique amplo número de usos do cabelo como símbolo de agressividade em rituais, não é possível estabelecê-lo como símbolo universal de agressividade e sexualidade.

⁹⁹ Sigmund Freud descreveu este fenômeno no livro “A Psicopatologia da Vida Cotidiana”, de 1901. O ato falho acontece quando ocorre um erro na fala, um engano ou esquecimento na memória ou um comportamento que revela algo que a pessoa não tinha a intenção de revelar e de que pode não estar consciente.

¹⁰⁰ Adriana Quintão (2013) descreveu as técnicas de alisamento e de relaxamento como rituais de naturalização e de purificação e ascensão dos cabelos. O ritual de purificação e ascensão é feito com o procedimento do

“[...] diz alguma coisa”, como também desperta emoções, e, conseqüentemente, “[...] faz alguma coisa” (p. 141).

Não apenas Leach (1983), mas parte da literatura mais recente costuma interpretar as transformações nos cabelos como rituais de transformação. Cruz (2016), por exemplo, o fez quando tratou das experiências que as mulheres viveram no salão beleza natural. Para iniciar o uso do relaxamento do salão, elas precisaram passar por um corte dos cabelos, que é o passo inicial do ritual de transformação. Neste ritual do corte, o cabelo é morto. As funcionárias do salão ensinam as clientes que elas não perderão a feminilidade, tão ligada ao cabelo longo, caso utilizem flores e acessórios nos cabelos enquanto utilizarem os cabelos curtos. Elas passam por um caminho de fé. Tavares (2018) considerou a transição capilar como um ritual utilizado para transformar o “eu”.

Os rituais de controle da agressividade estão presentes tanto nos procedimentos de uso no estilo natural quanto nos alisamentos/relaxamentos, ambos podem ser formas de canalizar a selvageria da pessoa negra quando acompanhados por ritos de manutenção e cuidados.

Nos trânsitos entre moralidade e corporeidade, a manipulação dos cabelos foi utilizada pelas participantes para reforçar suas posições sociais. Para isso, se utilizaram dos alisamentos e do estilo natural para promover transformações de status. Ambos os estilos são acompanhados por práticas minuciosas que envolvem formas de lavar, escovar, cortar e modelar que garantem controle sobre sua aparência final. A segurança fornecida pela ritualística permite a manipulação dos cabelos sem o medo dos conteúdos representacionais que ele guarda.

5.3.4 *Manipulações corporais e espaço de ação*

Leach (1983) defendeu que as ritualísticas de transformação promovem alterações nos sentidos públicos e privados dos símbolos. Ele considerou que o símbolo público é um meio de comunicação cujo significado é compartilhado entre o ator e sua plateia e que o símbolo privado é aquele que altera o estado do indivíduo. O autor considerou que os símbolos privados podem produzir efeitos públicos. Nesse sentido, as transformações corporais por vezes assumem trânsitos bilaterais, produzindo e sendo produtos de efeitos públicos ou privados. Quando se trata da manipulação dos cabelos, ela é feita de forma ritualizada, o que aponta para uma alteração dos símbolos públicos. Essas transformações ganham sentidos singulares. A regulação

relaxamento, que serve para purificar o cabelo crespo, considerado “profano”, em oposição ao cabelo liso que representa o “sagrado”. O ritual de naturalização, o alisamento, faz com que o cabelo adquira a textura lisa. Cruz (2016) também associou os procedimentos de transformação realizados no salão Beleza Natural a rituais.

corporal é um instrumento usado tanto para produzir efeitos nas interações sociais quanto para manipulação do próprio eu, ou seja, ela atua tanto no privado quanto no público.

Elisa já realizou diversas alterações nos seus cabelos, como: relaxamento, permanente afro¹⁰¹, alisamento e uso no estilo natural. Ela o utilizou alisado por algum tempo, depois mudou e assim sucessivamente. Ela entende as diversas formas de uso como experimentações que faz com seu próprio corpo. Sobre um dos momentos em que parou de alisar, relatou:

Ah, eu mesma queria diferente, que aí eu já estava me sentindo muito autônoma, nessa de decidir o que é que eu queria experimentar com meu cabelo, né? Então parei um tempo, entrei em transição, por isso que eu já te falei, eu já passei por várias vezes né, pela transição, várias vezes a partir dessas experiências que eu passei a fazer eu mesma, que elas também, no meu ponto de vista, elas também fizeram parte do investimento que fiz no autoconhecimento e, pra mim, o autoconhecimento implica auto cuidado, então, quanto mais eu fui curtindo essa coisa de mexer com meu cabelo, essa coisa de experimentá-lo assim, experimentá-lo assado, e tudo, eu fui me curtindo, né (ELISA).

Eu sempre gostei muito de mexer com meu cabelo, sempre, sempre. Eu mesma escovava quando alisava, né, e, eu mesma, eu nunca gostei de salão. E aí quando eu descobri que eu realmente não gostava de salão falei: “Ah, não vou insistir!”, aí, eu mesma passei a cuidar dele, eu mesma passava permanente, eu mesma isso, eu mesma aquilo e até hoje, assim, no mestrado, eu decidi parar de novo [de alisar] (ELISA).

As intervenções nos cabelos, feitas por ela mesma, lhe geraram prazer, se opondo aos aprendizados de suportar o desprazer. Quando começou a participar de movimentos políticos e teve contato com pessoas que interpretavam o alisamento como uma forma de realizar um desejo de embranquecer, se afastou delas, continuou realizando seus experimentos e utilizando os cabelos de formas diversas.

Ela iniciou suas manipulações corporais porque durante a infância sentia uma separação entre ela e seu cabelo. Não se sentia confortável com ele, não conseguia tocá-lo em público, tinha a sensação de que ele não lhe pertencia.

[...] era como se a minha mente, o meu jeito de me sentir, de me pensar e de pensar o mundo e de perceber as pessoas estivesse distante da minha vivência com o meu cabelo e também com o meu próprio corpo (ELISA).

Ela viveu esse estranhamento durante alguns anos, e tentou resolvê-lo por meio do autoconhecimento e dos cuidados com o corpo. Foi por meio das mudanças constantes que parou de senti-lo.

¹⁰¹ Procedimento químico para criar cachos nos cabelos.

Enquanto sentia o deslocamento, vivia uma cisão em que, ao separar mente e corpo, confina a pessoa dentro um esquema corporal (FANON, 2008), do qual ela conseguiu se desvencilhar integrando as duas instâncias por meio das intervenções.

Realizou, assim, um movimento parecido com o da ativista Alice Walker¹⁰² (2011), que delegou um papel importante às manipulações corporais na alteração de seu “eu”. Ela relatou que passou por um momento em que se sentia estagnada em sua busca por desenvolvimento pessoal. Começou, então, a alterar as formas de manipulação dos cabelos, passou a utilizar tranças. A partir de então começou a apreciá-lo e percebê-lo melhor.

Mais uma vez na frente do espelho, olhei para minha imagem e comecei a rir. Meu cabelo era uma dessas criações estranhas, incríveis, surpreendentes, de parar o tráfego – um pouco parecido com as listras das zebras, com as orelhas do tatu ou os pés azul-elétrico do mergulhão – que o universo cria sem nenhum motivo especial a não ser demonstrar sua imaginação ilimitada. Compreendi que jamais tivera a oportunidade de apreciar o cabelo em sua verdadeira natureza. Descobrir que ele, na verdade, tinha uma natureza própria (WALKER, 2011, p. 2).

Agora, mais ou menos livre, ele ficava todo espetado para todos os lados. Eu telefonava para todos meus amigos no país para relatar as travessuras do meu cabelo. Ele jamais pensava em ficar deitado. Deitar de costas, na posição missionária, não o interessava. Ele cresceu. Ficar curto, cortado quase até a raiz, outra “solução” missionária, também não o interessava. Ele procurava espaços cada vez maiores, mais luz, mais dele mesmo. Ele adorava ser lavado; mas isso era tudo (WALKER, 2011, p.2).

Essa experiência produziu uma mudança em seu “eu” que lhe possibilitou retomar sua jornada de crescimento, saindo do estado de estagnação. A constituição de se “eu” sofreu uma alteração como consequência da transformação corporal, o que afetou sua postura social. Da mesma maneira, para Elisa, as transformações capilares representaram o manuseio de conteúdos coletivos que, por meio das ritualísticas das transformações, encontraram maneiras de serem socialmente representados e puderam produzir efeitos tanto públicos quanto privados. Essas experiências revelam que, por meio da relação com o corpo, é possível compreender processos sociais que ultrapassam as individualidades.

Da mesma maneira que as participantes produzem mudanças corporais para provocar efeitos sociais, as mudanças corporais também produzem efeitos na formação do eu, por alterarem suas posições relativas no campo. A relação de oposição entre mente e corpo é superada por meio dos rituais de transformação. Kilomba (2020) relatou que uma de suas entrevistadas, quando criança, era considerada inteligente, mas sempre tinha sua inteligência associada à sua raça, sendo, uma “negra inteligente”. Ela era percebida a partir de um esquema

¹⁰² Escritora, poetisa e ativista feminista dos EUA.

epidérmico-racial (FANON, 2008), sem singularidade. Para Kilomba (2019), ela estava presa a uma condição tripla: corpo, raça e história, carregava o peso de representar “A” raça. Essa criança precisou fazer esforço para associar a condição de negritude à inteligência e, para isso, produziu um desempenho excelente de negritude, se transformando em uma aluna de destaque na escola. Coexistem nela a negritude enquanto corporeidade e a branquitude enquanto inteligência: a cisão entre mente e corpo.

De acordo com Kilomba (2019, p. 177), “[u]ma pessoa é negra quando se trata da incorporação do que é negativo, mas pode ser igualmente branca quando se trata da incorporação do que é positivo”.

Elisa viveu a situação de ser uma criança inteligente, autodidata, em um corpo lido como negro. Seu deslocamento entre corpo e cabelo apareceu como expressão da separação simbólica entre natureza e cultura, que transformava sua condição em algo ininteligível, o que transparecia em seus sentimentos sobre o corpo. E a forma de criar uma aproximação entre as duas instâncias foi fazer com que elas se tornassem dinâmicas: seu cabelo está sempre passando por transformações, o que torna mais difícil que ele/ela se deixe capturar pelas projeções, ou que os símbolos sejam internalizados e fixados como atributos essencializantes. Sua ação, ao mesmo tempo, a reconcilia consigo mesma e produz sentidos sociais de instabilidade da negritude e denuncia sua arbitrariedade, sua constituição como ato repetitivo (BUTLER, 1990) e não como *a priori* do corpo.

Esta dinâmica desempenha um papel parecido com o que Fanon (2008) observou que o véu (*hijab*)¹⁰³ utilizado pelas mulheres muçumanas desempenhou na sociedade argelina ao longo da colonização e da luta revolucionária¹⁰⁴. O véu era tradicionalmente utilizado pelas mulheres em algumas ocasiões públicas. Os colonizadores passaram a incentivar o seu abandono, denominado por eles como instrumento de dominação patriarcal, o que não foi bem recebido pela sociedade argelina, que compreendeu que o incentivo ao fim do uso do véu dizia respeito a uma vontade do colonizador de “desnudar as mulheres”.

Fanon (2008) notou uma mudança no uso do véu ao longo da guerra de libertação. Em dado momento as mulheres começaram a participar da luta revolucionária e o véu teve seu uso

¹⁰³ “O Hijab ou Hijabe (‘cobertura’ ou ‘esconder o olhar’, em árabe) é o termo atribuído ao código de vestimentas que são consideradas padrões e aceitas pela doutrina islâmica. O principal objetivo do hijab é preservar a modéstia, a privacidade e a moral das pessoas, principalmente as mulheres” (BURCA, c2023).

¹⁰⁴ A Argélia, no Norte da África, foi colonizada pela França em 1830. O movimento de libertação teve início em 1954, presidido pela Frente de Libertação Nacional (FLN), movido por princípios do nacionalismo árabe, do islamismo e do marxismo. Teve fim em 1962, com a assinatura de um acordo de paz. Ainda em 1962, foi proclamada a República Democrática e Popular da Argélia.

estendido, passando a ser usado até mesmo em eventos privados, como uma forma de resistência cultural. Em um segundo momento, houve uma nova transformação em seu uso, quando as participantes da luta o abandonaram e passaram a adotar estilos de vestimentas mais ocidentalizados, com o intuito de desfazer as suspeitas sobre sua participação na revolução, já que as revolucionárias começaram a ser identificadas pelo uso prolongado do véu. Em uma última guinada, ocorreu o retorno do uso do véu, mais uma vez com o objetivo de impedir o reconhecimento das revolucionárias. Na Figura 7, a seguir, podem ser vistas mulheres argelinas que participaram da luta armada.



Figura 7 - Argelinas no ano de 1956.

Fonte: MASSU, 1971

Nota: Da esquerda para a direita: Samia Lakhdari, Zohra Drif, Djamila Bouhired e HassiemBen-Bouali

Ao longo da luta, o véu teve seu sentido social alterado. A cada vez que o sentido de seu uso era capturado pelo inimigo, ele se alterava, impedindo o desvelamento das revolucionárias. Mantendo uma produção constante de novas performances corporais, as mulheres mostraram que o véu é um símbolo com significado flutuante de acordo com o contexto, cujos usos podem ser manipulados de forma ativa pelas usuárias e, mais importante do que o véu, era a forma como seu uso era manipulado e o que as decisões sobre seu uso representavam. Essas ações desfizeram a ideia inicial do colonizador de que as mulheres argelinas utilizavam o véu de forma passiva e que este era somente um símbolo de dominação patriarcal.

Cruz (2017) identificou que, entre as mulheres moçambicanas, que constantemente realizam mudanças nos cabelos, as mudanças podem ser, em alguns momentos, respostas às necessidades sociais de demonstração de status, mas que em outros momentos as mudanças podem ser vividas como formas de experimentar diferentes “eus” e diferentes papéis sociais,

de forma criativa e ativa. Assim como no caso de Elisa, essas experimentações partem de um estranhamento com relação às categorias exteriores que se apresentam a elas.

Iza contou sobre uma experiência com uma amiga que, enquanto ela utilizava os cabelos alisados, lhe dizia que deveria parar o alisamento, já que muitas outras mulheres estavam fazendo o mesmo. Ela se incomodou com a abordagem:

A vertente muitas vezes, ainda que num sentido positivo, mas é numa vertente que “Tá todo mundo usando, porque que você não usa?” **E aí não, não, situava não me... Enquanto pessoa, enquanto sujeito, os meus quereres e também não olhava a minha trajetória, porque eu acho, e hoje eu respeito muito isso sabe?** (IZA, grifo meu).

Iza percebeu o uso do cabelo no estilo natural como uma forma de imposição. Existia na amiga uma projeção essencializada sobre seu corpo e nela, o uso do cabelo no estilo natural remete não a um retorno às raízes como a amiga acredita, mas à fixação de seu corpo em um modelo essencializado de performance de negritude. Iza, em outras situações, demonstrou ser importante pra ela que seu desempenho corporal aconteça de forma autônoma, ela demanda liberdade para fazer suas próprias escolhas. O que apresenta nessa demanda é que suas possibilidades de vivências não sejam invisibilizadas por projeções.

A manipulação de símbolos pelas interlocutoras, visando transformações neles, revela um espaço de autonomia em que elas conseguem se expressar e formular alternativas de vivências nas quais ocorrem subversões das aprendizagens corporais dominantes em suas trajetórias, como a aprendizagem de suportar a dor. Por meio das manipulações, elas reivindicam novas formas de inteligibilidade acerca de suas racialidades. Por vezes, as performances corporais são couraças estratégicas, por meio das quais elas mantêm uma reserva de agência. Em outros momentos, são formas de, por meio da produção de confusão acerca das representações de racionalidade e irracionalidade, elas se permitirem transformações no “eu” que incorporem dimensões antes não acessíveis a corpos identificados como do campo da natureza.

Há uma economia dos afetos sendo operacionalizada, por meio da qual se redefine a circulação de bens como afetos, auto estima etc. Nessa economia, elas se tornaram agentes de suas trajetórias na medida em que se utilizaram das transformações no corpo para provocar os estados emocionais desejados.

5.4 Construção de sentidos das trajetórias

Os estudos sobre a ascensão de pessoas negras ressaltaram a necessidade de adequação corporal, a qual inclui comportamentos específicos e o consumo de bens culturais predeterminados. Domingues (2002) observou que o branqueamento tem dois aspectos: físico e cultural, sendo o cultural aquele que engloba os valores morais e culturais. Com o tempo, as pessoas negras que se adequavam passaram a ser vistas como “embranquecidas” e como se estivessem negando sua “raça”.

Parte da literatura (DOMINGUES, 2002; FANON, 2008) e dos movimentos políticos negros leu as práticas de aculturação como sintomas de uma vontade internalizada e implícita de branqueamento, resultado do processo histórico de inferiorização. Alguns autores e algumas autoras (FANON, 2008; KILOMBA, 2019; SOUZA, 1990), consideraram-no resultado do desenvolvimento em sociedades racistas que propiciaria um tipo de subjetividade patológica, marcada por auto-ódio (NOGUEIRA, 1998; MUNANGA, 1996; BICUDO, 2010), negação de si (NOGUEIRA, 1998) e complexo de inferioridade (FANON, 2008; NOGUEIRA, 1998). Souza (1990), Fanon (2008) e Nogueira (1998) explicaram esse fenômeno por meio de um dispositivo nomeado “ideal do ego branco”¹⁰⁵ (SOUSA, 1990).

Entretanto, entre as interlocutoras, as ações que são consideradas como aculturação aparecem com sentidos diversos, que ultrapassam a ideia de um desejo interno de branqueamento. As performances de aculturação se mostraram como formação de *máscaras de conformidade* (COLLINS, 2019), fachadas externas que permitem a preservação de pontos de vista internos (COLLINS, 2019). A máscara de conformidade permite a existência de autodefinições (COLLINS, 2019), em contraposição às imagens de controle. “A realidade do racismo e do sexismo quer dizer que devemos configurar nossas realidades privadas de modo a incluir a consciência do que nossa imagem pública pode significar para os outros” (KARLA HOWLLOWAY, 1995, p. 183 *apud* COLLINS, 2019).

Por vezes, as análises sobre as ações de aculturação se focam no aspecto emocional desses exames, de forma que perdem a dimensão performática, reduzindo a ação ao seu efeito

¹⁰⁵ O ideal do ego é um dispositivo presente na formação psíquica de todas as pessoas e que, de acordo com Fanon (2008) e Souza (1990), em algumas pessoas negras ele se desenvolveria de forma patológica. Souza (1990) analisou a fase que precedeu o desenvolvimento inicial do psiquismo da criança, quando a criação da autonomia se dá por meio das identificações normativas estruturantes que mediam a relação entre o sujeito e a cultura. Estas identificações ajudam a conformar o indivíduo àquilo que se espera de uma pessoa dentro de sua comunidade, quais são as expectativas, o modo de agir e de ser aceitáveis. A autora identificou que, para algumas pessoas negras, o Ideal de Ego, formulado em contato com a cultura racista, se torna o branco, essas pessoas estabeleceram para si projetos identificatórios baseados no modelo que aparece como mais valorizado pela matriz cultural.

de transformar alguma coisa internamente (LEACH, 1983), em detrimento de seus efeitos externos e do quanto a fachada social se exprime em conformidade com objetivos de ganhos sociais. Pensando a ação unicamente como extensão de estados emocionais, corre-se o risco da reificação da identidade ou da corporeidade e, até mesmo, da naturalização de ambas.

As ações das interlocutoras são, em alguns momentos, efeito e resultado de estados emocionais, fruto das operações de uma economia dos afetos. Carone (2009b) demonstrou que o branqueamento foi, em princípio, um projeto das elites políticas e econômicas no século XIX. Este projeto foi instaurado após o fim da escravidão, em meio ao crescimento de incertezas quanto ao futuro do país e do que significaria, em termos econômicos, políticos e culturais, a extensão da cidadania às pessoas que antes viviam escravizadas, assim como a transição capitalista.

A autora explicou que, ao longo do tempo, a aculturação deixou de ser socialmente percebida como um projeto social encabeçado pelas elites econômicas e passou a ser vista como um desejo da própria pessoa negra. Nessa situação, um desejo que era externo à pessoa negra (embranquecimento) passou a ser colocado sobre ela. O branqueamento pretendido pelo eugenismo não dizia respeito à performance dos corpos, mas simplesmente à sua constituição física, previa e desejava um mundo em que as pessoas negras não existissem mais e é esse desejo que é projetado nelas (o mecanismo da projeção será discutido adiante), assumindo que elas mesmas desejam deixar de existir.

A partir da percepção dos múltiplos fatores que podem estar motivando as ações, volta-se ao questionamento sobre o que motiva a adoção do tipo específico de regulação que algumas pessoas negras escolhem, considerando-se que esta lhes traz várias sanções sociais. Lhes gera necessidade de vigilância constante da fachada e de políticas de contenção. Ela tem como resultado a ascensão significativa em termos tanto de status social quanto de enriquecimento material, porém, estes são inferiores aos esforços empreendidos. Nenhuma das participantes atingiu as hierarquias mais altas nas instituições a que se vincularam. Em termos econômicos, não houve ganhos financeiros muito elevados.

Os esforços foram grandes e trouxeram ganhos, mas relativos e, além disso, instáveis. A continuidade nas posições que alçaram se mostra frágil, podendo ser abalada tanto por crises financeiras quanto por deslegitimação social. Os ganhos se mostraram maiores e mais estáveis quando se tratava da alteração das posições representacionais que ocupavam, à forma como eram socialmente percebidas.

Goffman (1988) considerou que, para as pessoas que carregam estigmas e desenvolvem carreiras morais em torno deles, as manipulações destes estigmas se tornam parte relevante de

suas vivências. A questão de como são vistas socialmente por causa da racialidade é o motor principal das ações que as participantes desenvolvem, ganhando mais destaque que a mobilidade de classe, que se torna importante na medida em que contribui para o alcance de reconhecimento social.

Souza (2021, p. 101) afirmou, concordando com Honet (1992) e Hegel (1992), que o reconhecimento social é o motor principal de todas as lutas sociais, e que “[...] a história da espécie, na crescente individualização ocidental, está ligada a um concomitante aumento das possibilidades de reconhecimento social recíproco”. A busca por reconhecimento social traz para as demandas sociais componentes individuais e subjetivos, o que significa que as ações precisam ser compreendidas em termos que ultrapassem os ganhos materiais. Na lógica hegeliana, “[...] o reconhecimento mútuo obedece a um desenvolvimento em espiral segundo o qual a cada nova forma de reconhecimento social o indivíduo aprende a conhecer e realizar novas dimensões da sua própria identidade” (SOUZA, 2021, p. 103).

Em sua releitura da dialética do reconhecimento, Fanon (2008) propôs que as relações raciais inauguradas pela situação colonial colocam o negro em uma posição de não reconhecimento, uma vez que interditam a produção de novas dinâmicas na espiral. Essa interdição ocorre pela negação do conflito inerente à relação entre senhor e escravo, que é o motor do desenvolvimento de novas lutas sociais (SOUZA, 2021).

Na compreensão de Fanon (2008), excluída da dialética, a pessoa negra fica impossibilitada de vivenciar as contradições, que, na visão hegeliana, geram a aquisição da consciência de si. Nesse sentido, Fanon (2008, p. 35) defendeu que “[...] o homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido”.

A falta de reconhecimento faz parte da desumanização que gera sofrimentos diversos, do ponto de vista material e simbólico. É devido a ela que as participantes são alvo de violências e agressões ao longo da vida. Por isso busca-se a recomposição da dialética. Fanon (2008) citou diversas estratégias adotadas por negros e negras martinicanos (as) para serem reconhecidos como humanos após a desumanização gerada pelo colonialismo¹⁰⁶.

O reconhecimento precisa ser mútuo, em um ambiente de “reciprocidade absoluta” (FANON, 2008), ou seja, a pessoa negra precisa ser reconhecida e reconhecer, assim como a branca.

¹⁰⁶ As mesmas características que as entrevistadas relataram trabalhar em seus corpos, como: jeito de se vestir, de falar, de andar ou de usar os cabelos, foram demonstradas por Fanon (2008) como exemplos do que algumas pessoas negras martinicanas faziam para se diferenciarem das demais, e serem vistas como valorosas, e são, também, as características que Elias (1994) citou que fazem parte das alterações comportamentais ocorridas ao longo do processo civilizador.

Na alegoria Hegeliana, a aquisição da consciência de si depende não só autorreconhecimento, mas também do reconhecimento do outro: “[...] é na medida em que ultrapasso meu ser imediato que apreende o ser do outro como realidade natural e mais do que natural. Se fecho o circuito, se torno irrealizável o movimento nos dois sentidos, mantenho o outro no interior de si (FANON, 2008, p. 180).

Quando o racismo explora a narrativa da pessoa negra como não humana a exclui da dialética, impossibilitando seus avanços no reconhecimento. Então, a forma que o negro encontra para buscar o reconhecimento é tentar novamente se tornar humano e ele o faz buscando o reconhecimento da pessoa branca de que ele se encontra apto para adentrar na categoria do humano, habitada somente por pessoas que alcançaram a civilidade conforme apresentada pelo modernismo ocidental.

Atingir a autoconsciência seria a forma de atingir a existência plena, a verdade sobre si, no lugar da visão projetiva produzida pela relação de dominação. É essa busca que motiva as ações das participantes, que as leva a buscarem ser vistas como seres humanos e, também, a procurarem, quando podem, frequentar ambientes com outras pessoas negras, diante das quais existe reconhecimento mútuo. Vivendo em uma sociedade que estimula a individualização e a valorização das pessoas por suas identidades, ser vista nessa individualidade é parte da constituição das identidades.

Na busca da pessoa negra pelo reconhecimento, entram em jogo os binômios racionalidade *versus* irracionalidade, natureza *versus* cultura e humano *versus* animal. Em alguns momentos, brancura e humanidade são expressas como sinônimos, já que a racionalidade que se busca é a representada pela pessoa branca. Carvalho (2018) mostrou que o branco referenciado como categoria estética se trata de uma identidade virtual, fabricada pela difusão de imagens selecionadas e homogêneas, não correspondentes à diversidade de “branquitudes” encontradas na Europa Ocidental.

Esta identidade virtual se impôs como um fetiche (CARVALHO, 2018) que não precisa, e talvez até por não encontrar correspondentes na realidade, se torna mais apto a ser consumido. O significante “branco” mas diz respeito a algo que se possa reproduzir ou que se busque reproduzir, ele diz respeito tão somente a uma posição hierárquica. Nesse sentido, construir uma performance de corpo civilizado engloba ações lidas como branqueamento, mas que, mais do que isso, são formas de adquirir status de humanidade. Na relação dialética interdita, a pessoa escravizada não avançou em seu processo de alcançar novas dimensões de reconhecimento e, excluída da dialética, buscou o reconhecimento pela canibalização (2018) do senhor, e não pela vivência das contradições. Os escravizados e escravizadas se espelharam nos senhores e senhoras e ficaram presos nesse passo da relação.

Tendo em vista que a luta por reconhecimento é vivenciada por meio da busca por

ocupar a mesma posição dicotômica que a pessoa branca, ela vale, para as participantes, os esforços e durezas a que precisam se submeter. “A luta contra o racismo anti-negro não é, portanto, contra ser o Outro. É uma luta para entrar na dialética do Eu e do Outro” (FANON, 2008, p. 16).

Dessa maneira, conclui-se que a construção, por parte das participantes, de performances corporais reguladas, que poderiam, de alguma maneira, ser vistas como “embranquecimento”, estão na verdade, ligadas a uma busca por reconhecimento frente à interdição, pelo racismo, às dinâmicas de construção de reconhecimento mútuo.

Nesse capítulo, percebeu-se que as trajetórias materiais e subjetivas das interlocutoras se entrecruzam quando pensadas sob a luz da regulação corporal, que se mostrou um aspecto extremamente relevante na constituição das suas histórias de vida. A construção da disciplina foi utilizada enquanto ferramenta de legitimação dos deslocamentos sociais. Essa construção foi guiada pelas regularidades históricas de ascensão da população negra, comumente ligada à adoção de padrões culturais e comportamentais preconizados pela narrativa do processo civilizador europeu ocidental. O processo civilizador deu lugar privilegiado ao corpo, de forma que este se transformou em expressão da moralidade.

Os movimentos de aproximação da moralidade europeia tiveram como suporte as altas doses de privações e regulações na infância, que criaram corpos adultos aptos a suportar dores e abandonos físicos e emocionais. Somam-se a estes, as ações de transformação simbólica dos elementos culturais que demarcam os elementos estigmatizados por serem associados ao corpo negro. Por meio de rituais de transformação, que envolvem privilegiadamente os cabelos, ocorre a reelaboração das posições simbólicas.

As reelaborações ocorrem, também, por meio de manipulação criativa dos sentidos públicos e privados dos elementos corporais, de forma a produzir autonomia e de impedir que os sentidos sejam fixados e reificados. Nessas reelaborações encontram-se de forma privilegiada o espaço de ação das interlocutoras e suas estratégias de criar fachadas sociais que atuam como máscaras de conformidade (COLLINS, 2019), permitindo, assim, que elas, ao mesmo tempo, sejam lidas socialmente de forma que lhes seja positiva e conservem seus espaços de autonomia.

Os movimentos das interlocutoras, em um primeiro momento, parecem ser motivados primordialmente por uma busca por mobilidade social, que só acontecerá caso possuam corpos

modelados e capazes de suportar altas doses de hostilidade devido às regras sociais que precisam quebrar. Entretanto, essa busca por ascensão social se mostra como uma roupagem para outra, que é a busca por reconhecimento, produzida com a aquisição de performance corporal semelhante à de pessoas brancas ocidentais. A branquitude aparece como uma ideia que, por vezes, pode ser substituída por racionalidade, cultura ou humanidade. A entrada no reconhecimento humano ocorre pela manipulação das representações de violência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é resultado de uma tentativa de compreender alguns dos mecanismos do racismo na sociedade brasileira. A porta de entrada para ele foi sua aparição nas vidas de onze mulheres negras. As mulheres negras são o grupo social que mais acumula marcadores sociais negativos, sendo afetadas por questões de classe, gênero e raça, o que as coloca em uma posição social muito específica e reveladora. Nesta pesquisa se enfatizou a atuação do marcador raça, ainda que os demais estivessem presentes e atuantes a todo tempo.

Diferentemente da maior parte das mulheres negras, as participantes da pesquisa se inserem na classe média, o que dá contornos específicos às suas experiências. Elas lidam com questões específicas concernentes à mobilidade social que fazem. Todas as participantes são de origem pobre, com pais e mães com baixa escolaridade e ocupações laborais mal remuneradas e de baixo prestígio. A maior parte alcançou o nível de educação superior. As que não tiveram acesso ao ensino formal superior, ainda assim adotam um perfil reflexivo e crítico, principalmente com relação a questões sociais. O processo de intelectualização passou pelo acesso a movimentos negros que tiveram, para algumas, o papel de educadores (GOMES, N., 2017) na formação de uma chamada “consciência racial”.

A ruptura com as regularidades familiares foi propiciada, em parte, por uso de programas sociais e do sistema educacional público por meio de escolas públicas reconhecidas por sua excelência educacional, além de universidades públicas. Também contribuíram para o processo, investimentos familiares, para que as crianças construíssem capital cultural que as mães e pais não possuíam.

As participantes apresentaram performances de mulheres fortes, em conformidade com os modelos oferecidos pelas mães, grande parte mães solo, com personalidades fortes. A maior parte não teve pais presentes, o que resultou em sobrecargas das mães e em que as avós se tornasse também cuidadoras e provedoras. As mães inculcaram nas filhas a valorização do trabalho e do esforço. Valorizam a força (física e emocional) e o trabalho duro, e as fragilidades e exposição de emoções são desestimuladas. O campo da emocionalidade, principalmente ligada a relacionamento afetivo-amorosos, é esvaziado. Ao longo da jornada, os modelos maternos começavam a apresentar insuficiências e as participantes precisaram encontrar outros modelos de mulheres para se inspirarem. A ausência de modelos positivos de mulheres com perfis parecidos com os que almejavam (de mulheres bem sucedidas) foi uma lacuna que foi parcialmente preenchida por algumas imagens coletivas, como a personagem de novela vivida pela atriz Taís Araújo.

A ausência de grupo identificatório foi suprida, também, com o consumo de imagens de negritude produzidas pelos movimentos negros, que valorizam corpos marcados pela ideia de “retorno à origem”. O cabelo, como um dos principais símbolos dessa imagem, é priorizado na elaboração da performance corporal. O uso do cabelo no estilo natural serve para as participantes, tanto para demonstrar a ligação com o lugar de intelectualidade negra quanto com suas origens periféricas, ao fortalecer seus vínculos com a identidade racial. Como fazem percursos que podem ser vistos como aculturados, a conservação de símbolos de identidade negra pode fortalecer a identificação com o lugar de origem, mas trata-se de uma identificação ressignificada.

A transição de classe não significou um rompimento completo com os elementos da classe de origem. Viveram experiências de hibridismo, preservando elementos da classe inicial, como locais de residência e relações sociais, e adotaram outros da classe de chegada, como bens de consumo. O hibridismo foi vivido de forma relativamente conflituosa, seja pela ausência de uma “classe média negra” enquanto símbolo identitário e enquanto apoio material, seja pela hostilidade que vivenciaram por parte da classe média tradicional.

Precisaram apoiar os projetos de transição não somente na aquisição de repertório técnico, mas também na disciplina corporal, que serviu para a criação de um perfil considerado adequado ao meio que almejavam. As altas doses de regulação recebidas desde a infância tornaram os corpos propícios a receberem violências físicas e simbólicas de forma disciplinada, garantindo que absorvessem os conflitos gerados pela evasão de fronteiras raciais.

As trajetórias materiais e performances corporais se complementam. As regulações corporais têm o sentido de demonstrar obediência e que a selvageria está sendo contida, logo, que aquela pessoa não oferece riscos à ordem civilizatória, pois apesar de selvagem, encontra-se submetida às repressões que lhe são demandadas. Neste sentido, o uso dos cabelos no estilo natural não aparece como uma fuga completamente eficaz das representações racistas, pois esse estilo de cabelo também precisa ser modelado. O cabelo que se apresenta sem modelagem é a erupção do real (FANON, 2008), que revela que aquele ser é um selvagem. Por isso, tanto medo de que os cabelos sejam vistos sem as devidas modelagens.

A busca das interlocutoras, com a adoção de imagens de mulheres fortes, independentes, trabalhadoras e responsáveis, é uma forma de se contraporem às imagens projetivas e, com isso, serem vistas como humanas. Buscam este reconhecimento uma vez que a percepção projetiva inaugurada em suas infâncias trouxe sofrimentos e responsabilidades que não possuíam desenvolvimento emocional para lidar. Também fez com que fossem vistas de forma parcial, segmentar, sem complexidades e fragilidades.

A questão de classe se expressa por meio da disciplina, mas o corpo não é só um instrumento de adequação, ele também é usado para construir ações disruptivas, na medida em que as fachadas sociais servem para gerar espaços nos quais se podem operacionalizar fissuras nas leituras compartilhadas e conferir movimentos autônomos aos corpos (máscaras de conformidade, na leitura de Collins, 2019). A questão principal das trajetórias não se resume à mobilidade de classe, mas aos trânsitos, à afirmação de espaços que se constroem por meio da disciplina, por isso elas adotam performances de mulheres fortes e independentes, racionais e apartadas do campo da emocionalidade. As características associadas à violência ou agressividade recebem tratamentos diversos, tanto por meio da contenção corporal quanto da transformação de seu conteúdo simbólico.

Nos trânsitos entre ações sociais e significados corporais, a mediação entre esses elementos produz fluidez que desestabiliza os sentidos fixados de negritude. O corpo é o ponto de produção de eventos sociais e isso se torna observável a partir da conjunção produzida por Elias (1994), Fanon (2008) e Leach (1983) ao incorporarem instrumentos do pensamento psicanalítico à análise social, em uma leitura que percebe um “eu” interior colonizado pelas estruturas exteriores. As reflexões produzidas por estes autores não abordam singularidades psicológicas, mas captam o que há de social na produção de estruturas internas que se comunicam com instituições externas.

As trajetórias de rompimento colocam as participantes em uma situação ambígua irreconciliável, pois elas requerem reconhecimento como humanas e isso não é possível na lógica racalista. Por isso ocupam uma posição que é sempre frágil, o que se revela nas hostilidades que sofrem nos espaços simbolicamente brancos, nos quais se veem em constante risco de descrédito. Há um hibridismo não só material, mas também simbólico, que as coloca em suspenso entre as categorias dos humanos e selvagens.

Nesta pesquisa, evidenciaram-se os aspectos dos percursos de vida que são comuns entre as participantes. Para pesquisas futuras, seria interessante pensar as nuances das experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VOZ DA RAÇA. Campinas, SP, ano 3, n. 63-64, 1931

AQUINO, Estela M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. [on-line]. v. 25, suppl 1, p. 2.423-2.446, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em: 17 jan. 2022.

ARANGO, Luz Gabriela Gaviria. Género, trabajo emocional y corporal en peluquerías y salones de belleza. **La Manzana de la Discordia**, Cali, v. 6, n. 1, p. 9-24, jun. 2011.

ARANGO, Luz Gabriela Gaviria. Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços estéticos no Brasil. In: HIRATA, Helena; ABREU, Alice R. P.; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. (Cap. 19).

AZEVEDO, Thales de. As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo sobre a ascensão social e classes sociais e grupo de prestígio. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 1996.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BARAÚNA, Lia Maria Perez B. Á flor da pele. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 131-146

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. O social desloca as inteligências: a família como fator de desempenho escolar. In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. (Org.), **Desigualdade e desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

BARROS, Vanessa Andrea de; BARROS, Carolye Reis; NOGUEIRA, Maira Luísa Magalhães. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: estudos em Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1946.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 25-58

BERTAUX, Daniel. Los relatos em vida en el análisis social. **História y fuente oral**, n. 1, p. 87-96, 1989.

BICUDO, Virgínia Leone *et al.* **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRASIL. Lei nº 4.380, de 21 de agosto de 1964, Institui a correção monetária nos contratos imobiliários de interesse social, o sistema financeiro para aquisição da casa própria, cria o Banco Nacional da Habitação (BNH), e Sociedades de Crédito Imobiliário, as Letras Imobiliárias, o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, 30 set. 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4380.htm. Acesso em: 02 fev. 2021.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Vozes da Classe Média: É ouvindo a população que se constroem políticas públicas adequadas**. Brasília: Marco Zero, 2012. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/doc/Cartilha-Vozes-Classe-Media.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020

BURCA. In: SIGNIFICADOS. c2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/burca/>. Acesso em: 10 set. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Adalberto. Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social. **Novos estudos CEBRAP**, p. 71-88, 2008.

CARNEIRO, Elisa. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-544, 1995.

CARNEIRO, Elisa. Mulher Negra. **Cadernos Geledés**, São Paulo, v. IV, 1993.

CARONE, Iray. A flama surda de um olhar. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia Social do Racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2009a. p. 181-187.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa piscossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia Social do Racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2009b. p. 13-24

CARRERA, Maria; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia**, São Paulo, p. 99-114, 2020.

CARVALHO, José Jorge de. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. **Revista Cinética**, [S. l.], p. 1-28, 2008. Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/cep/jose_jorge.htm> Acesso em: 10 mar. 2018.

CARVALHO, Mayra Bernardes Medeiros de. **Esse boom é nosso?** Discursos sobre a transição capilar na publicidade de cosméticos. 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira.** 2008. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, n. 6/7, p. 35-50, 1996.

COSTA, André Oliveira; ENDO, Paulo César. Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 2, p. 16-32, 2014.

COSTA, Luciano Rodrigues; SANTOS, Yumi Garcia dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais: Entrevista com Daniel Bertaux. **Tempo Social**, v. 32, p. 319-346, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In: BARTLETT, Katharine T.; KENNEDY, Rosanne. (ed.). **Readings in law and gender.** Chicago: Routledge, 1989. p. 139-167.

CRUZ, Cintia C. P. Relatos de uma etnografia não autorizada no Instituto Beleza Natural. In: FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia (org.). **Beleza Negra:** representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda?** Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique. 2017. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. **Fazendo Gênero**, v. 8, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 563-600, 2002.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo.** [on-line], v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/1670/167013398007.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1 v.

FACEBOOK. Diferenças entre perfis, Páginas e grupos no Facebook. **Facebook**, c2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/337881706729661>. Acesso em: 10 set. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **“Por que Fanon? Por que agora?”**: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. 260 f. Tese (Doutorado em So-iologia) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Escola da família. **Programas**, c2022. Disponível em: <https://www.fde.sp.gov.br/pagepublic/interna.aspx?codigomenu=151&aspxautodetectcookiesupport=1>. Acesso em: 18 jan. 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e a luta feminista. São Paulo, SP: Elefante, 2019.

FERNANDES, Eliane Gamas. **A cor do amor**: o racismo nas vivências amorosas de mulheres negras. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Núcleo da Saúde, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Editora, 1965. v 1.

FIGUEIREDO, Ângela. Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambu. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2002. GT 17.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. **Cadernos Pagu**. [on-line], n. 23, p. 199-228, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200007>. Acesso em: 11 fev. 2022.

FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia (org.). **Beleza Negra**: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016.

FINCO, D. F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas, v. 14, n. 3, p. 89–101, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FLAUZINA, Ana; PIRES, Thula. Políticas da morte: Covid-19 e os labirintos da cidade negra. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, V. 10, n. 2, p. 75-93, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/RBPP/article/view/6931>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FONSECA, André Azevedo da. O gentil infame - Expressões populares revelam racismo dissimulado na cultura brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 2, n. 21, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FREITAS, Adalaete S. “**Empoderamento cresp**”: um estudo sobre corpo e estética de mulheres negras que participam do grupo cresp@s e cachead@s em Jequié-BA. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) – Órgão de Educação e Relações Étnicas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2018.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. XIX.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cienbook, 2020 [1930].

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

FREYRE, Gilberto. A ascensão do bacharel e do mulato. In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. p. 710-750.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Brasília: Editôra Universidade de Brasília, 1963,

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FRY, Peter. **A persistência da raça**: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327- 345, 2005.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 85-101, 2006.

GIAMPÁ, Sabrinah. **O livro dos cachos**: Aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é. São Paulo: Paralela, 2016.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, **The discovery of grounded theory**: Strategies for qualitative research. Chicago: Routledge, 2017.

GÓES, Juliana. Ciência sucessora e a(s) epistemologia(s): saberes localizados. **Revista Estudos Feministas**, [on-line], v. 27, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n148373>. Acesso em: 17 jan. 2022.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, 2005

GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo?” Entre o liso e o crespo: transição capilar, uma (re) construção identitária?** 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologi– Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GOMES, Nilma Lino. 2004. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, Lúcia Maria de A.; SILVA, Petronília Borges Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). **De preto a afrodescendente**: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: UFSCaR, 2004. p. 137-150.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-3, p. 69-81, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado *et al.* **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1983. p. 223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2).

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 Pontos).

GRANOVETTER, Mark S. **Getting a Job**: A Study of Contacts and Careers. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARRIS, Angela P. Race and essentialism in feminist legal theory. In: BARTLETT, Katharine T.; KENNEDY, Rosanne (Ed.). **Feminist legal theory**: Readings in Law and Gender. New York; London: Routledge, 2018. p. 235-262.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 5. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba**, Tradução de Lia Maria dos Santos, p. 1-8, jan.-fev. 2005.

HOWLLOWAY, Karla. The Body Politic. In: HOWLLOWAY, Karla. **Codes of conduct: Races, Ethics, and the Color of Our Character**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1995, p. 15-71 *apud* COLLINS, 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país. **IBGE**, notícias, 2014. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>. Acesso em: 18 ago. 2029.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**: Principais destaques da evolução do mercado de trabalho no Brasil - 2012-2020, 2020 (Indicadores IBGE). Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Principais_destaque_PNAD_continua/2012_2020/PNAD_continua_retrospectiva_2012_2020.pdf. Acesso em: 12 out. 2019.

KAZMIERSKA, Kaja. Narrative interview as a method of biographical analysis. In: FIKFAK, Yurij, ADAM, Frane, GARZ, Detlef (ed.). **Qualitative methods**. Different trends, emerging perspectives. Ljubljana: ZRC Publishing; Institute of Slovenian Ethnology, 2004. p. 153-172.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos estudos CEBRAP**, n. 86, p. 93-103, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABORDE, Antonia. O cabelo afro como direito civil nos Estados Unidos. **El País**, Baltimore, 04 jun. 2020. [não paginado]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-05/o-cabelo-afro-como-direito-civil-nos-estados-unidos.html>. Acesso em: 11 jan. 2022.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. Editora Ética, 1997.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LATOURETTE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Vida de laboratório**. Tradução de Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1986.

LEACH, Edmund. O Cabelo mágico. In: LEACH, Edmund. **Antropologia**. Organização de Roberto da Matta. São Paulo: Ática, 1983. p. 139-169. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 38).

LEBSACK, Lexy. You Won't Believe What Beauty Products Used To Look Like. **Refinery 29**. Disponível em: <https://www.refinery29.com/en-us/beauty-tools-history#slide-26>. Acesso em: 13 jan. 2022.

LOPES, Dailza Araújo; FIGUEIREDO, Ângela. Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 6, n. 8, 2018.

LOPRESTI, P.; PAPA, C. M.; KLIGMAN, A. M. Hot Comb Alopecia. **Arch Dermatol**, v. 98, n. 3, p. 234–238, 1968.

MACHADO, Nínive Fonseca. **A construção de uma vida digna e a batalha por legitimidade moral: Fronteiras Simbólicas no Programa Bolsa Família**. 2020. 211 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MARIANO, Silvana Aparecida; CARLOTO, Cássia Maria. Gênero e combate à pobreza: Programa Bolsa Família. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, p. 901-908, 2009.

MATOS, Lídia de Oliveira. **Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço**. 2017. 99 f. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

MAUSS, Marcel. As técnicas do Corpo. In: A. A.V. V. **Corpo, Coleção Arte e Sociedade** (Dir. João Valente Aguiar), n.º 1, Lisboa: Apenas Livros | Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2009. p. 3-24.

MCLANAHAN, Sara; SANDEFUR, Gary D. **Growing up with a single parent: What hurts, what helps**. New York: Harvard University Press, 2009.

MEIHY, José. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MIZAEL, Táchita Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 38, p. 212-239, nov. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1270>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MONT'ALVÃO, Arnaldo. Estratificação educacional no Brasil do século XXI. **Dados**. [online], v 54, n. 2, p. 389-430, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**. Usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1996.

MYSRAHI, Milene. Cabelos ambíguos: beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, v. 30, n. 89, p. 31-45, 2015.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, p. 287-308, 2007.

O'DOUGHERTY, Maureen. Auto-retratos da classe média: hierarquias de "cultura" e consumo em São Paulo. **Dados**, v. 41, p. 411-444, 1998.

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de *et al.* Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 445-463, 2019.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: a 'pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 13., 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 2019.

OLIVEIRA, Eduardo. **Relatório de pesquisa à FAPESP**, 1974. Mimeografado.

OLIVEIRA, Luis Roberto C. O ofício do antropólogo ou como desvendar evidências simbólicas. **Anuário Antropológico**. Brasília: Departamento de Antropologia, UnB, 2008.

OLIVEIRA, Patricia; SANTOS, Hermílio; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira revisão e perspectivas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 359-382, maio-ago. 2014.

OLIVEIRA, Paula Beatriz de Carvalho e. **Ressignificações em Torno de Cabelos Crespos e Cacheados**: Uma análise sobre performances corporais nas favelas Chapéu Mangueira e Babilônia/Rio de Janeiro. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2017.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. **OPAS**, Folha informativa sobre COVID-19, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 mar. 2019.

OWENSBY, Brian. **"Stuck in the Middle"**: Middle Class and Class Society in Modern Brazil, 1850-1950. 1994. Tese de Doutorado, Yale University, 1994 *Apud* O'DOUGHERTY, 1998.

PARCEL, Toby L.; MENAGHAN, Elizabeth G. Early parental work, family social capital, and early childhood outcomes. **American Journal of Sociology**, v. 99, n. 4, p. 972-1009, 1994.

PARKINSON, Justin. Sarah Baartman: a chocante história da africana que virou atração de circo. **BBC News Brasil**. [S. l.], 2016. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab. Acesso em: 20 jan. 2020.

PASTORE, José. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PAULA, Rogério Costa de. **"Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!"**: performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. 2010. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PIERSON, Donald. Raça e status social. In: PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia: Estudos de Contacto Racial**. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

PINHEIRO, Luana; SOARES, Vera. Brasil retrato das desigualdades gênero raça. Ipea; UNIFEM: [S. l.], [2003]. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PINHEIRO, Marcelo. Movimento Black Rio: um grito de altivez no salão. **Medium**, Marcelo Pinheiro, [s. l.], 3 jan. 2021. Disponível em: <https://marceloxpinheiro.medium.com/black-rio-um-grito-de-altivez-no-salão-97f048dbd7da>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PORTES, Alejandro Capital social: origens e aplicações na Sociologia Contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

PRAXEDES, Rosângela. Classe média negra no Brasil: negros em ascensão social. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 2, n. 20, 2003.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Rio de Janeiro, 2013.

RACIONAIS TV. **A vida – Desafio - Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Chora Agora)**. [São Paulo]: 2017. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wb3rvC6z5ao>. Acesso em: 20 dez. 2022.

RATTS, Alesandro J. P. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 27., 2003, Caxambu. **Anais** [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2003.

REIS, Vilma. Trazemos na cabeça: mulheres negras, traduzindo códigos de afirmação pelos cabelos. In: FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. (org.). **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016. p. 53-60.

REZENDE, Ana Flávia. “**Cabelo meu! Se você não fosse meu, eu não seria tão eu**”: identidade racial a partir da valorização do cabelo afro em salões étnicos. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.

RIBEIRO, Denize. Histórias de mulheres negras e seus cabelos poderosos. In: FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. (org.). **Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras**. Belo Horizonte: EDUFRB; Fino Traço, 2016. p. 61-76.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**. [on-line], n 26, p. 145-168. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100007>. Acesso em: 21 out. 2022.

ROCCO, Aline Tusset de. **Cabelo crespo, o espelho da raça**: as interações entre as novas mercadorias de consumo e a beleza da mulher negra. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2017.

ROMMETVEIT, Ragnar. “Outlines of a dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication”. In: WOLD, Astri Heen (ed.). **The dialogical alternative**. Oslo: Scandinavian University Press, 1992. p. 19-43.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. n: um breve estudo do feminino negro. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira revisão e perspectivas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 359-382, maio-ago. 2014.

SANTOS, Jocélio Teles. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 38, p. 49-66, 2000.

SANTOS, Luane Bento dos. Os saberes e fazeres de trançadeiras como produção de arte e matemática. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. 1., Niterói.2012. **Anais [...]**. Niterói: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades; Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito, 2012.

SANTOS, Rosa Maria Rodrigues dos. De café e de leite...In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2009b. p. 121-130.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, Sérgio. **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Sumaré/ANPOCS. 1999. p. 267-326. (Vol. 1: Antropologia).

SILBIGER, Laura. Como o Beleza Natural se prepara para virar multinacional. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, Mulheres empreendedoras, [S. l.], 5 jun. 2019. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empreendedoras/noticia/2019/06/como-o-beleza-natural-se-prepara-para- virar-multinacional.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, Elaine de Souza. Memória, **Identidade e Audiovisual**: a contribuição dos Videoblogs na ressignificação do cabelo crespo. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Memória) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

SOARES, Julineia. **O empoderamento de mulheres negras à luz da psicanálise**. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOARES, Renato. As eras do trabalho escravo no Brasil – Dos engenhos às minas de ouro. **Escola educação**. História. 2019. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/trabalho-dos-escravos-no-brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Sextante, 2021.

SOUZA, Jessé. Em defesa da sociologia: o economicismo e a invisibilidade das classes sociais. **Revista brasileira de sociologia**. v. 1, n. 1, p. 129-158, 2013.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TAVARES, Marina Marques. **A história do meu cabelo**: uma investigação sobre a manipulação da identidade racial em narrativas na internet sobre “cabelo natural”. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

THEODORO, Lara Janaína. Tranças Afros: Modelos e Penteados para Arrasar em 2022! **O look**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://olook.com.br/trancas-afros/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

TOKITA, Márcia Figueiredo. Mulheres Negras. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 5., 2013, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Grupo de Estudos de Política da América Latina, 2013. GT 7. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v9_marcia_GVII.pdf. Acesso em: 18 ago. 2019.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? **Geledés**, v. 8, n. 01, 2014 [1851]. [não paginado].

UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos. **Inventário analítico da Coleção “Eduardo de Oliveira e Oliveira”**. Arquivo de História Contemporânea, Universidade Federal de São Carlos, 1984. (Volume 1, Coleção Inventário).

WALKER, Alice. Cabelo oprimido é um teto para o cérebro. **Portal Geledés**, 2011.
Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cabelo-oprimido-e-um-teto-para-o-cerebro/>.
Acesso em: 08 fev. 2021.

WEBER, Marianne. La participación de una mujer en la ciencia. In: WEBER, Marianne; DE MEJÍA, Antje Mertel. **La mujer y la cultura moderna: Tres ensayos**. Cali: Fundación Editorial Archivos del Índice, (2007) [1906].

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

APÊNDICE A**Roteiro das entrevistas**

PESSOAL
Nome Data de nascimento Idade Local de nascimento Escolaridade Estou a maior parte do ensino básico em escola pública ou privada Ensino superior foi em Universidade pública ou privada Estado civil Gênero Orientação sexual Raça ou cor Possui Religião
INFÂNCIA
Onde foi De quais pessoas se lembra De que brincadeiras gostava Pensava no que queria ser quando crescesse Com quem morava Características dos pais Como era a casa Como usava o cabelo <ul style="list-style-type: none"> - Quem cuidava - O que você achava dele - Cabelo de outras pessoas da família Havia conversas sobre raça
ADOLESCÊNCIA
Como foi Tinha amigas/Como elas eram Teve namorado/s Como passava o tempo Como usava o cabelo
PROFISSÃO
Qual profissão Porque a escolheu Há quanto tempo
FAMÍLIA
Onde mora Com quem mora Relação com a família biológica Onde a família biológica mora Relação com a família que construiu
RELIGIÃO
Já teve outras antes dessa Há quanto tempo é dessa Como a conheceu Se considera praticante Como pratica Religião dos pais
LAZER/DESCANSO
Atividades extra trabalho O que faz Quanto tempo dedica a isso
AFETIVIDADE

Se relaciona há quanto tempo ou está solteira há quanto tempo Como conheceu a pessoa O que ela faz da vida Idade Como ela é
RACISMO
Já sofreu racismo Como foi